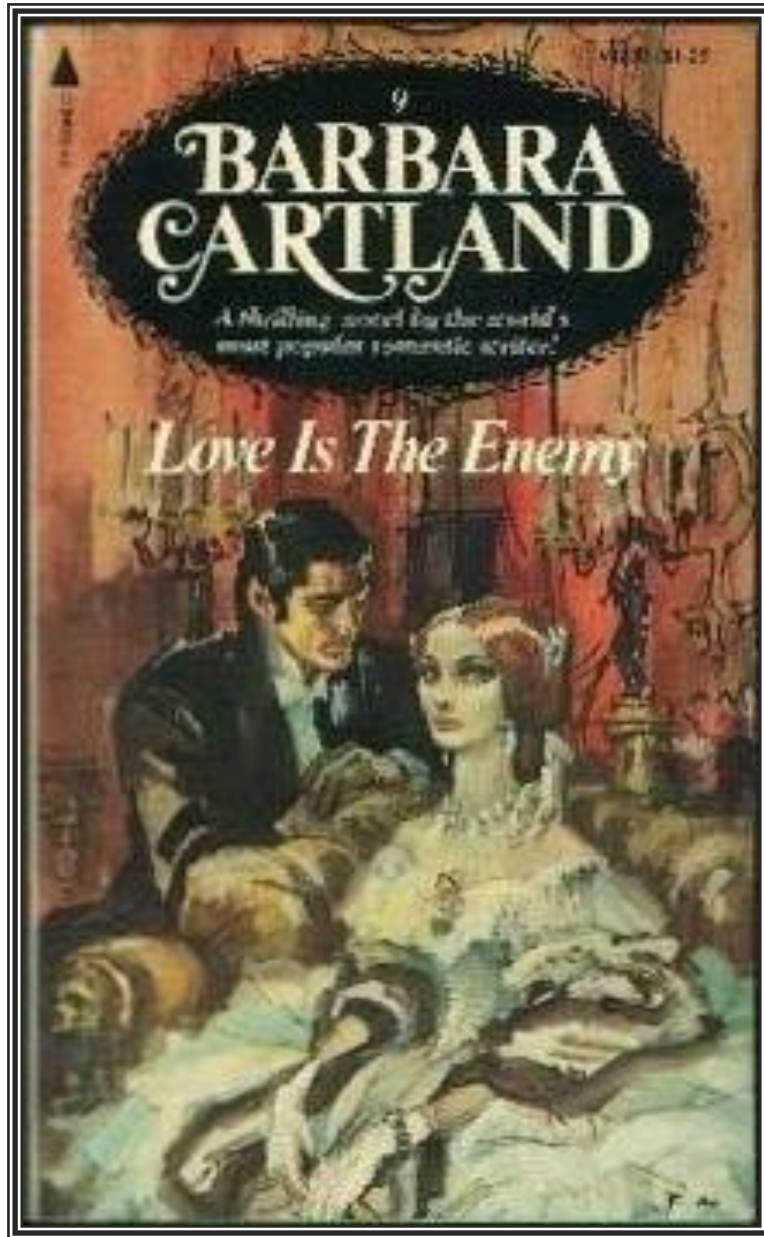


Amor Triunfante

"Love Is The Enemy"





Amor Perfeito

Barbara Cartland

Barbara Cartland

AMOR TRIUNFANTE

Em Amor Triunfante, assiste-se a mais uma excelente narrativa que prende logo o leitor a partir das primeiras linhas, quando a Rainha Vitória, na própria Sala do Trono, diz a Sir Rupert Wroth: "Quando voltar, gostaríamos de acolher a seu lado uma esposa." Preocupado, Sir Rupert Wroth, o ambicioso ministro dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade, pede conselho à amante, Lady Clementine Talmadge, a qual lhe sugere Lady Elizabeth Graye, uma jovem loura de olhos azuis, que personificava a própria docilidade. Mas a prima de Elizabéth, Nerina, que detesta violentamente todos os homens, descobre os verdadeiros intuitos de Sir Rupert e resolve humilhá-lo. Os caminhos do Amor vão, mais uma vez, seguir itinerários surpreendentes, traçados com a segurança e o encanto próprios de Barbara Cartland.

Quarta-capa da edição brasileira

Nerina entrou devagar na capela, o lindo vestido branco farfalhando com seus passos graciosos. Um longo véu cobria-lhe o rosto e a peruca loira escondia de todos seus flamejantes cabelos ruivos. Ninguém perceberia que a noiva fora trocada, pensava ela para acalmar o coração descompassado. Nem mesmo o noivo, o arrogante sir Rupert Wroth, que ousara imaginar poder levar em frente seu plano diabólico. Ela, a pobre enjeitada da família, iria fazê-lo pagar por ter causado tanto sofrimento à ingênua Elizabeth. Quando se tornasse seu marido, sir Rupert lamentaria ter nascido!

Título: Amor Triunfante.

Autora: Barbara Cartland.

Dados da Edição: Círculo de Leitores, 1ª Edição, 1980.

Título original: Love Is The Enemy

Gênero: Romance.

Digitalização e Correção: Dores Cunha.

Numeração de Página: Rodapé.

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destina-se unicamente à leitura de pessoas portadoras de deficiência visual. Por força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que gratuitamente.

FORMATAÇÃO: ALE M.

A carreira literária da escritora inglesa Barbara Cartland é constituída por uma série imensa de sucessos. Em Março de 1979, ela deslocou-se, mais uma vez, aos Estados Unidos da América a fim de participar em programas televisivos de grande audiência. Comemorou, deste modo, a venda de cem milhões de exemplares dos seus romances.

A sua arte de recriar histórias de amor alcançou, pois, a máxima consagração possível junto dos leitores de todo o mundo.

CAPÍTULO I

A Rainha ergueu-se e estendeu a mão ao Príncipe Consorte. Sir Rupert Wroth reprimiu um bocejo. Fora um serão aborrecido, como era de esperar, no Palácio de Buckingham. Sentiu curiosidade em saber como podiam as pessoas gostar da solenidade deste arrastado cerimonial e imaginou que talvez Sua Majestade fosse a única pessoa presente a achar divertida aquela rígida etiqueta.

A Rainha sorria quando principiou a atravessar com lentidão e dignidade a Sala do Trono. Sentiu-se a agitação e o rumor de sedas, cetins, musselinas e tules enquanto as damas se inclinavam em humildes vênias de cortesia. As medalhas e condecorações faiscaram quando as cabeças masculinas se curvaram. Em breve estará terminado, pensou Sir Rupert, e sentiu uma necessidade súbita de respirar ar renovado, longe daquela atmosfera sobreaquecida e asfixiante de pomposo formalismo.

Contudo, Sua Majestade não tinha pressa. Parou para falar com o Primeiro-Ministro, Lord John Russell, e agora sorria amavelmente para Lord Grey, o Ministro da Guerra. O Príncipe Consorte, austero e carrancudo, fez uma observação ao Sr. Greville que, sem dúvida, seria relatada pouco lisonjeiramente no seu famoso diário.

Por fim, o cortejo real retomou a marcha e Sir Rupert preparava-se para a vênias quando se apercebeu, não sem surpresa, de que a Rainha lhe pretendia falar.

Baixou os olhos para a soberana. Era extraordinário como, apesar da sua pequena estatura, ela descobria maneira de conseguir emanar uma aura de dignidade real. Era impossível não sentir perante ela um certo temor respeitoso. Naquela noite, ela sorria alegremente, os olhos brilhavam e era óbvio que se divertira com o serão; noutras ocasiões, porém, aquela boca pequena podia contrair-se num ricto rígido de obstinação ofendida e o olhar endurecia de ira.

- É agradável vê-lo aqui, Sir Rupert - disse Sua Majestade na sua voz clara e bem modulada, que parecia sempre um tom mais grave do que o esperado em pessoa de tão pequena estatura.

- Agradeço-vos, Majestade - murmurou Sir Rupert.

- No entanto, quando voltar, - prosseguiu a Rainha - gostaríamos de acolher a seu lado uma esposa.

Sir Rupert não teve resposta pronta. Ficou tão surpreendido que, por instantes, julgou não ter percebido bem; depois, ainda antes de se inclinar em reconhecimento por aquela obscura mercê que lhe estava a ser concedida, viu Sua Majestade afastar-se. A vaga sussurrante das damas que faziam vênias e dos

homens que se inclinavam continuou ao longo da sala.

Sir Rupert permaneceu imóvel. De fato, sentiu por momentos o cérebro como que paralisado, como se não fosse capaz de compreender ou de sustentar todo o impacto do que lhe fora dito. Depois, quando as portas foram abertas pelos lacaios de libré vermelha e de galões dourados e o cortejo real com os dignitários da corte e as alvoroçadas damas da rainha desapareceu de vista, um sussurro de vozes fê-lo recuperar o equilíbrio abalado.

O sussurro cresceu e as peças que tinham contido o silêncio durante três horas desapareceram como a neblina ao sol. Subitamente, Sir Rupert compreendeu que tinha de ir embora, que tinha de se retirar antes de os presentes começarem a fazer-lhe perguntas. Em poucos segundos alguém ganharia coragem para lhe perguntar o que Sua Majestade quisesse dizer. Estava ele noivo? Quais eram os seus planos matrimoniais? Quem era a afortunada senhora?

Eram perguntas a que não pretendia dar resposta e, quando se dirigiu para a porta, havia uma expressão no seu rosto que fez recuar em confusão aqueles que dele já se acercavam.

Afastou-se a passo rápido da Sala do Trono, atravessou a Sala Verde, onde serviam refrescos, e desceu a larga escadaria coberta com uma passadeira carmin, onde a Guarda Real estava de serviço. Uma ou duas vezes, chamaram-no pelo nome, uma mão tocou-lhe o braço, um amigo tentou interceptá-lo; ele, porém, continuou cego e indiferente a tudo, exceto ao desejo premente de se evadir, de alcançar o ar exterior por que ainda pouco antes ansiara e que se tornara, entretanto, uma necessidade absoluta.

À entrada do Palácio, despediu a carruagem, que o aguardava, e seguiu a pé rapidamente, passando pela Guarda Montada que prestava honras no terreiro do Palácio. Dominado pela preocupação e ignorando a multidão aglomerada junto dos portões do Palácio, desceu o hall com largas passadas.

No seu traje cortesão, calções pelo joelho e meias de seda, a capa de forro púrpura repuxada para trás pelo vento, revelando as faiscantes condecorações que trazia ao peito, era efetivamente uma pessoa distinta, logo susceptível de captar o interesse daqueles que tinham esperado longas horas para relancearem os olhos pelos convivas de Sua Majestade. Todavia, não foi o traje que fez com que as pessoas olhassem fixamente Sir Rupert Wroth. Houve uma ou duas observações irreverentes à sua passagem; contudo, muitas outras de apreciação foram proferidas em voz baixa pelas mulheres que o seguiam com os olhos. Seria estranho se não o admirassem. Era indiscutivelmente um homem elegante – alto e largo de ombros, as feições bem cinzeladas, admiravelmente realçadas pelo cabelo negro. Pouca gente havia que, ao encontrar Rupert Wroth pela primeira vez, não

ficasse impressionada pela sua aparência. Todavia, embora fosse intenção da natureza fazê-lo incomparável e agradavelmente elegante, a expressão do rosto era de sua própria autoria. Pensativo e cínico, havia uma frieza e um orgulhoso desdém nos seus olhos que arrefeciam o mais espontâneo gosto de amizade.

Havia também algo de agressivamente arrogante no modo como agia, na maneira como sustentava as suas opiniões ou contradizia um oponente; havia também uma contração amarga nos lábios, mais própria de um homem de meia idade do que de alguém que ainda não atingira a plenitude da sua masculinidade.

Contudo, não se lhes podia negar sedução e, no hall, uma mulher disse para outra, com um toque de cotovelo:

- Com um homem daqueles gostaria eu de ficar, querida, um homem que é homem e tem ar disso. Alguma coisa perturbou Sua Senhoria, com certeza. Tem um reflexo diabólico no olhar, não há dúvida.

Ela não estava longe da verdade, pois, enquanto se afastava, penetrando na escuridão, Sir Rupert era agitado por uma fúria que jamais experimentara. Aqueles que tinham estado a seu lado na Sala do Trono, no Palácio de Buckingham poderiam conjecturar qual teria sido o significado da observação da Rainha, mas ele não precisava de conjecturar. Ele sabia; sabia que Sua Majestade lhe dava um aviso e uma ordem.

Fora tão inesperado, uma coisa que ele, nos seus cálculos cautelosos, não previra que pudesse vir a acontecer; porém, agora que ocorrera, sabia que tinha sido absurdo pensar que não haveria gente pronta a espiar a sua vida privada.

Havia pouco que a Rainha não soubesse. Tinha o seu próprio método de conhecer os segredos mais íntimos das pessoas por quem se interessava. No entanto, ele imaginara-se demasiado astucioso para ser descoberto. Só para ser publicamente enganado. Mais do que isso, ele sabia que tinha recebido uma ordem direta, à qual não se atrevia a desobedecer. Que insensatez ter pensado, por um momento sequer, que a sua ligação com Clementine passaria despercebida e não chegaria aos ouvidos da Corte!

Interrogou-se sobre o lapso de tempo decorrido desde que a Rainha descobrira - um mês, dois, três ou talvez seis meses, portanto desde o início? Não, tanto tempo não, pois fora em Janeiro que Lord John Russell lhe falara e dissera francamente que, quando Lord Palmerston se demitisse do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ser-lhe-ia proposto o cargo.

Sir Rupert ficara emocionado. Planejara aquilo, trabalhara para isso, mas não esperava que a concretização da sua maior ambição viesse tão cedo. O seu sucesso político já era fenomenal, não havia dúvidas disso. Salientara-se desde o momento em que entrara no Parlamento, primeiro como simples deputado e depois como

subsecretário.

Tinha apenas vinte e sete anos quando foi enviado às Colônias, em missão de representação do Governo de Sua Majestade. O Ministro dos Negócios Estrangeiros adoecera e não havia mais ninguém com capacidade ministerial para o substituir na ocasião. Rupert Wroth teve oportunidade de mostrar o seu valor e não defraudou quem nele confiara. Foi, na verdade, brilhantemente sucedido, tão bem que Sua Majestade o armou cavaleiro e, de um dia para o outro, tornou-se o cavaleiro mais prometedor da Câmara dos Comuns.

A aptidão para a diplomacia que demonstrou durante a missão não fora esquecida. O Primeiro-Ministro chamara a atenção para ele várias vezes e, pouco depois de o Ano Novo de 1850 se ter anunciado com o habitual cortejo de incidentes internacionais, a ameaça de guerra e uma dúzia de crises diplomáticas, Lord John Russell mandara chamar Sir Rupert e dissera-lhe francamente o que pensava a seu respeito. Pretendia, disse, afastar Lord Palmerston do Ministério dos Negócios Estrangeiros. A Rainha, que detestava o Ministro dos Negócios Estrangeiros e se queixara repetidamente do seu comportamento, não apenas ao próprio Lord Palmerston, mas também a Lord John, tinha, pensava o Primeiro-Ministro, finalmente de ser apaziguada.

- Disse imensas vezes a Lord Palmerston - contou o Primeiro-Ministro a Sir Rupert - que a inquietação de Sua Majestade nem sempre é destituída de fundamento, mas ele não dá atenção.

O Primeiro-Ministro continuou a falar das dificuldades das relações externas numa época tão crucial da História britânica e Sir Rupert escutava-o, esquecendo-se até de arvorar um ar agressivo. Mas a sua esperança, tal como a da Rainha, de se livrar de Lord Palmerston viria a receber um duro revés.

A intenção do Primeiro-Ministro de substituir o Ministro dos Negócios Estrangeiros foi derrotada, em parte pelos ataques à política externa do Governo, vindos da Oposição, e também pela defesa feita por Lord Palmerston no Parlamento. Foi uma defesa que o colocou no pedestal da popularidade. Do seu lugar nas filas de trás, Sir Rupert compreendeu que teria de esperar, e pacientemente, - pelo menos na aparência - pelo cargo. Sabendo que o tempo corria a seu favor, não ficou muito perturbado com o caso; porém, enquanto esperava, divertia-se, ou melhor, como de costume tolerava que uma mulher o divertisse. As suas ligações amorosas já eram assunto de muitas conversas e especulações e escolher Lady Clementine Talmadge, neste momento particular, fora um erro. Para começar, era uma mulher de beleza notória e, como tal, alvo dos olhares públicos. Em segundo lugar, tinha reputação de ser indiscreta, o que fazia com que atraísse sobre a sua cabeça a censura da jovem Rainha puritana e que facilmente se

escandalizava.

Lady Clementine passara o verão no campo e Sir Rupert não fazia nenhuma idéia de como o que acontecera no Norte rural chegara tão depressa aos ouvidos dos que estavam em Londres ou Windsor. Aparentemente, tinha subestimado, porventura pela primeira vez na sua vida, tanto os adversários como os amigos.

Avançando a passos largos em direção a St. James's Street, sentiu a primeira onda de fúria refluir e o frio calculismo do seu cérebro tomar conta da situação. Sabia bem que, lá para trás, os que saíam do Palácio estariam a trocar comentários acerca do que a Rainha dissera.

Haveria bisbilhotice a respeito de um noivado escondido, talvez até de um casamento secreto. Boatos de toda a espécie estariam a circular antes do amanhecer, mas só ele e o Primeiro-Ministro sabiam interpretar exatamente o que a Rainha dissera tão clara e inequivocamente.

Tão claramente como se o fizesse por palavras, cogitou Sir Rupert, ela dissera-lhe que não toleraria indiscrições na sua vida privada se ele se tornasse Ministro dos Negócios Estrangeiros em substituição de Lord Palmerston. Mais ainda, a atual ligação com uma mulher casada fora longe demais. Antes de voltar a aparecer na Corte, tinha de encontrar uma esposa socialmente aceitável, uma noiva digna de se tornar a esposa do Ministro dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade.

A calma insolência do caso suspendeu-lhe a respiração e, no entanto, não podia deixar de admirar os métodos da Rainha, que eram invariavelmente diretos. De fato, raramente subsistia uma réstia de dúvida no espírito daqueles que ouviam o que Sua Majestade pretendia deles.

No passado, Sir Rupert rira-se muitas vezes quando, pela simples força da vontade, ela desconcertara quantos se lhe opunham. E agora, quando o mesmo lhe aconteceu, não achava o caso nada humorístico.

Sir Rupert deteve-se e viu aonde os seus pés o haviam trazido. Achou-se diante do White's Club. O pé já estava no primeiro degrau quando lhe chegou aos ouvidos um abafado ruído de gargalhadas. Ignorava as razões da jocosidade dos membros ali reunidos, mas poderia prender-se consigo próprio. Tirou o relógio da algibeira. Apenas dez horas. Era demasiado cedo para se deitar e, de repente, decidiu o que havia de fazer. Tinha de ver Clementine e contar-lhe o sucedido. Era impossível que ela viesse a saber do seu dilema por qualquer outra pessoa. Os Talmadges encontravam-se no campo, onde haviam passado todo o verão. Com um gesto impaciente, Sir Rupert virou as costas à porta do clube. Estava cansado de Londres, iria para o campo. Avançou por Picadilly até Berkeley Square. Pelo caminho, alguns mendigos e mulheres de má vida tentaram atrair-lhe a atenção, mas ele ignorou-os completamente. Organizava o seu plano com aquela

concentração lúcida e gélida que tão bem conhecida se tornara de quantos com ele trabalhavam na Câmara dos Comuns.

Sabia perfeitamente que, depois do que sucedera no Palácio nesse serão, tinha de ser cauteloso. Se procurasse Clementine deliberadamente, depois do que sucedera, estaria a fazer o jogo dos que esperavam dele precisamente isso e que, indubitavelmente, iriam relatá-lo logo de seguida à Rainha. Além disso, como era escrupuloso em questões como esta, Sir Rupert nunca iria a casa dos Talmadges, se tal fosse possível. Ele e Lady Clementine encontravam-se secretamente e a coberto de disfarces que julgavam impenetráveis, quando estavam em Londres, ou nas clareiras e bosques que circundavam Wroth, onde tinham a certeza de que ninguém os observava.

Aparentemente, tinham-se enganado ao imaginarem que não seriam vistos e Sir Rupert sabia, agora mais do que nunca, que tinham de ser cautelosos e circunspetos. Iria imediatamente para Wroth, decidiu. Não haveria nada de mal nisso e o fato de as propriedades dos Talmadges confinarem com as suas não podia impedi-lo de regressar à sua própria casa.

Uma vez lá, Sir Rupert tinha de descobrir uma maneira astuciosa e pouco evidente de se avistar com Clementine, sem perda de tempo.

Se ele partisse nessa noite, estaria em Wroth antes do pequeno-almoço e poderia então urdir o seu plano.

Entrou na sua residência, em Berkeley Square, estendeu a capa, o chapéu e a bengala ao mordomo e, com voz pausada, deu ordens para que fosse preparada imediatamente uma carruagem para a viagem.

- Esta noite, no Palácio, - acrescentou - um velho amigo da família informou-me de que a minha avó não se encontra bem. Suponho que ela proibiu que alguém me falasse do agravamento do seu estado de saúde, pensando que eu estaria ocupado na Câmara dos Comuns, mas naturalmente seguirei já para Wroth.

- Muito bem, Sir Rupert - replicou o mordomo. - Permita-me, Sir, expressar a esperança de que seja apenas um falso alarme e que encontre Sua Senhoria de boa saúde.

- Assim espero realmente - disse Sir Rupert e passou do vestíbulo à biblioteca.

Era uma desculpa, pensou ele, que serviria para afastar os que no dia seguinte quisessem saber para onde ele fora.

Atravessou a sala, dirigiu-se para uma mesa colocada entre as janelas e preparou uma bebida. Sentia necessidade de uma; contudo, quando os lábios tocaram o vinho, compreendeu que não tinha sede. Em vez disso, no seu espírito revolvía-se o pensamento do que o esperava no futuro: o casamento com uma jovem conveniente. E onde, interrogou-se, poderia encontrar uma? A sua

experiência muito variada de belas mulheres não lhe revelara muitas jeunes filles casadoiras.

Sir Rupert suspirou e pousou o copo. Talvez Clementine o ajudasse a encontrar alguém, a não ser que fosse insensata a ponto de sentir ciúmes e de pretender induzi-lo a desprezar as instruções da Rainha. Mas não, estava seguro de que não seria tão estúpida. Ela sabia tão bem quanto ele o que estava em jogo - o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros aos trinta e três anos. Só havia exemplo semelhante no caso de Pitt, que fora Ministro da Fazenda dez anos mais novo.

Sir Rupert tornou a pegar no copo e bebeu o vinho antes de se voltar para sair da sala. Nessa altura, reparou na longa fila de convites pousados em cima da lareira, sob o grande espelho Chippendale. Havia muitos, mas um em especial, um grande cartão branco, cativou-lhe a atenção.

- O Conde e a Condessa de Cardon, na residência, - leu - a 16 de Julho, pelas 15 horas, em Rowanfield Manor, Rowan.

Sir Rupert olhou fixamente o cartão durante alguns momentos.

- Amanhã às 15 horas - disse em voz alta - e Clementine estará lá.

Sim, Lady Clementine Talmadge estaria presente, como sucederia com a maioria do Condado, e seria fácil encontrarem-se casualmente e às claras. Sir Rupert Wroth abandonou a biblioteca com o convite na mão.

O caminho que conduzia a Rowanfield Manor estava pejado de carruagens de todos os tipos, tamanhos e estilos; em contrapartida, os cavalos que as puxavam apresentavam-se quase uniformemente bem tratados. Abanando as crinas bem cuidadas e guizalhando os arreios com adornos de prata, paravam à vez sob o pórtico de pilares do edifício de tijolos de um suave tom vermelho, onde vários lacaios de libré e cabeleiras empoadas aguardavam os convidados.

Nerina Graye, olhando da janela baça e salpicada de lama da carruagem de aluguel que tomara na estação dos caminhos-de-ferro, soltou um ligeiro suspiro ao ver os outros veículos e depois encolheu-se, com uma expressão de desalento no rosto, no canto da carruagem velha e bafienta. Tinha-se esquecido de que era o dia do garden party; na verdade, por que razão se havia de lembrar se não fizera tenção de estar presente? Agora reconhecia perfeitamente que não podia ter regressado a Rowanfield Manor em dia mais inconveniente.

Ao anoitecer, estariam todos fatigados e irritáveis. O seu regresso, não anunciado e inesperado, já seria bastante mau em qualquer ocasião, mas, precisamente hoje seria catastrófico! Num impulso, ergueu-se e abriu a minúscula janela de comunicação entre ela e o cocheiro.

- Cocheiro! - chamou. - Cocheiro! Deixe-me junto da porta das traseiras, por

favor.

Ele envolveu em concha a orelha com os dedos sujos e artríticos.

- A porta das traseiras, disse? Muito bem.

Miss Nerina sentou-se e observou um elegante dog-cart de rodas amarelas e negras que passou rapidamente por eles. Era conduzido por um cavalheiro jovem, de suíças largas e cuidadas, e ela reconheceu nele um dos celibatários mais cobiçados do Condado. Toda a gente estaria ali hoje, pensou com tristeza, e ela seria o único conviva sem convite e, na verdade, o menos bem-vindo.

- Não podia deixar de o fazer, tinha de me vir embora. Não podia fazer outra coisa.

Pronunciou as palavras impetuosamente, em voz alta, para si própria, como se o som delas lhe desse a segurança de que carecia; o queixo levantou-se um pouco mais e o seu ar de desânimo e prostração metamorfoseou-se numa expressão mais característica de desafio. Contudo, tinha as mãos frias e sabia que, no íntimo, estava certa.

A tia zangara-se da última vez que voltara para casa, mas Nerina não receava a tia Anne. Era o tio quem a fazia tremer. Temia ouvir a sua voz ameaçadora subir de tom até ao paroxismo, enquanto a forçava a explicar as suas ações! Causava-lhe terror o tom inquisitorial que costumava adotar ao reduzir a destroços as suas explicações, troçando dos seus receios, e ao dizer-lhe, como já o fizera tantas vezes, que ela tinha de ganhar o seu próprio sustento e, quanto mais cedo deixasse de ser esquisita e caprichosa, melhor para ela.

Como lhe repugnavam aqueles ralhos e como se retraía, embora não o confessasse a si própria, diante da ira dele, dos risos de provocação e de troça pelos seus esforços para manter-se casta! Recordou a última vez em que havia sido forçada a contar-lhe porque abandonara o lugar de preceptora dos dois filhos de um viúvo de meia idade. Recordou como o tio insistira em ouvir cada pormenor do assédio lascivo que lhe fizera o patrão e quando, envergonhada e humilhada com o que tivera de narrar, se remetera finalmente a um silêncio embaraçoso, ele rira-se de troça e dissera-lhe que ela estava a fazer uma tempestade num copo de água e que a maior parte daquilo que a melindrava não passava de uma invenção do seu espírito febrilmente sequioso de amor.

Desta vez seria pior, muito pior; e embora ela pudesse optar por lhe revelar o mínimo possível, sabia que, chegado o momento, ele a obrigaria a admitir coisas que nunca tencionara fazer. Sabia, como sempre o soubera desde criança, que ele sentia um prazer obsceno em humilhá-la. Odiava-a desde que ela atingira a idade suficiente para se retrair dos beijos muito pouco paternais que ele lhe dava ao

deitar. Odiava-a desde que fugira a soluçar da biblioteca, numa certa tarde chuvosa de sábado, e odiava-a também desde que atingira a idade em que já não podia bater-lhe, pois obtinha um prazer bestial deste procedimento.

No entanto, era seu tio, seu custódio e seu único parente. Por vezes, pensava se seria melhor suportar as humilhações e desditas que sofria nos lugares que encontrara como preceptora ou se não seria mais sensato regressar a casa e suportar outras quase tão más debaixo do teto do tio.

Da última vez que deixara Rowanfield Manor, prometera a si própria que se manteria afastada, custasse o que custasse; contudo, ali estava ela de regresso, ao fim de três meses. Fora impossível, absolutamente impossível, continuar na mesma casa com o Marquês de Droxburgh. Via ainda os olhos cruéis e dissolutos dele fixos no seu rosto, as mãos estendidas para ela, a língua umedecendo-lhe os lábios finos. Tivera um comportamento iníquo, para além de tudo o que ela imaginara possível neste mundo; e ela tinha enfrentado aquilo durante três meses, três longos meses, até compreender que chegara o momento crítico e que já não podia resistir mais tempo. Não dormira durante semanas, estivera demasiado aterrorizada para o fazer, e, durante o dia, enquanto devia estar a ensinar a sua pupila na sala de estudo, prestava atenção às passadas leves do outro lado da porta. Não, já não podia agüentar mais. Era preferível enfrentar a ira do tio Herbert àquilo; era preferível reconhecer-se derrotada e retirar, a ceder onde se encontrava.

Outra carruagem passou perto da janela, desta vez uma caleche aberta. Nerina teve a visão rápida de um rosto bonito, emoldurado por um gorro orlado de rosas. A condizer, uma sombrinha de folhos rendilhados, e presos com botões de rosa, a jovem - que o aparentava ser - era acompanhada por um cavalheiro de chapéu alto e de abas reviradas, ostentando um enorme cravo na botoeira.

Uma certa elegância e romantismo exalavam desse par. Quando deixou de os ver, Nerina baixou instintivamente os olhos para o seu próprio vestido. Estava amarrotado e sujo da viagem. Viajava desde o alvorecer e sabia que a cara e os cabelos estavam sujos de fuligem e que a sua aparência geral era desgrenhada e pouco limpa. Alisou o vestido com impaciência e compreendeu que pouco podia fazer para melhorar-lhe o aspecto.

Desbotado e dum corte que estivera na moda há dois ou três anos atrás, era azul-claro, cor que Nerina sempre soubera não lhe ficar bem. Todavia, tinha invariavelmente de usar roupas daquelas, porque eram as roupas que a sua prima Elizabeth deixava de usar.

Lady Elizabeth era loura e de olhos azuis e ficava mais favorecida com os tons azul-celeste e cor-de-rosa. Em Elizabeth, tais cores caíam perfeitamente; em Nerina, eram desastrosas.

As primas tinham quase a mesma idade, mas a semelhança acabava aqui. Nerina herdara os cabelos ruivos flamejantes e os olhos verdes misteriosos que haviam feito da mãe uma beleza aclamada onde quer que se encontrasse. De fato, foi essa combinação particular, juntamente com a pele branca de magnólia, que fizera que o irmão mais novo do Conde de Cardon fugisse, quando ainda estudava em Oxford, com uma cantora lírica.

O fato de eles terem sido felizes não diminuía em nada a ira e a indignação da família; e quando se afogaram enquanto velejavam nas costas de Devon, onze anos mais tarde, todos disseram que era isso exatamente o que sempre tinham previsto que viesse a acontecer.

Nerina fora trazida para Rowanfield Manor, a fim de ser educada com a prima Elizabeth. Tinham a mesma idade e seria vantajoso para as duas crianças fazerem-se companhia; mas, como Nerina iria perceber mais tarde, Lord Cardon desprezava o irmão mais novo e irritava-se incomensuravelmente com tudo quanto o fizesse recordar.

Talvez lhe tivesse invejado a felicidade, talvez fosse um sentimento mais obscuro que aquele, provocado por qualquer episódio das suas relações de infância. Nerina nunca soube o que era, exceto que, à medida que foi crescendo, por vezes suspeitava de que o tio fora repellido pela mãe dela e que aplacava o seu amor-próprio punindo-a por qualquer humilhação que sofrera.

Todavia, fosse qual fosse a razão, apenas sabia que, desde o instante em que entrara em Rowanfield Manor, a obrigavam a sentir-se culpada por estar viva. Tudo o que fazia era criticado e tornava-se quase impossível fazer qualquer coisa que fosse considerada correta. Porém, quando atingiu uma maior maturidade, descobriu que, em certas ocasiões, o interesse do tio por ela era obscuramente horrível. Afastava-se dele e ele punia-a por isso, pronta e inexoravelmente.

Ainda se lembrava, com demasiada clareza, da vergonha que sentia pelos castigos corporais, compreendendo subconscientemente desde o princípio que a sua humilhação mental era mais intolerável que a dor física que sofria.

A carruagem parou junto da porta das traseiras. Não se via ninguém e Nerina sabia que os criados estariam todos demasiado ocupados nos relvados e na frente da casa. Invariavelmente, havia falta de pessoal e, em ocasiões como esta, a mesquinhez ou penúria de Lord Cardon exigia que cada empregado trabalhasse por dois.

- Importa-se de me pôr a bagagem no pátio? - pediu Nerina ao cocheiro. - Mais tarde, mandarei recolhê-la.

Com a respiração difícil dos asmáticos e o rangido de ossos velhos, o cocheiro levantou a mala da carruagem e pousou-a nas lajes do pátio. Não era pesada; no

entanto, dada a idade do cocheiro, este limpou o suor da testa no fim da operação.

Impulsivamente, Nerina juntou as últimas moedas que tinha na bolsa ao dinheiro que lhe pretendia dar. Ele olhou desconfiado para a quantia, mas, vendo que a gorjeta era generosa, levou um dedo à madeixa de cabelo da testa.

- Obrigado, Miss, muito obrigado.

Subiu para a boleia da carruagem, fustigou o cavalo cansado e mal alimentado e rolou para a saída. Nerina viu-o partir. Protelou o momento em que teria de entrar na casa até a carruagem já quase não se ver; então, voltou-se bruscamente e caminhou com rapidez pelo corredor de pedra que, passando pela cozinha e pelos alojamentos dos criados, dava para a porta de cortinado de baeta verde que a separava da outra parte da casa.

Não se via vivalma, mas, à distância, podia ouvir o ruído de muitas vozes e os acordes melódiosos de uma orquestra de cordas. Apenas precisou de alguns minutos para subir apressadamente as escadas das traseiras até ao segundo andar e alcançar o quarto grande e baixo que compartilhara com a sua prima Elizabeth.

O quarto estava vazio, mas os pertences de Elizabeth espalhavam-se pela cama e pelo toucador. O vestido de musselina que certamente vestira naquela manhã, meias, uma combinação de folhos, laços de cabelo, um lenço sujo, mitenes de renda e uma camisa de cambraia estavam numa verdadeira desordem, como se Elizabeth tivesse esperado até ao último momento para mudar de roupa e a sua criada não tivesse tempo para fazer as arrumações antes de ser chamada a ajudar noutros lados da casa.

Não era próprio de Elizabeth ser desarrumada e pouco pontual, pensou Nerina com um leve franzir de sobrancelhas e, apanhando uma das fitas do chão, enrolou-a nos dedos para alisar as rugas. Ao fazê-lo, viu-se a si própria no espelho do toucador e fez uma careta de desânimo. Não imaginava que estivesse tão suja.

Só pudera obter o lugar mais barato no comboio, numa carruagem aberta. O fumo da locomotiva fora terrível e o vento soprara-lhe o cabelo em todas as direções, a ponto de lhe fazer perder toda a aparência de uma preceptora empertigada e respeitável.

Nerina tirou o gorro da cabeça. O cabelo caiu em espessos caracóis ao longo das faces, emoldurando-lhe o rosto com um fogo vivo, parecendo receber a luz solar e refleti-la novamente. Os cílios que ornavam os seus olhos verdes eram naturalmente escuros e encurvados; porém, Nerina, ao contemplar a sua própria imagem, não viu nenhuma beleza neles ou na aristocrática perfeição do seu nariz delicado e arrebitado. Viu apenas a sujidade superficial que desfigurava a sua pele branca e o medo que fazia estremecer os lábios, por muito que os apertasse.

- Não me hei de assustar, não - disse em voz alta e, de repente, as mãos

cerraram-se e atirou a cabeça para trás, como se a quisesse libertar de cadeias invisíveis.

- Não tenho medo, não tenho. Odeio os homens, odeio-os a todos! São animais e demônios e, se pudesse, fá-los-ia sofrer a todos pelo que me aconteceu.

Ficou um momento tensa e rígida, unhas enterradas na carne macia das palmas e olhos fechados em virtude da intensidade quase insuportável das suas emoções. Depois, atravessou o quarto a correr para mergulhar o rosto na água fresca e límpida do lavatório.

Demorou algum tempo a lavar-se e a mudar de roupa; quando por fim ficou pronta, tendo tomado de empréstimo um dos vestidos de musselina da prima, sentiu-se mais calma e mais animosa.

Decidiu descer e exibir a sua chegada em frente dos outros convidados. Se o tio vencesse o primeiro choque, ao vê-la enquanto outras pessoas ali estivessem, talvez tudo se tornasse mais fácil posteriormente, quando tivesse de lhe dar uma explicação sobre os motivos do seu regresso.

Lenta e decididamente, Nerina avançou pelo corredor, para a grande escadaria. Feita de ferro forjado finamente trabalhado, fora acrescentada à casa em período tardio e várias salas dos três andares tinham sido desfeitas para a acomodar. Ao chegar ao patamar do primeiro andar, ouviu chegar outra carruagem à porta da frente e, momentos depois, viu um homem penetrar no vestíbulo. Deteve-se um instante a observar a sua entrada. O recém-chegado era alto e moreno e, quando tirou o chapéu alto de seda, descobrindo o cabelo negro de azeviche, Nerina pensou que era um dos homens de maior distinção que jamais vira.

Viu-o atravessar o vestíbulo atrás do laçao, passar pela sala de estar até ao terraço, onde sabia que os tios estariam a receber os convidados. Ao avançar, levantou os olhos para ela, como se inadvertidamente tivesse atraído a sua atenção. Por um momento, ela olhou-o diretamente nos olhos e surpreendeu-se com a expressão dele. Foi quase como se a ira ardesse por detrás dos olhos e na linha dura e cáustica dos lábios dele. Havia desprezo e desdém, pensou Nerina, no relance que ele lhe lançou e uma arrogância insuportável no modo como lhe virou lentamente a cabeça.

- Outro homem de mau feitio - pensou Nerina e sentiu que o odiava como a todos os do mesmo sexo.

Eram todos iguais, pensou, enquanto descia as escadas - santarrões hipócritas quando aparecem em público entre os da sua classe e descarados no respeitante às relações com certas mulheres - preceptoras indefesas como ela, que tinham de ganhar o seu próprio sustento sem disso terem culpa.

Nerina sentiu um desejo súbito de ferir alguém como ela própria fora ferida.

Pensou como gostaria de ferir ou mutilar um homem como aquele que acabava de passar pelo vestíbulo. Sabê-lo à mercê dela, sabê-lo mortificado ou rebaixado constituiria um prazer e uma satisfação superior a qualquer emoção que já sentira, pensou. Contudo, mesmo enquanto pensava nisto, ria-se da sua própria imaginação. Um homem era sempre o senhor e o conquistador. Que possibilidade tinha uma mulher contra a superioridade inata deles, a suserania natural dos homens?

Nerina sentiu-se de repente indefesa e compreendeu que era incapaz de encarar os tios, que estavam de pé no terraço à espera de saudar outro notável do Condado, com as mãos instintivamente estendidas antes de serem informados de quem se tratava.

Rapidamente, cruzou o vestíbulo e abriu a porta da sala. A atravessar a sala, raramente usada, havia uma estufa, com uma saída no extremo que dava para o jardim. Ninguém reparou em Nerina quando saiu da estufa e, atravessando parte dos canteiros de flores, desapareceu atrás das sebes de rododendros que orlavam os relvados.

Mantendo-se fora da vista dos grupos de convivas, Nerina caminhou por carreiros de erva pequenos e infrequentedos atrás das sebes, até ter rodeado parcialmente o jardim e ficar de frente para a casa, no outro lado dos relvados.

Os tijolos de um vermelho quente de Rowanfield Manor, construída na época da Rainha Ana, constituíam um perfeito pano de fundo para os convidados de Lord e Lady Cardon. Com as saias de balão, as mulheres assemelhavam-se a flores invertidas quando se moviam graciosamente entre os canteiros de rosas ou paravam para escutar a orquestra que, envergando uniformes dos hussardos ostentatoriamente ornamentados com galões dourados, tocava animadas árias de óperas.

Havia um grande toldo num dos lados do jardim e, no outro, desenrolava-se uma partida de croquet. Protegida pelas sebes, Nerina ficou-se a observar a cena durante um momento; depois, com receio de ser vista, esgueirou-se em direção a um pequeno edifício que ficava logo à frente dela. Tratava-se de um pavilhão construído pelo pai de Lord Cardon, que, sem qualquer motivo, se imaginava arquiteto. O pavilhão, que ocupara as suas fantasias quando já tinha quase oitenta anos, era uma construção complicada que fazia lembrar vagamente um pagode japonês, com fundações gregas, mas que possuía o úmido desconforto de uma gruta religiosa. A mistura não surpreendia o observador incauto, pois o Conde mudara de idéia várias vezes durante a execução do projeto e o mestre-de-obras local e o carpinteiro da propriedade tiveram muitas querelas palavrosas quanto à maneira como os desejos de Sua Senhoria melhor seriam satisfeitos. O edifício

resultante, que acabara por ficar extremamente feio, tinha felizmente sido amenizado pela ação do tempo e de uma madressilva, que ocultavam traços mais agrestes e davam a todo o edifício uma certa rusticidade aligeirada, bastante em desacordo com as intenções dos construtores.

Qualquer que fosse, porém, o seu aspecto, o pavilhão constituíra para Nerina e Elizabeth uma fonte de alegria permanente, pois tinham descoberto que, ao rebaixar-se o teto para satisfazer mais uma das exigências do velho Conde, se construía inadvertidamente um pequeno sótão. Este tinha as dimensões suficientes para as crianças se sentarem direitas e dele fizeram o seu esconderijo secreto, quando descobriram que era fácil lá entrar, apoiando-se nas reentrâncias dos painéis de madeira com que as paredes tinham sido finalmente forradas.

Aqui tinham contado uma à outra os seus segredos mais íntimos. Aqui tinham guardado os seus haveres mais queridos e se tinham banqueteados com comida retirada da despensa ou dada por alguma cozinheira indulgente. Em poucos segundos, Nerina trepou pelas traseiras do pavilhão, abriu a porta que dava acesso ao sótão e engatinhou por ele, fechando a porta atrás de si.

O sótão estava, para sua surpresa, mais limpo do que esperava. Ao recheio de serviços de chá, de bonecas, livros esfarrapados e um monte de frascos de compota, alguém tinha recentemente acrescentado um coxim forrado de cetim que Nerina nunca vira antes. Ficou surpreendida, mas, sem especular demasiado acerca da maneira como ali fora parar, sentou-se nele para olhar pela janela.

A janela fora rasgada muitos anos antes, quando ela e Elizabeth abriram um buraco no mosaico de madeira polida. A madressilva disfarçou as marcas do crime e agora, ao afastar alguns ramos floridos, Nerina desfrutava uma vista panorâmica de todo o jardim.

À distância, podia ver o tio e a tia de pé no terraço, um grupo de convidados a passar em fila diante deles e a descer depois os largos degraus cinzentos de pedra até ao relvado. Fora do toldo, Elizabeth, com um novo vestido de organdi cor-de-rosa aos folhos, conversava com dois jovens. Mesmo àquela distância, Nerina podia ver que ela estava nervosa e que as suas mãos enluvadas apertavam e largavam o cabo da sombrinha.

Nerina reconheceu um grande número de pessoas que passeavam pelos relvados, entre elas o Lord Tenente do Condado, pomposo e tonitruante, com a cara vermelha do calor e os olhos a perscrutar os grupos, como se temesse que lhe escapasse alguém mais importante do que a pessoa com quem estava a falar.

Observava o vigário de Rowan, que parecia uma batata esmagada, a encolher-se de medo perante o Bispo da Diocese, magnífico com a púrpura, a cruz, colocada sobre o estômago obeso recebendo e refletindo os raios solares.

Procurando uma posição mais cômoda no coxim e envolvendo a cara com as mãos, Nerina observou as pessoas com prazer. Era bom ver sem ser vista e era agradável saber que teriam de passar algumas horas até ser obrigada a encarar o tio. Foi então que reparou que duas pessoas se tinham separado do pequeno magote que assistia à partida de croquet e se encaminhavam diretamente para o pavilhão. Reconheceu a mulher imediatamente. Elizabeth, tinha durante anos, admirado Lady Clementine Talmadge, mas Nerina sentira sempre um vago antagonismo em relação a ela, ainda que se esforçasse muito por ser simpática para com as queridas meninas, como lhes chamava. Lady Clementine estava arrebatadora nessa tarde, com um vestido de organdi amarelo-pálido sobre seda lustrosa. Penas amarelas orlavam o gorro e os ombros estavam envoltos numa estola da mais fina gaze.

O seu cabelo negro emoldurava-lhe o rosto oval de longos olhos oblíquos. Havia nela algo de irresistivelmente sensual, a sua própria feminilidade era um desafio. Até para Nerina, a sua beleza parecia quase deliberadamente provocante. Era impossível não notar os seus seios pequenos e elegantes sob o corpete justo do vestido e os incômodos aros da saia de balão de Lady Clementine produziam o efeito de não servirem nem de recato nem de proteção feminina.

Havia algo de primitivo e felino na maneira de andar, em cada inspiração. Era tão selvagem sob a superfície envernizada do seu meio ambiente como uma mulher na selva. Era filha de um duque, esposa respeitada de um aristocrata, uma pessoa importante no Condado, mas os olhares que agora lançava ao homem que caminhava a seu lado eram franca e descaradamente rapaces.

Nerina, observando Lady Clementine, não tinha reparado no acompanhante até interceptar aquele estranho olhar lateral que não compreendia totalmente. Quando chegaram à porta do pavilhão, viu que se tratava do homem que atravessara o vestíbulo no momento em que se preparava para descer as escadas - o homem moreno, com o ódio a arder nos olhos e uma expressão de desprezo e desdém.

Escutou os passos que pisavam o chão de madeira, lá em baixo; em seguida, ouviu Lady Clementine dizer:

- Mas, Rupert, que surpresa! Não fazia idéia de que te veria aqui hoje.
- Saí de Londres ontem à noite - explicou Sir Rupert. - Precisava te ver imediatamente. Aconteceu uma coisa.
- O que é, Rupert? - Havia uma nota de alarme na voz de Lady Clementine. - Tens um ar estranho e pouco habitual em ti.
- Tenho todos os motivos para estar estranho - replicou Sir Rupert. - Clementine, tenho de achar uma esposa imediatamente.

CAPÍTULO II

Lady Clementine soltou um pequeno grito.

- Rupert! Que pretendes dizer?

- O que disse - replicou ele. - Tenho de me casar e sem demora.

- Mas porquê? Não compreendo! Rupert, por piedade, explica-te.

- É a vontade da Rainha - respondeu Sir Rupert, com voz inflexível. - Sua Majestade foi obviamente informada de nos termos comportado, se não indecorosamente, pelo menos sem respeito pelas conveniências.

- Sua Majestade foi informada! - repetiu Lady Clementine. - Nesse caso... Nesse caso só uma pessoa o poderia ter feito: a minha sogra. Tem andado a vigiar-nos. Tenho a certeza. Há qualquer coisa na maneira como ela me olha, nas coisas que diz; no entanto, estava segura de que ninguém suspeitava.

- Julgas que o teu marido... - alvitrou Sir Rupert.

- Oh, não, Montagu não! Ele não sabe de nada. Além disso, anda sempre demasiado embriagado para reparar seja no que for, mesmo que se passasse diante do seu próprio nariz. Mas a minha sogra é diferente. Sempre me detestou. Jura que Montagu nunca bebeu até casar comigo.

- E é verdade? - inquiriu Sir Rupert.

- Como queres que eu saiba? Não estava presente - respondeu Lady Clementine com petulância.

Sir Rupert soltou uma gargalhada. Foi um som sem muito humor, mas apesar de tudo uma gargalhada.

- Ainda bem que sou tão divertida - disse Lady Clementine num tom acerado.

Sir Rupert riu-se outra vez.

- Não, Clementine, minha querida, não és divertida, - disse - mas por vezes a tua ingenuidade provoca o meu sentido de humor. Ora, não te zangues por te arreliar. És demasiado bela para precisares de quaisquer outras qualidades e muito menos a de seres divertida.

- Oxalá não falasses assim, Rupert - disse Lady Clementine. - Sabes que não estou a entender nada do que pretendes dizer.

- Bem vejo que não - disse Sir Rupert. - Vou pôr as coisas com mais clareza. Tu és uma pessoa muito bela e muito sedutora, Clementine.

- Isso é que eu gosto de ouvir - observou com um sorriso. - Mas, Rupert, esta ordem da Rainha, que significa?

- Significa - replicou ele - que tenho de encontrar uma esposa e sem perda de tempo. A qualquer momento, o Primeiro-Ministro pode resolver-se a pedir a Lord Palmerston que se demita. Há muita gente que se oporia tenazmente à minha nomeação e, se houver argumentos de peso, duvido que Lord John seja suficientemente poderoso para apoiar um projeto impopular.

- Então, terás de casar - concluiu Lady Clementine em tom grave. - Devo confessar que não gosto da idéia.

- Também não estou propriamente apaixonado pela idéia - retorquiu Sir Rupert. - Além do mais, que sei eu destas frágeis donzelas? Para dizer a verdade, não conheço uma única entre as minhas relações.

- Nisso acredito - observou Lady Clementine. — Rupert, como irás detestar o sagrado matrimônio!

- Bem, suponho que era inevitável, mais cedo ou mais tarde, - disse Rupert - mas preferia ser um pouco mais velho antes de ter de me acostumar a uma domesticidade respeitável.

Lady Clementine emitiu um som que não era nem riso nem soluço.

- A Rainha quer que assentes. É uma sugestão horrorosa. Será possível continuarmos a ver-nos?

- Havemos de arranjar maneira, prometo - disse Sir Rupert implacável. - Se julgas que toda a minha vida se vai alterar por uma ordem real, estás muito enganada. Não sou o único homem que tem de apresentar uma fachada de respeitabilidade. Mas atrás dela, continuarei a ser o mesmo, a fazer o que quiser e a gozar os meus prazeres como me aprouver.

- Foi a minha sogra a autora disto - comentou Lady Clementine com dureza. - Era capaz de a matar, aquela velha bruxa bisbilhoteira. Sei que é muito amiga de pelo menos duas das damas da corte. Que prazer não terá sentido ao saber que estava a criar um problema a mim e a ti!

- Que importa? - perguntou Sir Rupert enfadado. - A parte de leão do problema, como tu lhe chamas, parece ser a minha.

- Sim, é verdade, - respondeu Lady Clementine, mostrando-se simpática - pois tens de desposar uma jovem aceitável. Será gauche, facilmente susceptível e mortalmente fastidiosa à mesa do jantar e na cama! Pobre Rupert, como andarás mal disposto. Devo dizer que quase lastimo a rapariga.

- Sem dúvida que ficará ocupada em Wroth. Levá-la-ei à Corte para aprovação de Sua Majestade e depois pode ser despachada para o campo. Tens de persuadir Sir Montagu a reabrir a casa de Londres.

- Claro que sim, isso será fácil - replicou Lady Clementine. - Ele prefere viver em Londres, onde pode beber e jogar no White's. Não te esqueças de que foste tu,

Rupert, quem teve a idéia de que eu me deveria retirar para o campo, para nos podermos encontrar longe do falatório de Londres.

- Um cálculo que saiu errado - concordou Sir Rupert. - Bem, temos de inverter a tática. Entretanto...

Fez uma pausa.

- Entretanto? - instigou Lady Clementine e a sua voz estava impregnada de desejo.

Olhou para ele pelos cantos dos longos olhos amendoados e os seus lábios vermelhos entreabriram-se, ao inclinar-se um pouco para ele. Mas ele não estava a olhar para ela, pois tinha os olhos fixos, sem ver, no outro lado dos relvados.

- É melhor encontrares uma esposa para mim — disse por fim.

- Rupert, como podes pedir-me que cometa tal monstruosidade? - exclamou Lady Clementine. — Asseguro-te que me bastava ver de relance a rapariga com quem tens de casar para a detestar! Mais ainda, se ela te amar, como certamente acontecerá, gostaria de lhe arrancar os olhos.

- Muito bem, tenho de ser eu então a escolher a minha própria noiva - disse Sir Rupert encolhendo os ombros largos.

- Não, não permito que faças isso. Sentiria ainda mais ciúmes! - gritou apressadamente Lady Clementine. - Como isto é terrível! Que horrível situação para ti. e para mim! - Interrompeu-se de súbito e depois soltou uma exclamação: - Rupert, já sei! Olha acolá, a rapariga do vestido cor-de-rosa aos folhos e da estola branca.

- Onde? De que estás a falar?

- Aquela rapariga, estás a vê-la? Ali, meu querido, está a tua noiva!

- Quem é ela?

- Lady Elizabeth Graye, a filha dos teus anfitriões - anunciou Lady Clementine. - Conheço-a desde pequenina. É bastante bonita, num estilo insípido, e diria que é muito dócil. Que mais poderia ser, tendo Lord Cardon como pai?

- Mas... — Mas Sir Rupert hesitou.

- Não há que hesitar - disse Lady Clementine. — Os Cardons ficarão encantados. Sei de boa fonte que estão em muito má situação financeira. Tiveram até de vender uma das parcelas da propriedade no ano passado; portanto, Lord Cardon deve andar à procura de um genro abastado. E não há dúvida de que tu és rico, Rupert.

- Sim, sou rico - ecoou Sir Rupert. - Mas porque pensaste precisamente nesta rapariga?

- Porque, meu caro, ela reúne tudo que precisas - disse Lady Clementine. - É estúpida e plácida, bem educada e de impecável respeitabilidade. Ou me engano muito ou ela aceitar-te-á com alacridade e dará uma esposa complacente e

confiante.

Mantiveram-se em silêncio por um momento e então Sir Rupert observou:

- Podia ser pior!

- Muito, muito pior! - concordou Lady Clementine. - Mas enquanto falava contigo, vi Elizabeth além e compreendi que é talvez a única rapariga de quem eu não sentiria enormes e desesperados ciúmes.

- Crês realmente que precisarás ter ciúmes da minha mulher, quem quer que venha a ser? - indagou Sir Rupert.

- Certamente - respondeu Lady Clementine sem hesitar. - Terei ciúmes de qualquer outra mulher que toques, de qualquer mulher que receba o teu nome. De fato, de qualquer mulher em quem ponhas os olhos por ser mulher! E a tua reputação diz-me que há motivo justo para os meus ciúmes.

- Não é leal que me acuses do que fiz no passado, antes de te conhecer - disse Sir Rupert.

- Meu caro, não me preocupo com o teu passado, garanto-te - asseverou Lady Clementine, rindo-se. — É o teu futuro que me perturba e com razão. Rupert, és uma pessoa fascinante.

- Apraz-me que assim penses.

- Respondes-me com absoluta verdade a uma questão? - Perguntou Lady Clementine e a voz tornara-se grave e inesperadamente séria.

- Claro que sim!

- Então diz-me, Rupert, amas-me realmente?

- Meu Deus, que pergunta! Não passamos já grande parte destes últimos meses juntos e não experimentamos, creio eu, momentos de extraordinária felicidade?

- Ainda não respondeste à minha pergunta. Talvez seja desnecessário! No entanto, tenho a incômoda sensação de que realmente não me amas como eu te amo.

- Essa frase é-me familiar - Sir Rupert sorriu.

- Não admira - disse Lady Clementine, falando rapidamente e com a premência da emoção sufocada. — Muitas mulheres já te disseram o mesmo porque, Rupert, tu de fato não me amas nem amas ninguém. Oh, sim, sentes atração por mim, eu sei. Faço sentires-te apaixonado, possessivo e, às vezes, até ciumento; mas de algum modo, sempre que estamos juntos, sei que o que sentes por mim não é amor. Tentei fazer que me amasses, tentei tanto, Rupert, porque te amo e porque quero conservar-te.

A sua voz enfraqueceu nas últimas palavras.

- Clementine, minha querida, estás a apoquentar-te. Aliás, como podes dizer tais disparates? Sabes que te amo.

Lady Clementine respirou fundo e, chegando-se mais a Sir Rupert, pôs a mão sobre a dele. Por instantes, os seus dedos ficaram macios e maleáveis, mas, de súbito, enterrou-os ferozmente na carne dele.

- És meu - disse ela. - Desafio qualquer mulher a afastar-me de ti.

Sir Rupert levou os dedos dela aos lábios.

- Não imaginava que tivesse prendido os teus sentimentos com tanto sucesso, Clementine; julgava que era apenas mais um tolo a depor o coração aos teus pés, pequenos mas indiferentes.

- Nunca pensaste nada disso - replicou Lady Clementine. - Estou a fazer uma cena, Rupert, e sei que isso não te agrada, mas, de algum modo, esta tarde não posso ser hábil contigo. Desta vez, estou a dizer-te a verdade.

- E eu respondo que estás a dizer disparates. Além disso, vou provar-te. Vens ter comigo esta noite ao lugar do costume?

- Na pérgula? - indagou Lady Clementine, subitamente sem respirar. - Achas que nos atrevemos? Talvez a minha sogra nos tenha espiado lá, talvez tenha utilizado um dos jardineiros para vigiar.

- Disparate, ninguém nos poderia ter visto - contrapôs Sir Rupert. - As suspeitas acerca da tua sogra não têm fundamento. Diz que pretendes deitar-te cedo e saís de casa pela porta do jardim. Põe qualquer coisa escura por cima do vestido. Ninguém te verá se te mantiveres fora das vistas da casa e eu estarei à tua espera, como de costume.

- Rupert, eu quero ir, bem sabes. Mas receio por ti, por ambos. Se Montagu descobrisse, o escândalo acarretaria a tua ruína, tu sabe-lo.

- Sim, sei, - anuiu Sir Rupert - mas não haverá escândalo. Virás?

- Sim, irei - disse Lady Clementine sofregamente.

- Talvez seja a última vez! Se te vais casar, talvez nunca mais te torne a ver.

- Clementine, como podes dizer tal disparate? Sabes perfeitamente que o meu casamento nada mudará entre nós. Tu própria disseste que a rapariga será uma esposa complacente e confiante.

- Sim, penso que Elizabeth sê-lo-á - confirmou Lady Clementine. - Tencionas então pedi-la em casamento?

- Claro que sim - replicou Sir Rupert. - Não obedeco sempre às tuas ordens?

- Com a mesma fidelidade com que obedeces às de Sua Majestade - redargüiu Lady Clementine, trocista.

- Agora vou dar uma palavra à minha futura esposa - disse Sir Rupert. - Já aqui estivemos muito tempo, Clementine. Podem ter notado a nossa ausência.

- Vou sair e ver o croquet. Mas, oh Rupert, virás esta noite?

- És capaz de acreditar um instante sequer que não vou contar as horas?

- Gostava de saber se realmente fazes isso - disse ela com voz rouca. - Por mim, conto-as; todavia, muitas vezes penso que, pela tua parte, as coisas se passam de maneira diferente.

- Subestimas os teus próprios atrativos, minha cara - replicou Sir Rupert - e agora, como disse, já aqui estivemos tempo suficiente.

- Sim, claro. Au revoir, até logo à noite, meu perverso, fascinante e adorável amante.

Olhou-a nos olhos e viu neles a chama do desejo descaradamente ateadada. O rosto dela alterou-se. A máscara de beleza convencional desvaneceu-se e, em seu lugar, apareceu um desejo primitivo, uma expressão voraz, exigente, rapace e quase feia na sua avidez infrene.

Sir Rupert suspendeu a respiração e Lady Clementine compreendeu em triunfo que o excitara.

- Não me faças esperar demasiado esta noite - ordenou ele e levantou-se.

Nerina ouviu-os pisar o soalho e descer os degraus para o relvado. Ali, nem sequer olharam um para o outro e separaram-se. Lady Clementine caminhou com lentidão e graça pela relva em direção ao grupo de pessoas que continuava a assistir à partida de croquet, enquanto Sir Rupert avançava indiferente, no sentido oposto, em direção ao toldo.

Nerina viu-os seguir e depois, quando já nada podiam ouvir, mudou de posição com um movimento violento, como se a própria aspereza com que se voltara aliviasse de algum modo os seus sentimentos. Sentia câibras e as pernas picavam como agulhas, mas mal notava a dor latejante devido à fúria. Duas rosetas brilhantes ardiam-lhe nas faces e os olhos faiscavam.

De todas as coisas desagradáveis e repugnantes que imaginara até então, aquela era a pior! Então aquele era Sir Rupert Wroth, pensou ela. Tinha ouvido muitas vezes o tio e a tia falarem dele - o rico proprietário do Castelo de Wroth.

Não era de admirar que, quando se mencionava o seu nome, as pessoas mais velhas murmurassem e abanassem as cabeças e houvesse uma evidente atmosfera de desaprovação que se sentia na própria maneira como pronunciavam o seu nome.

- O animal! O grosseirão! - explodiu Nerina em voz alta. - Pensar que pretendia casar com Elizabeth, a doce e gentil Elizabeth, que, tal como Lady Clementine inteligentemente adivinhou, daria uma esposa complacente e confiante. Mas não há de casar com ele, se eu conseguir evitá-lo.

Nerina sentiu como se a própria violência dos seus sentimentos a não deixasse ficar confinada no pequeno sótão e esgueirou-se pela porta escondida, descendo para o soalho.

Com a fúria que a invadira, esqueceu-se das suas próprias desventuras e, ao atingir uma abertura nas sebes de rododendros, avançou ousadamente por aí e correu pelo relvado à procura de Elisabeth. A prima, porém, parecia ter desaparecido, antes de ter tempo para olhar em volta. Nerina ouviu uma voz, na qual pasmo, desaprovação e ira se mesclavam, inquirindo:

- Nerina! Que fazes aqui?

Voltou-se para encarar a tia, que a fitava com surpresa, de lornette diante dos olhos.

Nerina fez uma vênia.

- Acabo de chegar, tia Anne.

- Chegar de onde? - indagou Lady Cardon e, antes de Nerina poder replicar, acrescentou: - Não é preciso dizeres. Não sei o que teu tio dirá a isto; mas até eu lhe dar a notícia, vais para o teu quarto imediatamente e ficas lá. Imediatamente, compreendes?

- Mas tia Anne... - começou Nerina.

- Já te disse, Nerina. Ficas no teu quarto até eu te mandar chamar. Faz o que te digo, por favor.

Nerina sabia reconhecer as alturas em que estava vencida. Fez uma vênia e, sem uma palavra, dirigiu-se para a mansão. Vários convidados olharam-na com curiosidade quando passou por eles apressadamente, de cara pálida e queixo levantado. Chegada ao vestíbulo, correu escada acima até ao santuário do seu quarto, batendo com a porta atrás de si.

Parou no centro do quarto, tremendo de raiva e de indignação, dominada por um sentimento de injustiça que, curiosamente para o momento, pareceu revigorá-la em lugar de deprimi-la. Era sempre assim, pensou ela. Acontecesse o que acontecesse, não tinha razão mesmo antes de poder falar, de poder explicar-se. Nunca lhe permitiam ter um ponto de vista, nunca lhe admitiam sequer o direito a uma opinião.

- Não é justo! - exclamou em voz alta e começou a andar lentamente de um lado para o outro do quarto, como se os seus sentimentos a não deixassem ficar imóvel e tivessem de se exprimir pela ação, por qualquer ação, desde que definida.

- Não é justo! - repetiu e compreendeu como a expressão era inadequada. Já alguém fora justo para com ela? Algo fora justo desde a sua entrada em Rowanfield Manor? O indesejado parente pobre! A órfã que vivia da caridade alheia! A única pessoa da casa a quem não se reconhecia alma própria!

Recordou a sua vida com o pai e a mãe. Havia sido desgraçadamente pobres, mas a casa exígua em que viviam fora um lugar de risos e felicidade. Felicidade! Nunca mais soubera o que essa palavra significava desde que viera viver com os

tios. Por vezes, receava esquecer-se, esquecer-se do que significava viver sem contendas, sem medo e sem o doloroso desgosto de saber-se detestada.

Nunca, nunca chamaria lar a Rowanfield Manor! O lar era um lugar de paz e alegria, um refúgio do mundo. Lar e felicidade, as duas palavras estavam indissociavelmente ligadas no espírito de Nerina e, no entanto, mesmo no lar, recordava momentos em que vira lágrimas nos olhos da mãe que, tensa e ansiosa, aguardava a chegada do pai, quando este não aparecia à hora esperada.

Lembrava-se de ter atirado os braços ao pescoço da mãe numa dessas ocasiões e de ter chorado intensamente:

- Por favor, não esteja tão triste, Mamã. Quero que se sinta feliz, quero que se ria. O papá é mau, porque a faz chorar.

- Não estou a chorar, minha querida - respondeu-lhe a mãe. - Estou apenas preocupada. O teu pai pode ter tido um acidente, pois está atrasado, muito mais do que é habitual.

Mas Nerina tinha a certeza de que não se tratava de um acidente. Uma hora ou duas depois, a porta da frente seria escancarada e o pai estaria de volta. A sua voz clamaria pelo nome da mãe e talvez pelo dela e ambas correriam de roldão para os braços envolventes. Viria afogueado, a cheirar a fumo de charuto e aguardente, e beijá-las-ia afetuosamente. Despentearia o cabelo de Nerina e perguntaria porque estavam tão solenes, como se houvesse um funeral em casa.

- A Mamã estava preocupada consigo - diria Nerina acusadoramente.

- Cheguei atrasado? - perguntaria o pai com inocência; depois, voltando-se para a esposa, apresentaria uma justificação. - Desculpa, querida, mas não pude vir mais cedo. Os rapazes sugeriram um jogo de cartas e sabes como é difícil escapar-lhes.

- Não estava verdadeiramente preocupada - explicaria ela e Nerina olharia para ela um pouco desdenhosamente, perguntando a si própria por que razão a mãe não dizia a verdade.

Aprendera então que os homens eram assim, até os melhores, até os mais bondosos - egoístas, irrefletidos, fazendo sofrer aqueles que os amam. Tinha apenas sete anos quando decidiu que, embora amasse o pai, amava a mãe muito mais.

O Papá era engraçado e excitante e não havia ninguém como ele para brincar, para fazer da coisa mais banal uma aventura, mas não era de confiança. Era capaz de prometer uma coisa e esquecer-se dela por completo. Quando jogava às cartas, esquecia-se de tudo, especialmente das horas além disso, como Nerina soube mais tarde, ele não se podia permitir jogar cartas. Tinham muito pouco dinheiro e, quando perdia, o que era freqüente, passavam fome e mais um dos seus parques

haveres desaparecia de um dia para o outro.

Todavia, os homens eram assim! Nerina lembrou-se dessa lição quando veio para Rowanfield Manor. Era difícil acreditar que o tio Herbert fosse irmão de seu pai. Eram tão diferentes; contudo, nas vezes em que o egoísmo e a aspereza do tio mais transpareciam, vinham-lhe à memória o rosto pálido e os olhos rasos de água da mãe, quando ficavam horas a fio à espera de um homem que estava a jogar cartas.

O incidente final, que fizera de Nerina uma órfã, fora inteiramente culpa do pai. Ele fora avisado de que se aproximava uma tempestade e homens com muito mais experiência que ele tinham-no aconselhado a não sair com o iate; mas ele apostara vinte soberanos em que era capaz de navegar duas milhas ao longo da costa, recolher uma caixa de vinho e estar de regresso ao porto antes do sol-posto.

Quando falou da aposta à mãe de Nerina, ela soltou um pequeno grito de horror.

- Como podemos dar-nos ao luxo de perder tal quantia? - exprobrou ela.

- Mas nós não vamos perdê-la; vamos ganhá-la e tu vens comigo como tripulante. Conheces o barco melhor que ninguém. E quando ganharmos os vinte soberanos, terás aquele medalhão de ouro que vimos na joalheria a semana passada.

- É uma loucura! - exclamou a mãe de Nerina.

- Gosto de fazer loucuras - foi a resposta e Nerina sentiu os braços do pai a envolvê-la, quando a ergueu à altura dos ombros e a beijou na face. - Adeus, boneca, estaremos de volta dentro de duas horas.

Agarrou na capa de oleado e desceu a correr a vereda do jardim. Foi a última vez que viu o pai e a mãe vivos. Ainda agora não era capaz de suportar a lembrança das horas que tinha esperado, do cortejo de homens de passadas pesadas que tinham vindo a casa, já noite fechada, e lhe contaram o que acontecera.

O funeral realizara-se para o pequeno cemitério votado ao abandono. Estava demasiado entorpecida para chorar, demasiado atordoada para compreender totalmente o sucedido. Só a figura corpulenta, quase esmagadora, do tio parecia real. Nunca o vira, mas sabia que se tratava do Conde de Cardon, de quem o pai falava com jovial indiferença e cujo nome sempre fazia a mãe ganhar uma expressão de ira e ressentimento. Após o funeral, o tio tivera uma conversa com ela.

- O teu pai foi um perfeito tolo - disse. - Casou sem o consentimento da família e teve de sofrer as conseqüências. Se viveu pobre e infeliz, a culpa só terá sido dele próprio.

- Nós éramos pobres, - contrapôs Nerina com um ar de desafio - mas não éramos infelizes. Éramos muito felizes, os três.

- Nesta casa!

O tom de Lord Cardon era mordaz, ao relancear os olhos em volta da minúscula sala de estar da casa. Pela primeira vez, Nerina teve consciência da pobreza da habitação; pela primeira vez, reparou no tapete puído, no papel a despegar-se da parede, nas molas quebradas do canapé, no tecido manchado e desbotado das cadeiras de braços.

Manteve-se silenciosa, mas detestou o tio desde esse momento. Foi como se ele deliberadamente desnudasse o lar e o exibisse, para troça e escárnio. Fora, soube-o mais tarde, exatamente essa a intenção dele. Quando regressaram a Rowanfield juntos, fê-la sentir-se não só órfã, mas absolutamente destituída de recursos.

- A tua tia e eu dar-te-emos um lar - disse com afetação - até teres idade suficiente para ganhares o teu próprio sustento; mas não podes esquecer que é da nossa caridade que vives. Tens de aprender a ser grata. Não gosto desse ar com que me respondes quando te falo. É desrespeitoso. Tens de aprender a ser humilde, rapariga. Tens de aprender a seres grata por todas as mercês que te sejam concedidas, já que tu não tens direito a nada.

Desde o início, ele tentara quebrar-lhe o moral, sem o ter conseguido. Uma e outra vez, quando o desafiara e fora espancada até, contundida e desfalecida, não haver mais nada a fazer senão pedir perdão nos termos por ele ditados, no seu íntimo ela continuara a desafiá-lo.

Não capitulou uma única vez inteiramente, perante a força bruta ou a subjugação mental. Se, por mera fragilidade física, teve de se render exteriormente, no íntimo, permaneceu inviolável, a rebelde que continuava a sonhar com a revolução, embora não ousasse expressá-lo em voz alta.

- Não será assim eternamente - confortava-se, enquanto o seu corpo dolorido e abrasado procurava encontrar alívio na cama estreita. - Um dia, ele há de pagar tudo, um dia serei suficientemente forte para o vencer.

Ao chegar perto dos dezoito anos, o tio informara-a de que tinha arranjado para ela o lugar de preceptora da filha de um velho amigo seu, o que a deixara satisfeita. Finalmente, aparecia a oportunidade de sair de Rowanfield Manor; e se bem que sentisse tristeza por deixar a sua prima Elizabeth, ficara entusiasmada e excitada com a idéia de ser livre e de fugir à perseguição quase ativa com que o tio agora exprimia os seus sentimentos para com ela.

Contudo, a sua alegria depressa se esfumou. Estava apenas havia uma semana no seu novo lugar quando o filho da casa a começou a perseguir. Era um grosseiro rapaz de vinte e dois anos, anormalmente estragado pela mãe, que o amava com

uma afeição possessiva e ciumenta. Acreditava que nada do que ele eventualmente dissesse podia ser mau e, quando finalmente o apanhou no ato flagrante de tentar beijar Nerina no canto da biblioteca, facilmente se convenceu de que a culpa era da jovem e não quis ouvir qualquer outra explicação.

Nerina recebeu ordem para fazer as malas e partir imediatamente. Regressara a Rowanfield Manor desanimada, mas desprevenida em relação à decepção que os tios lhe reservavam. Também eles a não quiseram ouvir.

- Tu encorajaste o rapaz, com certeza - comentou o tio com frieza gélida e ela pressentiu, mesmo sem olhar, que nos olhos dele havia aquela perigosa cintilação. Descobriu então, como já o sentia subconscientemente havia muito tempo, que ele tinha prazer em fazê-la sofrer, especialmente se eram sofrimentos de ordem física e relacionados com o sexo oposto. Foi assim que se pôde desforrar da maneira como ela o combatera muitos anos antes, dos longos arranhões que deixara na cara dele e do horror e asco na voz dela quando gritou:

- Você mete-me nojo, seu velho feio, gordo e horrível!

Compreendera então que ele nunca lhe perdoaria; e embora pessoalmente a tivesse deixado em paz, sabia que ficara à espera da desforra, certo de que o tempo a traria - o tempo e outro homem menos preocupado com a sua própria reputação do que ele.

Na vez seguinte em que se empregara, regressara pela mesma razão, mas então o perseguidor tinha sido o patrão. O tio interrogara-a durante horas e ela vira que aquele interrogatório lhe causava um prazer obscuro. Contudo, posto que ele a forçasse a responder às perguntas, fizera-o em tom de desafio, enlouquecendo-o ainda mais. Agora sabia perfeitamente o que a esperava nessa noite ou na seguinte.

- Que te disse ele? Que fizeste? Quando é que notaste pela primeira vez alguma coisa nos modos dele? Que sentiste tu quando ele te tocou?

O chorrilho de perguntas parecia não ter fim. Agora compreendia, sem sombra de dúvida, que o tio sabia o que estava a fazer quando a mandara para casa do Marquês de Droxburgh. Ouvira os criados falar, surpreendera conversas entre os convidados e soubera então que o tio conhecia bem, como todos os outros, a reputação do Marquês.

Tratava-se de um licenciado notório, casado com uma mulher semi-inválida e que não participava nos assuntos domésticos, que raramente saía dos seus aposentos e que, para todos os efeitos, não sentia qualquer interesse pelo marido, como ele por ela. A princípio, Nerina não adivinhara o que a esperava. A casa era encantadora, uma grandiosa mansão da época do rei Jorge, situada no meio de terrenos arborizados e ornamentada por uma cadeia de lagos prateados. Durante a primeira semana, julgara que seria feliz. A criança que tinha de instruir era uma

menina delicada e solitária de onze anos, cuja fragilidade apelava para tudo quanto de maternal Nerina possuía. Sentira-se feliz a planejar as lições que teriam juntas, a persuadir a criança a comer e a insistir para que saísse mais vezes para o ar livre e para o sol. Havia paz e quietude naquele lugar, sem ninguém a interferir, com os dias a sucederem-se uns aos outros em plácida rotina.

Entretanto, o Marquês voltou. Trouxe um grande grupo de amigos, gente desordeira, barulhenta, mundana que dormia até ao almoço e passava as noites a jogar. Toda a casa pareceu a Nerina voltada do avesso, os criados apressavam-se pelos corredores, sem tempo para pensarem em frivolidades como as refeições na sala de estudo que chegavam a desoras, mal cozinhadas e invariavelmente frias.

O som de música e de vozes mantinha Nerina e a sua pupila acordadas durante a noite e, de manhã, até os cães pareciam arrastar-se pela casa com medo de ladrar, para não acordarem os convidados exaustos.

Uma tarde, quando Nerina lia para a sua pupila na sala de estudo, o Marquês entrou. Levantou-se respeitosamente, fez a vênia e, na esperança de que não lhe prestasse grande atenção, preparou-se, logo após as primeiras saudações, para o deixar sozinho com a filha. Então, quando o olhar dele, poderoso e malévolo, adejou sobre ela e a boca se curvou num sorriso retorcido e sem humor por cima da língua dardejante, adivinhou o que aconteceria; soube-o pelo pulsar assustado do próprio coração, pela sensação de repugnância e horror que a fez dar um passo atrás, que a fez ansiar por correr desordenadamente para fora da sala.

Aquilo foi o princípio e, a partir desse momento, nunca mais teve sossego. Continuou até ela já não poder mais. A maçaneta da porta do seu quarto rodava silenciosamente à noite; Nerina sabia que ele podia estar à espera dela em qualquer parte, no escuro de uma sala, na curva escondida de uma escada, no jardim ou até no que ela julgava que deveria ser o santuário da sala de estudo. Foi quando a chave do seu quarto desapareceu que Nerina compreendeu que chegara a altura em que já não agüentaria mais. Por momentos, não acreditou que a chave tivesse desaparecido. Pensou que teria caído no chão, que teria sido tirada por alguma criada, mas procurara-a infrutiferamente e descobrira a verdade. O medo que sentiu nunca o sentira antes.

Passou essa noite fechada à chave no quarto da criança, sentada em sobressaltada vigília numa cadeira, diante da lareira moribunda, com o ouvido à escuta de passadas no lado de fora, de uma voz que lhe poderia ordenar que saísse. Partira antes da gente da casa acordar, deixando uma mensagem curta e incoerente à Marquesa e outra à criança. Inventara uma desculpa; com efeito, como poderia ela contar-lhes a verdade? Alguém adoecera e tinha de partir imediatamente. Lamentava não poder regressar e exprimia a esperança de que

encontrariam alguém que a substituísse. Que mais poderia dizer? Mas não era justo - pensou novamente, e olhou para a sua própria imagem no espelho.

O seu cabelo era uma mancha viva de cor contra as paredes brancas do quarto e, de certo modo, parecia que era isso a raiz de todas as suas preocupações. Seria o cabelo que provocava aquela estranha expressão nos olhos dos homens quando a viam e que parecia torná-los diferentes mal ela aparecia? Conhecia tão bem aquela expressão: os olhos deles arregalavam-se como que surpreendidos e depois estreitavam-se como se quisessem esconder um fogo súbito que ardia, rubro e perigoso, nos recônditos secretos do seu íntimo.

Acercavam-se e, quase instintivamente, ela afastava-se, sabendo que ansiavam por tocar-lhe, sabendo que tinha despertado o desejo deles involuntária e inadvertidamente, posto que irremediavelmente.

- É injusto! - suspirou outra vez. Precisamente nesse instante, a porta abriu-se; voltou-se para ver a prima, que corria para ela.

- Nerina! - exclamou Elizabeth. - Ouvi a Mamã dizer que estavas cá e não acreditei. Senti que não podia ser verdade. Mas escapei para me certificar. Oh, Nerina, estou tão contente por te ver!

- E eu por te ver a ti - retorquiu Nerina enquanto se libertava do abraço da prima. - Como estás bonita! Estive a admirar o teu vestido do outro lado do relvado.

- Estiveste lá em baixo? Não te vi.

- Estive a ver-te do pavilhão - precisou Nerina.

- Do pavilhão? - riu-se Elizabeth. - Mas, Nerina, isso é mesmo próprio de ti, ir logo para o nosso esconderijo!

- Ainda bem que para lá fui - replicou Nerina. — Elizabeth, tenho uma coisa para te contar.

- E eu tenho uma coisa para te contar a ti - interrompeu Elizabeth. - A Mamã vai ficar furiosa comigo por abandonar os convidados, mas mal podia esperar para te contar. Nerina, estou apaixonada!

- Apaixonada? - repetiu Nerina, sobressaltada.

- Elizabeth! Não é por Sir Rupert Wroth?

- Sir Rupert Wroth? - repetiu Elizabeth sem perceber. - Não, claro que não! Quem é ele? Oh, já me lembro; mas claro que não é ele. Como pudeste pensar uma coisa dessas? Não, por Adrian. Adrian Butler.

Nerina sentiu uma onda de alívio inundá-la.

- Graças a Deus! Quem é? Já estás noiva? — Elizabeth abanou a cabeça.

- Não, ainda não. Imagina o que o Papá não dirá de tal sugestão, pois ele é um simples militar. Mas que importa? Gosto dele e não me importo que não seja rico.

Amo-o de todo o meu coração e alma e ele ama-me.

Elizabeth tirou o chapéu enquanto falava e sentou-se à janela. Os seus caracóis louros ficaram perfilados contra a janela e, ao levantar os olhos para Nerina, havia uma expressão de suave determinação no seu rosto que a fazia mais bela do que nunca. Impulsivamente, Nerina atravessou o quarto para se ajoelhar a seu lado.

- Conta-me tudo, Elizabeth. Tenho medo por ti.

- Eu não tenho medo - disse Elizabeth. — Gosto de Adrian e nem a mamã nem o Papá poderão mudar as minhas ideias.

- Eles sabem? - perguntou Nerina.

Elizabeth negou com a cabeça.

- O Papá adivinhou que eu começava a gostar dele e, há duas semanas, proibiu-o de vir cá a casa. Quem é este mono? perguntou ele. Nunca ouvi falar dele nem da família. Não quero que o voltem a convidar. Claro que a Mamã concordou. Riscou-o da lista das visitas. Mas era demasiado tarde. Adrian já me tinha confessado que gostava de mim. Encontramo-nos na tarde seguinte na mata, ao fim do caminho da entrada. Pediu-me para casar com ele e eu prometi-lhe que sim.

- Mas, Elizabeth, o teu pai... - começou Nerina, angustiada.

- Adrian vai falar com o Papá no fim desta semana, após a sua promoção. Será capitão, nessa altura. Imagina só, Nerina, um capitão, e tem apenas vinte e quatro anos. Isto mostra o seu valor. Apreciam-no muito no regimento, os Dragões da Rainha, e ele fica tão belo e elegante com o uniforme.

- Mas, Elizabeth, como poderás... - Nerina principiou, mas foi interrompida por uma batida na porta.

- Entre - disse Elizabeth.

A porta foi aberta por Bessie, a criada que servia as duas primas desde a idade em que já não precisavam da ama.

Era uma mulher de meia idade, atarracada, que, a julgar pelas feições, teria sido feia. Contudo, o seu rosto deixava transparecer uma expressão tão bondosa e bem humorada que qualquer pessoa que a visse pela primeira vez se sentia instintivamente atraída pelo seu temperamento generoso.

Era uma palradora inveterada, embora raramente dissesse alguma coisa maldosa ou ofensiva. Era a receptadora de inúmeras confidências, mas nunca revelava nada que lhe fosse dito em segredo. Como muitas mulheres que nunca despertaram desejos, adorava romances alheios e vivia, pelos outros, as aventuras amorosas, quase acreditando por vezes, que ela própria era amada, possuída e até abandonada.

Bessie nutria por Elizabeth e Nerina uma afeição mais cara que a que sentia pela sua própria família. Nerina pensara muitas vezes que Bessie, num caso extremo,

seria capaz de se deixar esquartejar ou de se esvair em sangue para as servir.

Ao ver Nerina, todo o seu semblante se iluminou.

- Miss Nerina! - exclamou atônita. - Quase me fez cair para o lado. Era a última pessoa que esperaria ver aqui hoje!

- Como estás, Bessie? - perguntou Nerina. — Voltei a aparecer, como uma moeda falsa. Não é o que costumava dizer?

- É sim, Miss, mas eu não era capaz de lhe chamar moeda falsa; não era, não. Ainda no outro dia disse à cozinheira: Miss Nerina tem um coração de ouro.

- Obrigada, Bessie - respondeu Nerina. - Deve ser a única coisa de valor que possuo.

Bessie riu-se; porém, quase comicamente, o riso parou de repente e a expressão do seu rosto mudou para outra, de consternação, quando se voltou para Elizabeth.

- Esquecia-me do motivo por que estou aqui. Sua Senhoria deve descer imediatamente. Milady está muito zangada consigo, segundo ouvi, por ter desaparecido antes dos convidados se irem embora. Vai levar uma reprimenda e acho melhor apressar-se.

Elizabeth pôs-se de pé, com o rosto pálido.

- O meu pai também está zangado, Bessie?

- Foi o James que me deu o recado e não me disse nada. Só contou que a Senhora andava à sua procura e que parecia zangada por não a encontrar em lado nenhum. Talvez o Senhor ainda não saiba de nada; mas apresse-se, por amor de Deus.

Elizabeth enfiou o chapéu sem olhar para o espelho.

- Adeus, Nerina, vemo-nos logo. Oh, espero que o Papá não esteja zangado. Não quero irritá-lo agora.

Saiu do quarto a correr e Bessie e Nerina olharam uma para a outra.

- Ela já lhe contou, Miss Nerina? - perguntou Bessie por fim.

- A respeito do jovem pretendente? - inquiriu Nerina. - Então, tu também sabes, Bessie?

- Claro que sei - replicou Bessie com a familiaridade de um servidor estimado e de confiança. - Não espero por eles todas as tardes, a vigiar, por assim dizer, para que ninguém apareça para os espiar? Quase endoideço de medo, devo dizer-lhe, Menina. Sempre que o vento sopra nas árvores ou um coelho corre no bosque, julgo tratar-se do Senhor, que vem atrás de nós.

- Acredito perfeitamente - disse Nerina. - Mas, Bessie, de que serve? Sua Senhoria nunca há de consentir que eles se casem.

- Talvez consinta quando vir a determinação deles - redargüiu confiadamente Bessie. - Afinal, não há nada contra o jovem, exceto não ter muito dinheiro. É de boas famílias, disso tenho a certeza. A irmã da cozinheira está a servir em casa de

um primo dele que é muito respeitado no Yorkshire.

Nerina não disse nada, mas franziu a testa. Pensava que, na opinião de Lord Cardon, uma família muito respeitada do Yorkshire não era rival importante para Sir Rupert Wroth, o rico proprietário de vastas terras.

Tinha de prevenir Elizabeth sobre a proposta de casamento que iria receber. Só esperava que não fosse demasiado tarde, que Lady Cardon não a tivesse mandado descer precisamente naquela ocasião para lhe falar das intenções de Sir Rupert. Depois, pensou que isso não era possível. Sir Rupert não teria ainda tido tempo para falar a Lord Cardon em assunto tão íntimo. Sem dúvida, viria no dia seguinte e, sendo assim, havia muito tempo para avisar Elizabeth e para a preparar para o que teria de dizer.

- Tem um ar preocupado, Miss - observou Bessie, intrometendo-se nos seus pensamentos. - Que é que a apoquentas? É porque teve de voltar para casa outra vez?

- Isso não é motivo suficiente para me preocupar? - inquiriu Nerina.

Bessie assentiu com a cabeça.

- Já sabia que isso havia de acontecer, Menina. Eu não quis indispor-te antes da partida, mas quando soube que a Menina ia para aquela casa, adormecia a chorar todas as noites a pensar em si.

- Bessie! - exclamou Nerina. - Tu sabias então? Porque não me preveniste?

- Que podia eu dizer? - perguntou Bessie. - O Senhor tinha organizado as coisas. Que diferença faria se a Menina dissesse que não desejava ir para lá?

- É verdade - concordou Nerina. - Mas que sabes tu acerca de Lord Droxburgh?

- Sei o bastante - replicou Bessie - para ter a certeza de que preferia ver a uma filha minha morta no caixão do que deixá-la ir para uma casa daquelas. Temos aqui um lacaio que já esteve ao serviço do Marquês, em Londres e no campo. As histórias que nos contou punham-nos os cabelos em pé. Naquela altura, rimo-nos e pensávamos que ele exagerava; todavia, quando soube que a Menina ia para lá, senti que todas as histórias que ele nos contou se tornavam realidade, em letras de fogo. Oh, Miss Nerina, voltou sã e salva?

- Sim, sã e salva - disse Nerina com voz cansada.

- Louvado seja Deus! - exclamou Bessie.

- Não quero pensar mais nisso - disse Nerina subitamente. - Mas, Bessie, odeio os homens. São maus, velhacos, cruéis e perversos!

- Alguns não são assim - disse Bessie mansamente.

- Não acredito! - exclamou Nerina com paixão

- Odeio-os a todos, um por um!

CAPÍTULO III

- Que hei de fazer, Nerina? - perguntou Elizabeth, pela milésima vez. - Que hei de fazer?

Sabia que não podia haver réplica à pergunta; no entanto, repetia-a uma e outra vez, como se, por milagre, Nerina pudesse encontrar a resposta. Tinham falado durante toda a noite, Elizabeth a chorar amargamente, no princípio, mais tarde deitada, pálida e sem lágrimas, os olhos fixos na escuridão, a voz a morrer gradualmente para cair no silêncio, até que a única coisa que conseguia murmurar a intervalos intermitentes era: Que hei de fazer? Que hei de fazer?

Nerina pensava que, de fato, Elizabeth não podia fazer nada. Nenhuma das duas podia fazer nada; contudo, recusava-se a acreditar no que parecia inevitável. Ao ver a desgraça de Elizabeth, ao ouvir os seus soluços amargos, Nerina censurou-se por não haver sido suficientemente rápida, ao menos para mitigar um pouco o choque; porém, não tivera tempo de prevenir a prima do que a esperava e, só depois de Elizabeth ter descido e de o tempo se arrastar, pôde adivinhar o que se estaria a passar.

Ignorando o que estava para acontecer, Elizabeth, com receio da ira da mãe, correria para a sala de estar, onde encontrara Lady Cardon só.

- Oh, és tu Elizabeth - disse com voz cortante. — Porque desapareceste com tão extraordinária má educação antes de os nossos convidados terem partido?

- Lamento sinceramente, Mamã, - disse Elizabeth com humildade - mas o laço da minha saia desapertou-se e fui lá acima apertá-lo.

- Devias ter mais cuidado - disse Lady Cardon. Contudo, para surpresa de Elizabeth, a admoestação foi dada num tom ausente, o que a fez compreender que a mente da mãe estava noutro lado.

Elizabeth ganhou mais ânimo. Pensara, enquanto descia, que seria severamente admoestada por ter ido procurar a prima. Meiga e sensível, tinha horror, com todas as fibras do corpo, às discussões e às cenas que constituíam uma parte demasiado vulgar da sua vida no lar. Os acessos de mau gênio do pai aterrorizavam-na, do mesmo modo que a entristeciam as iras da mãe. Lady Cardon não se enraivecera nem se tornava fisicamente violenta, como o marido; contudo, quando ocorria qualquer coisa que a incomodava, ralhava com quezilhenta persistência que, de certo modo, penetrava na epiderme e, mais cedo ou mais tarde, reduzia o prevaricador a lágrimas e a um estado de humilhante subserviência.

Era uma mulher forte, de boa ossatura, que fora elegante na sua juventude;

tornava-se difícil compreender como pudera dar à luz uma criança tão frágil e delicada como Elizabeth. Na verdade, fora do lado paterno que Elizabeth a herdara, pois Cardon tinha sido um jovem extremamente belo até que a vida luxuosa, o excesso de vinho do Porto e o temperamento azedo causaram danos irreparáveis à sua aparência.

Uma das coisas que mais contribuía para o seu descontentamento era o fato de não ter um herdeiro. Lady Cardon, na verdade, presenteara-o em diversos momentos da vida conjugal com seis filhos, mas três morreram antes dos sete anos e dois à nascença. Elizabeth sobrevivera só por milagre, mas não era um filho e nem o pai nem a mãe lhe perdoaram o acidente do sexo.

Agora, quando os olhos pequenos e salientes de Lady Cardon pousaram na filha, não havia neles qualquer sombra de afeto.

- Tens o chapéu mal posto - observou em tom cortante, após um momento. - O teu broche está desapertado.

- Desculpe, Mamã - disse Elizabeth e com os dedos apressados e trêmulos tentou compor as duas coisas ao mesmo tempo.

Lady Cardon esperou até ela acabar e depois disse:

- O teu pai deseja ver-te, na biblioteca. Vai ter com ele imediatamente.

Os olhos de Elizabeth exprimiram o seu pasmo e os lábios entreabriram-se como se fossem fazer uma pergunta. Compreendendo, porém, que era pouco provável que recebesse resposta adequada, nada disse; fez uma vênia com modéstia e dirigiu-se para a porta. Lady Cardon viu-a afastar-se; depois, sem mudar de expressão, voltou-se para a janela, através da qual podia ver os criados a limpar os relvados e a trazer do toldo bandejas de copos sujos.

Os dedos de Elizabeth tremiam ao dar a volta à maçaneta da porta da biblioteca. Para sua surpresa, quando entrou quase sem ruído na grande sala, ouviu vozes e reparou que o pai não estava sozinho. Não era para lhe ralhar então, pensou, e o calor do alívio invadiu-lhe o corpo como a luz do sol. Tanto ela como Nerina, eram incapazes de entrar na biblioteca sem aquela súbita paragem do coração, aquela secura dos lábios, aquela repentina dificuldade de respiração que o medo suscita.

Tinham sido chamadas à biblioteca demasiadas vezes por uma razão e apenas por uma única razão; e durante toda a sua vida, Elizabeth acreditara que o inferno era uma grande sala decorada com livros e mobiliada com sofás e cadeiras de couro. Entrou na sala tão silenciosa mente que o pai, de pé sobre o tapete grosso da lareira, só se apercebeu após breves instantes. A expressão do seu rosto era jovial e de bom humor ao dirigir-lhe a palavra.

- Ah, és tu Elizabeth. Vem cá, minha querida.

Assombrada, Elizabeth obedeceu; entretanto, viu um homem levantar-se

vagarosamente de uma cadeira de braços e verificou tratar-se de Sir Rupert Wroth. Já nessa mesma tarde, ele a interpelara, invocando o conhecimento que tinha dela, e, por momentos, perguntara a si própria quem era aquele homem, até que alguém próximo se lhe dirigira pelo nome. Lembrou-se então de que lhe fora apresentada dois anos antes, num baile realizado durante uma caçada.

Tinha sido a sua primeira aparição em público e sentia-se intimidada e assustada. Ninguém a convidara a descer para a ceia; finalmente, um dos amigos do pai - apiedara-se dela e acompanhara-a até à sala da ceia. Como era um velho cavalheiro de distinção, Elizabeth achou-se sentada à mesa mais importante, na companhia das viúvas abastadas e dos dignitários do Condado.

- Conhece toda a gente? - inquirira o companheiro, de mau humor, e, então, como ela olhara de relance, um pouco embaraçada, para o homem à sua esquerda, ele disse: - Conhece Wroth, não é verdade? Rupert, esta é a filha de Herbert Cardon.

Sir Rupert estivera envolvido em diálogo com uma mulher muito bela e sofisticada, a quem obviamente tinha acompanhado até à ceia. Na apresentação, voltou a cabeça por um instante, deixou os olhos adejar sobre Elizabeth de um modo que lhe pareceu de menosprezo e desdém e depois inclinou-se tão ligeiramente que mais pareceu um insulto do que uma cortesia.

O sorriso morreu nos seus lábios e ela sentiu-se repelida. Talvez fosse absurdamente sensível, talvez o incidente fosse empolado pela sua inexperiência; de qualquer modo, porém, desde esse dia, nunca mais ouvira o nome de Sir Rupert sem detestar a recordação que guardava dele.

Agora, com a mão do pai sobre o ombro, saudou-o e perguntou-se por que motivo ele lhe sorria.

- Elizabeth, tenho uma coisa para te dizer, — anunciou o pai em tom de estentor - uma coisa que, creio, te dará tanta satisfação como a mim. Sir Rupert Wroth, por quem tenho grande respeito e por quem espero de futuro ter profunda afeição, procurou-me hoje paratratar de uma questão delicada e muito íntima.

Lord Cardon pigarreou e, como nem Sir Rupert nem Elizabeth se manifestaram, prosseguiu:

- Ele pediu, querida filha, o meu consentimento para o vosso noivado.

Por um momento, Elizabeth foi incapaz de entender o que o pai dissera, o significado parecia não ter penetrado no seu espírito. Apenas pôde olhar fixamente para ele, sabendo que se tratava de algo importante, mas encontrando dificuldade em abarcar a situação. Depois, à medida que, gradualmente, o significado penetrava na sua pobre e atemorizada consciência, pareceu-lhe que a cara vermelha do pai flutuava estonteantemente em frente dela e os olhos negros de Sir

Rupert perfuravam os seus.

- Não - tentou dizer. - Não! Não! Não posso casar consigo!

Contudo, por alguma razão as palavras não conseguiam forçar a passagem entre os lábios. Pareciam presas na garganta e, antes de ela poder dizer qualquer coisa, antes de poder protestar, Lord Cardon disse:

- É uma surpresa para ti, compreendo, mas eu sei que te deves sentir feliz e honrada por seres a esposa de um político tão eminente. Informei Sir Rupert que a tua mãe e eu estamos prontos a dar-vos a nossa bênção e que o anúncio do noivado será inserido na Circular da Corte quando Sir Rupert entender.

Por fim, Elizabeth conseguiu balbuciar algumas palavras.

- Mas, Papá, eu... não posso. - começou e, então, sentiu a mão do pai pesar-lhe no ombro.

- Deves sentir-te triste, claro, com a idéia de nos deixares, à tua mãe e a mim - disse o pai. - Isso é compreensível e Sir Rupert, estou certo, será tolerante com tais receios e hesitações de donzela - voltou-se para Sir Rupert, mas a mão continuou dura no ombro de Elizabeth. - Suponho que terá conveniência em visitar-nos amanhã, Wroth.

- Virei após o almoço - disse Sir Rupert e tomando a mão trêmula de Elizabeth na sua, levou-a aos lábios.

- Fez-me muito feliz - disse e dirigiu-se para a porta.

- Eu acompanho-o - disse Lord Cardon. - Elizabeth, aguarda que eu volte.

Saíram da sala sem olhar para trás e, quando desapareceram, Elizabeth ficou como que petrificada. Sentiu como se todas as suas faculdades estivessem paralisadas, como se lhe fosse impossível mexer-se. Sentiu-se como que dominada por um terrível pesadelo em que apenas pudesse rezar para que acordasse e descobrisse que tudo fora um sonho. Contudo, não foi sonho nenhum quando o pai voltou. Olhou-a com curiosidade e ela ficou plenamente ciente de que tinha pressentido o que ela tentara dizer e de que a maneira como a impedira de falar fora intencional.

- És uma rapariga muito afortunada - disse ele abruptamente.

- Papá, eu não posso... casar com ele - gaguejou Elizabeth. - Não posso!

- E porque não?

A pergunta foi posta com agressividade, no tom de voz mais terrível de Lord Cardon, mas desta vez, Elizabeth não se deixou intimidar.

- Não o amo, Papá.

— Amor! Que tem o amor a ver com um bom casamento?

- Eu... eu amo... outra pessoa - tartamudeou Elizabeth.

- E quem é essa pessoa? - inquiriu o pai e depois com o rosto vermelho de cólera

e as pupilas dilatadas como nos seus acessos de maior raiva, acrescentou: — Não precisas de me dizer; calculo quem seja. É aquele sem-vintém, aquele soldado de cara deslavada que corri desta casa na semana passada. Então, imaginas-te apaixonada por ele, não é verdade? Bem, imagina o que quiseses, mas, é com Wroth que irás casar, logo que tudo esteja arranjado.

- Mas... Mas, Papá... - principiou Elizabeth.

- Não admito objeções! - trovejou Lord Cardon.

- Wroth é um bom partido e tens muita sorte por ele te pretender. Se pensas que vou permitir que te entregues a um patife sem valor nenhum, estás muito enganada. É com Wroth que irás casar e, se eu descobro esse rapazola soldado a pôr nem que seja um só pé na minha propriedade, mato- o a chicote; e a ti também, se tentares vê-lo. Estamos entendidos? Estás a ouvir?

Teria sido impossível não o ouvir, pois ele gritava o mais que podia; quando viu a cara inflamada e corada dele, as veias azuis a saltar da testa e dos lados do nariz, Elizabeth reconheceu que não podia continuar a desafiá-lo. Com um pequeno e lastimoso grito de desespero e terror, voltou-se e correu para fora da sala, os olhos cegos pelas lágrimas, a ponto de passar pela mãe no vestíbulo sem a ver.

No andar de cima, no seu próprio quarto, Elizabeth caiu nos braços de Nerina e contou a história, aos soluços no ombro da prima.

- Se ao menos tivesse tido tempo de te prevenir, — disse Nerina - pois sabia que isto ia acontecer.

- Tu sabias? - indagou Elizabeth, atônita, erguendo o rosto choroso.

- Sim - disse Nerina, com tristeza. - Estava para te contar o que ouvi quando Bessie entrou no quarto. Elizabeth, não podes casar com ele. É um bruto e um monstro.

- Não posso casar com ninguém, senão com Adrian, - gemeu Elizabeth - mas, oh, que posso eu fazer? O Papá está decidido e sabes como ele é.

As duas raparigas ficaram um momento silenciosas, sabendo perfeitamente como era Lord Cardon quando teimava em alguma coisa; depois, com um esforço para dominar as lágrimas, Elizabeth disse:

- Conta-me como soubeste.

Nerina narrou o que ouvira no pavilhão. Quando acabou, Elizabeth levou os dedos aos olhos.

- Não podes casar com ele, não podes - disse Nerina. - Agora já vês como é velhaco.

- Isso não tem importância - replicou Elizabeth.

- Não me preocupa quem Sir Rupert ama ou quantas mulheres tem; é de Adrian que estou noiva. É de Adrian que gosto!

Nerina suspirou.

- De que serve isso se não podes casar com ele?

- Mas tenho de desposá-lo, - disse Elizabeth — nem que fuja com ele.

As primas olharam uma para a outra, como se as palavras vibrassem no espaço entre elas e fossem algo demasiado fantástico para ser contemplado. Seguidamente, Nerina soltou uma gargalhada.

- Bravo, Elizabeth, não sabia que eras capaz disso. Sim, é claro que tens de fugir com o teu Adrian!

- E serei feliz, mais do que as palavras podem exprimir, feliz como nunca sonhei ser possível.

A cor subiu às faces de Elizabeth enquanto falava e os olhos brilhavam; depois, uma expressão atribulada ensombrou-lhe o rosto.

- Esqueci-me de uma coisa, não atingi ainda a maioridade. Se o Papá não der o seu consentimento, pode ir buscar-me. Lembra-te do que sucedeu à Helen Tanner?

As duas raparigas calaram-se, recordando a fuga que ocorrera no ano anterior, quando a filha de um fidalgo das vizinhanças fugira com o moço da cavalaria. O pai fora buscá-la, a rapariga fora fechada no quarto, espancada e maltratada até que, num momento de desespero, se atirou da janela abaixo.

O caso provocara grande escândalo e bisbilhotice; contudo, poucas pessoas tiveram uma palavra de crítica em relação aos pais da rapariga. Tinham agido com justeza, assim se pensou. Era preferível que a rapariga morresse do que contraísse um casamento daquela natureza.

Algum tempo depois, Nerina agitou-se, como que para tentar afastar uma recordação persistente.

- Há de haver alguma coisa que possamos fazer - disse, após alguns momentos. - Não debes desesperar.

- Talvez Adrian pense em alguma coisa - comentou Elizabeth confiadamente; mas havia pouca esperança na sua voz.

Quando a manhã chegou, as duas raparigas estavam pálidas e tinham os olhos pisados; porém, a conselho de Nerina, Elizabeth decidiu aceitar sem mais protestos a situação tal como se apresentava.

- É inútil argumentar com o teu pai - disse Nerina. - Só lhe provocarás raiva e far-te-á chorar. Quando Sir Rupert vier, fala o menos possível.

- Não posso ficar sozinha com ele - confessou Elizabeth apressadamente.

- Porque não? - inquiriu Nerina. - Acho que é pouco provável que te faça a corte. Sabemos que o seu afeto está voltado para outra direção. Aparenta timidez e estupidez, pois é tudo o que espera de ti. A que horas combinaste encontrar-te com

o teu Adrian?

- O mais cedo possível, depois das três - disse Elizabeth. - É a hora a que costume dar um passeio. Hoje não preciso levar Bessie, porque podemos ir juntas.

- Teremos de esperar até Sir Rupert vir, - rematou Nerina com espírito prático - mas talvez ele chegue cedo.

A sua esperança foi justificada e Sir Rupert chegou cerca das duas e meia. Passou pouco mais de dez minutos a sós com Elizabeth; depois partiu num brioso garanhão negro, que parecia de temperamento tão fogo e inconstante como o dono.

Por detrás das cortinas de uma janela do quarto, Nerina viu-o partir. Havia qualquer coisa na maneira como ele conduzia o garanhão, na força e largura dos seus membros e na linha quebrada do maxilar que era soberbamente arrogante. Observando-o, tão seguro de si e senhor absoluto da montada, Nerina rezou no seu íntimo para que aquele orgulho e aquela arrogância um dia caíssem por terra. Sabia que, se Elizabeth o desposasse, ela seria o que Lady Clementine esperava. Nunca teria uma oportunidade contra um homem desta espécie. Não seria capaz de se opor a ele ou de contrariar os seus desejos, como não era capaz de contrariar ou desafiar o pai.

Foi, portanto, com um sentimento de apreensão que, vinte minutos mais tarde, Nerina se aproximou do bosque onde Adrian Butler estaria à espera delas.

Já se empenhara em ajudar a prima a desposar um homem que nunca vira. Se, ao conhecê-lo, decidisse que não era a pessoa indicada para Elizabeth, se fosse outro tirano e um bruto que a fizesse desgraçada e lhe fosse infiel um ano após o casamento? Que deveria fazer então? perguntou Nerina a si própria. Fazer com que Elizabeth desposasse Sir Rupert, que, apesar de todos os vícios, tinha a virtude de ser rico e importante? Ou deixar que a prima casasse com o homem da sua escolha, fosse ele o que fosse, sabendo que, agindo assim, ficaria sem dinheiro e sem a aprovação da família?

Nerina estava muito calma ao aproximar-se do bosque; mas Elizabeth transformara-se subitamente, da rapariga amedrontada, infeliz e pálida, numa mulher jovem, radiante e ardente. Seguiu à frente de Nerina, pela passagem estreita e musgosa sob as faias que dava para uma pequena clareira oculta no mais cerrado da mata, onde o sol infiltrando-se pelas árvores escuras, lançava um enfeite de ouro sobre um pequeno riacho. Ali encontraram Adrian Butler.

Ele era tudo o que Nerina esperava e nada do que temera. Não era particularmente belo; tinha, não obstante, um rosto encantador e meigo que fazia com que todos quantos o viam, mesmo que pela primeira vez, confiassem nele instantaneamente. Teria sido absolutamente impossível duvidar da sua

sinceridade ou da sua honestidade e, além disso, tinha um modo de agir fácil e encantador que revelava a sua boa origem e aprimorada educação, tão explicitamente como se fosse uma leitura das páginas de Debrett. Ao vê-lo, Elizabeth soltou um grito de alegria e correu para o refúgio dos seus braços. Ele abraçou-a com força durante um momento e era fácil reconhecer amor nos seus olhos e uma expressão de ternura no rosto. Depois, voltou-se para Nerina e, relutantemente, como se se tivesse esquecido da sua própria existência, Elizabeth desembaraçou-se dos braços de Adrian.

- É Nerina, a minha prima - disse a jovem. - Já te falei dela, mas não pensava que se iriam conhecer tão cedo. Ela voltou a casa inesperadamente.

Nerina deixou a mão na mão, cálida e firme, de Adrian Butler.

- Estou tão contente por ter vindo - disse ele calmamente. - Elizabeth e eu precisamos da sua ajuda.

Foi como se as palavras dele fizessem Elizabeth recordar o horror que os ensombrava.

- Adrian, meu querido, tenho de te dizer uma coisa - começou; mas ele impediu-a de prosseguir, envolvendo-a outra vez nos braços e dizendo calmamente: - E eu tenho uma coisa para te contar, uma coisa maravilhosa, Elizabeth, uma coisa muito melhor do que eu me atreveria a esperar.

- Que é? - perguntou Elizabeth, curiosa.

Era evidente que Adrian Butler estava ansioso por partilhar a boa nova, fosse ela qual fosse.

- Escuta, querida - disse ele. - Recordas-te de que te falei do meu primo que vive no Yorkshire. É o decano da nossa família, um homem difícil, creio, mas gostava muito do meu pai. Depois de te conhecer e de fazeres de mim o homem mais feliz da terra, escrevi-lhe. Expliquei-lhe a minha situação. Conte-lhe como hesitava em abordar o teu pai porque tinha tão pouco para dar exceto um amor avassalador e a convicção de que, com a tua ajuda, a minha carreira no Exército seria um êxito. Esta manhã, recebi a resposta à minha carta. Tinha medo de especular até comigo mesmo sobre o que ele faria. Como já te contei, é um homem esquisito e inexplicável em muitos aspectos. Havia toda a probabilidade de atirar a minha carta para o cesto dos papéis e de me mandar resolver o meu problema conforme pudesse. Em vez disso, escreveu-me uma carta generosa. Tenho-a comigo, em qualquer lado.

Apalpou o bolso, mas Elizabeth pressionou-o com impaciência:

- Não te preocupes com a carta, conta-me o que ela diz.

- Diz, - replicou Adrian, num tom quase de respeito - que ficou encantado com as notícias. Já deu ordens aos advogados para me enviarem uma pensão de mil

libras por ano. Mil por ano, Elizabeth, imagina só! Acrescidas do meu soldo no Exército, ficamos ricos, querida, e ainda não esgotei as notícias.

- Que mais há? - perguntou Elizabeth.

- O Coronel mandou-me chamar ontem à noite - disse Adrian - e informou-me de que o regimento partia para a Índia no próximo mês.

- Índia! - exclamou Elizabeth.

- Não, espera, - disse Adrian, depressa - não te assustes, pois ele disse ainda que, em vista da minha conduta, vou ser promovido imediatamente ao posto de capitão. Imagina, querida, capitão e mil libras por ano. Podemos casar já. Não sabes que os oficiais com patente a partir de capitão levam as esposas quando vão para fora? É maravilhoso, querida, porque agora posso falar sem medo com o teu pai e pedir-lhe permissão para casarmos imediatamente.

- Falar com o meu pai? Pensas que podes falar com o meu pai? - sussurrou Elizabeth, com a voz curiosamente monocórdia e sem vida, em contraste com o tom animado de Adrian.

Enquanto falava, Elizabeth voltou-se para Nerina e, ocultando o rosto no ombro da prima, murmurou:

- Diz-lhe tu, que eu não sou capaz.

Adrian Butler olhou de uma para a outra e lentamente a excitação desapareceu do seu rosto, dando lugar a uma expressão consternada.

- Que se passa? - perguntou ele. - Aconteceu alguma coisa?

- Sim, muitas coisas - retorquiu Nerina. - Vou contar-lhe tudo, mas primeiro, sentemo-nos, pois Elizabeth está exausta. Estivemos acordadas toda a noite.

Enquanto falava, olhou para onde o tronco caído de uma árvore proporcionava um assento confortável, ao pé do riacho. Nerina foi à frente e, quando já estavam sentados, Adrian, vendo que Elizabeth chorava, envolveu-a nos seus braços protetores.

- Escuta, querida, - disse em voz baixa - não estejas triste. Se alguma coisa te assustou e entristeceu, prometo que farei o que puder para modificá-la.

Elizabeth soltou um gemido convulsivo.

- Oh, se eu pudesse acreditar - disse ela. - Durante toda a noite, pensei para comigo Adrian há de descobrir alguma maneira, mas qual? Nerina e eu estamos desorientadas.

- Primeiro, digam-me o que aconteceu - pediu Adrian e havia algo na sua voz forte e calma que levou Nerina a ter esperança numa solução, posto que no seu íntimo acreditasse que a situação era desesperada.

Rapidamente, no mínimo de palavras possível, deixou-o ao corrente do que acontecera e, depois, voltou a contar a sua própria parte da história, aquilo que

ouvira no pavilhão.

- O homem é realmente um grosseirão - observou , Adrian calmamente. - Aconteça o que acontecer, ele não casará com Elizabeth!

- Mas serei forçada a isso - gritou Elizabeth, desesperada. - Tu sabes como é o Papá. Prometi-te que tentava fazer-lhe frente, mas ele aterroriza-me. Quando grita e berra e fica apoplético de furor, sinto-me demasiado horrorizada para fazer outra coisa que não seja obedecer-lhe. Oh, ajuda-me, Adrian, ajuda-me!

- É isso precisamente o que vou fazer - disse Adrian - e prometo-te, querida, que só desposarás esse tal Wroth por cima do meu cadáver.

- Adrian, não vais bater-te com ele - Elizabeth estremeceu.

- Não, - tranqüilizou-a Adrian - pensei nisso, mas seria inútil. Para começar, ele recusaria, sem dúvida, haver-se comigo e, se lhe desse um tiro, com certeza que seria preso e passaria o resto da vida na cadeia, já que é um Ministro da Coroa. Não é que esteja com medo, garanto-te, é porque estou a pensar em ti. Pouca utilidade teria para ti atrás das grades.

- Não acredito que tenhas medo seja do que for, — disse Elizabeth em tom venerador - nem mesmo do Papá.

- Não, o teu pai não me mete medo - confessou Adrian - e, por essa razão, vou dar-lhe a oportunidade de ser justo. Vou falar com ele.

- Adrian, não a nosso respeito.

- Claro que sim - replicou Adrian. - Dir-lhe-ei que pretendo desposar-te, informá-lo-ei que, nestas condições, tenho o direito de lhe pedir a tua mão.

- Ele recusar-te-á - interpôs Elizabeth.

- Sim, isso é verdade - corroborou Nerina. - Mil libras por ano pode ser uma fortuna para si, mas faz uma idéia de quanto vale Sir Rupert Wroth?

- Nenhuma, mas imagino que será um homem rico - replicou Adrian.

- Lembre-se de que lhe contei que Lady Clementine disse "os Cardons estão em grandes dificuldades financeiras". Esta é a resposta: o meu tio precisa de um genro rico.

Apesar de tudo, Adrian não pareceu desanimado.

- Então, se ele recusa ouvir-me, - acrescentou calmamente - tenho de utilizar outros métodos para conquistar a felicidade para Elizabeth e para mim.

- E quais são eles? - quis saber Nerina.

- Terei agido com lisura - replicou ele - ao pedir a mão de Elizabeth. Se Lord Cardon me recusar, então tenho de proceder segundo o que penso ser melhor para nós. Elizabeth tem de fugir comigo e poderemos casar antes de partir para a Índia.

- Sim, pensamos nisso - disse Nerina. - Mas esquece que Elizabeth tem apenas dezoito anos. Se ela se casar antes dos vinte e um sem o consentimento dos pais, o

tio Herbert irá buscá-la e o casamento pode ser anulado.

- Será difícil ir buscá-la a um navio de transporte militar, em pleno Golfo da Biscaia - retorquiu Adrian. Elizabeth empertigou-se.

- Queres dizer que o Papá não seria capaz de me apanhar - disse ela com excitação.

- Claro que não - corroborou Adrian. - Tudo se resume a uma questão de planeamento cuidado. Logo que saiba em que data partimos, todos os nossos planos podem ser sincronizados. Conheço um sacerdote que nos casará. Um tio meu é vigário de uma pequena igreja de aldeia, perto de Dover. Passaremos por lá e persuadimo-lo a unir-nos pelos laços do matrimônio. Depois, levo-te para bordo. Se planearmos com cuidado, não vejo motivo para não ganharmos a dianteira ao teu pai; porém, para estarmos seguros, quando eu lhe pedir permissão para ficarmos noivos, não referirei que o meu regimento parte para a Índia.

- Mas ele pode descobrir - lembrou Elizabeth com ansiedade. - O Papá tem maneiras muito sutis de saber coisas das quais imaginarias que não sabia nada.

- Sim, mas temos de atuar com astúcia, serenamente - disse Adrian. - Se ele me recusar, o que todos julgamos ser provável, a partir desse momento deves comportar-te como se ficasses contente com a situação. Deves fingir que estás disposta a casar com Sir Rupert; concretamente, tens de levar o teu pai a um sentido de falsa segurança.

- Mas, Adrian, isso será tão difícil!

- Claro que sim, - considerou ele - mas deves lembrar-te de que está em causa toda a nossa felicidade futura. Por mais difíceis que as coisas sejam, serás capaz de as fazer se te lembrares de que, no fim de tudo, estaremos juntos para o resto das nossas vidas.

- Tentarei fazer tudo o que me pedes - disse Elizabeth humildemente. - E, Nerina, vais ajudar-me, não é verdade?

- Bem sabes que sim - disse Nerina. - Acho que é o único plano possível. Queira Deus que Sir Rupert não pretenda que o casamento se realize antes de o navio partir. Esse é o único perigo, em minha opinião.

- O Coronel julga que será por volta de vinte e nove de Julho - interpôs Adrian - mas só dentro de alguns dias saberei a data certa.

- Então, Elizabeth tem de dizer que deseja vivamente casar em Agosto - disse Nerina.

- Oh, só espero não cometer nenhum erro - murmurou Elizabeth. - Custa-me tanto mentir ao Papá. Há qualquer coisa na maneira como ele me olha, como se me arrancasse os segredos mais íntimos. Parece hipnotizar-me e descubro-me a dizer coisas que tinha a certeza de ser incapaz de lhe dar a conhecer.

- Não te preocupes demasiado - confortou-a Nerina. - Lembra-te de que, se ele imaginar que estás a fazer o que quer ao concordares em desposar Sir Rupert, ficará extremamente satisfeito contigo. Tens de te preparar para uma discussão pavorosa depois de se avistar com o senhor Butler e, depois disso, quando ele julgar que venceu, tudo correrá bem.

- Claro que há sempre a possibilidade de ele me preferir para genro... - alvitrou Adrian, com um esgar sem humor.

Nerina não conteve uma gargalhada.

- Acho que o pretendente pouco tem a ver com isso - comentou ela. - O que importa é a sua conta bancária.

- Uma idéia humilhante, - disse Adrian - mas não se pode dizer que me encontro deprimido.

Baixou com ternura os olhos para Elizabeth, cuja cabeça repousava no seu ombro.

- Tens a certeza - perguntou suavemente - que não preferes ser muito rica?

Elizabeth acariciou-lhe a face com a mão.

- Não compreendes - disse ela - que serei a mulher mais rica do mundo quando casar contigo?

Ele prendeu os dedos dela nos seus e comprimiu os lábios contra eles.

Nerina pôs-se de pé e anunciou-lhes:

- Vou para a orla do bosque certificar-me de que não há ninguém à vista. Se me ouvires chamar, Elizabeth, vem imediatamente.

Era duvidoso que Elizabeth a tivesse escutado. De fato, estava mergulhada num mundo de êxtase que incluía apenas Adrian e, naquele momento esquecera até os seus temores, no encantamento desta nova felicidade.

Nerina encaminhou-se para a orla do bosque. Não se via ninguém, apenas alguns pombos e gralhas se alimentavam no campo aberto. Podiam ser boas sentinelas e Nerina pensou que, se alguém aparecesse, mesmo a distância, as aves levantariam vôo em bando para procurarem a segurança do bosque e das árvores, deixando-a de sobreaviso.

Sentou-se na barreira, balouçando os pés de maneira que a tia consideraria muito pouco senhoril. Fora um alívio saber que Adrian era uma pessoa decente, que faria feliz Elizabeth. Mesmo assim, perguntava Nerina cinicamente a si própria, quanto tempo duraria? Os homens eram todos iguais. Quando uma mulher os saciava, procuravam outra. Elizabeth não era hábil, divertida ou talentosa, mas apenas uma pessoa meiga e doce e, como fora tiranizada toda a vida, tinha pouca iniciativa e ainda menos coragem. Isso não começaria a enfastiar um homem ao fim de certo tempo? Nerina gostaria de saber. Viria ele a desejar

uma mulher mais original, mais picante ou provocante para o manter interessado?

Mas porque seria a mulher apenas um brinquedo para o homem? Seria aquele o único papel na vida quando se nasce mulher? Nerina descobriu que os seus pensamentos se voltavam para os seus próprios problemas. Elizabeth poderia ter uma vida estável; e ela? Estava decidida a não casar nunca; jamais homem algum seria seu senhor.

Mas que alternativa havia? Como poderia ter dinheiro, posição ou libertar-se do tio sem trocar um tutor por outro, sem encontrar um marido?

Afigurava-se naquele momento um problema insolúvel. Nerina suspirou ao imaginar-se em bolandas, de um lugar para outro como preceptora mal paga, deparando-se porventura os mesmos problemas em cada nova situação, regressando a Rowanfield para ser admoestada e vilipendiada, até que talvez, com a passagem dos anos, já não houvesse mais ninguém em Rowanfield para a admoestar e ficasse demasiado velha para que os mesmos problemas surgissem.

Tratava-se de um pensamento lúgubre e Nerina suspirou audivelmente, mas o suspiro transformou-se quase imediatamente num arquejo de horror. Alguém se aproximava por detrás e, pelo ruído dos movimentos, percebeu que se tratava de alguém a cavalo. Aproximava-se rapidamente e, com uma sensação de desânimo, Nerina compreendeu que Elizabeth mal teria tempo de chegar até ela antes, de o cavaleiro, fosse quem fosse, aparecer. No entanto, chamou:

- Elizabeth! Elizabeth!

Voltou-se com dificuldade, pois a barreira era alta. Balançou a saia de balão por cima da barra superior e atirou-se para dentro do bosque. Mal acabara de fazer isto, uma montada apareceu na vereda musgosa que serpenteava entre as árvores. Era uma égua castanha e Nerina reconheceu a cabeça familiar antes de, com uma sensação próxima da sufocação, ver quem o animal transportava. Era o tio! Avançava de uma direção de que ela nunca suspeitara que ele pudesse vir.

CAPÍTULO IV

Nerina ficou paralisada de medo, enquanto o tio se acercava dela; depois, fez um esforço quase sobre-humano para ocultar o seu desalento ao encará-lo. Avançando, forçou um sorriso.

- Boa tarde, tio Herbert!

Ele não deu resposta. A sua expressão era ominosa e o olhar alongou-se para além dela, como se procurasse outra pessoa. Ainda sem falar, guiou a montada

pela vereda, em direção à clareira onde Elizabeth e Adrian Butler estavam presos nos braços um do outro. Nerina fez uma tentativa desesperada para o deter.

- Tio Herbert, aonde vai? - gritou ela, com a voz exageradamente alta para que Elizabeth ouvisse e ficasse avisada.

Contudo, Lord Cardon, sem virar a cabeça, prosseguiu inexoravelmente e, desesperada, Nerina seguiu-o pelo caminho do bosque. Bastou-lhe apenas alguns minutos para alcançar a pequena clareira à beira do riacho. Elizabeth e Adrian estavam de pé, no centro.

Tinham ouvido o chamamento de aviso de Nerina, seguido quase logo pela saudação ao tio e, embora Elizabeth, em pânico, lhe tivesse rogado que se escondesse, ele continuou firme, dizendo que não fugiria, preferindo enfrentar o pai da jovem naquele lugar. Teve pouco tempo para suplicar ou discutir e, na verdade, não houve tempo para Adrian se esconder; pois, quase sem darem por isso, Lord Cardon estava junto deles e Elizabeth levantando os olhos para o pai, montado na égua, sentiu que iria desmaiar só de ver-lhe o semblante.

Conhecia demasiado bem os sinais da ira paterna, o franzir carregado da testa, que fazia com que as sobrancelhas se juntassem por cima do nariz alto, o estreitar dos olhos até serem meramente frestas de negrura; mas principalmente, o fluxo púrpura que subia da base do pescoço até à raiz do cabelo, aumentando perigosamente de intensidade até as veias azuis da testa e do nariz sobressaírem tumefactas e bulbosas.

Lord Cardon deteve a montada. Durante um momento, ninguém disse nada. As mãos de Elizabeth esvoaçaram como pássaros assustados para o peito. Adrian Butler endireitou o tronco, enquanto os olhos, calmos e honestos, encontraram os de Lord Cardon, diretamente e sem perturbação. Os seus modos eram os de um homem e cavalheiro e Nerina, por um instante de otimismo, alimentou a esperança de que a atitude de Adrian pudesse mitigar a ira de Lord Cardon.

Contudo, não havia possibilidade de apaziguar a sua raiva e, numa voz áspera de fúria, dirigiu-se a Elizabeth:

- Afinal tinha razões para desconfiar de que me enganavas!

Foi como se o som da sua voz quebrasse o encanto que mantivera Elizabeth e Adrian mudos desde que chegara. Pálido, mas com dignidade, Adrian deu um passo em frente.

- Perdoe-me, Sir, por nos encontrarmos aqui sem sua autorização. Na realidade, eu pretendia falar-lhe hoje mesmo.

- Ah, sim? - fez Lord Cardon. - E por que motivo?

- Não é este o lugar que eu escolheria para falar de tal assunto, - replicou Adrian Butler calmamente - mas uma vez que me pergunta, Sir, responder-lhe-ei

francamente. Desejo a sua permissão para desposar sua filha.

A cor do rosto de Lord Cardon tornou-se mais carregada.

- Raio de descaramento! - rugiu ele. - Você tem a rematada impertinência que eu já esperava. Atrave-se a pedir a mão de minha filha quando ela já está comprometida? Está noiva de Sir Rupert Wroth. Se ela não lhe disse, o fato demonstra apenas que é capaz de enganá-lo a si como a mim.

- Lady Elizabeth informou-me de que Sir Rupert a pedira em casamento - disse Adrian com a sua voz imperturbável. - Também me contou que Vossa Senhoria apóia a pretensão desse cavalheiro; mas, infelizmente, o coração de sua filha está comprometido com outra pessoa. Sinto-me honrado, Sir. por ser o alvo do afeto dela e estou convicto de que posso fazê-la feliz.

- Então, tem uma convicção errada - berrou Lord Cardon. - Infernos, para que estou eu aqui a ouvir a charlatanice de um aventureiro oportunista que pretende tornar-se meu genro? Desapareça daqui e não volte. - Quanto à minha filha, há-de casar com quem eu disser e mais ninguém.

- Não pode estar a falar a sério, Sir - reprovou Adrian. - Não posso, é verdade, oferecer a sua filha as vantagens materiais de Sir Rupert Wroth, mas a minha situação...

- Você ouviu o que eu disse - interrompeu Lord Cardon. - Saia das minhas terras e não volte.

Puxou as rédeas à montada para se ir embora e impulsivamente Adrian Butler avançou e agarrou no freio.

- Lord Cardon! - disse com veemência. - Vossa Senhoria comete um erro muito grave. Peço-lhe com toda a lealdade que me ouça.

Aquele acto pareceu enfurecer Lord Cardon para além de todos os limites. Com um movimento rápido, fez descer o chicote de montar num golpe violento sobre a mão de Adrian Butler e depois, como se a ação tivesse eliminado os últimos resquícios do seu autodomínio, gritou:

- Desapareça, já disse! Hei de ensiná-lo, por seduzir a minha filha, entrar aqui furtivamente e namorá-la às escondidas. Fora daqui e nunca mais apareça. Se o voltar a ver, dou-lhe um tiro.

Enraivecido ao máximo, Lord Cardon chicoteou uma e outra vez os ombros de Adrian. O jovem pôs as mãos em escudo para se proteger das pancadas; porém, montado, Lord Cardon estava em posição mais vantajosa. Como os golpes continuavam a chover, cortando sem piedade as faces e mãos e deixando longas marcas vermelhas na pele branca de Adrian Butler, este viu-se obrigado a recuar, enquanto Lord Cardon o perseguia com implacável brutalidade, sem se importar com os gritos de horror e aflição de Elizabeth.

- Papá... Papá... Não... Não... Suplico-lhe - gritou ela e tentou correr em defesa de Adrian; porém, Lord Cardon já o empurrara para outra vereda que partia da clareira, sem deixar de utilizar o chicote e de proferir violentas pragas, que pareciam ecoar pelo bosque. Levou o desafortunado jovem à sua frente até chegarem à estrada que delimitava a propriedade. Só quando Adrian, ensangüentado e quase inconsciente, tropeçou e caiu por cima de uma sebe rasteira para a valeta, do outro lado, é que o chicote de Lord Cardon se deteve. Olhou um momento para o homem espancado, cuja respiração saía entrecortada de entre os lábios e cujos olhos estavam cerrados com a dor. Depois soltou uma gargalhada.

- Talvez isto o ensine a deixar a minha filha em paz - disse selvaticamente e, rodando a montada, regressou rapidamente pelo mesmo caminho.

Elizabeth desfalecera na margem do riacho. As lágrimas escorriam pelo seu rosto branco, mas os olhos estavam arregalados e imobilizados. Nerina, de joelhos a seu lado, levantou os olhos ao som da aproximação do tio, mas Elizabeth não voltou a cabeça.

- Levantem-se! - ordenou Lord Cardon. Levantem-se e voltem para casa!

- Elizabeth está desfalecida - disse Nerina. Duvido que possa andar.

- Há de andar - disse Lord Cardon, em tom ameaçador - ou dou-lhe uma amostra do que dei ao namorado. - A sua voz ergueu-se num berro. - Levanta-te, raios, e faz o que te digo!

A sua violência produziu efeito. Quase automaticamente, Elizabeth obedeceu, embora Nerina esperasse que ela perdesse os sentidos a qualquer momento.

- Vamos, sigam à minha frente! - ordenou Lord Cardon.

Suportando quase o peso total da prima, Nerina principiou a caminhar de regresso a casa. Demorou quase meia hora e cada minuto pareceu um século de agonia e tortura. Elizabeth arrastava os pés como uma velha, já sem forças no corpo. As suas mãos estavam geladas e, momentos depois, começou a bater os dentes. Nerina nada podia fazer exceto, praticamente, transportá-la, encorajando-a a cada esforço em voz baixa, na esperança de o tio não perceber o que ela dizia.

Cavalgando atrás delas, levando-as como um vaqueiro que conduzisse o gado para o matadouro, Lord Cardon não disse palavra até chegarem a casa. Um moço de cavalaria correu para segurar a montada; Lord Cardon desmontou e observou Nerina, que fazia um derradeiro esforço desesperado para ajudar Elizabeth a subir os degraus da entrada.

A própria Nerina estava exausta, pois tinha suportado quase todo o peso do corpo de Elizabeth; ao abrir a porta, um laçao reparou que algo se passava e, avançando à pressa, ajudou Elizabeth até ao vestíbulo. Nerina sentiu que, de algum modo, tinha realizado uma tarefa quase sobre-humana ao conseguir trazer

Elizabeth para casa. Naquele momento, quase se esqueceu das futuras batalhas, mais importantes, devido à satisfação de ter alcançado um triunfo imediato.

Inspirou profundamente, com alívio, e então, quando o tio entrou no vestíbulo atrás delas, o seu coração teve um sobressalto de terror, pois viu que a ira dele não diminuía. Ele ficou um instante a olhar para Elizabeth. Estava lívida como cinza, oscilando enquanto era mantida de pé apenas pelo apoio do braço de Nerina de um lado e o do laçao do outro. Os olhos pareciam enlouquecidos e a respiração fazia-se em arquejos rápidos e curtos, como um animal ferido. Lord Cardon olhou para ela um longo momento, depois, deliberadamente, com a mão nua, bateu-lhe com força na cara.

- Vai lá para cima - disse como se estivesse a falar a um cão. - Ocupo-me de ti mais tarde. Nerina, vem para a biblioteca.

Elizabeth não gritou perante o ataque do pai. Em vez disso, perdeu completamente as forças e, apesar dos braços que a suportavam, escorregou, inconsciente, para o chão. Lord Cardon não lhe prestou a menor atenção, rodou nos calcanhares e dirigiu-se para a porta da biblioteca. Nerina sabia que não ousaria desobedecer-lhe.

- Leva Lady Elizabeth lá para cima, para o quarto - disse ela rapidamente ao laçao; e chamou Bessie. - Muito bem, Miss.

A expressão do homem era de consternação. Como o resto do pessoal, estava acostumado ao gênio do amo; no entanto, nesta ocasião, as consequências pareciam ser piores que o habitual. Nerina não podia fazer nada, exceto seguir imediatamente para a biblioteca, atrás do tio. A porta estava aberta e, quando entrou e a fechou, suspirou profundamente.

O tio estava de pé, de costas para a lareira. Viu Nerina atravessar a sala e ela compreendeu, pela expressão do rosto dele e pela expiração que exalava rapidamente pelas narinas, que a sua raiva ainda se não consumira. Ao olhar para aquela cara dissoluta e corada por cima da gravata branca, ao ver as veias púrpura perigosamente intumescidas na testa quadrada, ao notar, à luz clara da tarde, a trama de rugas em volta dos olhos e as linhas profundamente acentuadas que iam dos cantos do nariz alto até aos lábios retesados, espantosamente, deixou de sentir medo.

Foi precisamente a fealdade dele que a libertou do seu próprio medo. Viu-o, não como um monstro que podia aterrorizá-la ou subjugá-la pela violência física, mas como um homem que tinha perdido não apenas a beleza da sua juventude como até a dignidade da maturidade. Durante um momento, enquanto avançava para ele, teve uma visão do que já uma vez fora - magro e elegante, viril e atraente para as mulheres, um homem com uma importante posição e um título honrado, um

homem que qualquer mulher se orgulharia de desposar. Todavia, algo correria mal, fazendo-o perder gradualmente todas as suas qualidades, enquanto chafurdava na sua própria sensualidade egocêntrica.

Teria sido uma mulher que o decepcionara? Teria sido o casamento que o azedara, porque a felicidade e um herdeiro lhe tinham faltado? Era impossível a Nerina conhecer a verdade; contudo, naquela visão momentânea, o poder do tio sobre ela tinha desaparecido. Parecera sempre paralisá-la até à subserviência pela simples supremacia física. Mesmo quando já era mais velha, nunca fora totalmente capaz de se furtar à sensação de estar impotente nas mãos dele e de saber que aquela impotência abjeta e intolerável de que sofrera em criança, quando lhe batera até ela ficar semi-inconsciente e isso lhe dava prazer.

Agora, parecia a Nerina que ele já a não podia ferir. Ela estava liberta dele e, mentalmente, as cadeias caíram quando, de queixo bem levantado, o encarou do outro lado do tapete grosso da lareira.

- Isto é obra tua? - inquiriu ele.

Nerina não fingiu compreendê-lo mal.

- Regressei apenas ontem, como sabe - replicou.

- Há quanto tempo é que isto acontece? - Lord Cardon perguntou e, como Nerina hesitasse, acrescentou: - É melhor dizeres ou descubro por Elizabeth bem depressa.

Nerina resolveu poupar à prima o que estivesse ao seu alcance.

- Sei que Elizabeth está apaixonada há já algum tempo.

- E tem-se encontrado com aquele insolente, como uma criada, saindo às escuras, comportando-se como uma leviana, com um vadio sem préstimo que lhe prendeu a imaginação.

- Isso aconteceu porque proibiu o Senhor Butler de vir a esta casa, por considerar que ele não serve - disse Nerina.

- Não serve! Claro que não serve! - gritou Lord Cardon. - Um soldado sem vintém! Meu Deus, é esta a espécie de genro que procuro?

- Ele é soldado, - replicou Nerina - mas não é sem-vintém. Vive relativamente bem e, certamente, é a felicidade de Elizabeth que importa. Ela é que casa com ele e não o senhor.

Lord Cardon olhou-a espantado; depois, à medida que o impacto das palavras penetrava no seu espírito, rugiu:

- Não me fales assim, fedelha impertinente, e não metas na cabeça de Elizabeth essas ideias revolucionárias. Todos nós sabemos o que tu és, uma prostituta como a tua mãe. Não admito que a minha filha se infecte com os teus maus costumes, entendes?

A recém-encontrada coragem fez Nerina dizer:

- Elizabeth está apaixonada por um cavalheiro que é perfeitamente capaz de lhe proporcionar conforto e decência. Ele esperou até saber com exatidão quais eram as perspectivas de futuro antes de se abeirar do senhor. Se Elizabeth se tem encontrado com ele em segredo, nada aconteceu de mal nessas ocasiões, nada que não pudesse acontecer na sala de estar da tia Anne, caso Elizabeth fosse autorizada a receber o Senhor Butler aqui.

- Recebê-lo aqui! Por que raio havia ela de recebê-lo aqui, se eu já a tinha avisado de que não o queria cá em casa? Quanto ao casamento, a rapariga é uma tonta enfatuada. Além disso, já está noiva de Wroth.

- Ela não o ama e ele não a ama - disse Nerina.

- Que tem o amor a ver com isto? - ripostou Lord Cardon. - Ele pediu-a em casamento, não pediu?

- Não porque a ame, - replicou Nerina - mas porque a Rainha lhe ordenou que casasse antes de voltar a aparecer na Corte. Aparentemente, Sua Majestade soube dos seus amores com Lady Clementine Talmadge.

Lord Cardon olhou fixamente para Nerina durante um momento e depois disse, num tom mais ameno:

- Então é disso que se trata? Mas como sabes?

- Acontece que é a pura verdade - esgrimiu Nerina, que não tencionava revelar ao tio o segredo do esconderijo do pavilhão.

- Acredito piamente - disse Lord Cardon. - Um sujeito como Wroth não pretendia casar com uma pateta de cara deslavada como Elizabeth sem um motivo de peso. Bem, seja qual for a razão, convém-me. Quero-o para genro e, por Deus, tê-lo-ei.

- Mas, tio Herbert, - disse Nerina - não compreende o que isso significa para Elizabeth? Será infeliz, desesperadamente infeliz com um homem assim, um homem que não lhe dá a mínima importância, que se servirá dela para fugir às consequências da sua própria leviandade. Tio Herbert, seja bom ao menos uma vez e deixe Elizabeth desposar o homem de quem gosta.

Por momentos, Nerina pensou que o tio lhe daria ouvidos, que o seu pedido de clemência despertaria nele alguma decência semi-esquecida que pudesse responder aos seus apelos. Durante um segundo, ele pareceu hesitar; depois, com todo o seu antigo vigor e selvajaria, berrou:

- Que raio importa que ela ame! Fará o que lhe disserem; e se tu a encorajares a desafiar-me, será pior para ti, garanto-te!

O seu rosto ficou novamente corado e as palavras foram cuspidas de entre os lábios, com uma violência que pareceu abalar todo o seu corpo.

Nerina compreendeu que já não podia dizer ou fazer mais nada para o persuadir e, como ficasse calada, os olhos de Lord Cardon estreitaram-se.

- Está resolvido, - disse ele num tom um tanto diferente - e agora falemos de ti, minha querida sobrinha. Talvez tenhas a bondade de me informar porque regressaste sem aviso e, suponho, sem uma recomendação do teu antigo patrão.

Quando ele começou a falar, Nerina preparou-se, como tantas vezes já fizera, para resistir à fúria do assalto e, para seu próprio espanto, não sentiu o coração pulsar dolorosamente nem reconheceu aquela náusea súbita no estômago que fazia que ela se sentisse agoniada perante o terror que a tirania do tio sempre lhe provocara. Pelo contrário, respondeu calmamente.

- O senhor sabe porque regressei, tio. Penso, se o senhor for honesto, que está surpreendido por eu me ter agüentado tanto tempo.

Observava os olhos dele enquanto falava. Por um instante, vacilaram diante dos dela e Nerina soube que acertara. Era, portanto, verdade que o tio sabia muito bem, quando a mandara para casa do marquês de Droxburgh, o que lá iria encontrar, o que iria sofrer. Fora intenção dele que assim acontecesse, esperava isso e a idéia não lhe fora desagradável. Fazia parte da sua desforra, parte do ódio que sempre alimentara por ela.

- De que estás a falar? - perguntou, e ela viu que o tinha embaraçado, que penetrara na carapaça da autoconfiança do tio.

- O senhor sabia como era Lord Droxburgh - disse Nerina. - Conhecia bem a reputação dele e, contudo, estava pronto a mandar-me, desprevenida e indefesa, habitar a casa dele. Posso ser órfã, pobre e indesejada, mas sou também a sua sobrinha, a filha do seu único irmão.

- Também és a filha da tua mãe, a filha de uma atriz, de uma mulher que arranjou maneira de apanhar no laço um rapaz, ainda antes de ele deixar Oxford - escarneceu Lord Cardon.

- A minha mãe não era atriz, como o senhor bem sabe - retorquiu Nerina. - Era uma cantora lírica e de boa educação. Ela e o meu pai apaixonaram-se e foram felizes durante onze anos. Ela abandonou a carreira por causa dele. Era respeitável, sim, mais respeitável do que a maioria das pessoas com quem o senhor se dá na alta sociedade; no entanto, por causa de um preconceito pedante e de falsa decência, o senhor prefere lançar-me ao desprezo. Faça-o, se assim o deseja; continue a punir-me por ter nascido de duas pessoas que ousaram amar-se e ser felizes, apesar do que o mundo dizia e pensava delas; mas ao menos seja honesto, seja franco e admita que me persegue desde criança. O senhor quer ver-me desgraçada, quer ver-me seduzida e com o ferrete da falta de moral e decência, de ser pouco melhor que uma prostituta. Foi por isso que me mandou como

preceptora para junto de uma filha do Marquês de Droxburgh. O senhor sabia como ele era, o senhor sabia o que eu iria provavelmente encontrar na casa dele; no entanto, mandou-me deliberadamente para lá. Ora, mais uma vez, o senhor ficou decepcionado. Não fui seduzida, voltei exatamente como fui; aprendi, porém, uma coisa e aprendi-a bem: que os homens são uns animais. Sois todos iguais, todos vós. Só querem uma coisa das mulheres, uma coisa apenas.

Nerina falara com calor, os olhos a faiscar e as faces afogueadas. O cabelo parecia também arder em brasas, mais vivas em virtude da cólera que invadira todo o seu corpo.

O tio mirava-a, estupefato, e, quando ela se calou, o silêncio foi interrompido apenas pelo som da respiração agitada da rapariga. Ela pensou por um momento que a esbofetearia como o fizera à própria filha; depois, estranhamente, a cólera masculina pareceu ceder. Nerina sentiu os olhos do tio adejarem sobre ela e, na verdade, olhava-a como se a visse pela primeira vez. Enquanto aguardava a vez de falar, subitamente consciente do calor nas suas faces e do fato de as mãos estarem tão cerradas que as articulações ficaram brancas, a jovem reconheceu que a atmosfera se modificara. Havia uma coisa nova e diferente na atitude do tio, uma coisa que nunca aí estivera antes e, quando finalmente ele falou, fê-lo numa voz que pareceu á Nerina conter um leve traço trocista de respeito, em vez da cólera opressora.

- Então é isso o que sentes pelos homens - disse lentamente. A sua observação não parecia pedir resposta e Nerina não replicou, mas ficou à espera que prosseguisse. Pouco depois, continuou:

- Então, repeliste Droxburgh! Não existem muitas mulheres que se podem gabar disso.

- Ele é nojento e repulsivo - disse Nerina.

- E tu achas que também o sou? - perguntou o tio.

Havia uma estranha nota na voz, quase uma súplica, mas, com a sua coragem recém-descoberta, respondeu com sinceridade.

- Sim - disse intransigentemente.

Os olhares de ambos cruzaram-se e Nerina compreendeu que ele desejava que o olhar dela se submetesse ao seu. Contudo, não fraquejou, consciente, pela primeira vez, de que numa guerra de vontades estava à altura dele, senão mais alto. Durante alguns instantes, olharam fixamente um para o outro e, por fim, numa voz baixa mas prenhe de ódio, o tio disse:

- És tal qual a tua mãe! Sai!

Só depois de se encontrar do outro lado da porta, é que Nerina se sentiu fraquejar. Foi como se a tensão afrouxasse de repente, deixando-a vulnerável e

perto das lágrimas. Depois, rapidamente, como que para fugir dos seus próprios pensamentos, subiu a correr as escadas e dirigiu-se para o quarto dela e de Elizabeth.

Se Elizabeth se indispusera no dia anterior com a proposta de casamento de Sir Rupert, isso não se podia comparar à agonia e desamparo que experimentava agora. Nerina abraçou-a enquanto ela chorava até não poder mais e, por fim, silenciou de puro esgotamento. Nerina ponderou a situação e achou-a implacavelmente sombria. Era como se Elizabeth estivesse numa armadilha, da qual não havia possibilidades de se libertar. Era preciso encontrar uma saída, claro, mas não seria fácil. De fato, naquele momento as dificuldades pareciam quase intransponíveis.

As raparigas foram proibidas de descer para o jantar e, se Elizabeth não se sentisse tão desesperadamente infeliz, Nerina teria soltado uma gargalhada quando chegou a refeição delas, que consistia apenas em pão e água. Era um dos velhos castigos que haviam suportado na infância, quando praticavam uma ação particularmente grave; porém, Nerina pensava agora que um regime de pão e água e a circunstância de estarem confinadas no quarto não eram um castigo adequado ao crime vertente.

Todavia, a ocasião não era propícia à satisfação do sentido de humor. Elizabeth quase delirava no seu desespero e Nerina teve de se concentrar em acarinhá-la, achando que a única via de o fazer era sossegá-la repetidamente, que de algum modo seriam capazes de iludir Lord Cardon e arranjar maneira de conseguir que casasse com Adrian.

Uma visita de Lady Cardon, pouco antes de descer para o jantar, não contribuiu em nada para aliviar os receios de Elizabeth. Tivera de suportar os últimos fumos da raiva do marido e, em consequência, a sua atitude em relação à filha foi fria e distante. O seu rosto ostentava a feição rígida e reprimida que Nerina sabia ser um sinal exterior do sofrimento íntimo.

A tragédia de Lady Cardon era que ela amava o marido sem, contudo, fazer a menor idéia de como lhe agradar. Chegara absolutamente inexperiente ao casamento, uma rapariga educada num lar severo e quase puritano, por pais idosos e nada mundanos que pouco ou nada lhe ensinaram das realidades da vida.

Tinha consciência de que fora a fortuna a principal razão do interesse de Lord Cardon. Era suficientemente considerável para atrair inúmeros pretendentes; contudo, até surgir o jovem e elegante Conde de Cardon, o pai recusara todos. Beato, puritano e hipócrita em muitos sentidos, teve contudo a honestidade de reconhecer que a reputação de Lord Cardon não era inteiramente a que ele teria escolhido para o seu genro.

- Mas tu modificá-lo-ás, minha querida, tu modificá-lo-ás - disse à filha e, como fora educada na obediência cega, ela acreditou.

A sua tragédia fora que não sabia em que é que teria de modificar o marido e, na sua inexperiência, aborrecera-o até à raiva na noite do casamento. Durante a viagem de núpcias, prolongada, triste e dispendiosa, ela fora tão gauche, tão pouco cativante na sua ignorância e no seu enxoval, caseiro mas prático, que não só o enfatiou como o revoltou, a tal ponto que ele foi desnecessariamente cruel com ela, em virtude da sua própria decepção íntima e da descoberta de que o casamento podia ser tão desagradável.

Infeliz e enleada, sabendo que aquilo que fazia desagradava ao marido, embora ignorasse os motivos, Lady Cardon, enquanto olhava sem ver as belezas paisagísticas da Europa, desejava nunca ter nascido. Mas os deuses que torturam as pessoas simples, ou talvez aqueles a quem falta sabedoria, ainda não estavam satisfeitos com ela.

Durante a adolescência, os seus sentimentos nunca haviam sido despertados e tinha acreditado sinceramente que estima era o mesmo que amor e que o amor, tal como o descreviam os poetas, era uma emoção que só acontecia aos instáveis e aos de imaginação exacerbada.

Todavia, apaixonara-se pelo marido durante a viagem de núpcias, com um amor intenso, esmagador, possessivo e ciumento, que não lhe daria descanso e do qual nunca se libertaria durante toda a vida matrimonial. O que era tão amargo era o fato de, em virtude da sua educação, em virtude da repressão que sofrera desde a infância, ser incapaz de se exprimir, incapaz de fazer mais do que conter aquela fogosa emoção dentro do peito e tentar evitar revelar a sua própria fraqueza ao homem que amava. Tinha vergonha, tinha medo do desejo que sentia por ele, o qual a chocava ao mesmo tempo que a fazia tremer, tinha medo dos seus próprios pensamentos, dos seus próprios desejos ardentes; e como a violência do seu amor parecia por vezes despedaçá-la, tinha medo de corresponder aos estímulos dele, mesmo nos momentos mais íntimos.

Desde o início, Lord Cardon nunca compreendera a mulher nem fizera qualquer esforço nesse sentido. Desde o início, ela temia aborrecê-lo e arranjava maneira de conseguir isso, de tal modo que o abismo entre eles aumentou com os anos, até já não haver possibilidade de se conhecerem mutuamente, nem sequer de serem amigos e companheiros.

E porque o amava tão desesperadamente, porque temia que, se ela alguma vez se revelasse, ele se risse dela e lhe virasse as costas com profunda repugnância, forçava-se a si própria a falar calma e comedidamente em todas as circunstâncias, mostrava-se rígida e severa, até nos momentos em que mais desejava lançar-se-lhe

nos braços, em que mais desejava derramar, numa onda transbordante, a ânsia dolorosa e insaciável que sentia pelo corpo e pela afeição do marido.

Depois, a pouco e pouco, esta couraça que deliberadamente envergara tornou-se parte integrante da sua caracterização, a ponto de lhe ser impossível mostrar-se ou falar com alguém sem ser de modo frio e distante e numa voz que por vezes se tornava áspera, sarcástica e tão brutal à sua maneira como a cólera desenfreada de Lord Cardon.

Ao entrar no quarto das raparigas, pareceu a Nerina que Lady Cardon olhava com desgosto para os olhos inchados e para os lábios trêmulos de Elizabeth. Esta ergueu-se ao ver a mãe e, instintivamente, como uma criança que se magoou, estendeu os braços.

- Mamã! - soluçou - Oh, Mamã!

Todavia, Lady Cardon não se aproximou. Ficou perto da porta, com a luz do candeeiro a refletir-se no colar de brilhantes que trazia ao pescoço.

- Falei com o teu pai, Elizabeth - disse friamente.

- Contou-me como está ofendido com o teu péssimo comportamento. Não falarei dos meus próprios sentimentos; basta dizer que me repugna sequer pensar que tenhas esquecido a tua posição na vida para te comportares desta maneira. O teu pai decidiu, já que não mereces confiança, que não sairás de casa, exceto para passear nos relvados logo defronte da sala de estar, até ao dia do casamento com Sir Rupert Wroth. Como o teu pai soube que Sir Rupert está ansioso por te desposar o mais depressa possível, o casamento realizar-se-á daqui a três semanas, precisamente a vinte e nove de Julho.

Elizabeth soltou um pequeno grito de desespero.

- Oh, Mamã, a vinte e nove não, a vinte e nove não!

- A vinte e nove - repetiu Lady Cardon. Nerina, consciente da importância desta data especial para Elizabeth, disse rapidamente:

- Mas, tia Anne, certamente as pessoas acharão estranho que Elizabeth se case tão depressa. Ninguém se casa três semanas depois do anúncio do noivado, a não ser que tenha um motivo especial.

Lady Cardon olhou para ela e pareceu a Nerina que na sua expressão havia tanta repugnância como quando olhara para a filha.

- O teu tio pensou nisso - disse em voz cortante. - Decidiu que, depois de tudo o que passei, depois de todos os trabalhos e preocupações que Elizabeth me deu, a minha saúde se ressentiu. Ele tem a certeza de que, quando eu falar com o doutor Parker, o que tenciono fazer amanhã, ele receitará sossego e repouso e uma viagem ao estrangeiro, logo que nos seja possível. O casamento de Elizabeth será, portanto, antecipado para que o teu tio e eu possamos partir de viagem pelo Continente.

Quando acabou de falar, Lady Cardon abriu a porta.

- Espero, Elizabeth, - disse ela - que o repouso desta noite permita que te recomponhas e que tenhas o teu aspecto normal quando Sir Rupert vier amanhã. O teu pai pediu-me para te dizer que, se assim não for, terá de falar ao Coronel do regimento do Senhor Butler. Se ele apresentar queixa da conduta desse jovem, o que, de resto, está no seu direito, o Senhor Butler será despromovido e expulso do Exército. Se gostas desse senhor, como dizes, não desejarás que tal aconteça.

Sem esperar por resposta, Lady Cardon saiu do quarto e fechou a porta de mansinho. Elizabeth ficou deitada muito quieta. Depois, levou as mãos à cara.

- Não há fuga possível - disse ela com voz baixa e fraca. - O Papá pensou em tudo. Caí numa ratoeira, Nerina! Terei de fazer o que ele quiser!

Nerina não soube responder. Parecia, de fato, que Elizabeth tinha razão e que Lord Cardon pensara em tudo.

CAPÍTULO V

Só ao fim de cinco dias, Elizabeth teve notícias de Adrian Butler. Durante cinco tardes, Bessie arrastou o pequinês asmático de Lady Cardon para um passeio ao longo da estrada que bordejava o bosque, enquanto Elizabeth, prisioneira no jardim, ficava sentada no relvado em frente da casa, demasiado infeliz pela ansiedade e pela apreensão para conversar sequer com Nerina.

A ameaça de Lord Cardon de falar com o Coronel de Adrian tinha sido absolutamente eficaz, pelo menos no que dizia respeito ao fato de as coisas correrem como ele queria. Elizabeth temia fazer qualquer coisa que pudesse destruir a possibilidade de promoção de Adrian e, com um esforço que só Nerina sabia plenamente avaliar, obrigava-se a ser afável com Sir Rupert quando este a visitava e a aparecer diante dos pais disciplinada e de olhos secos.

Apenas, quando se encontrava a sós com a prima, no quarto, não precisava de dissimular a infelicidade e podia esbravejar, às vezes quase demencialmente, contra o pai e as suas decisões. Porém, Elizabeth não ousava desafiar Lord Cardon abertamente, com medo, não tanto por ela própria, mas pelo homem que amava.

Se não fosse a ajuda e a colaboração de Bessie, Nerina sentia que Elizabeth sucumbiria a um colapso nervoso. Bessie recusara o desânimo e tinha a certeza de

que, se chegasse a entrar em contacto com Adrian Butler, ele encontraria solução para todos os problemas. O medo maior de Elizabeth era que Adrian julgasse que ela fora aniquilada pela violência do pai e que, não a encontrando no lugar habitual, acreditasse que já não o amava.

- Ora, não se apoquente - dizia Bessie para a confortar. - Eu estarei lá para explicar o que se passa. O Senhor Butler é um cavalheiro sensível e pensará que, se a menina não puder aparecer, mandará alguém de confiança. Ele não sabe que está aqui fechada por ordem de Sua Senhoria, embora, a não ser que eu muito me engane, seja suficientemente inteligente para adivinhar que qualquer coisa deste gênero esteja a acontecer. Eu estarei à espera na estrada e com certeza que há de aparecer, mais cedo ou mais tarde. A menina pode estar tão certa disso como eu de estar aqui neste momento.

Contudo, só ao fim de cinco dias a confiança de Bessie em Adrian Butler se confirmou, lapso durante o qual Elizabeth se tornou mais pálida e mais magra e comeu tão pouco que Nerina receou que ela definhasse completamente. Todas as tardes, Bessie deambulava ansiosamente, acima e abaixo, na estrada apertada e poeirenta, com o pequinês a resfolegar e a farejar atrás dela, enfurecido com este súbito interesse pela sua saúde, que o afastava do apreciado conforto do cesto para um passeio que profundamente detestava.

- É bondade da tua parte levar o Nicky a passeios tão agradáveis - dizia Lady Cardon a Bessie.

- Ele gosta muito, minha senhora - dizia Bessie com desfaçatez. - É uma verdadeira pena que um cão tão bonito esteja a engordar por falta de exercício.

Lady Cardon inclinava-se para fazer uma festa ao seu cãozinho. Era a única criatura a quem ela, uma vez por outra, dedicava um gesto de meiguice e, no momento de acariciá-lo, murmurava palavras sem sentido ao asmático animal, que se voltava e se afastava enfastiado, demasiado cansado para desejar outra coisa que não fosse uma almofada macia. Bessie observava-o com um tênue sorriso nos lábios. Nunca houvera um mensageiro amoroso tão pouco voluntarioso.

Quando finalmente Adrian Butler apareceu, no quinto dia, Bessie sentiu que os subterfúgios e os incômodos tinham valido a pena. Ao aparecer a cavalo estrada abaixo, Bessie não pôde esperar que ele se aproximasse e desmontasse. Correu ao seu encontro, soltando um grito de boas-vindas. O rosto dele, pálido e com um ar adoentado, exibia as cicatrizes dos golpes do chicote de Lord Cardon.

- Oh, senhor Butler! Sir, que alegria vê-lo - gritou Bessie. - Tenho esperado aqui todas as tardes e rezado até me doerem os queixos para que o senhor viesse. A menina está tão ansiosa que eu pensei que ela definhasse se não tivesse notícias suas depressa.

- Teria vindo antes, Bessie, - replicou Adrian — mas adoeci e o médico não me autorizou a sair do leito, por mais que eu lhe pedisse.

- Nós pensamos numa coisa desse gênero - disse Bessie sobriamente, olhando as marcas do rosto dele e as ligaduras das mãos.

- Fala-me de Sua Senhoria, Bessie - disse Adrian, ansioso. - Que lhe aconteceu?

- Não está autorizada a sair do jardim, Sir, — respondeu Bessie - e o meu amo marcou o casamento para o dia vinte e nove de Julho.

- Vinte e nove! - exclamou Adrian, alarmado.

- Sim; e Sua Senhoria está louca, como pode imaginar!

- Soube de fonte segura que o nosso navio larga na noite de trinta - disse Adrian.

- Temos de estar a bordo ao meio-dia. Isso significa que Sua Senhoria tem de vir comigo no dia vinte e nove.

- Sim, Sir, mas como? - perguntou Bessie. - Isso é que nós todos gostaríamos de saber.

- Teremos de pensar em qualquer coisa - disse Adrian com firmeza.

- Não é fácil, Sir - replicou Bessie. - Há dois dias atrás, o meu amo desconfiou de que a menina pudesse escapar-se à noite para se encontrar com o senhor; por isso todas as noites, depois de Lady Elizabeth e Miss Nerina terem ido para a cama, fecha o quarto à chave e só o abre de manhã. Não há possibilidade de fugir pela janela, pois é uma queda de dois andares.

- Havemos de pensar em alguma coisa - repetiu teimosamente Adrian. - Prosseguirei com os meus planos, Bessie. Arranjarei maneira de eu e Sua Senhoria casarmos na tarde de vinte e nove. Isso quer dizer que ela tem de sair mais cedo, ao alvorecer se possível.

- O meu amo guarda a chave no seu próprio quarto! - continuou Bessie. - Eu não estou autorizada a ir buscá-la antes de ele se levantar, às sete e meia.

Adrian carregou o sobrolho e pareceu fazer alguns cálculos.

- Se partirmos imediatamente depois dessa hora, chegaremos a Dover cerca das cinco da tarde. Podemos fazer parte do caminho de comboio e o resto de carruagem. Podemos passar a noite na estalagem local e embarcar logo de manhã cedo.

- Mas, mesmo que a Menina consiga sair do quarto, - continuou Bessie - não será fácil abandonar a casa. Os criados têm ordens severas do meu amo para o informarem imediatamente se as meninas forem vistas em qualquer lado sem ser no relvado à frente da casa. Oh, Sir, vai precisar de um tapete voador para a tirar do que ela chama esta miserável prisão.

Adrian sorriu; o sorriso pareceu iluminar-lhe o rosto e deu-lhe o aspecto de um adolescente.

- Muros de pedra não são prisão. - recitou ele e depois acrescentou: - Teremos de arranjar maneira, Bessie. Organizarei um plano e talvez tenha de ser um tapete voador. Entretanto, entrega isto a Lady Elizabeth - e diz-lhe que não perca a esperança - tirou uma carta da algibeira e depositou-a nas mãos de Bessie. - Como não esperava encontrar Elizabeth aqui esta tarde, ia deixá-la na cavidade do velho carvalho, onde já deixamos mensagens noutras ocasiões. Se por qualquer razão não puderes vir noutro dia, não te esqueças de procurar lá.

- Certamente que sim, Sir - respondeu Bessie. — Oh, faz-me pena vê-lo tão pálido e doente. Tem de ter muito cuidado consigo, por amor da Menina.

- Estou bastante melhor - replicou Adrian - e, agora que sei que ela ainda pensa em mim e que nada verdadeiramente terrível lhe aconteceu, ficarei bom em pouco tempo.

- Sua Senhoria pediu-me que lhe desse isto, Sir - disse Bessie tirando uma mensagem do vestido. — Mandou-me também dizer que preferia morrer a casar com outro e que, se a não quiser, o seu leito nupcial será a campa no cemitério.

- Não precisa de se afligir com isso - replicou Adrian e a voz tornou-se subitamente forte e vigorosa. - Hei de tirá-la daqui, ainda que tenha de matar alguém.

Ao repetir mais tarde a Elizabeth esta observação, Bessie comentou:

- Alegrou-me o coração ouvi-lo, deveras. Parecia São Jorge pronto para combater todos os dragões do mundo em defesa de Sua Senhoria!

Elizabeth agarrou na mensagem de Adrian e encostou-a à face.

- Ele ainda gosta de mim, é o que importa! Estava com tanto medo que o Papá o tivesse afugentado para sempre.

- Isso nunca me passou pela cabeça - disse Bessie firmemente, embora, na verdade tivesse receado exatamente o mesmo. - Então, o senhor Butler é um cavalheiro. Se ele deu a palavra, mantém-a a todo o custo. Mas Vossa Senhoria não precisa temer que ele não consiga resolver as coisas à maneira dele. Ele gosta da Menina e quer desposá-la, mesmo que o rival fosse o próprio Diabo.

- Às vezes penso que é - disse Elizabeth, um pouco histericamente. Enquanto falava, voltou-se para Nerina, que estava sentada à janela, com o sol a fazer do seu cabelo ruivo uma auréola de fogo. - Nerina, tenho medo de Sir Rupert. Há qualquer coisa nele que me aterroriza! Já pensei em apelar para ele, em me colocar à sua mercê, em dizer-lhe que amo Adrian e rogar-lhe que rompa o compromisso. Apesar de ter pensado nas palavras exatas que diria, quando chega o momento, não sou capaz de as pronunciar. Ele paralisa a minha língua. Há qualquer coisa de sobrenatural nele, como se não tivesse os sentimentos nem as emoções de um homem vulgar.

- Eu não tenho medo dele, - respondeu Nerina - embora compreenda os teus receios, Elizabeth. Elizabeth querida, Sir Rupert é como os outros homens, não há dúvida, mas é ainda mais horrível do que a maioria. Quando o vejo a conversar contigo, condescendentemente amável, sabendo que antes de a noite cerrar ele estará com Lady Clementine, a fazer amor com ela, sinto ganas de o esbofetear. Se ao menos o tio Herbert o tivesse tratado como tratou o pobre Adrian, sentir-me-ia contente.

Elizabeth deixou escapar um pequeno grito e cobriu os olhos com as mãos.

- Por favor, não fales do que o Papá fez a Adrian, não suporto esse pensamento. Persegue-me sempre, sonho com isso à noite. As suas pobres mãos e a cara! Diz-me, Bessie, ainda tem as marcas?

- Mal se vêem - replicou Bessie, mentindo, para não indispor Elizabeth.

Mais de uma vez, teve a criada de repetir as palavras da conversação que travara com Adrian e quando, por fim, já não havia mais nada para contar, Elizabeth sentou-se a ler e a reler a mensagem de Adrian, até Nerina ter a certeza de que ela já a sabia de cor.

- Onde vais guardá-la com segurança? - perguntou à prima. - O tio Herbert pode facilmente decidir revistar o quarto. Por amor de Deus, não faças mais nada que o irrite. Se ele suspeita de Bessie, estamos acabadas, pois, sem ela, não poderemos comunicar com Adrian.

- Vou guardá-la aqui - replicou Elizabeth com os olhos brilhantes e meteu a mensagem no corpete do vestido. - Nem sequer o Papá teria a ousadia de a procurar aqui.

- Eu não ficaria tão certa disso. Ele seria capaz de tudo, se pensasse que lhe desobedecias - disse Nerina, implacável.

- Neste momento, não sinto medo nem sequer do Papá - retorquiu Elizabeth. - Estou tão feliz. incrivelmente feliz, Nerina, por Adrian gostar de mim.

Nerina olhou para a prima com curiosidade. Os olhos de Elizabeth estavam cerrados, a cabeça atirada para trás, as mãos apertadas sobre os seios. Um leve sorriso bailava-lhe nos lábios e parecia em êxtase. Nerina desejou saber qual era a sensação de estar apaixonada. Talvez Adrian Butler fosse diferente dos outros homens que conhecera e, não obstante, sabia que desconfiava até da calma gentileza dele. Por muito que apresentasse bondade e ternura, continuava a ser um homem. Por muito que aparentasse gostar de Elizabeth agora, o seu amor continuaria quando ela fosse velha e doente ou quando outras mulheres mais atraentes o tentassem? Os homens eram todos iguais, decidiu e, pela sua parte, odiá-los-ia até ao dia da morte. Elizabeth iria viver num paraíso de loucos durante alguns anos, após os quais, quando Adrian se tornasse cruel, infiel e talvez

monstruoso, nada mais restaria a não ser as recordações.

Nerina pensou em Lord Droxburgh e um arrepio percorreu-lhe o corpo. Como podia uma mulher confiar num homem, quando havia brutos como aquele neste mundo? Ela soubera instintivamente, desde o momento em que o vira, que era perigoso, quando ele entrara na sala de estudo, ela fizera a vênua e ficara modestamente de lado com os olhos baixos, como sabia ser adequado à sua situação. Todavia, adivinhara que ele a mirava, adivinhara pela maneira como os olhos dele apreciavam cada pormenor do seu corpo, retardando-se nas curvas dos seios pequenos, que ele estava a pensar numa coisa e apenas numa coisa.

Não sentira medo dele naquela altura, isso viera mais tarde; apenas ficara a saber, com uma sensação de profundo desalento, que aquela casa não seria diferente das outras que deixara. E, contudo, foi diferente, na medida em que deixou nela uma cicatriz indestrutível e confirmou e fortaleceu o seu asco pelos homens. Ficou a odiar o tio, sentindo repugnância por aquilo que ele era e por muitas outras coisas de que suspeitava a seu respeito. Ficou a odiar o rapaz implume que a perseguira e cuja mãe a expulsara de casa com acusações falsas e injustas; ficou também a desprezar o viúvo de meia idade que a perseguira insistentemente, com guinchos de importuna humildade.

Lord Droxburgh fora muito diferente destes. O ressentimento e o ódio que ardiam dentro dela em relação aos outros incendiaram-se numa chama viva ao pensar nele. Não havia palavras suficientemente fortes para exprimir o nojo que sentia por tudo o que ele representava. Nele, reconhecia a própria personificação da desenfreada e desgovernada lubricidade. Sabia que ele a desejava por ser bonita e atraente; contudo, em contrapartida, como ser humano, ela não tinha, quanto a ele, qualquer existência.

Ele era egoísta, de um egoísmo mais terrível por ser total e absolutamente complacente. Apenas uma única vez ela lhe suplicara, lutando por achar alguma decência num homem que envelhecera na demanda do vício.

- Sou empregada da sua esposa! - exclamou ela. — Vivo aqui em sua casa. Não pode deixar-me em paz?

Ficara ofegante e agitada ao proferir estas palavras, pois Lord Droxburgh encurralara-a na biblioteca, aonde ela tinha ido buscar alguns brinquedos que a criança lá deixara de manhã. Recuou, fugindo dele até ficar contra uma das enormes estantes, com as encadernações de couro negro dos livros a fazer de pano de fundo ao seu cabelo flamejante e ao rosto alvo.

Nerina tinha os olhos arregalados e sombrios e os lábios rubros, apesar de todas as resoluções em contrário, tremeram um pouco ao falar. Lord Droxburgh observava-a, um leve sorriso nos lábios, enquanto se com prazia na observação da

beleza dela. O seu ar de desafio atraía-o, pois gostava de conquistar, e o fato de submeter uma mulher aos seus desejos proporcionava-lhe invariavelmente um estranho prazer.

- És muito bela. - disse com a voz impregnada de paixão em crescendo.

- Ouça-me - gritou Nerina desesperadamente. — Não compreende o que lhe digo? Rogo-lhe que se lembre de que é um cavalheiro, pelo menos pelo nascimento. Estou aqui em sua casa, indefesa e sem ninguém que me proteja. Certamente compreenderá que, por esse motivo, se não admite mais nenhum, tem de me deixar em paz?

- És muito bonita - repetiu Lord Droxburgh e aproximou-se mais.

Quando as mãos dele se estenderam para lhe tocar, Nerina soltou um grito. Porém, ao soltá-lo, compreendeu que era inútil. A biblioteca ficava afastada do resto da casa. Ninguém a podia ouvir e, mesmo que alguém a ouvisse, os criados não interfeririam. Então, precisamente quando já sentia os braços de Lord Droxburgh a envolvê-la, quando via o rosto perverso dele aproximar-se do seu e sentia os lábios dele, lascivos e gulosos, procurando os seus, foi salva. A porta abriu-se inesperadamente. Alguém chegara para se encontrar com o Marquês e o mordomo vinha anunciar a chegada do convidado.

Ela escapou-se, mas, ao chegar ao refúgio do seu quarto, não chorou nem tremeu. Andou de um lado para o outro do aposento, clamando o seu ódio contra o homem que a insultara. Jurou então tornar-se suficientemente forte para levar a melhor sobre ele. Nunca admitiria ser vencida por alguém que desprezava tão profundamente. Contudo, a sua coragem desvanecera-se. A batalha tornara-se demasiado feroz para ela e vira-se obrigada a bater em retirada perante um inimigo demasiado forte e poderoso. Entretanto, ela detestava-se a si própria pela fraqueza do seu sexo.

A uma coisa se decidiu. Jamais casaria, embora ainda não fizesse a mínima idéia do que seria dela no futuro. Para Elizabeth, porém, não havia outro caminho e a escolha era simples: o casamento com Sir Rupert Wroth ou com Adrian Butler.

Bateram à porta do quarto e Bessie foi abrir.

- Madame Marcele está pronta para outra prova, Menina - anunciou ela.

- Outra! - exclamou Elizabeth, desalentada. — Estive três horas esta manhã a ser espetada com alfinetes. Estou cansada e quero ler a carta de Adrian outra vez.

- É melhor ir - sugeriu Bessie judiciosamente. - Se a Madame se queixar a sua mãe, haverá mais problemas.

Elizabeth levou a mão à testa.

- Dói-me a cabeça - disse ela. - Oh, Bessie, não faz sentido provar tantos vestidos que não se tenciona usar. Quando fugir com Adrian, só poderei levar uma trouxa;

por conseguinte, para que servem todos aqueles vestidos?

Nerina pôs-se em pé.

- Temos quase o mesmo tamanho - disse ela. Vou em vez de ti. Madame pode prová-los em mim. Como provavelmente nunca terei um enxoval, não será mau descobrir indiretamente qual é a sensação de experimentar um.

Agradecida, Elizabeth levantou os olhos para ela.

- És capaz de fazer isso por mim? - disse ela. — Sinto que hoje já não agüento mais e Madame fala muito. Está sempre a dizer-me que Sir Rupert é um belo homem e que eu tenho sorte por casar com ele.

- Ela é uma bisbilhoteira terrível - disse Bessie. — Não há nada no Condado onde ela não meta o nariz, já que trabalha de casa em casa. Tenha cuidado com o que lhe disser, Miss Nerina.

- Não te aflijas - disse Nerina ao dirigir-se para a porta. - Só a vou fazer falar.

Não foi difícil consegui-lo, como verificou, enquanto Madame Marcele a ajudava a envergar o vestido de baile de Elizabeth.

- Compreendo muito bem que Sua Senhoria se sinta cansada, - palrou Madame Marcele - mas, quando se tem de fazer um enxoval com esta pressa, não se pode evitar uma prova atrás da outra. Por muito que eu queira, Miss, não se pode fazer uma prova bem feita sem a ajuda do corpo humano.

Ela apertou a cinta e deu um passo atrás para admirar o trabalho. Era uma mulher baixa e mirrada, prematuramente envelhecida pelos anos passados curvada sobre o trabalho, a costurar com má iluminação e em mansardas mal arejadas, muitas vezes sem aquecimento nem refeições suficientes. Quando se tornou famosa e mudou o nome de Maggie Potts para Madame Marcele, a sua digestão estava definitivamente arruinada e a vista faltava-lhe. Esta última insuficiência foi facilmente corrigida por lentes de aros de aço que lhe traçaram um sulco no nariz, cuja extremidade estava permanentemente arroxeadada.

Os danos causados à sua digestão, no entanto, eram irreparáveis e parecia àqueles cujas casas freqüentava que o único alimento de que ela carecia era um sem-número de chávenas de chá forte, que lhe levavam a todas as horas do dia e que ela bebia sem aparentemente abrandar um instante o movimento ligeiro dos seus dedos.

Costurava com inacreditável rapidez, o que não era de admirar, pois Maggie Potts tinha começado ainda muito criança por ajudar a mãe a coser botões de camisa a cartões, que se vendiam a um penny cada grossa. De manhã à noite, elas labutavam e, como a comida e a renda dependiam exclusivamente do trabalho, Maggie aprendera a ser ligeira.

Nerina, observando-a agora, de joelhos, a alinhar a bainha do vestido que

estava em prova, pensou que nunca tinha visto ninguém que utilizasse a agulha com tanta destreza. Dentro e fora, dentro e fora, Madame Marcelle metia na boca os alfinetes substituíveis pelos alinhavos até os seus lábios gretados se assemelharem ao dorso de um porco-espinho. Recuou mais uma vez, a fim de observar o efeito; os seus olhos, aumentados pelas lentes grossas, pareciam enormes e, conseqüentemente, a cara seca, descarnada e enrugada, parecia tão mirrada e tão pouco humana como uma máscara.

- Pronto, Miss Graye - disse Madame Marcelle. — Acabo isto amanhã e Sua Senhoria não precisa se preocupar outra vez. É um belo vestido e, embora eu não devesse dizê-lo, não se encontraria melhor em toda a Bond Street.

- Sim, é bonito - concordou Nerina, mas com pouca vivacidade, pois não sentia entusiasmo por um vestido de tule azul celeste enfeitado com ramalhetes de botões de rosa e musgo. Era o tipo de vestido em que Elizabeth ficava bela e etérea, mas que - em contraste com a sua coloração viva - lhe dava um aspecto aparatoso e excessivamente garrido.

- E agora o vestido de casamento! - disse Madame Marcelle. Nerina ficou surpreendida.

- Com certeza que, para esse, pretende Lady Elizabeth.

- Oh, não tem importância - replicou Madame Marcelle. - Sua Senhoria já o provou uma vez e, na verdade, Miss, no que toca a medidas, são as duas tão parecidas como gotas de água. Ninguém diria que são primas, pois a menina é ruiva e Lady Elizabeth é loira como um rainúnculo. Mas assim mesmo é que é, como disse ainda esta manhã a Sua Senhoria. Sir Rupert é moreno e alto e ela é loira e baixa. O par ideal, na minha opinião.

- Os homens morenos nem sempre se interessam por mulheres loiras - retorquiu Nerina. - Que me diz de Lady Clementine Talmagde?

Antes de responder, Madame Marcelle lançou-lhe uma mirada rápida pelo canto dos olhos.

- Sim, Lady Clementine é morena. Vejo, Miss, que tem conhecimento de certas coisas. Mas garanto-lhe que não é nada importante. Lady Clementine tem tido admiradores desde o berço. Estive em casa dela a semana passada para lhe fazer um vestido de viagem e, durante a prova, falamos de outros tempos. Perguntei-lhe por Lord Julian Shepard, que estava tão apaixonado por ela que não se preocupava em ocultar os seus sentimentos de quem quer que fosse. Como está Sua Senhoria? perguntei eu. Lord Julian, quis saber ela, com uma gargalhada despreocupada. Ora, há que tempos não penso nele. Pode até ter morrido, pouco me importa. Isto mostra o feitio dela.

- Hoje aqui, amanhã ali! - sugeriu Nerina.

- Claro, Miss. E todas nós conhecemos também o feitio de Sir Rupert.

- Como é ele? - perguntou Nerina.

- Refiro-me, claro, no que respeita a mulheres - precisou Madame Marcelle. - Não é de estranhar, num homem tão rico e tão elegante. Correm todas atrás dele. Até nos põe doentes ouvi-las falar ao pé de mim. É só a velha Marcelle, dizem elas, e continuam a conversar. Às vezes, ponho-me a pensar como é que um homem tão atraente e elegante não tem sorte com as mulheres.

- Eu diria que Sir Rupert pode muito bem olhar por si próprio - disse Nerina com acintosidade.

- Sim, admito que ele seja um pouco difícil — concordou Madame Marcelle. - Não que eu já alguma vez tenha falado com ele, mas já o vi muitas vezes. Altivo e arrogante, como se a terra não merecesse que ele a pisasse, embora eu goste de uma pontinha de orgulho num homem. E ele é difícil de conquistar, o que faz com que as senhoras o cobicem tanto.

- E Lady Clementine está muito interessada nele?

- Ora, Miss Graye, não deve perguntar-me essas coisas - admoestou Madame Marcelle. - Não é próprio que uma senhorinha como Miss Graye saiba destas coisas; mas, sabe, Lady Clementine regulou-se sempre por regras próprias. As coisas que tem feito, sem nada sofrer! Bem, se lhe contasse algumas, nem me acreditaria.

- Há muita gente que fala de Sir Rupert e Lady Clementine?

- Oh, não - replicou Madame Marcelle. - Foram sempre muito cautelosos. Eu sei destas coisas porque a filha da minha prima está a servir no castelo de Wroth.

- Que pensa você que sentirá Lady Clementine a respeito do casamento de Sir Rupert? - indagou Nerina.

Madame Marcelle lançou outra das suas rápidas olhadelas de través.

- Sua Senhoria não se preocupa com os laços que prendem os seus admiradores - respondeu. - Mais de uma vez a ouvi dizer: Que me importa a vida particular dele? Lembro-me de Lord Julian gaguejar qualquer coisa acerca do irmão estar aborrecido com ele - por causa do seu envolvimento com ela, claro. E Lady Clementine lançou-lhe um daqueles seus olhares profundos, por entre as pestanas semicerradas... Nessa ocasião, ela estava a provar comigo e pude observar bem, digamos assim... E ela disse: Os teus parentes que vão para o diabo mais as suas críticas; não me importo nada com eles. Tu, ou te interessas por eles ou te interessas por mim, os dois ao mesmo tempo é que não. Não tenho tempo para compromissos! Lord Julian pediu desculpa e disse que nunca mais voltaria ao assunto. É revelador, não é, Miss?

- Sem dúvida.

Nerina inclinou a cabeça para permitir que Madame Marcelle lhe enfiasse o

vestido de casamento de Elizabeth pelos ombros. Era um vestido requintado, feito de folhos sobre folhos de renda de Bruxelas autêntica, a saia sobressaindo da cintura fina, um ficht da mesma renda que só parcialmente ocultava os ombros nus de quem o envergava.

Nerina viu-se ao espelho e soltou uma pequena exclamação de delícia.

- Que vestido maravilhoso! É uma beleza de trabalho!

Madame Marcelle iluminou-se com o elogio.

- Foi um privilégio trabalhar com esta renda - disse ela. - Uma parte já estava descorada por ter sido guardada durante tanto tempo. Foi do enxoval da avó, contou-me ela, mas eu consegui cortar a pior parte e ninguém notará as costuras dos folhos.

- Efetivamente, não - disse Nerina. - É bem bonito. O véu também é de renda?

- Sim, Miss, o véu combina com o vestido. Se me permite uma opinião, acho-o um pouco pesado. Vai esconder o rosto de Sua Senhoria, mas quando lhe disse, pareceu não se importar. Aqui entre nós, Miss Graye, nunca vi uma noiva que ligasse tão pouca importância à sua aparência. Não compreendo; creia-me, Sir Rupert nunca olhou para uma mulher que não vestisse bem.

- Penso que Lady Elizabeth está demasiado fatigada. Tem havido tanta coisa para arranjar em tão pouco tempo - disse Nerina rapidamente.

- Deve ser isso - disse Madame Marcelle. - Agora, Miss, rode um pouco para a esquerda, por favor. Basta, obrigada. A bainha está desacertada aqui.

Em breve, a boca da costureira ficou outra vez cheia de alfinetes e, por momentos, a língua foi obrigada a sossegar, para que Madame Marcelle os não engolissem. Nerina observou com interesse a sua própria imagem no longo espelho. Nunca se vira com um vestido daqueles, tão caro e de tão requintado corte. O suave tom creme da umbrosa renda formava o pano de fundo perfeito para a sua pele. Fazia-a parecer etérea e, ao mesmo tempo, vívida e pulsantemente bela. Havia algo de extático na sua beleza; no entanto, nada havia de insípido nos seus cabelos ruivos e olhos verdes, como se vislumbrava por vezes nas faces brancas e rosadas de Elizabeth e nos seus cabelos de ouro pálido.

Nerina parecia uma labareda. Não era apenas o cabelo, que parecia iluminar toda a sala, era qualquer coisa dentro dela própria, uma espécie de magnetismo que parecia emanar dela quase visivelmente.

Madame Marcelle pôs-se em pé. Cuspiu os alfinetes para as mãos e espetou-os rapidamente na velha almofada cordiforme de veludo, que trazia presa à cintura.

- Pronto já está - disse ela. - Não terei de maçar Sua Senhoria para outra prova.

Receu um ou dois passos para abranger o quadro global.

- É um belo vestido - disse ela - e se me permite, Miss Graye, assenta-lhe mesmo

a si maravilhosamente bem. É pena que não seja Miss Graye a levá-lo. Mas qualquer dia, hei de fazer o seu vestido de casamento.

- Nunca! - exclamou Nerina - Nunca me casarei!

- Isso é um disparate, Miss como bem sabe. Com um rosto como o seu, ainda há de casar, tão certo como eu ser Maggie Potts. E muito em breve, embora não saiba ler a sina. Ora, basta olhar para si no espelho para ver como ficaria uma noiva maravilhosa. Não há dúvida de que o vestido lhe cai bem. Veja-se agora e diga-me se não gostaria de avançar pela nave da igreja ao encontro de um jovem elegante. Talvez não consiga obter renda tão valiosa, mas eu hei de fazer uma coisa bonita, prometo-lhe, e hei de juntar às costuras as melhores felicidades deste mundo.

- Obrigada, Madame Marcele - disse Nerina, tocada pela nota de sinceridade na voz da costureira. E depois soltou uma gargalhada. - Mas eu estou a agradecer-lhe por nada, porque lhe garanto que não pretendo casar. Detesto os homens.

Madame Marcele pareceu chocada.

- Ora, não diga essas coisas. Soa-me como se tivesse tido um arrufo com alguém. As senhoras falam assim quando amuam com um cavalheiro. Mas há de recompor-se e então virá ter comigo para lhe fazer o vestido de casamento. Volto a dizer, fica realmente muito bonita com esse, é mesmo pena que não o possa usar.

- E casar com Sir Rupert Wroth? - inquiriu Nerina em tom frívolo. - Não, Madame Marcele, obrigada.

- Pode ir mais longe e encontrar pior - contrapôs Madame Marcele. Tornava-se evidente que Sir Rupert era um dos seus favoritos. - Os homens não nascem perfeitos, Miss e é inútil esperar que os anjos andem de calças.

Desabotoou a cintura, depois levantou o vestido de renda, separando-o da combinação de aros de aço.

- Não estou à espera de anjos, - disse Nerina logo que pôde falar - mas com certeza que haverá um feliz meio termo entre os anjos e os demônios?

Madame Marcele soltou uma risadinha nervosa.

- Perdoe-me, Miss Graye, mas esta é a segunda vez que ouvi chamar demônio a Sir Rupert Wroth. Nunca esquecerei como certa dama estava zangada com ele, há dois invernos atrás. Não mencionarei nomes, pois não seria curial, mas ela estava tão obcecada com Sir Rupert que não era capaz de pensar ou falar noutra coisa. Costumava submeter-me a um autêntico interrogatório para saber o que eu ouvira dizer a respeito dele e do que ele fazia. Claro que eu não sabia muito, mas uma migalha é melhor que nada, quando se tem o coração faminto. Em dado momento, ele cansou-se dela. Eu sabia que esta era a verdade e sabia também quem era o capricho seguinte pois andava a fazer uns vestidos especiais para a Número Dois. Mandam-me chamar sempre que querem embelezar-se de maneira especial e nem

imagina a quantidade de trabalho que chega até mim por causa de Sir Rupert Wroth. Bem, a primeira senhora de quem estava a falar, pouco a pouco, veio a saber que ele já não se importava mais com ela e começou a esbravejar contra ele! Nunca ouvi ninguém exprimir-se daquela maneira. É um demônio, - disse-me aos gritos - um dia hei de matá-lo, verás se não hei de fazê-lo. Parecia mesmo como no teatro e eu fiquei sem saber o que havia de lhe dizer.

- E, no entanto, está pronta a dizer coisas em favor de Sir Rupert - disse Nerina.

Nessa altura, Nerina estava a pôr o seu próprio vestido, apertando fortemente o laço à volta da cintura fina.

- E porque não? - inquiriu Madame Marcelle. - As mulheres casadas que se deixam prender de amores com cavalheiros como Sir Rupert conhecem muito bem o muito ou pouco valor que isso pode ter. Elas sabem tomar conta delas próprias e, quando as coisas correm mal, podem sempre voltar para os maridos, não é verdade?

Nerina não respondeu. Reconheceu até que ponto o cinismo de Madame Marcelle era razoável. Ao mesmo tempo, viu que não se podia aplicar a Elizabeth, tão meiga, tão vulnerável e que se magoava com tanta facilidade. Como podia Elizabeth ter a esperança de sequer começar a compreender um homem como Sir Rupert Wroth?

Os lábios de Nerina encurvaram-se um pouco desdenhosamente ao recordar a conversa que ouvira entre ele e Lady Clementine. Se ao menos os tivesse surpreendido, se lhes tivesse dito ali, e então exatamente, o que pensava de ambos. Teria sentido prazer e, por uma vez, a compostura de Sir Rupert teria sido abalada, por uma vez, ter-lhe-ia sido arrancado o seu ar de altivo desdém.

Um dia, pensou Nerina, Sir Rupert iria ter o que merecia. Gostaria de saber o que ele diria quando descobrisse que Elizabeth tinha fugido para casar com outro. Seria divertido ver-lhe a cara quando ele recebesse a notícia e saber se, por uma vez, ficara humilhado.

Depois, ao pensar no casamento, a velha e familiar questão recomeçou a afligi-la. Como se conseguiria, como iria Elizabeth desaparecer sem conhecimento de Lord Cardon?

Mesmo que conseguissem levar Elizabeth até ao caminho e a metessem numa carruagem veloz com Adrian, Lord Cardon iria descobrir a sua ausência ao fim de uma hora ou duas e teria tempo de alcançar o par fugitivo. Bastava que ele se informasse no quartel para onde tinha seguido o regimento, para descobrir que partiriam de Dover e poderia lá estar no dia seguinte, antes de o navio largar com a maré.

Nerina ficara acordada, noite após noite, a meditar nestes problemas, enquanto

Elizabeth dormia, feliz por saber que Adrian a amava, confiante na crença de que ele resolveria tudo. Nerina tinha relutância em fazer-lhe demasiadas perguntas ou em discutir o futuro com excessiva minúcia, a fim de que ela não ficasse demasiado deprimida para representar o papel que se exigia dela em frente de Sir Rupert e dos pais.

Contudo, os problemas eram urgentes. Nerina discutira-os mil vezes com Bessie e não tinham chegado a qualquer solução. Nesse momento, enquanto se despedia de Madame Marcele e se preparava para abandonar a sala, apresentavam-se uma vez mais, com uma penetrante persistência que não podia ser ignorada.

- Não precisa mais de mim esta noite? - inquiriu Nerina.

- Não, Miss Graye, obrigada - replicou Madame Marcele. - Já tenho que chegue para me manter ocupada até ao deitar. Tenho a bainha do vestido de baile e, depois, o último acabamento no vestido de núpcias. Sua Senhoria não precisará voltar a prová-lo, seria de mau agouro.

- Importa-se de informar Bessie da hora a que irá precisar de Sua Senhoria, amanhã de manhã? - pediu Nerina. - Se ela estiver demasiado fatigada, virei eu. Ficará contente por saber que a posso substituir.

- Sim, efetivamente, será uma verdadeira bênção - replicou Madame Marcele. - Ainda falta provar alguns vestidos. Boa noite, Miss, a sua ajuda foi preciosa e não se esqueça de que ficou muito bonita naquele vestido de noiva. Há de fazer nascer o desejo de ter um só para si.

Nerina riu-se.

- Madame Marcele, como é lisonjeira!

Enquanto descia o corredor à procura de Elizabeth, sentiu um cálido ardor de contentamento dentro dela. Era ridículo, sabia-o, prestar tanta atenção ao que dizia uma velha tagarela inveterada como Madame Marcele e, no entanto, fora agradável ter sido elogiada, saber-se bonita, saber, ao contemplar-se ao espelho, que as palavras se justificavam.

Era diferente de ouvi-las de um homem, diferente de saber que ele tinha outro motivo ao elogiá-la. Notara um inconfundível tom de sinceridade na voz de Madame Marcele. Por momentos, Nerina imaginou-se a avançar pela nave atapetada de vermelho, o precioso vestido de renda intrinsecamente belo contra as cadeiras de carvalho trabalhado e as paredes de pedra cinzenta da igreja.

Pensou no véu a cobrir-lhe o rosto, a leve transparência ocultando um pouco da sua timidez. Os seus olhos estariam baixos, embora tivesse consciência do homem que a aguardaria nos degraus do altar. Ela avançaria lentamente para ele, uma mão no braço do tio e a outra segurando o ramo de flores. O sacerdote estava na sua frente. Alguém se pusera a seu lado - o Noivo desconhecido. Sabia que ele a olhava

e então, vagarosamente, um pouco ousadamente, erguia os seus olhos para os dele. Ela podia vê-lo através das dobras do véu, ver o rosto do homem que estava prestes a desposar...

O sonho esfumou-se e Nerina achou-se diante da porta do quarto. Entrou. Elizabeth estava sentada onde a deixara, junto da janela, embora o sol se tivesse posto havia muito e a divisão estivesse imersa em semiobscuridade. Elizabeth segurava a carta de Adrian. Levantou os olhos quando Nerina entrou, mas, por um instante, mal pareceu vê-la, pois o rosto irradiava felicidade, aquela felicidade estupefata, extática e íntima, que se apossa de todas as mulheres quando amam pela primeira vez.

A questão urgente do futuro ressurgiu novamente no espírito de Nerina. Como poderia Elizabeth desposar Adrian, como se conseguiria isso? E então, repentinamente, soube a resposta com tanta certeza como se alguém a tivesse escrito em letras de fogo. Descobriu o que tinha de fazer, descobriu ainda enquanto a resolução se lhe revelava, que aquela era a única maneira possível de Elizabeth fugir, por muito perigosa que fosse.

Galvanizada para a ação pelo pensamento que parecia abrir caminho a fogo através da sua mente, Nerina bateu a porta e atravessou o quarto a correr para cair de joelhos ao lado de Elizabeth e envolvê-la nos seus braços protetores, como se a salvasse de tudo, até mesmo das conseqüências da própria vida.

- Escuta, Elizabeth, escuta - disse ela e a sua voz palpitava de excitação. - Descobri o que havemos de fazer! Ocorreu-me de repente! É a única maneira, a única via possível. Poderás desposar o teu Adrian e partir antes de o teu pai descobrir!

Elizabeth baixou os olhos para ela sonhadoramente, sem se dar perfeitamente conta da espantosa decisão que Nerina tomara ou mesmo da importância vital de que essa decisão se revestia para o seu futuro.

- É a única maneira, - disse Nerina com transporte - a única maneira, Elizabeth, de te salvares. Eu tenho de casar com Sir Rupert em teu lugar!

CAPÍTULO VI

Nerina sentou-se na beira da cama à escuta. Por momentos, a casa pareceu muito sossegada, depois na sala, lá em baixo, ouviu a criada raspar as cinzas da grelha do fogão e, à distância, o som de cortinas a serem puxadas e o escovar vigoroso de tapetes.

Contudo, ela estava atenta a outro ruído e a expressão do seu rosto era tensa, bem como todos os músculos do seu corpo. Até ali, tudo correra bem. Àquela hora, já Elizabeth estaria longe, em fuga com Adrian para o navio que a transportaria para fora do alcance da cólera dos pais.

O perigo, no entanto, ainda não passara, pois subsistia a possibilidade de Lord Cardon dar pela ausência de Elizabeth e de impedir o embarque. Podia trazê-la de volta a casa, em desgraça, senão a tempo de casar com Sir Rupert.

Nerina olhou para o relógio por cima da lareira. Eram sete e meia. Elizabeth saíra de casa ao alvorecer e Adrian esperava-a no extremo da vereda. A fuga exigira um planejamento minucioso, já que Lord Cardon persistira em mantê-las fechadas à chave no quarto todas as noites e, só depois de se levantar, Bessie podia ir buscar a chave.

Tinham meditado longamente sobre o modo de Elizabeth ser libertada. Pensaram em forçar a fechadura, em tentar enganar Lord Cardon, levando-o a julgar que ela estava a dormir antes de fechar a porta à chave, quando na verdade nem sequer se encontrava no quarto e muitas outras ideias que tiveram de abandonar por demasiado arriscadas. Nerina repetia muitas vezes que, se levassem Lord Cardon a desconfiar o mínimo que fosse de que se tramava qualquer coisa, o plano estaria condenado ao fracasso. A única possibilidade era aparentar que tudo corria normalmente para que ele fosse arrastado para um sentimento de falsa segurança. Conseqüentemente, foram para a cama à hora habitual, por volta das dez; quando Lord Cardon subiu, como era seu costume, meia hora mais tarde, abriu a porta, viu que as duas primas se encontravam já deitadas e fechou-a decididamente antes de dar a volta à chave.

Nerina não lhe disse nada, mas várias vezes durante o dia se queixara a Lady Cardon de que não se sentia bem. Pouco interesse suscitara na tia a esse respeito; na verdade, observara mordaz:

- Por amor de Deus, pára de lamuriar a respeito da tua saúde, Nerina! Estamos todos fatigados, pois tem havido muito que fazer. Depois do casamento de Elizabeth, terás a possibilidade de repousar até o teu tio resolver arranjar-te outro emprego, um que esperamos não abandones tão precipitadamente como o último.

Tendo ou não despertado interesse, Nerina soube que registrara na mente da tia que não se encontrava no seu estado de saúde normal. Cerca das onze e meia dessa noite, quando Lord Cardon se encontrava confortavelmente no leito. Bessie bateu à porta.

- Perdoe incomodá-lo, Senhor, - disse ela, quando a mandou entrar - mas Lady Elizabeth acaba de tocar a campainha e diz que Miss Nerina não está bem. Se Vossa Senhoria me confiar a chave, vou ver do que precisa e trago-a logo a seguir.

- Raio da rapariga! - resmungou Lord Cardon. - Porque vem ela incomodar as pessoas a esta hora da noite?

- Espero que não seja nada de grave, Senhor - disse Bessie. - Quando estava a ajudar as Senhorias a despirem-se, reparei que Miss Nerina tinha um aspecto febril.

- Bem, toma a chave, - ordenou Lord Cardon, que não estava interessado nos males de Nerina - mas traz-a de volta, nota bem!

- Com certeza, senhor.

Bessie recebeu a chave, fez uma vênia e correu pelo corredor. Elizabeth estava pronta. Esgueirou-se do quarto e escondeu-se na sala de estudo, vazia, que ficava no mesmo piso. Bessie esperou certo tempo e depois levou novamente a chave ao quarto do amo.

- Receio que Miss Nerina esteja com febre, Senhor - disse ela. - Seria uma pena que não pudesse assistir ao casamento, amanhã.

Lord Cardon limitou-se a resmungar uma resposta vaga. Bebera a costumeira garrafa de Porto após o jantar e sentia-se sonolento. Não se preocupava com o que sucedesse no dia seguinte, desde que a filha se casasse com Sir Rupert Wroth e que o generoso contrato de casamento que negociara com os advogados ficasse assinado e selado.

Bessie deixou os aposentos de Lord Cardon. Voltou apressadamente para junto de Elizabeth e, depois de fechar à chave a porta da sala de estudo para que ninguém as perturbasse, persuadiu-a a deitar-se no sofá com uma manta por cima. Elizabeth fez exatamente o que lhe mandaram. Nos últimos dias, mostrara uma surpreendente docilidade em tudo; de fato, Nerina espantara-se com a calma e ausência de nervosismo da prima. Ela, pelo contrário, estava constantemente com os nervos à flor da pele, imaginando a cada momento que os planos pudessem ser descobertos ou que acontecesse alguma coisa no último momento que impedisse a sua execução.

Elizabeth até dormia bem, enquanto Nerina se revolia na cama, noite após noite, sem dormir e de olhos bem abertos na escuridão, com o cérebro ocupado com o que o futuro lhes reservava. Nerina concluiu finalmente que Elizabeth não tinha imaginação. Possuía uma disposição plácida e estava talhada pela natureza para seguir sempre a linha de menor resistência. Se não se tivesse apaixonado por Adrian, teria casado com Sir Rupert Wroth por mando dos pais e não teria contestado quer o direito de tratarem de tais assuntos, quer a sua própria obediência complacente.

O amor de Elizabeth por Adrian foi a primeira coisa a alterar a monotonia do seu comportamento. Todavia, se bem que desesperada, foi incapaz de abandonar o

velho hábito da dependência e ficou contente, logo que compreendeu que se achara a solução para a fuga, por deixar os pormenores a cargo de Nerina e Bessie. Efetivamente, mal se deu ao trabalho de querer saber exatamente o que se devia fazer e como tencionavam agir. A partir do momento em que teve a certeza de que poderia ir ao encontro de Adrian e fugir com ele, nada mais importava nem lhe dizia o mínimo respeito. Apenas num único ponto fora surpreendentemente firme: não sairia de casa sem o enxoval.

- Mas, Elizabeth, - exclamou Nerina com desalento - como poderemos nós levar daqui todas aquelas malas e caixas!

- Têm de conseguir - retorquiu Elizabeth. - Não me posso casar com Adrian sem nada para vestir. Além disso, que pensarão as pessoas de bordo - as esposas dos outros oficiais - se eu chegar só com o que levar no corpo. Rir-se-ão de mim, Nerina. Tenho de levar comigo pelo menos parte do enxoval, tenho deveras!

Desanimada, Nerina olhou para Bessie. Foi Bessie quem eventualmente achou resposta para este novo problema. Era ousado, temerário, mas talvez por ser ambas as coisas deu resultado.

Na tarde anterior ao casamento, Bessie informou um dos criados que algumas das malas da noiva teriam de ser levadas para a estação e que o carro das bagagens devia ser levado para a porta das traseiras imediatamente. Bessie era uma empregada antiga e privilegiada e as suas ordens não eram contestadas. Entretanto, Bessie e Nerina conseguiram arranjar maneira de retirar do sótão algumas malas velhas. Encheram-nas com o enxoval de Elizabeth e deixaram as malas novas no quarto, onde Lady Cardon as pudesse ver. As malas velhas foram rotuladas e transportadas pelas escadas das traseiras pelo lacaio, colocadas no carro das bagagens e levadas para a estação, sem que alguém considerasse isso anormal.

As malas novas foram cheias com roupa velha e jornais e uma, que parecia particularmente vazia, com cobertores e almofadas de uma cama fora de uso. Bessie esperou na estrada e disse a Adrian que recolhesse a bagagem na estação antes de vir buscar Elizabeth, ao alvorecer do dia seguinte. Espantou Nerina, quando tanto estava em jogo, que Elizabeth se preocupasse assim com as suas roupas; contudo, começou a compreender que, quando uma mulher se apaixona, anseia tão ardentemente apresentar-se com o seu melhor aspecto e ser admirada pelo homem da sua escolha que preferiria correr qualquer risco a parecer menos atraente.

Elizabeth suspirara até um pouco lastimosamente quando olhou para o seu vestido de viagem de núpcias e compreendeu que tinha de deixar pelo menos aquele a Nerina. De seda azul-safira e orlado de Glacé, era uma criação

extremamente elegante e o chapéu, a condizer, estava decorado com plumas de avestruz encaracoladas em tons pálidos que iam do rosa ao coral.

Nerina insistira para que Elizabeth pedisse à chapeleira para lhe juntar um pequeno véu. Estavam na moda e não havia razão para que ela não tivesse um, graciosamente pendente da ponta da aba. Contudo, isso provocara uma certa discussão.

- És demasiado jovem! - disse Lady Cardon com firmeza, enquanto a chapeleira exclamava que o belo rosto de Sua Senhoria não devia ficar oculto.

- Eu acho que os véus ficam muito bem às senhoras casadas - replicou Elizabeth com firmeza e, como Nerina fora tão insistente, continuara a teimar até levar a melhor.

Sentada agora na beira da cama, atenta ao regresso de Bessie dos aposentos de Lord Cardon, onde a criada, como de costume, fora buscar a chave, Nerina olhou para o vestido da viagem de núpcias e o vestido de noiva pendurados fora do guarda-fatos. Não tinham sido guardados por receio de amarrotarem e agora, à luz matinal, pareciam quase os fantasmas de duas mulheres; por um momento, Nerina fantasiou que tinham entidade própria.

Não acreditava que seria realmente ela quem avançaria pela nave para desposar Sir Rupert Wroth, no lugar de Elizabeth. Não acreditava que seria ela quem partiria com ele, quem viajaria sozinha com ele para Londres, onde seria passada a primeira noite da viagem de núpcias.

Nerina pensou no que diriam um ao outro durante a longa viagem. Não iriam ser horas agradáveis pensou, porque já tinha resolvido que manteria o subterfúgio de ser a sua própria prima até ser impossível a Sir Rupert informar Lord Cardon de que fora ludibriado com a noiva.

Só poderia revelar a verdade depois de chegarem a Londres. Nerina suspirou profundamente, mas não se tratou de um suspiro de depressão. Era mais o movimento respiratório de um pugilista ao reunir forças para o combate que se avizinha.

Ouviu passos que se aproximavam pelo corredor e pondo-se rapidamente em pé, foi sentar-se ao toucador, com as costas para a porta, não se desse o caso de se tratar de outra pessoa que não Bessie. Ao agir assim, viu a sua própria imagem no espelho e, por momentos, ficou surpreendida e espantada com o seu aspecto. Efetivamente, parecia-se com Elizabeth, com uma cabeleira loura postiça que ocultava o seu cabelo ruivo, os caracóis arranjados em imitação exata de Elizabeth emoldurando-lhe as faces pálidas.

Foi, de fato, a posse desta cabeleira postiça que a levara a fazer a imaginosa proposta de tomar o lugar de Elizabeth. Não sabia porquê, mas ao deixar o

corredor para entrar no quarto, depois das provas com Madame Marcelle, lembrara-se repentinamente dela. Estivera esquecida num dos armários da sala de estudo pelo menos quatro anos. Usara-a quando ela e Elizabeth tinham ido a uma festa de máscaras vestidas de gêmeas. Recordou-se de como, naquela ocasião, ambas julgaram a idéia ridícula. Tinham apresentado muitas outras sugestões quando Lady Cardon falara nisso; porém, como de costume, Lord Cardon dera o voto decisivo e, quando elas ganharam um prêmio, chamara a si todo o mérito.

Lady Cardon não se preocuparia tanto nem com a idéia de um baile de máscaras nem com a compra de uma cabeleira tão cara, se o convite não tivesse vindo da Duquesa de Meldrum. O Duque e a Duquesa raramente se encontravam na sua residência e, quando tal acontecia, todo o Condado se empurrava para ser convidado para a casa ducal.

Lady Cardon era uma pessoa pretensiosa, tal como a maioria das suas amigadas, e estava particularmente ansiosa por que Elizabeth travasse amizade com a filha mais nova da Duquesa, quase da mesma idade. No entanto sabia bem que na região havia pelo menos uma dezena de mães com o mesmo intuito. A dificuldade era fazer Elizabeth sobressair entre as outras crianças, que seriam vestidas e arranjadas com idêntico propósito.

Foi a observação involuntária de um conviva ao jantar que lhe inculcara a idéia de Elizabeth e Nerina aparecerem na festa como gêmeas. Ele estava a falar de um vaso grego antigo que Lord Cardon ansiava por avaliar.

- Obterá uma boa soma por ele - disse o convidado. - É pena que não sejam dois, pois o par é sempre muito mais valioso do que um só.

Foi então que a idéia ocorreu a Lady Cardon e, pelo que ela antecipava poder ser conseguido na festa, mandara chamar um famoso fabricante londrino para que fizesse uma cabeleira que se assemelhasse exatamente à de Elizabeth. Não havia sombra de dúvida, pensava agora Nerina, que, com a cabeleira penteada e arranjada pelos dedos habilidosos de Bessie, qualquer pessoa a tomaria, à distância, por Elizabeth. Era esse o problema. Tinha de se manter a boa distância de todos quantos conheciam Elizabeth, incluindo Lord e Lady Cardon.

Ouviu a chave rodar na fechadura, levou o lenço aos olhos para esconder a cara. Quando viu que se tratava apenas de Bessie, voltou-se com um pequeno grito de excitação.

- Correu tudo bem? - perguntou.

Tinham combinado que Bessie bateria à porta muito baixinho quando regressasse a casa, depois de ter levado Elizabeth até ao portão que dava para o caminho; no entanto, com a porta fechada à chave entre elas, Nerina não pudera falar com ela até então.

- Tudo correu às mil maravilhas - disse Bessie com satisfação. - O Senhor Butler estava à espera e Sua Senhoria deu um grito e voou para os braços dele. Fez-me chegar as lágrimas aos olhos ver os dois tão felizes. Mas não havia tempo para namoros, como lhes disse logo. Depressa, desapareçam daqui o mais depressa possível. Pode haver alguém a espiar-nos neste mesmo instante. Sua Senhoria beija-me, salta para a carruagem e eles partem. Juro-lhe, Miss Nerina, que fiquei lá a vê-los, com as lágrimas a correrem-me pela cara. Só quando Sua Senhoria se voltou e acenou para mim, é que compreendi que talvez não volte a vê-la. A Índia é muito longe daqui, Miss Nerina, e nunca sabemos do que são capazes aqueles negros traiçoeiros. Mas lá, ela terá um marido para a proteger e suponho que fiquei a chorar por uma jovem senhora que eu ameie desde o nascimento.

- Pobre Bessie - disse Nerina. Depois acrescentou excitadamente: - Mas, Bessie, é maravilhoso pensar que ela se escapou sem ninguém a ver. Tens a certeza de que nenhum dos jardineiros ou algum espião está lá em baixo para dizer a Lord Cardon que aconteceu uma coisa estranha?

- Não me parece que alguém nos tivesse visto. Só a velha senhora Jarvis é que dorme na casa do portão, desde que o filho foi preso por roubar caça. Ela é tão surda que não era capaz de ouvir as trombetas do juízo final, mesmo que lhes soprassem aos ouvidos. Além disso, todos estarão ocupados esta manhã a aprontarem-se para a boda. Terão de limpar os relvados e de tratar de mil coisas que lhes ocupam a cabeça.

- Deves ter razão - disse Nerina. - É que estou com tanto medo de que alguma coisa aconteça. Se Elizabeth fosse trazida para casa agora, acho que isso a mataria.

- Tem razão, Miss - concordou Bessie. - Foi o que pensei. Ela estava tão certa de que se casaria com o Senhor Adrian e de que partiria com ele por esses mares que, se Lord Cardon fosse atrás dela, isso a mataria, tão certo como se uma bala lhe perfurasse o coração.

- Foi nisso que eu pensei o tempo todo - disse Nerina - e é por isso, precisamente, que a estou a substituir hoje.

- E vai fazê-lo com muita habilidade - sorriu Bessie. - Garanto-lhe, Miss, que me pregou um grande susto quando aqui entrei. Por um instante, julguei que era Sua Senhoria quem estava ali sentada e o meu coração pareceu saltar-me do peito. Só depois é que a reconheci.

Fez uma pausa; seguidamente, num tom suave e compreensivo que usava quando Nerina e Elizabeth eram crianças e tinham medo do escuro ou se sentiam desalentadas, após um castigo severo, ela disse:

- Não está assustada, pois não, queridinha? Tenho pensado tantas vezes no que se propôs fazer. Tenho dito a mim mesma: Não há uma rapariga em mil que se

atrevesse a fazer as coisas que Miss Nerina se propôs fazer. Se estiver assustada, talvez baste que lhes conte toda a verdade, quando chegar à porta da igreja.

Nerina abanou a cabeça.

- Elizabeth não estaria salva ainda nessa altura, Bessie. O Conde teria tempo de chegar a Dover antes de o navio largar. Não, tenho de ir até ao fim e não estou assustada. Pelo menos, não estou muito.

Bessie avançou e estendeu a mão para tocar no ombro de Nerina. Era como se não tivesse palavras para exprimir os seus sentimentos e então, quase bruscamente, disse:

- Mas não devo ficar aqui a perder tempo. Há tanto para fazer. Vou buscar o seu pequeno-almoço. É melhor que coma uma boa refeição ou sentir-se-á desfalecer. Acautele-se, não vá alguém aparecer à porta. Vou ver a Senhora logo que volte.

Bessie afastou-se apressadamente, enquanto Nerina se sentou ao toucador. Por um momento, as palavras de Bessie provocaram um arrepio no calor do alívio de saber que Elizabeth estava em segurança, longe de casa, e que, ao entardecer, estaria casada com Adrian Butler. A primeira parte do programa estava cumprida e, até ali, tudo bem.

Mas agora, havia a considerar o seu próprio casamento, o casamento com um homem com quem ele não trocara sequer meia dúzia de palavras desde que se tornara noivo da prima. Ao pensar em Sir Rupert, sentiu a ira crescer dentro de si e o asco e ódio que sentia por ele transformaram-se numa sensação física que a magoava, como se suportasse a dor de um ferimento. Sim, ela odiava-o e o seu casamento com ele seria muito diferente do matrimônio de Elizabeth e Adrian Butler, prometeu a si própria.

Ao pensar no amor intenso da prima por Adrian, a expressão de Nerina suavizou-se e, com um leve sorriso, recordou-se de como Elizabeth a surpreendera ainda de outra maneira. Ela sempre imaginara Elizabeth absolutamente inocente, educada como fora na atmosfera protegida e simples de Rowanfield Manor.

Havia até alguma coisa de pueril em Elizabeth, de tal modo que, embora fossem da mesma idade, Nerina sentira-se sempre muitíssimo mais velha e, mais ainda, tomara instintivamente uma atitude de proteção para com a prima. Mesmo quando completaram dezoito anos, Nerina considerava Elizabeth uma simples criança, alguém que tinha de ser protegida dos ventos agrestes das coisas mundanas.

Na última noite, porém, enquanto observava a prima a emalar excitadamente os pequenos haveres íntimos que desejava levar com ela na viagem para o desconhecido, Nerina sentira remorsos. Que sabia Elizabeth da vida, dos homens ou até do casamento? Seria correto ou justo que ela partisse no dia seguinte com

um homem que era praticamente um estranho, ignorando o que a esperava, talvez antevendo uma coisa bem diferente do que poderia vir a ser uma realidade cruel? Num impulso, Nerina sentou-se ao lado de Elizabeth, pegou-lhe nas mãos e disse-lhe:

- Escuta, querida Elizabeth, tenho de te dizer uma coisa antes de nos deixares. É difícil para mim pô-la em palavras, mas, de algum modo, tenho de tentar explicar-te certas coisas, para que não te sintas chocada e assustada quando as descobrires por ti mesmo.

Para surpresa de Nerina, Elizabeth não olhara para ela confundida, mas soltara uma pequena gargalhada.

- Querida Nerina, como estás solene! Mas por favor, não me fales com esses modos. Já tive uma conversinha com a Mamã e não seria capaz de suportar uma segunda.

- Oh, então a tia Anne explicou-te o que é o casamento - disse Nerina com alívio. Elizabeth deu uma risadinha nervosa.

- Não se pode dizer que fosse uma grande explicação - disse ela. - Chamou-me aos seus aposentos e interpelou-me, numa voz assustadora: Elizabeth, preciso falar contigo! Por momentos, enquanto não prosseguiu, pensei que tivesse descoberto tudo. Amanhã estarás casada. Como sabes, minha querida filha, o matrimônio é um santo sacramento da Igreja. Fiquei tão aliviada por ela não saber nada do Adrian que sorri alegremente e disse: Oh sim, Mamã, eu sei. " Mas não é tudo", prosseguiu ela, com uma voz lúgubre. Então, Nerina, foi extraordinário. Corou e agitou-se de uma maneira absolutamente estranha. Não olhou para mim e, se não soubesse que a Mamã nunca poderia sê-lo, diria que se sentia intimidada. Falou dos deveres de uma mulher para com o marido e como devemos obedecer-lhe em tudo o que ele ordenar, por muito estranhas e até repugnantes que as coisas pareçam. Para ser sincera, tive a maior dificuldade em não rebentar a rir. Como se Adrian pudesse falar alguma coisa horrível ou repugnante! Contudo, a Mamã falou por meias palavras, sem nada esclarecer; de fato, o que disse nem sequer fazia sentido.

- Mas, Elizabeth, - disse Nerina, atônita - tu estás realmente informada dessas coisas?

Elizabeth baixou os olhos e um leve sorriso secreto ficou aos cantos da boca.

- Acho que sim - disse ela. - Pelo menos o bastante para não sentir medo de ficar a sós com Adrian; e se há coisas que desconheço, prefiro que seja ele a dizer-me, em vez da Mamã. Pobrezinha, imagino como terá ficado escandalizada quando casou com o Papá.

- Elizabeth! - exclamou Nerina, rindo-se ao mesmo tempo, mas sentindo-se ela

própria meio escandalizada por a sua priminha, que ela julgara absolutamente ignorante, saber tanto.

Nada mais houvera para dizer e abraçou e beijou Elizabeth.

- E assim se desfez a minha última preocupação - admitiu Nerina.

As covinhas apareceram nas faces de Elizabeth.

- Não sou tão estúpida que acredite que as crianças nascem debaixo das groselheiras - elucidou ela. - E se tu queres realmente saber, a Meldrum contou-me muita coisa acerca dos homens e das crianças, há três Verões, quando costumava vir cá a casa e brincávamos às escondidas no jardim.

- A Meldrum! - exclamou Nerina. - E a tia Anne a julgar que ela era uma boa influência para ti...

- Isso é só porque era filha de um duque - observou Elizabeth, escarninha. - Na verdade, só tinha pensamentos obscenos. Eu não seria capaz de repetir muitas das coisas que me contou.

- Mas porque as ouviste? - indagou Nerina.

Voltaram a aparecer as covinhas nas faces de Elizabeth.

- Porque estava interessada - respondeu com simplicidade, e deixou Nerina sem fala.

Ouviu o tinir de uma bandeja junto da porta e, um instante depois, Bessie entrou.

- Trouxe-lhe ovos com toucinho fumado e um dos pãezinhos quentes de que o Senhor Conde gosta tanto. Tem de comer tudo e é melhor fazê-lo depressa. Agora vou para o quarto da Senhora Condessa.

Nerina olhou à sua volta quase em pânico.

- Oh, Bessie, e se ela aparece aqui?

- Não aparece - tranqüilizou-a Bessie. - Se Sua Senhoria puser um pé fora da cama antes das nove horas, eu não sei quem sou. De qualquer maneira, estarei de volta antes de ela aparecer, por isso não se aflija.

Saiu do quarto e Nerina, obedientemente, começou a comer o pequeno-almoço. Com surpresa, sentiu que tinha fome. Os ovos, frescos, estavam deliciosos e os pãezinhos, suculentos, estalavam na boca. A cozinheira tivera de se levantar às cinco horas para os cozer para o pequeno-almoço do tio. Os pratos estavam quase vazios quando Bessie voltou.

- Está tudo bem? - perguntou Nerina com ansiedade.

Bessie assentiu com a cabeça.

- A Senhora Condessa acaba de acordar. Cheguei-me em bicos de pés à cama. Perdoe Vossa Senhoria, mas achei por bem informá-la de que Miss Nerina está indisposta. Tem febre e não gosto nada do aspecto dela. Que se passa com aquela

malfadada rapariga, perguntou a sua tia. Bem, não gostaria de dar uma opinião antes de o médico a ver, disse eu, mas acho, Senhora Condessa, que deve ser ou sarampo ou papeira. Há casos das duas doenças na aldeia e ontem passou-me pela idéia que Miss Nerina se sentia mal por alguma razão. Estava com aspecto disso. Bem, Sua Senhoria dá um arpejo de horror e senta-se na cama. Sarampo ou papeira, Bessie! - grita ela, e logo no dia da boda de Lady Elizabeth! Que havemos de fazer? Bem, Senhora Condessa, respondi-lhe, baixando um bocadinho a voz, considerando que a Senhora Condessa e o Senhor Conde não desejarão atrapalhões até a cerimônia acabar, resolvi mudar Miss Nerina lá para cima para a velha sala das crianças. Meti-a na cama e dei-lhe um xarope. Penso que dentro de poucos minutos estará a dormir profundamente. Eu cuidarei dela, Senhora Condessa, e nada de mal lhe acontecerá. Quando a boda chegar ao fim, se ela não estiver melhor, poderemos mandar chamar o médico. Não interessa assustar as pessoas por causa do contágio. Não, claro que não disse Sua Senhoria e deixou-se cair outra vez no travesseiro. Fizeste o mais acertado, Bessie. Afinal talvez não passe de um falso alarme. Sim, evidentemente, Senhora Condessa, disse eu. Assim espero, mas seria melhor que ninguém se aproximasse de Miss Nerina a não ser eu. Levar-lhe-ei a comida e providenciarei para que nada lhe falte. Não interessa que o resto do pessoal comece a espalhar boatos. A Senhora Condessa sabe como as pessoas se comportam quando surge uma pequena doença. Entrego-a inteiramente nas tuas mãos, Bessie, disse Sua Senhoria e acrescentou: E como está a minha filha esta manhã?

- Nesta altura, mudei de expressão para parecer muito séria e abanei a cabeça. Não está muito contente, Senhora Condessa, com a idéia de deixar a casa. Tenho a impressão de que esteve a chorar, porque tem os olhos inchados; mas obriguei-a a deitar-se e pus-lhe pachos de eau-de- Cologne na testa e panos frios nos olhos. Ficará boa quando chegar a altura, mas espero que Vossa Senhoria e o Senhor Conde falem com ela o mínimo possível, porque está muito apoquentada com a idéia de deixá-los e tenho a certeza que teria outro ataque de choro. Oh, meu Deus, que maçada, disse Sua Senhoria. Entretanto, saí do aposento a pensar que lhe dera muito para meditar.

- Então é melhor que eu me deite - disse Nerina apressadamente, esvaziando a chávena de café. - Corre os estores, Bessie, e tira-me outro lenço da gaveta, um bem grande.

Nerina acomodou-se na cama. Deixou que Bessie lhe pusesse um penso de algodão embebido em eau-de-Cologne na fronte e panos umedecidos nos olhos. Isto deixava-lhe o rosto quase totalmente oculto e, de resto, o quarto ficaria mergulhado numa semiobscuridade.

Nerina dormira tão pouco durante a noite que agora se achou a dormir, mesmo enquanto os seus pensamentos continuavam ocupados com as dificuldades que se avizinhavam.

Passara quase uma hora, quando ouviu a porta abrir-se e viu que Lady Cardon entrara no quarto. Apressadamente, Nerina levou um lenço ao nariz.

- Vejo que estás a repousar, querida - disse Lady Cardon. - É muito sensato. Bessie virá ter contigo quando forem horas de te vestires.

- Oh, Mamã? - exclamou Nerina com voz estrangulada.

Lady Cardon voltou-se rapidamente para a porta aberta.

- Não te apoquentes agora, Elizabeth - disse ela com firmeza. - Procura dormir. Tens de apresentar o teu melhor aspecto no dia de hoje!

Bessie, que pairava no corredor, encontrou Lady Cardon quando saía do quarto.

- É terrível vê-la tão desgostosa, Senhora Condessa - disse ela. - Nem quer comer nada. Tenho medo de que ela desfaleça antes de chegar à igreja.

- Oh, ela não pode fazer isso - disse Lady Cardon, alarmada. - O Senhor Conde ficaria extremamente aborrecido se acontecesse alguma coisa que prejudicasse os arranjos da boda.

- Farei o melhor possível, - disse Bessie - mas peça ao Senhor Conde que não a apoquente. Trarei Lady Elizabeth cá para baixo cinco minutos antes do meio-dia.

- Sim, mais tarde não - disse Lady Cardon. — Levará apenas dois ou três minutos até à igreja, mas tu sabes como Sua Senhoria detesta que o façam esperar.

- Sim, é verdade, Senhora Condessa - disse Bessie. Aguardando na semiobscuridade que chegasse o momento de se vestir, Nerina sentia que as horas nunca tinham demorado tanto a passar. Esperava, a todo o momento, que algo de terrível acontecesse, que a porta fosse escancarada por alguém a dizer que sabia a verdade e que descobrira toda a intriga. Porém, lentamente, os minutos passaram e, por fim, veio Bessie, que fechou a porta à chave atrás dela e ergueu os estores, dizendo que Nerina tinha de se vestir.

O sol inundou de luz o aposento. Por cima dos saíotes enfeitados de renda de Nerina, Bessie enfiou o vestido de noiva de renda de Bruxelas. Era tão belo que, por um momento, Nerina se esqueceu de tudo, até do fato de que, ao elogiar a sua beleza e ao tocá-lo com dedos reverentes, ela pensara que não o iria vestir. Quando Bessie acabou de apertar os numerosos colchetes minúsculos que Madame Marcelle prendera nas costas do vestido com tanto trabalho, ergueu o longo véu envolvente e ajeitou-o habilidosamente na cabeça de Nerina, sob uma coroa de flores de laranjeira.

O véu, muito antigo, constituía um adorno da família Cardon; passara de geração para geração até que, sob a ação do tempo, perdera a brancura e adquirira

o tom suave e cálido do pergaminho muito envelhecido. Ocultava o rosto de Nerina, dando-lhe uma aparência etérea e escamoteadora, e caía atrás, para o chão, formando uma pequena cauda.

Bessie levou algum tempo a ajeitar a coroa e o véu exatamente como desejava; quando terminou, fez Nerina voltar-se para que se visse no longo espelho encostado na porta do guarda-roupa. Nerina olhou para a sua própria imagem e soltou uma leve exclamação.

- Oh, Bessie, estou belíssima! Além disso, ninguém suspeitaria um instante sequer de que sou eu, a parente pobre e mal vestida que sempre foi atirada para último plano.

- Não se pode arriscar, Miss - disse Bessie com severidade. - Tem de conservar o lenço nos olhos o tempo todo; e se inclinar muito a cabeça, tornar-se-á impossível que alguém desconfie de que não se trata da própria Lady Elizabeth.

- Sinto-me tão orgulhosa - disse Nerina - que gostaria de atirar o véu para trás e caminhar pela nave de cabeça bem erguida. Oh, está bem, - acrescentou quando reparou no olhar de consternação de Bessie - não vou correr o menor risco, não precisas de te afligir com isso.

- Já chegam os riscos que corre sem acrescentar mais nenhum - murmurou Bessie.

- É verdade - corroborou Nerina mansamente. Bessie deitou um olhar ao relógio.

- Faltam sete minutos para o meio-dia - disse ela.

- Agora, sente-se e segure o lenço com uma mão e os saís com a outra, enquanto eu chamo um laçao. Vou mandar uma mensagem ao Senhor Conde dizendo que acaba de perder os sentidos e que, por consequência, irá atrasar-se alguns momentos. Quando aparecer, estará tão irritado por ser obrigado a esperar que ficará cego e surdo para tudo exceto para o seu mau gênio.

Nerina riu-se.

- Como tu conheces bem o meu tio, Bessie! — Bessie deu um puxão enérgico ao cordão da campainha.

- O meu pai era exatamente o mesmo - disse ela.

- Tanto faz que sejam criados num palácio ou num casebre, os homens são todos iguais onde quer que os encontremos.

- E todos asquerosos! - acrescentou Nerina enquanto levava o lenço ao rosto e esperava a resposta do laçao ao toque da campainha.

Nerina recostou-se no canto da carruagem do comboio como se estivesse exausta. Não se preocupou com conservar o lenço nos olhos porque fizera isso a tarde inteira e a mão ficara cansada. O canto da carruagem não estava bem iluminado e ela tinha a certeza de que Sir Rupert não a contemplaria com excessiva atenção.

Olhou-o de relance, pelo canto dos olhos. O seu rosto estava de perfil, porque ele olhava para fora da janela. As suas feições eram bem marcadas e ela notou, pela primeira vez, a obstinada severidade do seu queixo, um tanto saliente. Era excitante, pensou ela de repente, estar a sós com um homem de quem ignorava tudo exceto que, há duas horas atrás, se tornara seu marido.

Agora que a cerimônia acabara e passado o perigo imediato da descoberta, já não tinha medo, mas sentia-se quase inebriada com o êxito. Em retrospectiva, parecia quase um milagre que ninguém tivesse suspeitado de nada e que tudo tivesse corrido precisamente segundo o plano.

Lord Cardon resmungara durante todo o percurso até à igreja e estivera demasiado perturbado com a idéia de chegar atrasado para lhe dar mais do que uma olhadela superficial e para se irritar com o fato de ela chorar aparentemente a coberto do lenço. Nerina mantivera o lenço junto dos olhos durante o percurso da nave. Dera as respostas numa voz lacrimojante e fraca e, quando finalmente chegaram à sacristia e Lady Cardon avançara para afastar o véu do rosto e atirá-lo para trás por cima da coroa de flores de laranjeira, ela soluçara: Mamã! Mamã!, num tom entrecortado, e aparentemente fora abalada por uma crise de choro.

Nunca tinha havido uma noiva mais chorosa nem mais triste, pensara Nerina para consigo, com um leve sorriso de divertimento, ao iniciar a travessia da nave pelo braço de Sir Rupert, ao som da Marcha Nupcial de Mendelssohn. Ouviu os murmúrios de simpatia dos convidados e quando, por fim, ela e Sir Rupert entraram na carruagem e se afastaram da igreja, percebeu instintivamente que ele estava irritado com a sua conduta.

- Não há necessidade de te sentires triste, Elizabeth - disse ele gravemente. - Sei que te é difícil deixares a tua casa, mas farei o que puder para te tornar feliz.

Nerina sentiu um desejo delirante de se rir nesse momento, de afastar o lenço dos olhos e de lhe responder: Oh, farás o que puderes, não é verdade? E que acontecerá a Lady Clementine e a todas as outras belas damas que indubitavelmente se lhe seguirão? Mas era ainda demasiado cedo para dizer uma coisa daquelas e sabia que tinha de continuar com a falsa identidade de Elizabeth durante pelo menos mais seis ou sete horas.

Conforme combinado, Bessie aguardava no vestibulo a chegada deles. Sir Rupert deu a mão a Nerina para a ajudar a descer da carruagem e ela ficou surpreendida com o calor dos seus dedos. De certo modo, esperava que todas as partes do corpo dele fossem frias como gelo e duras como granito. Neste contacto, sentiu pela primeira vez que talvez ele fosse humano. Perguntou a si própria se não estaria a tratá-lo com demasiada indelicadeza, mas imediatamente a memória da conversa com Lady Clementine no pavilhão regressou e sentiu que ele merecia qualquer castigo que eventualmente lhe infligisse e muito mais.

Deixou que ele a guiasse escada acima e, quando viu Bessie, que a aguardava ansiosamente na entrada, cambaleou na sua direção, dizendo em tom estrangulado:

- Desfaleço, Bessie, desfaleço! Ajuda-me! — Quase caiu nos braços de Bessie, a qual, sustentando-a, se virou para um dos lacaios e disse:

- James, ajuda-me a levar Sua Senhoria lá para cima! Para surpresa de Nerina, Sir Rupert disse com firmeza:

- Não, eu levo Sua Senhoria.

Sem dar tempo a que ganhassem consciência das suas intenções, ergueu-a nos braços. Com um pequeno gemido, ela escondeu a cara contra o seu ombro e, enquanto ele subia as escadas, ganhou consciência da tremenda força dele. Parecia ter pegado nela com a facilidade com que se pega num bebê; e embora se movesse com rapidez, a sua respiração continuava tão calma e regular ao atingir o patamar como no início da subida.

- Qual é o quarto? - perguntou laconicamente a Bessie.

Esta guiou-o até aos aposentos de Lady Cardon, onde o vestido de viagem de Elizabeth estava estendido numa cadeira de braços, com as delicadas botinas lustrosas arrumadas ao lado.

- Deite Sua Senhoria na cama, por favor, Sir - disse Bessie. - Ela está muito abalada e exausta. Foi demasiado para ela.

Bessie falou num tom de quase censura, como se pretendesse que Sir Rupert se sentisse em falta. Ele não ofereceu réplica, mas pousou Nerina com muita delicadeza na cama. Quando ela desviou o rosto, ele perguntou:

- Queres que te traga um brandy?

- Há aqui, obrigada, Sir - disse Bessie. - Deixe-a comigo. Ela ficará boa; se tivesse a bondade de explicar ao Senhor Conde, quando chegar, a razão por que Sua Senhoria está cá em cima.

- Sim, direi a Lord Cardon - replicou Sir Rupert. - Tem a certeza de que não é necessário mais nada?

- Sim, muito obrigada, Sir - disse Bessie rapidamente e seguiu-o até à porta para

se certificar de que ele a fechava.

Logo que ele desapareceu, Nerina sentou-se na cama.

- Consegui, Bessie! Estou casada! Olha!

Estendeu a mão com o elo de ouro no anular.

- Oh, Miss Nerina, que medo tive por si! - exclamou Bessie com voz trêmula.

Nerina riu-se.

- Devias ver-me a chorar e a gemer até ao altar e na sacristia - disse ela. - Não será nada favorável à reputação de Sir Rupert que as pessoas digam que ele se casou com uma noiva relutante.

Sorriu outra vez, com uma certa malícia, ao recordar e depois acrescentou em voz rápida:

- Corre os estores, Bessie. Seria loucura correr riscos agora e a tia Anne pode surgir a qualquer momento.

- Sim, claro - retorquiu Bessie. - Onde tenho eu a cabeça? Foi a Menina que me tirou todo o juízo ao mostrar-me a aliança e ao falar como se o que fez hoje fosse uma coisa banal. Há contas a pagar, Miss Nerina, não se esqueça.

- Estou pronta a pagar o preço, - replicou Nerina - desde que faça Sir Rupert pagar também. Graças a Deus, tu vens comigo, Bessie. Quanto tempo achas que levará até descobrirem que não está ninguém na sala das crianças?

- Espero que seja só amanhã de manhã - disse Bessie. - Fui buscar comida à cozinha, depois de Miss Nerina ter partido para a igreja, e contei à cozinheira que ia dar à Menina uma colher ou duas de calmante. Ela adormece logo a seguir, disse eu, e não quero que ninguém lá vá e a acorde. Se ela precisar de alguma coisa, toca a campainha. Dei as minhas instruções às criadas e não me parece que se atrevam a desobedecer. De resto, estarão a festejar o casamento esta noite, por isso, desconfio que não irão preocupar-se por sua causa.

- Mas quanto à tia Anne? - lembrou Nerina.

- Contarei a Sua Senhoria a mesma história e aconselhá-la-ei a ter cuidado para não correr o risco de contágio. Tanto quanto eu sei, ela nunca teve sarampo nem papeira.

- És muito esperta, Bessie - aplaudiu Nerina. — Parece que pensaste em tudo.

Quando acabou de falar, Nerina recostou-se apressadamente nas almofadas e levou o lenço aos olhos, pois ouvira passos do outro lado da porta.

Lady Cardon penetrou no quarto.

- Que se passa, Elizabeth? - perguntou asperamente. - Com certeza que te vais recompor! Porque estás às escuras? Tens de descer imediatamente para receber os teus convidados e presidir ao copo-de-água com o teu marido.

- Oh, Mamã! Mamã! - lamuriou Nerina com os ombros agitados, como se

atravessasse uma tempestade de lágrimas.

- Posso falar com Vossa Senhoria lá fora? - perguntou Bessie em voz baixa.

Lady Cardon hesitou, depois pareceu decidir que seria melhor proceder como Bessie pedira. Precedeu-a para fora do quarto. Ao fim de poucos minutos, Bessie reentrou sozinha. Fechou a porta e rodou a chave.

- Que lhe disseste, Bessie? - perguntou Nerina.

- Preguei um belo susto a Sua Senhoria - respondeu Bessie, baixando a voz. - Disse-lhe que a Menina estava à beira de desfalecer e que, a menos que a deixassem descansar e acalmar-se, não estaria em boas condições para seguir em viagem de núpcias. Sua Senhoria ficou muito incomodada com isso, posso garantir. Nunca vi Elizabeth comportar-se de maneira tão ridícula, comentou ela. Ah, pois aí é que está, Senhora Condessa, disse eu, são as sossegadas as que sentem as coisas mais fundo. Não há de parecer bem, pois não, Senhora Condessa, se a viagem de núpcias tiver de ser anulada. Deixe as coisas comigo, que eu levarei Lady Elizabeth para baixo quando a carruagem estiver pronta para transportar os noivos à estação. Ela está tão sobre-excitada que não seria capaz de enfrentar o copo-de-água com todos aqueles discursos. Ou faz como digo, Senhora Condessa, ou terá de chamar o médico. Bem, isto fez decidir a sua tia, Miss. Desceu, dizendo que não sabia o que o Senhor Conde diria de tudo aquilo, mas creio que ela o há de convencer de que a melhor coisa a fazer é deixá-la aqui até ao último momento.

- Bessie, tu és maravilhosa! - exclamou Nerina e deitou-se contra as almofadas em triunfo, sorrindo ao pensar na fúria do tio e no embaraço de Sir Rupert.

Não obstante, por mais corajosa que ela se mostrasse, o coração palpitava apreensivo quando Bessie a acompanhou pelas escadas abaixo até ao vestíbulo, onde Sir Rupert a aguardava. Os convidados da boda tinham-se agrupado e feito alas desde as escadas até à portinhola da carruagem. Houve um sussurro quando Nerina apareceu.

Lentamente, desceu os degraus, de cabeça inclinada, como que para ocultar a emoção, o lenço continuamente a secar os olhos. Houve um momento de perigo quando teve de dar a Lord e Lady Cardon o beijo da despedida, mas felizmente eles estavam tão preocupados com o evitar o véu, as penas de avestruz encaracoladas e as fitas do chapéu de Elizabeth que não tiveram oportunidade de lhe ver bem o rosto.

Por entre uma trovoada de desejos de felicidades por parte dos convidados e uma chuva de arroz e pétalas de rosa, alcançou a segurança da carruagem. Sir Rupert entrou e sentou-se ao lado, os cavalos foram fustigados e, com gritos e exclamações de boa viagem para os fazer andar depressa, partiram.

Nerina permaneceu alguns minutos na atitude de quem soluça em desatino,

mas finalmente quebrou o silêncio ao dizer com voz desmaiada:

- Podes passar-me os meus sais, por favor? — Os sais estavam à sua frente no pequeno assento onde um laçao os pusera juntamente com vários outros artigos que eventualmente pudessem ser necessários durante a viagem. Sir Rupert pegou neles e entregou-os. Enquanto ela aspirava o odor do pequeno frasco de vidro facetado, perguntou cortesmente:

- Desejas que baixe um pouco mais a janela?

- Talvez um pouquinho, obrigada - replicou Nerina e, quando ele a baixou, ela inclinou-se para a frente como que para aspirar a frescura da tarde estival.

Por fim, recolheu-se no canto da carruagem e descontraíu-se. Percorreram cerca de uma milha em silêncio e, então, Sir Rupert interrompeu a observação da paisagem e disse:

- Lamento que estejas tão triste por deixares a tua casa.

- Não é de admirar - replicou Nerina. - Não nos conhecemos há muito tempo.

- Não, isso é verdade - disse, como se a idéia só naquele momento lhe tivesse ocorrido. - Se a pressa pareceu imprópria, não me deves culpar, pois foi uma necessidade, atendendo ao estado de saúde da tua mãe.

- De fato! - confirmou Nerina friamente. — Ouvi dizer que estavas ansioso por casar o mais depressa possível.

Sir Rupert sobressaltou-se de maneira perceptível.

- Quem te contou tal coisa?

Nerina hesitou.

- Não... Não consigo recordar-me, - replicou — mas fiquei com a impressão de que tinhas um bom motivo para acelerar a cerimônia matrimonial.

Estava divertida por ver que Sir Rupert parecia levemente perplexo, como se a conversa fosse inesperada e pouco agradável.

- Talvez deva ser franco para contigo - disse por fim. - As pessoas falam e podes ouvir mais coisas a este respeito. A verdade, minha querida Elizabeth, é que existe grande possibilidade, com a demissão de Lord Palmerston, de eu vir a ser o Ministro de Sua Majestade para os Negócios Estrangeiros. Sou muito jovem para tal cargo e a Rainha pensa ser aconselhável que os seus Ministros, especialmente os jovens, sejam casados. Claro que não foi unicamente por esta razão que eu te pedi em casamento.

- Não, claro que não - murmurou Nerina.

- Como já te disse, - continuou Sir Rupert - reparei em ti quando eras criança e tinha ouvido muitos elogios à tua beleza desde que cresceste. Seria surdo e cego se não me apercebesse que havia uma jovem excepcionalmente bela a viver em Rowanfield Manor.

- Portanto apaixonaste-te por aquilo que ouviste a meu respeito? - indagou Nerina. - Como foste... precipitado!

Notou que Sir Rupert lhe lançou um olhar acerado, mas felizmente era-lhe impossível ver a expressão do rosto dela, pois a fina teia do véu ocultava-lhe as feições.

- A idéia de me apaixonar por ti talvez se implantasse no meu espírito pelo que ouvi a teu respeito - explicou ele, pois não era diplomata em vão - mas foi na festa dos teus pais, há algumas semanas, que percebi que desejava desposar-te.

- Foi muito amável da tua parte - comentou Nerina e, embora o tom da voz dela fosse humilde, Sir Rupert olhou-a outra vez de relance, surpreendido.

Ela resolveu que não se podia desacautelar e ir demasiado longe. Se Sir Rupert descobrisse que fora enganado, ainda estava a tempo de mandar voltar a carruagem e regressar a Rowanfield Manor. Lord Cardon não poderia impedir Elizabeth de casar com Adrian; no entanto, se chegasse a Dover na manhã seguinte bem cedo, ainda teria tempo de a impedir de largar para a Índia.

- Tenho de ser cautelosa - pensou Nerina e, cruzando as mãos no regaço, disse:

- Sinto-me um pouco ensonada. Acharias descortês se eu dormisse até à estação?

- Não, evidentemente que não. É até extremamente sensato - disse Sir Rupert e ela notou a nota de alívio na voz dele.

Ele estendeu os pés enquanto falava e pousou-os no assento em frente. Pouco depois, o próprio Sir Rupert estava a dormir, enquanto Nerina, acordada a seu lado, lhe observava o rosto.

Era natural que ele tivesse sono, pensou ela. Devia ter bebido uma enorme quantidade de champanhe no copo-de-água. Devia ter comido demasiado e aborrecera-se com os longos brindes proferidos em voz de estentor com que todos os parentes teriam competido para produzir um dilúvio de sentimentalismo lóbrego e inteligência imatura.

- Como deve ter detestado tudo aquilo! - pensou Nerina, com regozijo e, levantando o véu, examinou Sir Rupert com atenção. Adormecido, parecia mais jovem, pensou ela, mais jovem e sem estar na defensiva. Quando os seus olhos estavam cerrados e o ódio que neles ardia e o seu brilho duro a não podiam desconcertar, era fácil notar as linhas graciosas do rosto dele - o nariz direito, graciosamente esculpido, e os lábios cheios e generosos, quando não estavam unidos num ricto de ira ou agastamento.

- Gostava de saber porque é que ele é tão truculento. - perguntou Nerina a si própria e pensou, subitamente que teria muito tempo para descobrir.

Nerina congeminou no que Elizabeth teria feito no seu lugar. Na realidade, estaria talvez a chorar neste momento, por partir com um homem por quem, se

não sentia ódio, não sentia estima. Nerina tinha a certeza de que Elizabeth teria ficado assustada e inibida. Havia qualquer coisa em Sir Rupert que fazia os outros tremer. Nerina notara, divertida, que até o tio tinha medo dele.

- Mas eu não tenho medo - pensou Nerina. Tenho de manter supremacia. Se alguma vez me deixar abater ou conquistar, estou perdida.

Puxou o véu para o rosto e, recostando-se no canto da carruagem começou a planejar, como já planeara milhares de vezes antes, o que diria a Sir Rupert quando chegassem a Londres.

O comboio entrou no término de Euston Square, poucos minutos depois das sete. Uma carruagem fechada esperava-os fora da entrada provida de colunas e um laçao alto e forte, de chapéu alto brasonado, estava atento ao aparecimento dos amos de entre a multidão que saía da estação. Quando partiram, Nerina inclinou-se para a frente a fim de olhar da janela, desfrutando com uma alegria que não tentou disfarçar o barulho e o bulício de Londres, com os seus edifícios altos, ruas movimentadas e inumeráveis ruídos.

As lojas fascinavam-na; mirava-as com os olhos atônitos. Havia relojoarias, retrosarias e lojas de criadores de pássaros; papelarias, camisarias e lojas de espartilhos luxuosos; estabelecimentos de artigos de música, de xales e de luvaria; joalharias, confeitarias e chapelarias, todas rebrilhando de luz, no entanto totalmente eclipsadas pelo brilho álaçre das tavernas iluminadas a gás. Por sorte, a carruagem não se podia deslocar velozmente por causa do tráfego. O seu avanço era embaraçado por autocarros repletos de empregados de escritório fatigados, carruagens de duas rodas e uma ocasional bicicleta de dois lugares impulsionada por janotas de vistosos bigodes.

O congestionamento era agravado pelas confortáveis carruagens de corpo duplo, puxadas por cavalos nédios, em que se deslocavam ricos refinadores de açúcar e fabricantes de sabão, e pelas carruagens de aluguer puxadas por animais bem tratados ou escanzelados e miseráveis, com os ossos salientes roçando nos arreios decrepitos. Os passeios estavam apinhados de peões - ardinhas aos berros, mulheres em volumosas saias de balão, pagenzinhos, marinheiros de cara bronzeada e mãos tismadas, com os chapéus encerados puxados para a nuca, num desafio a todas as leis da gravidade; bufarinheiros judeus, soldados de casaca vermelha, artífices jornaleiros com os sacos da ferramenta, marçanos e janotas de garrida roupa puída, com alfinetes baratos e espetados em gravatas sujas e oleosas cabelos compridos a tocar as golas dos casacos.

- A cidade é barulhenta e quente nesta época do ano - comentou em tom afetado Sir Rupert, quando Nerina se inclinou para a frente a fim de contemplar um magote de crianças que dançavam alegremente ao som de um realejo tocado por

um italiano com um macaquinho enfezado no ombro. - Partimos para Paris depois de amanhã. Se nunca lá estiveste, é uma cidade muito elegante e, em muitos aspectos, muito mais civilizada do que a nossa capital.

Nerina não lhe deu resposta. Perguntava a si própria se partiriam de fato para Paris dali a dois dias ou se Sir Rupert a despacharia para Rowanfield Manor. Pensou que dificilmente ousaria fazer tal coisa, posto que houvesse sempre essa possibilidade.

Quando a carruagem virou para Berkeley Square, Nerina teve uma visão rápida de plátanos altos movendo-se na brisa do entardecer e edifícios elegantes e aristocráticos rodeando um jardim gradeado.

- Chegamos finalmente - anunciou Sir Rupert. — Suponho que a criadagem estará à nossa espera para nos saudar.

Tinha razão. O pessoal da residência de Berkeley Square estava alinhado no vestíbulo, desde a governanta, no seu sussurrante avental de seda preta, ao pequeno engraxador, cujo sorriso bochechudo e um tanto descarado foi para Nerina mais tranquilizador que as severas vênias e saudações formais que os outros lhe dirigiram. Quase teve o desejo louco de corresponder ao sorriso do engraxador e de lhe piscar o olho, mas em vez disso apertou as mãos solenemente e seguiu a governanta - uma mulher pedante, de lábios apertados e de idade incerta - até ao andar de cima.

- Suponho que Vossa Senhoria desejará redecorar várias salas - disse, enquanto indicava a Nerina o caminho para um amplo quarto, mobiliado com certa simplicidade. - A casa não foi arranjada desde que Sir Rupert a comprou, há oito anos, e penso que uma senhora tem sempre gostos diferentes de um cavalheiro, se bem me compreende.

- Sim, claro - disse Nerina. - A minha criada de quarto já chegou?

- Não deve tardar, minha senhora - replicou a governanta. - A caleche seguiu para a estação para a ir buscar, assim como ao criado de quarto de Sir Rupert.

- Mande-a subir logo que chegue - disse Nerina.

- Sim, Milady, - disse a governanta - mas se for necessário alguma coisa entretanto, basta tocar à campainha.

- Não desejo nada até a minha criada de quarto chegar.

A governanta fez uma vênia e retirou-se. Logo que se achou sozinha, Nerina retirou o chapéu e arrancou a peruca dourada. Estava apertada e o alívio de se sentir livre foi inexprimível. Correu os dedos pelos cabelos, que pareciam retomar vida e começaram a encaracolar-se à volta da testa em pequenas espirais, brilhando à luz das velas que estavam sobre o toucador.

A porta abriu-se e Bessie entrou. Nerina virou-se com um grito de alívio.

- Oh, Bessie, que alegria ver-te. Recееi que te atrasasses.
- Os bagageiros foram rápidos a retirar a bagagem do furgão - respondeu Bessie.
- Aconteceu alguma coisa, Miss?
- Oh, nada - Nerina sorriu tranqüilizadora quando viu a expressão ansiosa de Bessie. - Sir Rupert dormiu a maior parte do caminho e eu meditei. Mas estava cansada desta peruca e é uma alegria voltar a ser eu própria.
- Oh, Miss Nerina, preocupei-me consigo durante toda a viagem - disse Bessie. - Na verdade, nem sequer me pude divertir como devia. O criado de quarto de Sir Rupert é um jovem muito bem parecido e esperto. Está preocupada?, perguntou-me ele, depois de estarmos sentados em silêncio algum tempo. Seria uma surpresa para si, disse eu e ele riu-se. Mas não pude deixar de continuar preocupada, Miss Nerina. Que irá acontecer quando chegarmos?, estava eu sempre a perguntar a mim própria.
- Deixa isso por minha conta, Bessie - tranqüilizou-a Nerina. - A que horas é o jantar?
- Logo que esteja pronta, Miss - respondeu Bessie.
- Então vai mudar de roupa imediatamente, — disse Nerina - pois acontece que estou com muita fome.
- Fome... com o que a espera no futuro! - exclamou Bessie. - Tem a certeza de que Sir Rupert não desconfia de nada?
- Nem um pouco - disse Nerina. - Não há dúvida de que ficou cego com os encantos de Lady Clementine, mas não creio que alguma vez tenha olhado sério para Elizabeth.
- Bem, Lad Elizabeth já se livrou dele, se quer saber o que penso - disse Bessie, de nariz torcido.
- Bateram à porta. Bessie correu e abriu-a apenas uma nesga.
- Um momento, por favor - disse rapidamente e voltou-se para Nerina.
- É a bagagem, Miss.
- Tinha-me esquecido dela! - exclamou Nerina.
- Agarrou no chapéu, pô-lo na cabeça e sentou-se ao toucador de costas para a porta. Bessie mandou entrar os dois lacaios que traziam as malas. Pousaram-nas e retiraram-se em silêncio respeitoso. Quando desapareceram, Bessie deu a volta à chave e olhou para a bagagem.
- Queira Deus que me lembre onde estão as roupas e onde está o lixo - disse ela.
- Puseste o vestido de noiva naquela ali - disse Nerina. - Reparei nela, porque vi que as iniciais estavam enegrecidas.
- Pois estão - confirmou Bessie. - Deve ter escapado aos olhos de águia do Senhor Conde ou tê-la-ia mandado logo para trás.

- Isso demonstra que, quando estamos com muita pressa, qualquer um nos engana - disse Nerina - e isso aplica-se também a Sir Rupert.

- Oh, Miss Nerina, que irá ele dizer? - indagou Bessie. - Aliás, não devo voltar a tratá-la por Miss Nerina. Agora é Vossa Senhoria.

- Por quanto tempo, gostaria de saber - disse Nerina com um sorriso.

- Ora, Miss não é essa a questão - replicou Bessie.

- Aqueles que Deus juntou estão casados para sempre. Não deve pensar numa coisa tão má como o divórcio. Ora, até o Parlamento tem de se conformar!

- Sim, eu sei - disse Nerina - e o divórcio não seria ajuda nenhuma para as ambições de Sir Rupert de vir a ser Ministro dos Negócios Estrangeiros. Imagina o que a Rainha não diria.

- Eu própria gostaria de saber o que diria Sua Majestade se soubesse deste casamento e como Sir Rupert foi engodado a desposar uma noiva imprevista.

- Duvido que tenha a coragem de lhe contar - disse Nerina. - Aposto tudo o que quiseses, Bessie, que ele faria tudo menos isso. Faria figura de parvo. Sim, este é um dos meus pontos fortes. Ele faria figura de parvo.

Bessie abriu um dos malões.

- Que vai vestir esta noite, Miss? - perguntou ela.

- Só há o vestido de noiva e estes velhos de Miss Elizabeth, que ela deixou ficar. Meti-os à última hora.

- Visto o de noiva, evidentemente - disse Nerina. - Preciso ter confiança em mim mesma e sei que ele me assenta bem.

Não falou em vão, pois, quando Bessie acabou de a arranjar, olhou-se ao espelho e viu que estava belíssima. Se o vestido lhe assentara durante as provas, antes de estar acabado, parecia infinitamente mais belo agora que o cabelo fora penteado pelos dedos habilidosos de Bessie. À luz das velas, os seus ombros tinham um brilho de marfim, em contraste com a delicada cor de creme da renda antiga, enquanto a cintura era tão fina que podia ser apertada pelas mãos de um homem. Nerina nunca antes reparara na sua figura; mas agora, ao ver-se pela primeira vez num vestido que lhe caía tão bem ficou a saber que se podia orgulhar do seu corpo, com as suas curvas suaves e ancas estreitas.

Tinha acabado de se vestir quando bateram à porta. Bessie foi abrir.

- Com as saudações de Sir Rupert - disse uma voz. - Ele julgou que Sua Senhoria gostaria de usá-las.

Bessie regressou com dois estojos de jóias. Nerina abriu um e soltou um arquejo de espanto. Colocado numa almofada de veludo azul estava um colar de diamantes, com brincos e uma pulseira a condizer. Abriu o outro estojo, mais pequeno. Continha um anel com dois enormes diamantes em forma de pêra,

rodeados de brilhantes.

- Jóias da família! - exclamou Nerina.

Bessie recuperou a voz.

- São magníficas, Miss Nerina. Vai usá-las?

- Porque não? - inquiriu Nerina. - De bom ou mau grado, agora faço parte da família. Além disso, são precisamente o toque final de que preciso para a minha aparência.

Tinha razão. A cadeia rutilante em volta do pescoço e as jóias faiscantes nas orelhas davam-lhe um requinte e uma elegância que não teria sem tais adornos. Depois de pôr as jóias, mirou-se longamente ao espelho e, num impulso, inclinou-se e beijou Bessie na face.

- Agora, para a batalha! - sussurrou ela e saiu do aposento.

Ao subir, a governanta mostrara-lhe a grande sala de estar no primeiro andar. A porta estava entreaberta e, antes de entrar, Nerina teve um relance de rebrilhantes candelabros de cristal de pavier aceso, elegante mobiliário com dourados e rendilhados, espelhos brilhantes e reposteiros de veludo cor-de-rosa velho.

Um lacaios descerrou mais as portas para ela entrar e depois voltou a cerrá-las. Sir Rupert estava de pé, de costas para a porta. Com as mãos apoiadas na lareira, olhava fixamente o fogo. Esperou um momento e depois voltou-se lentamente com o sorriso convencional de saudação. O sorriso morreu-lhe nos lábios. Ficou um momento a olhar para Nerina e o espanto estampado no rosto era quase ridículo.

- Nerina Graye! - exclamou por fim. - Que fazes aqui?

- Que pergunta tão estranha para se fazer à própria esposa! - replicou Nerina.

Atravessou a sala na direção dele e sentou-se no sofá.

- Estás louca? - disse ele. - Que fazes tu aqui, nesta casa, e porque trazes os diamantes que mandei a Elizabeth?

- Mandaste-os a mim - replicou Nerina. — Segundo o recado que recebi, Sir Rupert pensava que Sua Senhoria gostaria de usá-las esta noite. Se estavas a pensar em Elizabeth, foram entregues à pessoa errada.

As sobancelhas de Sir Rupert juntaram-se na testa.

- Não sei de que estás a falar, - disse ele - mas peço uma explicação. Não sei como aqui apareceste ou se foi a convite de Elizabeth, mas far-me-ás o favor de justificares a tua presença e também de retirar as jóias da minha família, que obviamente recebeste por engano. Destinavam-se a minha esposa.

- Foi isso precisamente que pensei - disse Nerina - por essa razão as pus.

Sir Rupert levou a mão à testa e, com uma expressão de irritação quase insuportável no rosto, voltou-se e encaminhou-se para o cordão da campainha.

- Que vais fazer? - perguntou Nerina.

- Vou pedir a Elizabeth que desça imediatamente - disse ele. - É obrigação dela receber os próprios parentes e garanto-te que a tua conduta ultrapassa largamente o meu entendimento.

- Eu não tocara a campainha para já - disse Nerina mansamente e Sir Rupert deteve a mão no próprio ato de a levantar para o cordão bordado. - Deixa-me explicar a situação em palavras muito simples - continuou ela. - Elizabeth não se encontra nesta casa. Neste momento, creio firmemente, está casada com um cavalheiro de nome Adrian Butler, capitão. Eles amam-se e serão, penso eu, muito felizes.

Teve a satisfação de ver o rosto de Sir Rupert empalidecer e tornar-se rígido, como se por momentos, à semelhança da mulher de Lot, se tivesse transformado numa estátua de sal. Depois, numa voz que quase parecia estrangulada na garganta, disse:

- Elizabeth casada! Então eu...

- Casaste comigo - completou Nerina.

Sir Rupert agarrou-se às costas de uma cadeira.

- Atreves-te a dizer-me isso aí sentada?

- Preferias que fosse outra pessoa a dar-te a notícia? - inquiriu Nerina. - Um dos criados?

Sir Rupert deu um passo na direção dela.

- Tens a audácia de me dizer - trovejou ele - que me casei contigo esta tarde, em vez da tua prima?

- Essa é a verdade - replicou Nerina. — Asseguro-te que não era esse o meu desejo, mas foi a única maneira de enganar o meu tio e de permitir que Elizabeth desposasse o homem da sua escolha. Não estamos na Idade Média, sabes, e, no entanto, os pais imaginam que têm o poder de obrigar as filhas a casar contra vontade, casamentos que só lhes trazem desgostos e infelicidade.

- Mas a tua prima consentiu em casar comigo — disse Sir Rupert.

- Nada disso - respondeu Nerina. - Disseram-lhe que tinha de casar contigo. Pouco importava ao pai ou a ti que ela amasse outra pessoa. Tu queria-a e, porque és rico e poderoso, nada mais foi tomado em consideração, muito menos os próprios sentimentos de Elizabeth.

- Mas porque não me disseste? Porque não me contou ela? - inquiriu Sir Rupert.

- Estavas realmente interessado? - perguntou Nerina. - Sem dúvida que o casamento era uma questão de conveniência, pelo menos pela tua parte. Sei que pretendias uma esposa complacente e confiante.

Sir Rupert alarmou-se, como se tais palavras tivessem para ele um significado especial. Contudo, a sua ira não lhe permitia alterar a linha de raciocínio.

- Mas como pudeste fazer isto? É ilegal!

- Pelo contrário, acho que é absolutamente legal - replicou Nerina. - Estás a ver, tenho a tua aliança no dedo. Somos, de fato, marido e mulher.

- Recuso que façam pouco de mim - ribombou Sir Rupert. - Devolver-te-ei imediatamente a teu tio e que ele faça contigo o que lhe parecer melhor.

- Continuarei a ser tua esposa aos olhos da lei e da Igreja - disse Nerina calmamente.

- Duvido - disse Sir Rupert. - Eu desposei a tua prima Elizabeth.

- Desposaste uma jovem chamada Elizabeth - retorquiu Nerina. - Acontece que me batizaram Elizabeth Nerina. Os meus pais sempre me chamaram Elizabeth; porém, quando fui viver com os meus tios para Rowanfeld, tornou-se evidente que não podia continuar com o mesmo nome da minha prima; por isso, muito contra minha vontade foram obrigados a tratar-me pelo que consideravam um nome exótico e fantasioso, o qual, por acaso, era o nome de minha mãe.

- Pouco me importa que o casamento seja legal ou não - teimou Sir Rupert. - Voltarás para casa esta noite mesmo e depois veremos o que dirá teu tio.

- E depois de me mandares para casa, - disse Nerina tranquilamente - suponho que irás ao palácio explicar a Sua Majestade o que se passou. Achas que a Rainha sancionará o divórcio ou julgará a separação a melhor solução?

Sir Rupert mordeu o lábio.

- Parece que tens muito a dizer sobre este assunto - observou ele agastado.

- Queres dizer que talvez eu saiba muita coisa acerca desta questão. Na verdade, sei. Devo dizer-te porquê? Ouvi a conversa entre ti e Lady Clementine Talmadge quando tramaram casar-te com a minha prima Eliza beth.

- Ouviste a nossa conversa? Como? - inquiriu Sir Rupert.

- Não vejo motivos para entrar em pormenores - disse Nerina. - Basta dizer que, inadvertidamente, soube dos teus planos para encontrares uma esposa complacente e continuar a ligação com Lady Clementine.

- Como te atreves a falar dessas coisas?

- Porquê? - perguntou Nerina - Envergonhas-te delas?

Sir Rupert emitiu um som perfeitamente intraduzível e virou-se de costas para fitar o fogo.

- Estavas pronto a enganar Elizabeth, não estavas? - disse Nerina. - A rapariga dócil e confiante que devia tornar-se tua esposa serviria de capa aos teus amores nefandos agora e, claro, no futuro. Elizabeth é uma pessoa bondosa e meiga e Lady Clementine fez bem em escolhê-la. Ela representaria bem o seu papel e não te causaria problemas; infelizmente, porém, estava apaixonada por outro. Ocupei o lugar dela. Não sou complacente, nem pretendo fazer de ingênua para te agradar a

ti ou às tuas amantes.

Sir Rupert voltou-se.

- Posso saber o que tencionavas fazer? - inquiriu.

- Tenciono ser tua esposa - disse Nerina. - Tenciono usar o teu nome, gastar o teu dinheiro e usufruir da tua posição. Não tenho ilusões a teu respeito, sei exatamente o que és e o que posso esperar de ti. Mas tu nunca estarás seguro do que poderás esperar de mim.

- Imaginas que te quero para esposa? - inquiriu Sir Rupert. - Uma intriguista, uma rapariga que abriu caminho com mentiras, subterfúgios e tramas, até constituir uma situação intolerável, pelo menos para mim!

- E pensas que te quero para marido? - indagou Nerina. - Que isto fique bem claro desde já. Odeio-te, odeio todos os homens, desprezo-os e detesto-os, e a ti talvez mais do que aos outros, porque com as tuas magníficas qualidades, posição, riqueza e sucesso político, estavas pronto a destruir a felicidade e a confiança de uma jovem inocente, desde que isso te conviesse a ti e aos teus perversos desejos por outra mulher. Sim, odeio-te! Casei contigo, mas se alguma vez me tocares com um dedo que seja, denuncio-te à Rainha, para que saiba quem tu és! Agora conhecemos exatamente as nossas posições.

Nerina erguera-se involuntariamente enquanto falava, com a violência dos seus sentimentos, a respiração saía rápida e o peito agitava-se. Viu-se forçada a levantar os olhos para Sir Rupert. Por momentos, pareceu tão robusta e alta como ele, enquanto olhavam um para o outro das extremidades do grosso tapete da lareira, ambos com uma expressão de ódio e azedume no rosto, os olhos chispando ameaças um para o outro.

CAPÍTULO VIII

Sir Rupert Wroth estava sentado à escrivaninha e olhou através da janela para o jardim de Berkeley Square. O sol fazia as árvores parecerem tão belas como se crescessem na frescura do campo e uma suave brisa estival abanava-lhes as folhas, verdes e douradas, de tal modo que pareciam abanicar as damas elegantemente vestidas que se sentavam à sua sombra.

Vários moradores da praça faziam uso do privilégio de utilizarem o jardim murado, cujo acesso era reservado aos proprietários. Havia a rica Miss Curzon, do número 50, - uma casa que era considerada assombrada - cujas feições e fortuna

tinham posto Londres inteira a especular sobre quem iria desposar. Trajando um vestido de popelina azul-celeste, conversava com três jovens fidalgos extasiados, todos eles com esperanças de melhorar os seus haveres empobrecidos com o auxílio da considerável riqueza dela.

As extravagâncias de tais pretendentes eram observadas por Sarah, Condessa de Jersey, que, apesar de rondar os setenta e cinco anos e estar cada vez mais surda, conseguia ver muito mais do que as pessoas mais novas, em plena posse das suas faculdades. Embrulhada em xales e com o companheiro esmagado e tiranizado a seu lado, conseguia todas as tardes deitar uma mirada ao mundo social em que se salientara durante tanto tempo como grande beleza e como uma das últimas freqüentadoras do Almack's.

Ninguém usufruía uma vida mais recheada de acontecimentos ou mais intensa desde o momento em que casara com Gretna Green, tal como sua mãe, até ao dia em que herdou uma fortuna de 300 mil libras da poderosa Casa Bancária de Temple Bar.

Na sua velhice, achava a geração mais jovem insípida e, como dizia, sonsa. Criticava invariavelmente com severidade e, agora, ao inspecionar Miss Curzon, dirigia ao seu companheiro comentários acerca dela com a voz imoderada dos surdos. Como esses comentários eram sempre pouco lisonjeiros, o companheiro sentia-se empurrado para um alvoroço de embaraço e ficava sentado de olhos baixos, corando de mortificação, um espetáculo que a velha senhora nunca deixava de desfrutar.

Havia muitas crianças, que corriam por aqui e por ali com os brinquedos e os cães, enquanto as amas tagarelavam em grupo e uma preceptora de costas direitas e ar pedante as vigiava. Havia plantas em flor nos canteiros, a erva verde e macia parecia veludo devido ao trato cuidadoso de numerosos jardineiros. De fato, a praça era um pequeno oásis de beleza e encanto, cercado pela rua movimentada e pelos edifícios altos e cinzentos.

Do lado de fora deste oásis privilegiado, e especialmente junto dos portões que lhe davam acesso, juntava-se o habitual magote de pedintes e bufarinheiros, na esperança de uma oportunidade para excitarem o interesse ou a compaixão dos fidalgos quando atravessavam a rua, vindos das residências, a caminho do jardim, ou regressavam a casa após saborearem a luz do sol.

Contudo, Sir Rupert, olhando através da larga janela de reposteiros de damasco carmim, nada via do que se passava na praça. Tinha o sobrolho franzido e os lábios fortemente apertados, como se os seus pensamentos não fossem agradáveis e estivesse irritado por causa deles. O que o Marquês de Landsdowne, que o visitara inesperadamente, lhe contara alguns minutos antes repetia-se insistentemente no

seu espírito e deveria ter-lhe agradado.

- Pensei que gostasse de saber, Wroth, - disse ele - que há dois dias Sua Majestade queixou-se ao Primeiro-Ministro de que não existe nenhuma questão delicada ou perigosa em que Lord Palmerston, arbitrariamente e sem consultar os seus colegas nem a Soberana, não comprometa o país. A Rainha, segundo me informaram, ocupa-se agora da redação de um memorando Formal, no qual esclarece o que espera do seu Ministro dos Negócios Estrangeiros.

- E que dirá o Primeiro-Ministro a isso? - perguntou Sir Rupert.

- Palmerston sairá, não há dúvidas a esse respeito - replicou Lord Landsdowne. - O único problema é quando. O meu conselho para si, Wroth, é que não faça nada, mas que se prepare.

- Agradeço-lhe. Seguirei esse conselho - replicou Sir Rupert.

Todavia, quando o Marquês saiu para se dirigir à sua residência, no outro lado da praça, rodeada pelo mais formoso jardim de Londres, Sir Rupert continuou a olhar pela janela de sobrolho franzido. A sua atenção foi atraída por uma carruagem que parava diante da sua porta. Era uma carruagem de aluguel, mas estava aberta e, por isso, Sir Rupert pôde ver sem dificuldade que era ocupada pela sua esposa.

Demorou, no entanto, alguns instantes a reconhecer Nerina, pois ela parecia diferente. Como é típico dos homens, não compreendeu que a diferença residia nas roupas e na modificação do penteado que trazia. De fato, ela vestia no rigor da última moda, tão atualizada, que teria sido difícil a alguém relacionar a figura elegante que desceu da carruagem com a jovem mulher mal vestida e fora de moda que Sir Rupert conhecera em Rowanfield Manor.

O vestido de Nerina, de tafetá chinês, fora desenhado e cortado por um costureiro da Corte; o chapéu, liso e ornamentado com imensas plumas de avestruz, era tão ultramoderno que só algumas ditadoras da moda teriam ousado aparecer em público com ele. A diminuta sombrinha, com cabo de borlas, combinava com o corpete do vestido e era orlado de renda de Viena, delicada e muito dispendiosa.

Nerina desceu da carruagem aberta e, como vários lacaios acorreram ao seu encontro, Sir Rupert pôde ver que eles eram necessários, pois a carruagem estava cheia de caixas. Havia caixas de todos os tamanhos e feitios, compridas, curtas, quadradas e redondas, bojudas e esguias, as quais ostentavam os nomes dos costureiros mais caros e seletos de Bond Street. Depois de Nerina entrar em casa, os lacaios continuaram a ir e a vir por tempo considerável, transportando o que era obviamente o espólio de uma manhã de compras.

O rosto de Sir Rupert escureceu como nunca, se acaso fosse possível, mas não se

mexeu do seu lugar à escrivaninha. Nem sequer voltou a cabeça para observar o que acontecia lá fora, mas nada escapara à sua atenção; só quando a carruagem de aluguel foi paga e abalou, é que ele se pôs em pé e começou a medir o soalho a grandes passos, o ato de um homem preocupado consagrado pelo tempo.

Mal podia acreditar que a situação difícil em que se encontrava fosse real. Acordara nessa manhã, com o sol insinuando-se por entre os cortinados do quarto, e perguntara a si próprio se efetivamente aquilo tudo não passara de um sonho louco. Mulheres jovens não se portam desta maneira, pensou. Não era possível que um homem fosse enganado e levado a desposar uma rapariga diferente da que pretendia e, mais ainda, que se achasse na situação incômoda de não poder reagir fosse de que maneira fosse.

Com efeito, que podia ele fazer? As ameaças de Nerina não o afetaram tanto como a sua própria convicção de que qualquer iniciativa que tomasse faria dele alvo de zombaria. Quase que era capaz de ouvir os risos disfarçados dos inimigos; até os amigos não poderiam ocultar os sorrisos. Pouca gente havia que não gostasse de ver o orgulhoso rebaixado e o poderoso abatido e seria difícil não rir de um homem que, com fama de Don Juan, tivesse caído no artil de uma peruca loura e de umas crises de choro bem representadas.

Sir Rupert estivera desperto quase toda a noite, a ferver de raiva e indignação. Levantou-se, não apenas irado, mas consumido por uma fúria amarga e devoradora que o fazia ansiar por ferir alguém, de preferência a pessoa que mais o perturbava. Quando desceu para o pequeno-almoço, depois de planejar uma série de observações bem escolhidas, com que esperava intimidar a sua perseguidora, descobriu que Nerina já tinha saído.

- Sua Senhoria pediu-me que o informasse, Sir, de que saiu para fazer compras - disse o mordomo.

Contou depois à governanta, no isolamento da despensa, que nunca vira ninguém com tão pouco aspecto de noivo, nem com comportamento tão desagradável como o amo. Sir Rupert tinha perfeita consciência dos comentários dos criados. A atmosfera pouco confortável no jantar da noite anterior não teria passado despercebida, o fato de a noiva se ter retirado para os seus aposentos e de se ter fechado à chave e o de Sir Rupert ter dormido no seu próprio quarto eram ações que não escapariam à observação nem a comentários.

Mas Sir Rupert não tinha conhecimento de uma coisa que talvez o tivesse consolado um pouco: Nerina ordenara a Bessie que nada dissesse sobre os acontecimentos nem que ela não era de fato a noiva pretendida por Sir Rupert.

- Primeiro, veremos como ele se comporta - disse ela. - Haverá tempo suficiente para o fazer sentir-se incomodado e apreensivo com o que se possa dizer, logo que

mostre as suas intenções. Tenho o pressentimento de que não está na natureza dele deixar as coisas tal como estão.

- Oh, Mrs Nerina - gemeu Bessie apreensivamente. - Se Sir Rupert se mostrar desagradável, qual será a sua reação?

- Depende do que entenderes por desagradável - replicou Nerina. - Ele não vai ser amável, isso seria esperar demasiado. Contudo, se aceitar a situação tal como está, sem distúrbios excessivos, então eu também poderei ser amável.

- E o Senhor Conde? - perguntou Bessie. Nerina encolheu os ombros.

- Não estou verdadeiramente com medo do tio Herbert, agora - replicou ela. - Que pode ele fazer? Ficará furioso, claro, principalmente por ter sido ludibriado e ultrapassado. Nunca me perdoará isso e sobretudo por ter perdido um genro rico. Mas também ele ficaria numa posição extremamente ridícula se todos soubessem a verdade.

- De qualquer modo, as pessoas hão de falar — sugeriu Bessie.

- Bem, claro que hão de falar, - comentou Nerina - mas suponhamos que tanto Sir Rupert como o tio Herbert se defendem com cinismo, suponhamos que dizem que sabiam desde o início que Sir Rupert casaria comigo e não com Elizabeth. Eles podem explicar que houve uma alteração de planos, depois do envio das participações e que a maioria dos amigos já tinha sido convidada. A pessoa com quem estivera a falar poderá ser sempre exceção. Que podem fazer os estranhos? Ficarão surpreendidos e curiosos, mas, se ninguém ficar zangado ou incomodado, que mais há a dizer?

- Tudo parece muito fácil, Mrs. Nerina, - disse Bessie - mas a primeira pessoa que tem de convencer é o próprio Sir Rupert.

- Sim, eu sei - corroborou Nerina, sem parecer desanimada.

De fato, os seus olhos verdes cintilavam e um sorriso bailava nos cantos da boca. Pela primeira vez na vida, ela estava consciente da sua própria força. Nunca antes se pudera impor aos outros, nunca antes estivera numa posição de supremacia, nunca antes soubera o que significava ser uma pessoa importante. Quer Sir Rupert a odiasse quer a abominasse, restava o fato de que tinha de contar com ela e, pelo menos provisoriamente, ela ocupava o espírito dele com exclusão de tudo o resto.

Nerina sentira o moral robustecer-se ao ver-se sentada defronte dele durante o jantar da noite anterior. Quando o mordomo afastara para ela a grande cadeira de braços na extremidade da mesa oposta à que era ocupada por Sir Rupert, quando ela o encarou por cima das travessas douradas repletas de fruta de estufa e vira os lacaios empoados, de calças até ao joelho e libré de galões dourados, movendo-se silenciosamente na sala, compreendera pela primeira vez que se tornara uma mulher importante. Para o melhor e para o pior, tornara-se a esposa de Sir Rupert!

Era Lady Wroth, quer a detestasse - como lhe revelava a expressão do rosto dele -, quer, no dia seguinte, resolvesse denunciá-la pelo artil em que o fizera cair. Fosse o que fosse que dissesse ou fizesse, ela continuava a ser, de momento, a sua esposa, ainda legitimamente unida a ele pela Igreja e pelo Estado, com o símbolo áureo dessa união a brilhar no dedo, junto do pesado anel que combinava com os rutilantes diamantes que tinha ao pescoço.

Os pratos deliciosos foram-lhe apresentados com uma deferência que nunca conhecera em Rowanfeld. Era excitante saber-se primorosamente ataviada e maravilhosamente adornada de jóias. Enquanto sorvia o borbulhante champanhe por uma taça de cristal colocada a seu lado, mal podia acreditar que não ouviria a voz áspera e tirânica do tio mandá-la para a cama.

Eram as primícias da liberdade, uma liberdade que muitas vezes imaginara, mas que nunca sonhara que viria a ser sua. Era como se uma avezinha presa e engaiolada se encontrasse de súbito livre para voar em direção ao céu e fugisse, esquecida de tudo e de todos os perigos, exceto do contacto do vento que lhe sustentava as asas, do sol que lhe incidia no corpo. Liberdade! Era uma embriagues que Nerina nunca sentira.

Agora, vinda da rua, ela parecia possuir uma radiação desinibida quando entrou no vestibulo ornado de colunas de mármore. O mordomo, tomando-lhe a sombrinha, disse:

- Sir Rupert está na biblioteca, Milady. — Nerina hesitou um momento; depois, como se a coragem lhe desse asas nos pés, atravessou o vestibulo e abriu a porta da biblioteca, antecipando-se a um laçao atento. Sir Rupert continuava a caminhar a passos largos de um lado para o outro da sala. Estacou quando ela entrou e quedou-se no centro da sala; um homem na defensiva, conforme se afigurou a Nerina.

Ela assemelhou-se a um feixe de raios solares penetrando na sombria dignidade da sala, ornamentada com gravuras de episódios desportivos e apainelados de carvalho. O vestido tinha a cor do vidro muito antigo, com a mesma beleza iridescente; por contraste, a pele de Nerina apresentava-se com uma brancura quase ofuscante e os olhos vivamente verdes. Atravessou a sala com ar de profunda indiferença, despojando as mãos das compridas luvas de camurça francesa.

- Passei uma manhã agradabilíssima - disse para iniciar conversa. - Espero que tenhas recebido a minha mensagem.

- Disseram-me que tinhas ido às compras - retorquiu Sir Rupert, a voz chegando-lhe aos lábios com o que parecia ser um considerável esforço.

- Sim, é certo - disse Nerina. - Infelizmente, não tinha que vestir, exceto o que

trouxe ontem. Foi feito para Elizabeth, claro, e não me caía nada bem; além disso, as minhas malas só tinham jornais e mantas velhas, um enxoval pouco apropriado, deves concordar, para uma dama da sociedade.

- Foste então, comprar o teu enxoval - disse Sir Rupert com severidade - e, sem dúvida, esperas que seja eu a pagá-lo.

- Claro que sim - disse Nerina. - Tinha a certeza de que te agradaria. Não estava segura de obter crédito em algumas lojas, mas logo que mencionei o teu nome permitiram que trouxesse tudo o que quis. Parece que te conhecem bem por reputação e, em alguns casos, por contato mais pessoal. No Briggs', onde comprei a sombrinha, esqueci-me de mencionar que era tua esposa e descobri que te tinham obsequiado com um número considerável de sombrinhas para outras tantas damas encantadoras. A última, fiquei a saber, fora enviada a Lady Clementine, para a usar em Ascot. Um presente caro, com cabo marchetado de ametistas. Deve ser muito bonita.

- Com mil raios, as lojas não têm o direito de serem tão indiscretas! - vociferou Sir Rupert. - Dir-lhes-ei isso e encerrarei a minha conta.

- Não deves censurá-los com demasiada severidade - replicou Nerina. - Receio ter sido eu quem os aliciou. Estava com tanto interesse em conhecer os teus gostos. A sombrinha, por exemplo, que deste a Madame Bianco quando estava a atuar em Drury Lane era, em minha opinião, ligeiramente ordinária, mas suponho que ela ficou encantada.

- Não sinto o mínimo desejo de discutir tais assuntos contigo - disse Sir Rupert com dureza.

- Não? - Nerina levantou as sobrancelhas. - Que pena! Seria muito melhor que fôssemos francos um com o outro. Detesto mentiras e subterfúgios!

- Não esperas certamente que acredite no que dizes - respondeu Sir Rupert com sarcasmo.

- Mas porque não? - quis saber Nerina. - Só porque uma pessoa é obrigada a mentir ou a servir-se de subterfúgios para atingir os seus fins, isso não significa que goste de fazê-lo. É uma questão absolutamente diferente. Mas como eu estou tão ansiosa por que sejamos francos um com o outro, acho correto informar-te que gastei uma quantia bastante considerável esta manhã, sabendo claro, que desejarias ver-me vestida de acordo com a minha posição.

- Não me importo com a maneira como te vestes - disse Sir Rupert iradamente. - Esta farsa já durou muito tempo. Temos de chegar a um entendimento.

- É isso precisamente que eu esperava que dissesses - esgrimiu Nerina - e, pelo que me toca, quanto mais cedo melhor.

Enquanto falava, baixou os olhos, alisou as luvas no regaço, juntou as mãos e

ergueu o olhar para Sir Rupert, com a expressão facial de uma criança à espera do elogio a uma distinta façanha.

Fez-se silêncio. Sir Rupert pareceu hesitar, atravessou a sala e regressou ao ponto de partida.

- A situação é intolerável - disse.

- Para quem? - inquiriu Nerina. - Pessoalmente, acho-a divertida. Gosto da tua casa, gosto de ser tua esposa.

A suave satisfação dela pareceu atear a cólera de Sir Rupert.

- Diabos! Não és minha esposa. Não foi minha intenção casar contigo e a questão de que nos teremos de ocupar é como desfazer esta maldita meada!

- Não podes fazer nada - replicou Nerina. — Nesta altura, Elizabeth está a caminho da Índia. Ao menos ela está salva. Esta manhã, se não antes, o meu tio terá descoberto que eu não estou em casa. Nem por um momento relacionarão o meu desaparecimento com o casamento de Elizabeth. E é pouco provável que o meu tio venha de mala-posta até Londres para se informar se sabemos alguma coisa a respeito do meu desaparecimento. Estarão tão deliciados com o fato de a filha, julgam eles, ter casado contigo, que não quererão interromper a lua-de-mel e, depois de colherem o maior número possível de informações locais, não farão rigorosamente nada. Se o conhecimento que tenho do meu tio não estiver errado, prosseguirão os planos de partir para o Continente amanhã.

- Pretendes insinuar que não se preocuparão com o fato de a sobrinha ter aparentemente desaparecido, de um dia para o outro?

- Oh, preocupar-se-ão até certo ponto, - retorquiu Nerina - principalmente por ser tão inconveniente; e pensarão no que as pessoas dirão. Se eu me meter em apuros, pode refletir-se neles. Mas se queres saber se eles se sentirão infelizes ou ansiosos pelo que me acontecer, a mim como pessoa, a resposta é não. A minha tia não me estima, o meu tio detesta-me vivamente. Se eu fugisse para casar ou fosse raptada, ficariam até contentes, desde que não voltasse a aparecer e não lhes trouxesse problemas.

- Não posso acreditar que estejas a falar verdade - contrapôs Sir Rupert. - Afinal de contas, és sobrinha de Lord Cardon.

- Sou a infeliz conseqüência do casamento do irmão dele com o que a família considera uma pessoa indesejável - disse Nerina com amargura. - A família de minha mãe era pobre e ela tinha uma voz particularmente bela. Usava-a para evitar que os pais morressem de fome e para pagar os honorários do médico, quando o pai ficou irremediavelmente entredado e com poucos anos de vida. Como ela aparecia num palco público, como as pessoas pagavam para a ouvir, os meus tios comportaram-se sempre como se ela fosse pouco melhor que uma vulgar

prostituta.

- Mas isso não foi culpa tua - disse Sir Rupert.

- Nunca ouviste dizer que os pecados do pai recairão sobre os filhos? - perguntou Nerina com um sorriso seco.

- Mas neste caso, exageras certamente? - insistiu Sir Rupert. - O teu tio levou-te para casa, foste criada com a tua prima Elizabeth.

- Sim, até ter idade de ganhar para me sustentar a mim própria - replicou Nerina. - No dia do garden arty tinha vindo do meu terceiro emprego como preceptora de crianças. Voltei a Rowanfield, não por desejar voltar ao único lar que conheci nos últimos oito anos, mas simplesmente por não poder suportar mais as atenções lascivas do meu patrão. Não é uma história edificante e não vou aborrecer-te com ela; basta referir que o meu tio sabia para que espécie de lugar me mandava, sabia que o fidalgo que me pagava faria os possíveis por me seduzir; e, no entanto, mandou-me para lá, como já anteriormente me tinha mandado para outro lugar da mesma espécie, com perfeito conhecimento e intencionalmente.

- Não acredito - disse Sir Rupert violentamente. - Estás a inventar desculpas. Porque haveria eu de acreditar em ti?

- É-me absolutamente indiferente que acredites ou não - disse Nerina. - Ontem à noite, disse-te o que pensava de ti e de todos os homens com quem estive em contacto. Fizeste-me uma pergunta; respondi-te com sinceridade. Como já disse, não gosto de mentiras nem de subterfúgios, a não ser quando efetivamente necessários.

Sir Rupert curvou-se um pouco ironicamente.

- Peço desculpa - disse ele. - Vejo que a minha opinião não tem para ti qualquer importância.

- Não, claro que não - limitou-se a dizer Nerina. - No entanto, como estamos casados, é aconselhável sermos o mais francos possível um para o outro. Digo-te que, de momento, é pouco provável que sejamos importunados pelo meu tio. Mais tarde, claro, teremos de lhe dizer a verdade.

- Pela maneira como falas, - disse Sir Rupert - penso que imaginas que pretendo permitir que continues como minha esposa.

- Pouco há que possas fazer - lembrou Nerina. — Tens alguma sugestão sobre a maneira como te poderás ver livre de mim?

Ficou satisfeita por ver como o silenciara. Pouco depois, ele dirigiu-se para a janela, para ficar de costas para ela.

- Recuso-me a viajar para Paris - disse por fim, como um garoto amuado. - Seria uma farsa.

- Concordo contigo - disse Nerina. - Pouco haveria para nos ocuparmos e

aborrecer-nos-íamos consideravelmente um ao outro. Compreendo, além disso, que não desejes que se saiba que estás em Londres. Sugiro, portanto, que fiquemos aqui mais um dia e depois partamos para Wroth. Gostaria de ver o meu futuro lar, mas que fique bem claro que não pretendo ser despachada para lá.

Sir Rupert sobressaltou-se.

- Onde estavas quando ouviste a desafortunada conversa entre mim e Lady Clementine? - inquiriu ele.

- Isso importa? - perguntou Nerina.

- Suponho que não, - murmurou Sir Rupert — uma vez que ouviste tudo o que dissemos.

- Foi uma conversa muito esclarecedora - disse Nerina. - Não acreditava, até aquele momento, que os homens fossem tão calculistas na escolha de esposa.

- As circunstâncias eram invulgares - defendeu-se Sir Rupert. - Sua Majestade dera mais ou menos uma ordem para que eu não voltasse à Corte sem lhe trazer uma esposa.

- Que infelicidade as tuas afeições estarem comprometidas noutro lado! - interrompeu abruptamente Nerina.

- Não falemos nisso, por favor - disse Sir Rupert.

- Claro que não, se preferes que permaneça o acontecimento vergonhoso da família que se esconde de toda a gente - replicou Nerina. - Como Lady Clementine ficará decepcionada quando vir que não sou tão insípida como a minha prima Elizabeth!

- Já te disse que não vamos falar de Lady Clementine - disse Sir Rupert.

- Não, claro que não - disse Nerina amavelmente, mas perguntou a si própria malevolamente com que palavras explicaria Sir Rupert à amante a troca de noivas.

A explicação surgiu mais cedo do que ambos esperavam. Quando o prolongado almoço se aproximou do fim, Sir Rupert observou que ia para o seu Clube.

- A que horas estarás de volta? — inquiriu Nerina. Sir Rupert encolheu os ombros. Nerina olhou para ele especuladoramente.

- Acho que estás a tentar fugir de mim - disse ela. - Mas rogo-te que não esqueças que teoricamente estamos em lua-de-mel.

- Não é provável que me esqueça - disparou Sir Rupert. - Que sugeres que façamos. Dar as mãos no parque?

- Gostaria de ir à Ópera - replicou Nerina. Sir Rupert hesitou. Viu a expressão no rosto dele e percebeu que a perspectiva lhe desagradava.

- Podia ir contigo ao Clube - sugeriu ela. Ele olhou-a fixamente.

- Enlouqueceste? - perguntou. - Uma senhora que entre num clube de homens fica socialmente marcada para toda a vida.

Nerina sorriu insinuantemente.

- Eu sei e tenho a certeza de que não será necessário um ato tão precipitado como esse - disse ela. - Na verdade, penso que estarás de volta a tempo de jantar.

Sir Rupert falou por entre os dentes, mas sabia que tinha perdido.

Nerina já estava quase arranjada naquela noite quando Bessie, espreitando da janela, a informou de que Sir Rupert acabava de chegar.

- Portanto, ele receia-me! - murmurou de si para si e havia um sorriso de triunfo nos seus lábios quando desceu, cinco minutos mais tarde, para aguardar Sir Rupert na sala de estar.

O vestido era tão belo que se pusera em bicos de pés para se ver nos espelhos. Cópia parisiense de um usado pela Imperatriz Eugénia, era de cetim de seda branco com três folhos de tule. Por baixo, trazia uma saia armada Eugénie e, no cabelo, uma grinalda de rosas brancas orvalhadas de diamantes.

Sir Rupert não fez comentários ao aspecto dela, mas Nerina viu que ele lançara um olhar levemente irônico ao abafo de arminho branco orlado de marta que trazia por cima do vestido.

Escolhera-o por ser tão caro e também por ser de longe a pele mais formosa da loja. Embora Nerina estivesse decidida na vingança, ficara chocada com o preço daquele abafo, em especial, e precisou de toda a sua determinação para dizer com firmeza: Fico com ele, quando a vendeure, depois de exaltar todas as suas virtudes com grande volubilidade, baixou finalmente a voz para revelar o preço.

Contudo, Nerina esqueceu-se de tudo exceto do conforto e da sensação de confiança que o abafo lhe dava quando, ao entrar no camarote de Sir Rupert, no Teatro Real de market ela o deixou escorregar dos ombros, sabendo que os diamantes que lhe rodeavam o pescoço eram tão belos como os usados pelas outras mulheres presentes.

Todavia, o Teatro da Ópera intimidou-a. A sua magnificência era superior ao que imaginara. A enorme ferradura dos primeiros camarotes estava pejada com toda a riqueza e beleza da sociedade elegante. Diademas faiscantes, ombros nus, colarinhos engomados, casacas de cerimônia, capas, flores, leques e longas luvas de pelica davam a entender até que ponto os ingleses sabiam ser elegantes e simultaneamente dramáticos, mesmo quando apenas buscavam repouso e entretenimento.

A ópera era italiana, mas as figuras principais eram inglesas, Sim Reeves e Catherine Hayes. Um encantador corpo de bailado tinha como primeira figura Pocchini, que foi tão graciosa e fascinante que Nerina quis juntar-se aos gritos e exclamações com que a galeria a aplaudiu. Quando as luzes se acenderam para o primeiro intervalo, Nerina olhou à sua volta e viu como todos os camarotes

estavam ocupados e praticamente todas as mulheres presentes tinham a cabeça coroada de jóias.

- Vejo que terei de te pedir um diadema - disse Nerina a Sir Rupert com uma pequena gargalhada.

Como ele não respondesse, voltou-se para ele e reparou que tinha o olhar fixo no outro lado do teatro. Seguindo o olhar, o coração dela deu um pulso. Alguém acabara de entrar num camarote no lado oposto, onde já se encontravam sentadas três pessoas. Era Lady Clementine.

Estava muito bela, notou Nerina. O vestido era de cetim carmesim, com um decote generoso e uma sobrecasaca de gaze apanhada atrás com flores de joalheria. Trazia um diadema de rubis e diamantes no cabelo escuro. Ao pescoço, um colar das mesmas pedras e, no pulso, uma enorme pulseira, por cima das luvas pretas. Apesar de o vestido e as jóias serem belos, era difícil reparar fosse no que fosse, com exceção dos olhos amendoados e de pálpebras pesadas de Lady Clementine e dos lábios vermelhos, que pareciam albergar sempre um convite nas suas curvas.

Nerina voltou-se para Sir Rupert. Pareceu-lhe que ele estava mais pálido e o queixo rígido. Ele levantou-se.

- Permites que te deixe por alguns instantes? perguntou.

Nerina hesitou.

- Se vais ter com Lady Clementine, - replicou ela, após um segundo - eu também vou.

Por momentos, pareceu que iria proibir-lhe tal coisa; depois não respondeu e limitou-se a abrir a porta do camarote. Saíram para o corredor de alcatifa vermelha e lustres de cristal.

Enquanto Nerina se movia vagarosamente através dos grupos de gente, na direção do camarote de Lady Clementine, Sir Rupert disse subitamente:

- Não iremos falar a Lady Clementine.

Nerina ergueu os olhos para ele.

- Medo? - perguntou trocista.

Viu com satisfação que o dardo atingira o alvo.

- Prefiro explicar o ocorrido a Lady Clementine numa ocasião menos pública - disse ele secamente.

Nerina riu-se.

- Duvido que ela acredite em ti.

- Já te disse que não desejo falar de Lady Clementine contigo - retorquiu Sir Rupert.

- É tão embaraçoso que ela continue a surgir inesperadamente nas nossas vidas - disse Nerina em tom de reflexão. - Como ela vive quase ao lado de Wroth, sem

dúvida que a veremos constantemente. Mas, claro, esqueci-me de que combinaste com ela abrir a residência de Londres para se poderem encontrar, enquanto a tua inocente e complacente esposa ficava no campo.

- Cala-te, que diabo! - disse, furioso, Sir Rupert.

Contudo, Nerina sorriu quando ele a trouxe de volta ao camarote.

A cólera de Sir Rupert pareceu continuar durante todo o ato seguinte e, embora Nerina prestasse atenção à música, não pôde deixar de ter consciência daquele fato. Sentia a fúria irradiar dele, parecendo criar uma atmosfera própria naquele espaço exíguo e encerrado.

De súbito, lastimou que ele estivesse zangado. Havia coisas que gostaria de lhe perguntar sobre as pessoas presentes. Estava desejosa de saber quem era toda aquela gente, pretendia conhecer mais sobre os atores e atrizes que apareciam em cena. Estava até interessada na história do próprio Teatro da Ópera e, de repente, assustou-se com a sua própria ignorância de tudo e de todos.

Por momentos, esqueceu o que se passava no palco e olhou à volta para os camarotes, para os rostos da sociedade elegante que, na maioria dos casos, pareciam prestar pouca atenção ao espetáculo, mas conversavam, riam e namoriscavam entre si.

- Sou talvez a única pessoa aqui - pensou subitamente - que não conhece ninguém no teatro, com exceção do meu marido, que me odeia, e da mulher que ele ama.

Sentiu uma irrupção de auto-compaixão e, severamente, afastou-a. Tinha escolhido o seu rumo, o papel de vingança que Sir Rupert bem merecia. Era ridículo sentir-se fraca e, de certo modo, desamparada, apenas porque Lady Clementine estava ali em frente, observando-os com os seus olhos negros e misteriosos.

O segundo intervalo mal começara e Sir Rupert ainda nem sequer se tinha levantado, quando a porta do camarote se abriu abruptamente. Nerina voltou-se rapidamente, para ver quem era. Não vira Lady Clementine deixar o seu camarote, mas agora ela ali estava diante deles, a roda magnífica do vestido carmesim impedindo a entrada, o diadema cintilando como uma auréola contra a negrura suave do seu cabelo.

- Rupert! - exclamou, com a mão estendida para ele. - Fiquei tão surpreendida por te ver aqui. Julguei que já tivesses partido para Paris. Onde está Elizabeth? Está doente? Como tens passado, Nerina?

Estendeu a mão enluvada num gesto desatento; porém, ao fazê-lo, os seus olhos repararam no anel de diamantes no dedo de Nerina e nos diamantes do colar e não pôde disfarçar o seu assombro.

- Elizabeth encontra-se bem, esperamos, - replicou Nerina, em vez de Sir Rupert - a não ser que tenha enjoado; claro. Vai a caminho da Índia, sabe?

- Da Índia - exclamou Lady Clementine; depois acrescentou: - Devemos estar a falar de coisas entrecruzadas. Refiro-me à tua prima Elizabeth e à tua esposa, Rupert.

Ofereceu a Sir Rupert um sorriso provocador.

- Mas falamos da mesma pessoa - explicou Nerina, antes de Sir Rupert poder replicar, se este por acaso o desejasse. - Tem estado em Londres, Lady Clementine, por isso receio que tenha perdido toda a excitação e novidades do Condado. A minha prima casou com o capitão Adrian Butler. Uma pessoa encantadora. Todos nós o estimamos, mas infelizmente o seu regimento foi destacado para a Índia e eles partiram ontem.

- Mas... Mas não compreendo - tartamudeou Lady Clementine. - Pensei. - pareceu procurar as palavras e depois continuou: - Pensei... que... que tu, Rupert, ias casar com Elizabeth.

- Oh, não, não está em dia - observou Nerina com uma pequena gargalhada. - Rupert, não compreendo porque não informaste Lady Clementine de que ias casar comigo.

Lady Clementine voltou-se para ela com uma expressão que era meio hostil meio apreensiva.

- É verdade? - perguntou ela, em voz baixa.

- Sim, é verdade - replicou Sir Rupert. Eram as primeiras palavras que ele pronunciava desde que Lady Clementine entrara no camarote.

A boa educação e as regras sociais vieram em socorro de Lady Clementine. Durante um segundo, pareceu que iria expressar os seus pensamentos com violência e sem reserva; depois, com esforço, disse num tom totalmente artificial:

- Devo portanto dar-vos os parabéns - virou as costas a Sir Rupert e dirigiu-se a Nerina. - Isto é realmente uma surpresa, minha querida. Eu estava a pensar se esses diamantes que tens ao pescoço eram verdadeiros. Confundi-me, por momentos, como poderias tê-los adquirido com a tua vida limitada, mas agora, claro, compreendo. Espero que sejam ambos. muito. felizes.

Não era possível ignorar o veneno da sua voz ao pronunciar as últimas palavras é, girando nos calcanhares, sem olhar sequer para Sir Rupert, saiu do camarote. Quando saiu, foi como se ele regressasse à vida, saindo da rigidez que o mantivera de língua travada e enfeitiçado, desde o momento em que entrara no camarote. Deu um passo em frente.

- Clementine - disse. - Espera.

A porta do camarote fechou-se na cara. Enquanto ali ficava, por momentos

desconcertado e arrancado à sua habitual indiferença, ouvia Nerina rir-se. Era uma gargalhada baixa, plena de genuína satisfação.

CAPÍTULO IX

Regressaram em silêncio a Berkeley Square. Nerina tinha plena consciência de que Sir Rupert estava extremamente zangado, se bem que mantivesse um domínio férreo sobre si próprio. Quando a carruagem se deteve defronte da casa, ajudou Nerina a descer e, com vênha, disse-lhe em tom indiferente:

- Desejo-te boa noite.

Ela ergueu os olhos para ele. O cabelo dela refletia a luz do candeeiro de gás e os lábios abriram-se num sorriso, embora a sua voz fosse quase tão indiferente quanto a dele.

- Gostaria de te dar primeiro uma palavra.

- A esta hora? - admirou-se ele, de sobrancelhas levemente erguidas. - Certamente que aquilo que tens para me dizer pode esperar.

- Receio bem que não, - contrapôs Nerina - mas só te ocuparei uns escassos minutos.

Ele rendeu-se a contragosto, perante a insistência dela, a sua expressão gélida denunciando um furor mal contido, enquanto entrava em casa com Nerina e a seguia pela ampla escadaria que conduzia à sala de estar.

As cortinas estavam corridas, ardiam velas nos candelabros. A sala acolheu-os na sua beleza delicada. Apesar do mobiliário, os quadros e os cristais serem ao gosto de uma época passada, o conjunto não perdera nada do seu encanto, porquanto ninguém se dera ao trabalho de modernizá-lo, de revestir as cadeiras com cobertas elegantes, de ocultar a lareira com tamboretos ornados de contas ou de substituir a suave e romântica luz das velas pelo brilho deslumbrante do gás.

Sir Rupert fechou a porta atrás de si e, postando-se a alguma distância de Nerina, fitou-a com evidente hostilidade. Ela manteve-se em silêncio durante alguns instantes, despindo com irritante lentidão a sua capa de zibelina e arminho, até que se decidiu a falar:

- Sei perfeitamente que estás impaciente por ter um encontro com Lady Clementine e por fazer as pazes com ela. Mas antes que o faças, quero prevenir-te de uma coisa. Estavas disposto a casar para prosseguir a tua carreira e, no teu

lugar, não destruiria as tuas possibilidades de sucesso político revelando a Lady Clementine a verdade acerca do nosso casamento.

- Se queres dizer que Lady Clementine poderá propalar algo que me prejudique, estás muito enganada a respeito dela - contrapôs Sir Rupert com um sorriso escarninho.

Os olhos verdes de Nerina tomaram subitamente uma expressão de seriedade.

- Confiarias realmente a Lady Clementine algo mais que os estremecimentos do teu coração?

Por instantes, os seus olhares cruzaram-se e não foram as palavras dela que o mantiveram calado, mas a sincera franqueza dos seus olhos. Então, abruptamente, afastou o olhar do dela e atravessou a ampla sala até uma das janelas que dava para Berkeley Square. Com um gesto violento, como se tal assomo de violência lhe aliviasse a tensão interior, puxou as pesadas cortinas. A janela estava aberta e conservou-se diante dela, aspirando o ar da noite a fundos haustos. Contudo, pareceu não ficar serenado, pois voltou-se subitamente e disse num tom de violenta emoção:

- Isto é intolerável! Desfiguras e distorces todos os aspectos da minha vida! Não há qualquer razão para que Lady Clementine não saiba a verdade.

- E quando a souber, imaginas que será capaz de guardar só para si uma história tão divertida? - indagou Nerina. - Mesmo que seja uma pessoa excepcional, a ponto de deixar passar a oportunidade de ser a primeira a revelar uma boa história e um incidente divertido, será tão seráfica que se mantenha indiferente quando as pessoas comentarem na sua presença que casaste comigo por eu ser bela e inteligente?

Recobrou rapidamente o fôlego, e prosseguiu, antes que ele pudesse falar.

- Pois é isso precisamente o que tenciono ser, a bela e espirituosa Lady Wroth. Não vou ser a esposa insípida e indiferente que despachas para Wroth, segundo as tuas conveniências ou as de Lady Clementine. Partirei amanhã, ou quando te aprover, porque desejo inspecionar a casa, que será tanto minha como tua; contudo, quando regressares a Londres, virei contigo. Ocuparei aqui o meu lugar entre as anfitriãs políticas, mas poderás ter a certeza de uma coisa: não faço isto por ti, mas sim para servir as minhas próprias ambições. Posso destruir-te facilmente se praticar certas ações imprudentes; porém, ao fazê-lo, prejudicarei também o meu próprio futuro, a minha própria posição na Sociedade. Há um velho adágio que começa: Quando ralham as comadres. Seja como for, tu e eu temos de nos escudar mutuamente, e preferia confiar numa víbora a revelar a Lady Clementine a história do nosso casamento.

Quando Nerina acabou de falar, Sir Rupert atravessou a sala até junto dela,

detendo-se a contemplar-lhe o rosto pequeno e oval, os olhos de pestanas escuras erguidos para ele, os lábios firmes, o queixo pequeno e delicado.

- Compreendo agora o que tu és - disse ele por fim. - Não passas de uma aventureira, uma mulher que enfrenta a vida sozinha, sem consideração ou afeição por quem quer que seja!

Nerina sorriu e os olhos adquiriram um fulgor súbito.

- Poderias ter-me chamado coisas muito piores. Não sinto vergonha de ser uma aventureira, pois tal significa tirar partido de uma oportunidade, quando esta se proporciona; significa ainda saber o que se quer da vida e estar decidida a obtê-lo.

- À custa de toda a decência e da destruição de todo o respeito próprio - comentou Sir Rupert.

Nerina soltou uma risada cristalina.

- É extraordinário como é mínimo o respeito próprio que se pode ter com um rendimento de dez libras por ano, quando os criados nos tratam com desdém e os patrões com indiferença. Antes quero ser aventureira do que preceptora e considero muito mais fácil suportar os teus insultos do que as propostas lúbricas dos meus anteriores patrões.

- Certamente que não precisas de te sentir alarmada com os meus sentimentos para contigo - apressou-se a dizer Sir Rupert. - Digo-te com franqueza que me surpreendes e chocas. Não teria acreditado que qualquer mulher, e muito menos uma jovem, procedesse como tens feito nas últimas quarenta e oito horas. A mulher digna da minha admiração deve ser sossegada e feminina, graciosa e terna.

- E, ao mesmo tempo, uma idiota tola - acrescentou Nerina.

- Pelo contrário, mas gostaria que fosse uma verdadeira dama - concluiu Sir Rupert.

Nerina reconheceu intimamente que a estocada dele fora certa. Quando o encarou, os lábios esboçaram um sorriso sarcástico.

- No passado, as pessoas do sexo feminino com quem mantiveste relações - disse Nerina - dificilmente teriam todas as qualidades que mencionaste.

- Depende, sem dúvida, das razões por que me relacionei com elas - replicou Sir Rupert. — Permite-me que te diga de uma vez por todas que as qualidades que um homem procura numa amante são muito diferentes das que pretende na esposa.

- Isso tornou-se evidente na tua conversa com Lady Clementine - desferiu Nerina.

- Este tipo de diálogo não nos leva a parte nenhuma - observou Sir Rupert em tom irritado.

- Aonde nos poderia levar? - perguntou Nerina. - Como te recordarás, apenas quis prevenir-te, para não piores em perigo a tua carreira.

- Contigo como minha esposa, duvido de que venha a fazer carreira - comentou Sir Rupert amargamente.

- Isso não é justo - replicou Nerina calmamente. - Se não me provocares, nada farei que te possa causar qualquer dano público. Na nossa vida particular, podemos odiar-nos, podemos discutir e brigar; e mostrar-te-ei contínua e efetivamente, segundo espero, que uma esposa não faz apenas parte dos bens móveis do homem, uma criatura dócil que deverá estremecer perante um cenho carregado e tremer quando ouve uma palavra injuriosa. Toda a minha vida vi mulheres comportarem-se desse modo e compreendi que, ao amarem um homem, forjam as suas próprias grilhetas e constroem à sua volta o seu próprio cárcere impregnável. Jamais serei escrava de um homem!

- Isso é óbvio, - disse Sir Rupert - pois, quando a Providência te moldou, pôs-te uma pederneira onde a maior parte das mulheres têm o coração.

- E pelo que te diz respeito? - indagou Nerina. — Já alguma vez amaste alguém a ponto de esquecer tudo o mais? Já alguma vez amaste uma mulher a ponto de te sacrificares por ela, de renunciarestes aos teus desejos egoístas, num sincero esforço para a tornar feliz? Já alguma vez, sincera e verdadeiramente, acreditaste que alguém era mais importante para ti que a tua própria pessoa?

Sir Rupert encolheu os ombros e perguntou-lhe, em tom trocista:

- É essa a tua definição do amor?

- Não, não inteiramente, mas ainda não encontrei um homem que tenha a menor concepção daquilo que o amor deverá significar. Se gostam de alguém, é deles próprios.

- A tua opinião a respeito do meu sexo não é muito lisonjeira - comentou Sir Rupert.

- Porque deveria sê-lo, se todos os homens que conheci são uns selvagens, uns seres abjetos para quem a mulher constitui a sua presa natural? Falas em decência e honestidade, mas o fato é que os homens reservam o seu código de decência e honestidade para as alturas em que se encontram nos clubes ou confraternizam com os da sua igualha. Ainda não conheci um homem que se mostrasse honrado e decente ao requestar uma mulher, especialmente quando esta é de condição inferior à sua.

Notava-se um tom amargo, de recordações dolorosas, na voz de Nerina e os olhos enevoaram-se subitamente com o perpassar de humilhações passadas. Ao observar o rosto dela, a expressão de Sir Rupert pareceu tornar-se repentinamente mais amena, menos agressiva. Inesperadamente, sentou-se numa poltrona.

- Embora tenhas sofrido, - disse ele em voz serena - não há razão, só porque alguém te fez sofrer, para ferires toda a gente com quem convives.

- Quem me dera poder mais que esgrimir com palavras - confessou Nerina. - Feri-te? Não, odeias-me, porque neste momento pedi que levasses por diante os teus intentos; todavia, por ser mulher, não posso ferir-te fisicamente, apenas posso atingir com alfinetes a tua couraça de complacência.

Falou com uma irritação súbita, provocada pelo sentido da sua própria impotência. As palavras pareciam tão inúteis, tão ineficazes. Podiam falar, falar, sem que isso os levasse a parte alguma. Com surpresa de Nerina, Sir Rupert inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Fitou-o admirada; depois, quando acabou o seu assomo de hilariedade, disse com um esboço de sorriso nos lábios:

- Peço desculpa do meu riso, mas, de repente, apercebi-me do lado humorístico de tudo isto. Não obstante a tua pequenez, és uma pessoa temperamental e verdadeiramente temível. Ora, ainda que a tua cabeça mal me chegue ao ombro, confesso que tenho mais medo de ti que de um batalhão de soldados.

Nerina contemplou-o com circunspeção, pois bem sabia que o riso era uma arma muito mais perigosa que as palavras injuriosas.

- Não te sentas? - convidou Sir Rupert, ao vê-la hesitante. - Estamos, creio, a comportar-nos infantilmente. Discutamos as coisas calmamente e com uma certa boa vontade de parte a parte. Se estiveres de acordo, vou mandar embora a carruagem. Não vou precisar dela esta noite.

Nerina percebeu que saíra vitoriosa do primeiro recontro da batalha que estava a travar com o marido. Sir Rupert não iria visitar Lady Clementine nessa noite e quando ele tivesse ponderado bem toda a situação, compreenderia certamente que a sua sugestão de manterem em segredo as circunstâncias do seu casamento era evidentemente razoável.

Tomando o silêncio dela por consentimento, Sir Rupert pôs-se de pé e tocou a campainha. Quando um criado veio responder ao toque, deu instruções para que despedissem a carruagem e abrissem imediatamente uma garrafa de champanhe.

Ambos se conservaram silenciosos até o mordomo aparecer com dois copos de cristal numa bandeja de prata trabalhada. Nerina beberricou o vinho espumoso e depois pousou o copo numa mesinha ao lado da poltrona em que estava sentada. Sir Rupert, reparou ela, esvaziou o copo, como se estivesse necessitado de sustância, e voltou a enchê-lo da garrafa que o mordomo deixara a seu lado, sobre outra mesa.

- Agora podemos conversar - sugeriu ele. Havia algo, mais na sua atitude do que nas suas palavras, que deixou Nerina de sobreaviso.

- Tens sido franca comigo - começou Sir Rupert, após uma breve pausa, como se pretendesse ser mais cuidadoso na escolha dos termos - e posso, até certo ponto,

entender as razões por que embarcaste nesta perigosa e intrépida aventura. Havia a afeição pela tua prima Elizabeth, o medo que sentias do teu tio e o medo dela ao pai e ainda certamente a dificuldade de conseguir fazê-la sair do país sem o recurso a um ardil ou subterfúgio para esconder os seus movimentos. Contudo, o que não sou capaz de entender é como podes imaginar que venhas a encontrar felicidade na posição que escolheste como minha mulher. Só pode ser intolerável, a vida conjugal que assente em ameaças, extorsões e chantagem.

Nerina não conteve um pequeno arquejo, mas não ofereceu réplica. Relanceando os olhos pelo semblante dela, Sir Rupert prosseguiu:

- As últimas palavras poderão parecer-te um pouco duras; no entanto, em diversas ocasiões ao longo do dia de hoje e da noite de ontem, ameaçaste que, se eu não concordasse com aquilo que me sugerias, farias, pelo teu lado, certas coisas que me causariam sérios aborrecimentos. Isto é, indiscutivelmente, chantagem. Tudo isto é muito desagradável, pelo que tenho perguntado a mim próprio se não agirias com mais sensatez dando um passo muito mais decisivo na tua vida. Dizes que és órfã, que os teus tios não sentem o mínimo afeto por ti. Por conseguinte, se viesses a sumir-te, digamos antes desaparecer, não haveria ninguém interessado em levar por diante um desagradável inquérito sobre as circunstâncias do teu desaparecimento.

- Tencionas assassinar-me? - interrompeu Nerina.

- Pelo contrário! Não estava a sugerir que pusesses termo à vida, mas unicamente que deverias viver com muito mais conforto e satisfação do que no passado. E apenas existe uma verdadeira necessidade no que diz respeito a este ponto, chamado dinheiro: o dinheiro pode comprar conforto, o dinheiro pode comprar amigos e até amor, desde que se tenha o suficiente.

- E a que chamas suficiente? - indagou Nerina em voz fraca, de olhos baixos.

Brincava com o grande anel de diamantes, fazendo-o girar no dedo anelar e observando como as pedras captavam a luz e a reverberavam em cintilações, como se dentro delas houvesse um poder oculto.

- Estava a pensar - respondeu Sir Rupert em voz pausada e deliberada - que, com dez mil libras a seu favor, uma jovem poderia viver rodeada de grande conforto, em França ou Itália.

- Dez mil libras! - repetiu Nerina.

- Trata-se de uma soma avultada. E poderia ser paga trimestralmente, através de um dos mais reputados bancos que operam em Inglaterra. Há lugares em Itália onde quase se pode fazer figura de milionária com tal fortuna. A pessoa poderá criar um mundo próprio, do qual o passado seja obliterado.

Nerina conservou-se em silêncio, Ao fim de uns momentos, com os olhos dele

ainda presos no rosto dela, inquiriu:

- Qual é a tua resposta?

- É demasiado pouco.

- E que dirias a vinte mil? - corrigiu Sir Rupert. - E, evidentemente, o teu compromisso escrito, assim como a tua palavra, em como em nenhuma circunstâncias revelarás a quem quer que seja que casaste comigo graças a artimanhas e embustes. Evidentemente que eu terei de confiar em ti, mas, ao mesmo tempo, o dinheiro será liquidado apenas de três em três meses. Se me traíres, nada recebes!

- E como explicarias o casamento, a que, afinal de contas, assistiu um elevado número de pessoas?

- Também pensei nisso - retorquiu Sir Rupert sem hesitar. - Seguirei a tua prima até à Índia. Disseste, segundo creio, que o homem que ela desposou não é muito rico. O Regimento dele permanecerá na Índia cinco anos. Farei que seja do interesse dele ficar numa comissão de serviço durante mais cinco anos. Ao fim desse tempo, se Lord Cardon ainda for vivo, pedir-lhe-ei que fiquem por mais um período idêntico. Neste interim, a tua prima não comunicará com os pais nem com os amigos. A morte de Lady Elizabeth Wroth, aliás Lady Elizabeth Graye de solteira, ocorrerá lamentavelmente durante a lua-de-mel. Será sepultada no estrangeiro e verificar-se-á ser impossível trazer o corpo para Inglaterra. Ficarei viúvo e reconquistarei a minha liberdade.

- Arquitetaste uma bela trama! - comentou Nerina.

Ele acenou com a cabeça, antes de lhe responder:

- Considero-te uma especialista em tais assuntos. Estás então de acordo?

Nerina encarou-o pela primeira vez.

- Acreditaste realmente que eu estaria de acordo? Chamaste-me aventureira, disseste-me que apenas dou atenção aos meus interesses. Acreditas efectivamente que me podes comprar com vinte mil libras?

- Vinte e cinco mil - apressou-se a emendar Sir Rupert.

Nerina não conteve uma gargalhada.

- Nem por um milhão. Apenas ouvi a tua história para ver até onde te levava a fantasia. Para começar, é completamente impraticável. Mesmo que eu acedesse - o que não tenho a mínima intenção de fazer - a viver obscuramente em qualquer aldeia remota de Itália, Elizabeth e Adrian jamais aceitariam ficar para sempre desterrados de Inglaterra. Não, tens de pensar em algo melhor do que esse plano se te queres ver livre de mim, pois garanto-te que, em minha opinião, ser tua mulher e ocupar a posição que tenciono ocupar, tanto em Wroth como na Corte, vale muito mais do que vinte e cinco mil libras.

- És intolerável - retrucou Sir Rupert.

- Apenas pensas isso porque não consegues levar a melhor comigo - replicou Nerina. - Receio bem que tenhas de recorrer ao assassinio. É a única possibilidade de te veres livre de mim, mas eu esperaria até chegarmos a Wroth. Certamente que poderás empurrar-me do alto de uma muralha ou afogar-me no lago, quando ninguém estiver a ver-nos.

- Afianço-te que me dará grande prazer fazê-lo — interrompeu Sir Rupert.

- Posso perfeitamente acreditar nisso, mas previno-te que oferecerei uma vigorosa resistência. Há ainda uma coisa que gostaria de te dizer, antes de me retirar para os meus aposentos.

- Que é? - perguntou Sir Rupert.

- Queria dizer-te que nunca em toda a minha vida me diverti tanto como hoje - respondeu Nerina. - Boa noite, meu amo e senhor.

Fez-lhe um arremedo de vênia e saiu da sala antes que ele pudesse abrir-lhe a porta ou sequer pôr-se de pé.

Ele continuou sentado na poltrona durante muito tempo, fitando um ponto vago à sua frente e mordiscando a cabeça do dedo mínimo. A sua expressão era a de um homem posto à prova até ao limite da sua paciência.

Era também a expressão de um homem que enfrenta uma derrota e compreende que tal derrota é inelutável.

Nesse momento, a Oposição, na Câmara dos Comuns, teria tido dificuldade em reconhecer Sir Rupert como o seu temível inimigo, porquanto havia perdido o seu ar agressivo e altivo. Ali sentado, era a imagem do homem não humilhado, mas esmagado, como se um golpe inesperado e pérfido o tivesse prostrado e ele se sentisse varado, não pela violência, mas pela perfídia desse rude golpe.

Havia tanto - tudo quanto ele desejava e ambicionava - quase ao seu alcance. Estivera seguro de obtê-lo, absolutamente seguro, no seu íntimo, e, entretanto, acontecera este desastre, cujas proporções não podia ainda avaliar plenamente. Depois de haver enovelado e manipulado a vida de outras pessoas, tanto politicamente como através das suas aventuras amorosas deparava-se-lhe agora a sua, enovelada e entrelaçada de um modo que lhe deixava poucas dúvidas sobre a possibilidade de conseguir desfazer-lhe os nós.

Parecera-lhe um passo tão fácil, tão prático, desposar uma jovem respeitável, continuar a desfrutar a sua vida como sempre o fizera; todavia, um movimento em falso bastara para deitar a perder todo o plano. Porque fora tão tolo, a ponto de não suspeitar que alguém pudesse surpreender a sua conversa com Lady Clementine? Porque não esperara para lhe enviar uma carta pedindo-lhe que se encontrassem no local habitual?

Considerara-se tão prudente por não deixar nada escrito, por não se expor a ser espiado ou observado por aqueles que já haviam feito chegar aos ouvidos da Rainha mexericos sobre o seu comportamento. Todavia, a sua prudência provocara uma avalanche sobre a sua própria cabeça. Como poderia ele ter sabido que aquela ruivinha satânica escutava a sua conversa com Lady Clementine, no pavilhão? Como poderia ele adivinhar, por mais tratos que desse à imaginação, que ela se revelaria inteligente e matreira para o levar a desposá-la, deixando-o na humilhante posição de ter de obedecer aos ditames dela, porque receava aquilo que aconteceria se fizesse algo de diferente?

Era ridículo, uma situação tão risível que sabia ser esse lado humorístico a única coisa que seria incapaz de enfrentar, se a história fosse divulgada. Não, estava apanhado; apanhado com a mesma precisão e engenho que um coelho numa armadilha. Restava-lhe espernear e debater-se, enquanto o laço ia apertando. Por mais que se debatesse, não restavam quaisquer dúvidas de que as sugestões de Nerina quanto àquilo que deviam fazer e dizer eram as únicas que se revestiam de bom senso.

Sir Rupert sabia, no fundo, que seria arriscado revelar a qualquer pessoa a verdade, sobretudo a Lady Clementine. Tinha plena consciência de que ela não recuaria perante quase nada, se o seu ciúme fosse ateadado; além disso, sabia que se tratava de uma mulher muito estúpida. Lady Clementine ficaria furiosa, procurando atacá-lo com um furor que, com demasiada facilidade, se converteria num total abandono físico.

Bastariam apenas algumas palavras da sua parte para alterar as emoções dela. Os olhos dela continuariam rutilantes, o peito altear-se-ia, mas por uma razão bem diferente. Contudo, para lhe aplacar o ciúme, teria de contar a verdade, o que significaria dar-lhe uma arma que, tal como Nerina observara com indesmentível clarividência, destruiria completamente a sua carreira política.

Era evidente aquilo em que Lady Clementine acreditava. Ela apenas seria capaz de imaginar que ele, ao verificar que Lady Elizabeth Graye era uma pessoa desinteressante, transferira as suas atenções para a prima dela, mais atraente e mais azougada. Sir Rupert não vira Lady Clementine durante três semanas, pois logo a seguir à oficialização do noivado com Elizabeth, achara prudente partir para Londres. Como ela salientara, deveria mostrar-se circunspecto, pelo menos durante o breve lapso que duraria o noivado.

Deste modo, ter-se-ia convencido de que, na sua ausência, ele achara Nerina atraente e desejável. Não haveria qualquer outra construção mental possível para que explicasse a si própria a alteração de planos. Com efeito, de um ponto de vista mundano, Nerina não detinha nem o título nem a posição social da prima

Elizabeth.

Sir Rupert mordeu o dedo com força, ao recordar a expressão de Lady Clementine quando ela deixara o seu camarote na Ópera. Então, com um suspiro, pôs-se de pé. Não restava qualquer dúvida de que outra das suas aventuras amorosas acabara abruptamente. Ver Lady Clementine, nesse momento, significaria afundar-se ainda mais num atoleiro de mentiras e intrigas. Em certa medida, constituía um alívio o fato de não sentir o coração destrozado, mas apenas uma certa mágoa e ressentimento por ter de pôr fim a uma relação muito agradável, por causa de uma fedelha ruiva de cuja existência mal tomara consciência até à noite da véspera.

Lady Clementine era uma mulher excitante, sedutora e fascinante. Sentira prazer em fazer amor com ela, porque Lady Clementine gostava de ser possuída com o apetite rapace de um belo animal. Não havia nela nada de repressivo, inibido ou reservado. E ela excitava a virilidade de um homem com tudo quanto dizia ou fazia.

Possuía a arte da feminilidade, tão antiga como o próprio Éden. Havia algo de quase oriental no modo como ela entendia e praticava o amor, do mesmo modo que outra mulher poderia ser dotada para o piano.

Sim, sentiria a falta dela, decidiu Sir Rupert enquanto atravessava a sala de estar; entrementes, porém, havia na sua vida outras mulheres mais importantes do que Lady Clementine, por mais sedutora e desejável que ela fosse. Uma era Sua Majestade, a Rainha; a outra, com a breca, era a sua mulher, Nerina!

Na manhã seguinte, uma criada trouxe uma mensagem até junto da cama de Nerina, quando esta a chamou. Era lacónica e não apresentava qualquer intróito:

Se não tiveres nada a objetar, sugiro que partamos para Wroth ao meio-dia. Será preferível evitar tanto a curiosidade como quaisquer questões, permanecendo em Londres.

- Informa Sir Rupert - disse Nerina à criada - que estarei pronta para partir ao meio-dia. Embala todas as minhas roupas e manda imediatamente um criado à Bond Street para levantar os vestidos, que, segundo me disseram, estarão prontos esta manhã. Bessie dir-te-á os nomes das lojas. O mensageiro tem de apressar-se, pois trata-se de uma quantidade apreciável.

- Muito bem, Milady - disse a criada e fez uma vênia.

Nerina sentou-se na cama e cingiu os joelhos com os braços.

- Com que então venci - pensou. - Afinal, ele não visitará Lady Clementine.

Nerina sentia-se eufórica com a sua vitória e, quando Bessie entrou, alguns minutos depois, encontrou-a recostada nas almofadas, sorrindo enlevada para o teto.

- Que dá tanto prazer a Vossa Senhoria? – inquiriu Bessie.

- Eu própria - respondeu Nerina. - Sou a pessoa mais inteligente do mundo, não tenho a menor dúvida, Bessie. Sempre pensei que tinha cabeça, mas agora tenho a certeza.

- O orgulho é mau conselheiro – murmurou Bessie. - É verdade que partimos para Wroth ao meio-dia?

- Sim e estou ansiosa por ver o Castelo - retorquiu Nerina. - Elizabeth nada me disse acerca dele. Estava tão abatida com a ideia de vir a tornar-se dona do castelo que não fazia a menor ideia, quando voltou, se era pequeno ou grande, normando ou neo-clássico.

- Não é o castelo que me está a preocupar - confessou Bessie.

- Bem, que é que te faz ficar com cara de caso? – indagou Nerina afectuosamente.

- É voltar novamente para perto da casa – disse Bessie. - Ora, estaremos a umas escassas quinze milhas de Sua Senhoria, o que é que vamos dizer quando ele vier, rugindo, vociferando e ameaçando-nos com todas as penas do inferno porque o ludibriámos?

- Não há razão para apreensão - disse Nerina tranquilizadora. - Acontece que a Tia Anne e o tio Herbert devem estar neste momento a caminho da Itália. Achas que dragaram o tanque dos lírios para verem se me afoguei?

Soltou uma risada forçada ao ocorrer-lhe esta ideia, mas Bessie continuou a mostrar-se carrancuda.

- Há problemas à sua espera, Milady, - disse Bessie em tom funesto - tão certo como os ovos serem ovos.

- Bem, desde criança que só conheci problemas, pelo que creio que ainda posso enfrentar alguns mais. Só que, com a vontade que Sir Rupert tem de me assassinar e com o indiscutível propósito do tio Herbert de me chicotear, interrogo-me se viverei muito mais tempo.

Bessie soltou um pequeno grito de horror.

- Jesus, criança, que coisas terríveis está a dizer!

- É verdade - anuiu Nerina, saindo da cama e ficando por um momento com os contornos do corpo desenhados pela luz do sol.

O corpo dela tinha a firmeza e a flexibilidade de uma deusa grega. Nerina encostou o rosto à vidraça e sentiu o sol aquecer-lhe os olhos cerrados.

- Penso que a maior parte das pessoas desejam uma vida de paz e sossego - disse Nerina, ao fim de uns momentos. - Desejam a tranquilidade confortável que lhes proporcionam o amor e o carinho de alguém. Tem graça, Bessie, mas eu não sou assim. Elizabeth estaria lavada em lágrimas se Sir Rupert lhe tivesse dito

metade das coisas que me disse ontem à noite; eu, só senti desejo de lutar com ele. No fundo, deixa-me excitada; dá-me a sensação de que estou a esgrimir, de espada na mão, e de que, em qualquer momento, um de nós pode desferir uma estocada fatal. Oh, Bessie, sinto-me feliz, feliz pela primeira vez em toda a minha vida.

- Feliz a lutar! - resmungou Bessie, com uma expressão de repugnância. - Preferia vê-la como Sua Senhoria, tão apaixonada a ponto de parecer caminhar num sonho.

Inesperadamente, Nerina soltou uma gargalhada.

- Céus, Bessie, és capaz de me ver assim? Fazendo grandes olhos a Sir Rupert e dizendo-lhe: Mui louvado senhor, sinto pesar e vergonha por me ter comportado tão mal. Por favor, perdoai-me tê-lo desposado. Agora partirei e afogar-me-ei para não causar mais dissabores a Vossa Senhoria. Eis o que ele gostaria de me ouvir dizer, mas prometo-te que vou desapontá-lo. Vou continuar viva e regozijar-me por fazer da vida dele um martírio. Já me vi livre de Lady Clementine. Ele não ousa ir vê-la. Tens de admitir, Bessie, que isto tem graça.

- Bem, não estou muito certa disso... - disse Bessie sem segurança. - Não é o comportamento próprio de uma jovem senhora, especialmente na sua lua-de-mel. Contudo, sempre foi diferente das outras pessoas, Mrs. quero dizer... e creio que aqueles que a conhecem terão de aceitá-la como é.

- Na verdade, será assim; - corroborou Nerina — e vou dizer-te uma coisa, Bessie. És a única pessoa do mundo de quem gosto realmente.

- Nesse caso, tudo quanto posso dizer é que é uma grande lástima - contrapôs Bessie em tom reprovativo. - Não é natural não amar os outros quando se é tão bonita como a menina e se foi dotada com tantas prendas por Deus. Deveria espalhar amor à sua volta e não ódio. Aquilo que damos é o que nos volta às mãos, não se esqueça disso, Miss Nerina.

- Vai dizer isso a Sir Rupert, ainda que, por certo, eu própria lhe diga o mesmo antes que o dia chegue ao fim.

- Não sei o que dizer, não sei mesmo - murmurou Bessie enquanto se encaminhava para o guarda-roupa e começava a tirar um braçado de vestidos de Nerina para serem emalados.

Era extraordinário como Nerina conseguira adquirir tantos vestidos em tão pouco tempo. Afortunadamente, os modelos já prontos que se exibiam nas lojas assentavam-lhe quase na perfeição. Os mais selectos costureiros da Corte só confeccionavam vestidos por encomenda das suas clientes, pelo que, nas lojas onde ela não conseguira adquirir qualquer vestido pronto, encomendara roupas de toda a sorte e feitio e para todas as ocasiões imagináveis.

Enquanto tinham andado a fazer compras na véspera, Bessie soltara vezes sem

conto gritos de assombro perante as extravagâncias de Nerina; contudo, tais exclamações apenas arrancaram risos a Nerina, que lhe dizia que Sir Rupert só teria a ganhar se se compenetrasse das suas responsabilidades conjugais.

- Ele afirmou textualmente: De todos os meus bens mundanos te faço doação - recordou Nerina. — Estive particularmente atenta a essa passagem. Temos de descobrir quanto é que ele vale, pois tenciono gastar-lhe uma boa parte da fortuna.

- Suponha que ele se recusa a dar-lhe largas — sugeriu Bessie.

- Que pode ele fazer? - indagou Nerina. - É responsável pelas minhas dívidas e, se as coisas forem de mal a pior, sempre posso sugerir que ganharei a vida atuando num palco ou dedicando-me a outra atividade igualmente desonrosa.

Bessie exclamou, arvorando um ar escandalizado:

- Não deveria ameaçar o pobre homem com essas coisas terríveis!

- Fá-lo-ei e pior ainda. Mas para quê preocupar-nos? Ele saldará as minhas dívidas.

Enquanto Bessie cruzava o quarto sobraçando um arco-íris de tafetá, cetim, brocado e tarlatana, Nerina suspirou de satisfação. Ninguém seria capaz de descrever o prazer que experimentava ao usar roupas que haviam sido compradas por si própria e só para si. Sempre usara as roupas que Elizabeth punha de lado ou vestidos da tia, modificados e adaptados por Bessie, com mais boa vontade que talento; deste modo, tais adaptações nunca lhe assentavam bem e invariavelmente davam-lhe um ar de criança ataviada com os vestidos da mãe.

Agora, o fato de saber que as maravilhosas criações dos mais famosos costureiros de Bond Street eram suas e de mais ninguém, proporcionava-lhe um regozijo tão irresistível como a sua sensação de liberdade e de poder.

Não havia qualquer vantagem em descer para terçar armas com Sir Rupert antes de partirem para Wroth; e, embora Nerina se tivesse vestido com grande antecedência, deixou-se ficar sentada no quarto, seguindo os movimentos de Bessie e das criadas ocupadas a fazer as malas, e soltando exclamações de satisfação perante os novos vestidos, chapéus, sapatos, luvas e fitas que dois criados trouxeram ao seu quarto, por volta das onze horas.

Quando tudo ficou arrumado nas malas que tinham chegado a Berkeley Square atulhadas de objetos sem valor, Nerina dirigiu-se para junto do toucador. O cabelo fora penteado por Bessie de acordo com o novo estilo, repuxado para trás a partir da testa e enrolado na nuca. Nerina verificara, ao chegar a Londres, que os anéis e caracóis estavam completamente fora de moda. O novo penteado fazia-a parecer mais jovem, e de certo modo, mais espiritual, dando-lhe um ar delicado, de uma serenidade quase mariana, à parte superior do rosto; no entanto, nada podia apagar ou reduzir o brilho rutilante dos seus olhos ou a fascinante expressividade

da sua boca. O penteado fazia ainda que o pescoço parecesse muito mais alto, como uma coluna de marfim elevando-se dos ombros perfeitamente esculpidos, realçados por um vestido verde-imperial, muito elegante, guarnecido de seda.

O chapéu de aba direita que Nerina tencionava usar durante a viagem, também ele verde, projectava-lhe no rosto uma sombra de fascínio e, ao mesmo tempo, parecia dar mais vida ao seu olhar cintilante. Usaria ainda uma capa de viagem de veludo verde, as luvas que calçara eram de camurça preta, a condizer com as botas, delicadas e elegantes.

- Parece que está tudo pronto - disse Nerina, deitando uma última mirada ao espelho.

- Sim, está tudo pronto - anuiu Bessie - e é melhor eu ir andando, Milady. O criado de quarto de Sir Rupert e eu temos de seguir para a estação com a bagagem. Deseja mais alguma coisa?

- Nada, obrigada, Bessie - replicou Nerina. — Estou ansiosa por partir.

Nerina soltou uma gargalhada enquanto falava e desceu a escadaria com passo ligeiro. Ia pensando em tudo quanto podia dizer a Sir Rupert. Estava pronta a esgrimir novamente com ele, como se empunhasse já um florete.

Pouco antes de atingir o patamar do primeiro andar, viu Sir Rupert entrar na sala de visitas. Ele não a viu aproximar-se e ela interrogou-se sobre os motivos de preocupação que o afligiam. A expressão do rosto dele era, como de costume, sombria e grave; contudo, apercebeu-se ainda que ele caminhava mais apressadamente do que o habitual. Chegou ao patamar e, com um gesto extravagante, abriu a porta da sala das visitas, que Sir Rupert fechara atrás de si.

Entrou sorridente e de cabeça bem erguida. Já pensara numa frase provocadora para o saudar, mas as palavras não lhe chegaram aos lábios. Sir Rupert encontrava-se de pé no centro da sala e, ao lado dele, estavam os tios dela, Lady e Lord Cardon.

CAPÍTULO X

Durante alguns instantes, reinou um silêncio eletrizado. Lady Cardon foi a primeira a falar:

- Então é aqui que tu te encontras, criança fatigante, enquanto andamos preocupados com aquilo que te pudesse ter sucedido. Como pudeste ser tão egoísta e irrefletida?

- É pior do que isso - interpôs Lord Cardon em tom agreste, com uma voz cortante como um chicote. — Evidentemente que vieste impor a tua não desejada presença junto de Sir Rupert. Não acredito que estejas aqui a convite dele.

Nerina reencontrou a voz e conseguiu murmurar:

- Não. Não me encontro aqui exactamente a convite dele.

O coração dela pulsava apressado, após um momento de consternação e horror, em que parecera ter deixado de bater completamente. De súbito, compreendeu que não se sentia atemorizada como pensava que ficaria ao voltar a ver o tio. Talvez fosse o seu traje novo que lhe inspirava confiança, talvez fosse o fato de na véspera se ter sentido livre das peias do passado. Fosse o que fosse, verificou que já não sentia a língua enleada por aquele sentimento de impotência que a dominara no passado, quando enfrentava a cólera do tio. Lentamente, atravessou a sala até ficar a seu lado; depois, disse em voz baixa:

- Tenho uma coisa para lhe dizer, tio Herbert, que, receio, será um grande choque para si.

- Se estás a pensar numa explicação para justificar a tua última fuga de casa, podes poupar palavras - contrapôs Lord Cardon em tom vivo. - Estou extremamente zangado contigo e não vou permitir que nada do que possas dizer modifique a minha decisão de castigar-te como julgo que mereces.

- Julgo que terá dificuldade em adequar o castigo às proporções do crime - replicou Nerina. - Sabe, Elizabeth não se encontra aqui. Tomei o lugar dela.

Lady Cardon soltou uma exclamação.

- Então está doente! Tinha a certeza disso! Lembras-te, Herbert, de dizeres que me preocupava sem necessidade; todavia, foi por isso que eu insisti em vir aqui na nossa passagem por Londres. Elizabeth nunca se teria comportado daquela maneira durante o casamento se não estivesse seriamente indisposta.

- Onde está a minha filha? - perguntou Lord Cardon a Sir Rupert.

Nerina esperou pela resposta de Sir Rupert. Ao olhá-lo pela primeira vez desde que entrara na sala, compreendeu, pelas rugas cavadas na testa e pela rigidez do corpo dele, quanto detestava a cena em que inadvertidamente fora envolvido. Contudo, graças a um certo poder extraordinário muito próprio, parecia manter-se à margem de todos os presentes. Era uma peculiaridade dele, pensou Nerina, o fato de, em todas as circunstâncias, acontecesse o que acontecesse à sua volta, nunca parecer integrado na cena, mas antes uma figura solitária, recortada no seu desdém e desprezo pelas fraquezas da natureza humana.

A sua fleumática frigidez contrastava extraordinariamente com a cólera, em rápido crescendo, de Lord Cardon, a qual lhe fazia afluir o sangue ao rosto e, como de costume, impedia-o de se manter imóvel. Balanceava o corpo de um pé para o

outro, fazia movimentos descontrolados com os dedos e mostrava-se incapaz de dominar a fúria das suas palavras, que pareciam irromper como lava dos seus lábios. Como Sir Rupert hesitasse em responder-lhe, Lord Cardon repetiu a sua pergunta com impaciência:

- Onde está Elizabeth? - inquiriu em tom veemente. - Onde está ela?

- Sinto-me impotente para responder a tal pergunta - replicou por fim Sir Rupert. - A sua sobrinha está mais dentro desse assunto do que eu.

- Que diabo quer dizer com isso? - contrapôs Lord Cardon furioso. - Nerina, que disparate vem a ser este?

- Elizabeth está casada. - começou Nerina em voz baixa.

- Por Deus, já sei isso! - vociferou Lord Cardon. — Mas onde está ela? Por que razão se não encontra nesta casa?

- Porque está com o marido, o capitão Adrian Butler - replicou Nerina.

As palavras dela pareceram ter, por um momento, um efeito paralisante e até o próprio Lord Cardon ficou silencioso, enquanto o rosto de Lady Cardon empalidecia e parecia estar prestes a desmaiar. Porém, valeu-lhe o seu proverbial autodomínio e, ao fim de alguns segundos, conseguiu exclamar:

- É impossível!

O som da voz dela pareceu restituir a Lord Cardon o seu dom de falar.

- Que brincadeira demoníaca vem a ser esta? - rugiu ele. - Como te atreves a contar-me todas estas mentiras, julgando-me capaz de acreditá-las. Wroth, porque escuta impávido todo este arrazoado imbecil e pernicioso sem intervir? Devia expulsá-la da sua casa. Entretanto, exijo ver a minha filha imediatamente.

- Receio bem que aquilo que ouviu seja verdade — comentou Sir Rupert; e o tom da sua voz, calmo e desapassionado, pareceu por um momento mitigar a cólera de Lord Cardon.

- A verdade - repetiu ele, num tom mais calmo e quase confundido. - Mas... como pode isso ser verdade? Ora, ela casou consigo anteontem! Eu estava presente, eu próprio a levei à igreja. Será que toda a gente endoideceu nesta casa? Está a pedir-me que duvide dos meus próprios olhos?

- Lamento, mas é exatamente isso que lhe estou a pedir - disse Sir Rupert.

- Mas então quem... - começou Lady Cardon apenas para engolir as suas próprias palavras e fixar os olhos dilatados em Nerina.

A fixidez do seu olhar atraiu a atenção de Lord Cardon e também ele olhou para Nerina. Como nenhum deles falasse, ela sentiu-se na obrigação de fazê-los compreender a situação.

- Tomei o lugar de Elizabeth - disse de mansinho.

- Tu! - vociferou Lord Cardon e deu um passo em frente para lhe agarrar um

braço. - Tu, pequeno demônio! - rugiu. - Foste tu quem planejou tudo isto! Elizabeth não teria a coragem suficiente para fazê-lo sozinha. É obra tua, prostituta e filha de uma... Deus sabe que te recolhi em minha casa por caridade mal dirigida. Mas, se pensas que foste esperta, se pensas que conseguiste desonrar-me, estás enganada. Elizabeth ainda não é maior. Será trazida para casa, terá um castigo e ficará a pão e água até aprender a comportar-se decentemente. Quanto a ti, vou ensinar-te a desafiar-me, a não desobedecer às minhas ordens.

Sacudiu Nerina com violência, enquanto falava; seguidamente, levantou a mão como se fosse esbofeteá-la. Ela não se debateu nem chorou. Por uns instantes, esquecera a sua confiança recém-encontrada e só se lembrava de que era impotente nas mãos do tio, como tinha sido em criança. De súbito, sentiu-se livre e, surpreendentemente, Sir Rupert estava na sua frente, interpondo-se à fúria do tio.

- Lamento, Lord Cardon, - disse ele, com grande dignidade - mas não posso permitir que bata na minha esposa!

- Sua esposa?

Foi Lady Cardon quem proferiu as palavras, que mais pareceram um grito.

- O que a sua sobrinha lhe contou é a verdade — prosseguiu Sir Rupert, dirigindo-se exclusivamente a Lord Cardon. - Tomou o lugar da prima e casámos, como viu com os seus próprios olhos. O casamento é perfeitamente legal e, conquanto as circunstâncias em que decorreu sejam, não apenas infelizes, como ainda deploráveis, nada há a ganhar com recriminações insensatas, com violência ou com qualquer actuação que nos converterá a todos em vítimas da bisbilhotice ou de um escândalo deploráveis. Penso que seria mais satisfatório se pudéssemos discutir este assunto a sós, Lord Cardon. Se me acompanhar ao meu gabinete, podemos deixar as senhoras aqui.

Sem esperar pela anuência de Lord Cardon, Sir Rupert rodou sobre os calcanhares e encaminhou-se para a porta. Tudo levava a crer que, graças a um poder extraordinário, ele conseguira reduzir a fúria de Lord Cardon e derrotá-lo. Sem relancear sequer os olhos por Nerina, o tio seguiu atrás de Sir Rupert e ela ficou a sós com a tia.

Quando a porta se fechou, Lady Cardon aproximou-se do sofá e deixou-se afundar nele, como se as pernas a não sustentassem de pé por mais tempo. Enxugou levemente os cantos da boca antes de interpelar Nerina, num tom de voz que ela conhecia muito bem:

- Rapariga ingrata e ignominiosa! Como pudeste agir deste modo?

- Se se refere ao motivo porque casei com Sir Rupert, - retorquiu Nerina - posso garantir-lhe que foi a única maneira possível de conseguir assegurar a fuga de Elizabeth, para que ela pudesse encontrar a felicidade com o homem de quem

gosta.

- Disparate! Elizabeth mal conhecia esse homem - disse Lady Cardon com firmeza. - Como podia ela estar apaixonada por alguém que mal conhecia?

- Encontrou-se com ele todos os dias até Lord Cardon tê-los surpreendido no bosque. Além disso, o amor, quando é perseguido, floresce mais depressa.

- O teu tio trá-la-à de volta, o casamento será declarado ilegal e então veremos o que ela tem a dizer a esse respeito - contrapôs Lady Cardon quase com despeito.

- E se ela tiver um filho, tê-lo-ão também tornado ilegítimo - disse Nerina.

Lady Cardon soltou um grito de horror.

- Como podes falar de tais coisas, criatura presumida? Modera a língua, menina.

- Parece esquecer-se, tia Anne, de que já não sou menina. O meu marido e eu estamos de partida para o castelo de Wroth.

- O teu marido? - exclamou Lady Cardon. — Deve ser um belo casamento, quando o homem foi levado a pensar que desposava uma dada pessoa e se vê apanhado por uma rapariga ardilosa, pobre e malcriada, que ninguém receberá num lar respeitável. — As palavras da tia pareceram ferir Nerina, a quem a repreensão do tio deixara indemne.

- Isso não é verdade - replicou ela. - O tio Herbert nunca me mandou para um lar respeitável como a tia muito bem sabe. Deliberadamente, porque odiava a minha mãe, procurou arrastar-me para a valeta, cobrir-me de ignomínia, apenas por me odiar.

- As tuas mentiras são tão infantis e ridículas que nem vale a pena responder-lhes - retorquiu Lady Cardon. - Quando o teu tio voltar, saberás o que ele te reserva. Até ele voltar, fazes-me o favor de estar calada, pois não tenho qualquer desejo de ouvir tais falsidades.

- Muito bem, tia Anne - disse Nerina e as duas mulheres ficaram sentadas em silêncio até que, momentos depois, a porta se abriu para deixar entrar Lord Cardon.

Uma mirada ao rosto rubicundo e à expressão dos olhos dele deu a entender claramente a Nerina que fora derrotado. Sentiu-se invadida por um transporte de alegria. Lord Cardon atravessou a sala até junto da mulher.

- Anda, Anne - disse. - Vamos deixar esta casa e prosseguir a nossa viagem.

Lady Cardon levantou os olhos para ele com uma expressão confundida.

- Mas, Herbert, e quanto a Elizabeth e a Nerina?

- Nada mais tenho a dizer acerca de qualquer dessas jovens desonrosas e repreensíveis - respondeu Lord Cardon em tom irado. - Explicar-te-ei melhor quando tivermos partido. Vem, a carruagem está à nossa espera.

Mecanicamente, Lady Cardon pôs-se de pé. Nerina levantou-se também, mas os

tios nem sequer relancearam os olhos para ela, saindo pressurosamente pela porta aberta. Nerina ficou a observá-los enquanto cruzavam o patamar e desciam as escadas. Só quando eles partiram é que ela notou como as mãos lhe tremiam e sentiu-se inesperada e suspeitosamente à beira das lágrimas.

- Não passa de uma reacção - disse de si para si. A surpresa e o inesperado de toda esta cena foram demais para mim.

Contudo, sabia que se tratava de mais do que isso. Sentia igualmente alívio por verificar que Sir Rupert tomara o seu partido e impedira que fosse maltratada pelo tio. E, o que era mais significativo, tinha a certeza de que, a sós com o tio, ele invocara os próprios argumentos dela no sentido de se manter a coisa tão abafada quanto possível, para, desse modo, se evitar um escândalo. Não poderia haver qualquer outra razão para o fato de o tio ter partido, calado e cabisbaixo, abandonando-a ao seu destino como esposa de Sir Rupert Wroth.

Durante alguns instantes, Nerina comprimiu os dedos contra os olhos. Era como se, por fim, ela se desse conta efetivamente de que o passado estava encerrado.

O pano caíra sobre o primeiro ato e erguia-se para o início do segundo. Que se lhe ia deparar? Que lhe reservava o futuro?

Na sua bravata, dirigira palavras ousadas a Sir Rupert. Revelara-lhe como fizera determinados planos; no entanto, por detrás das suas palavras, existira unicamente a coragem da sua trama imaginada. Não houvera estabilidade, nem certeza, nem tão pouco confiança no porvir. Nerina sentira sempre que tudo aquilo não passava de uma encenação, uma fantasia tão grotesca e ousada como aquela em que fizera o papel da sua prima Elizabeth; subjacente a tudo, porém, existira o medo avassalador daquilo que Lord Cardon lhe pudesse fazer. Ele intimidara-a durante tanto tempo. Fora a sua palavra e só a sua palavra que governara a vida dela até então. Ele estivera sempre presente, uma personagem horrenda e desfigurada, contra cujos juízos não havia apelo e de cuja crueldade não podia fugir. Todavia, agora partira; saíra da sua vida, desaparecendo na curva da escadaria.

Era quase impossível acreditar em tal realidade, na partida dele sem mais complicações, libertando-a da sua sujeição, não pela morte, por um ato funesto ou por qualquer forma de violência, mas simplesmente por sujeição à vontade de outro homem, um homem que a salvara contra a sua própria vontade, mas que, apesar de tudo, era ainda o seu salvador.

Nerina ouviu alguém aproximar-se e voltou-se rapidamente para o lado de onde provinha o som dos passos, retirando os dedos dos olhos, que subitamente se inundaram de ternura e gratidão. Viu então que não se tratava de Sir Rupert, mas de um criado.

- A carruagem está à espera, M'lady - anunciou.

- Obrigada.

Nerina levantou-se, relanceou o olhar pelo espelho colocado sobre a prateleira do fogão da sala e, por um momento, interrogou-se sobre se seria aquela a sua verdadeira imagem. Os olhos lembravam estrelas, a boca recortava-se rubra e cálida. Desceu lentamente a escadaria ao encontro de Sir Rupert, que a esperava no vestíbulo. Ao chegar junto dele, Nerina levantou os olhos para o rosto dele, mas Sir Rupert nem sequer lhe deitou uma mirada.

- Perdemos o comboio, se não nos apressamos — disse ele laconicamente; e ela precedeu-o, em direção à carruagem, que os aguardava.

A viagem até Wroth decorreu sem incidentes. O comboio era muito ruidoso, pelo que se tornara impossível conversar, mesmo no isolamento da sua carruagem reservada. Nerina folheava as páginas de um livro, sem fazer ideia daquilo que lia. Sir Rupert aparentava estar imerso na leitura de um matutino, mas Nerina teve a impressão de que também ele estava pensativo.

Nerina observou-o. Ele nunca levantava os olhos do jornal; apesar disso, considerou que ele levava um tempo considerável para ler uma única página. Nerina sentiu um desejo súbito e perfeitamente absurdo de se inclinar para a frente e agradecer-lhe pelo fato de a ter posto a salvo dos tios; todavia, sabia que a gratidão por ela manifestada nada significaria para ele, porquanto, tudo quanto havia feito, fizera-o por interesse próprio, para salvar a sua carreira, para proteger as suas próprias ambições.

Durante alguns instantes, Nerina sentiu uma onda de simpatia por ele. Tudo aquilo devia ser duro de suportar; porém, nessa altura recordou o modo como ele e Lady Clementine tinham conspirado contra a inocente e inofensiva Elizabeth e o coração de Nerina voltou a endurecer. A única tribulação que Sir Rupert sofria, disse Nerina para consigo própria, era ver-se casado com uma mulher difícil, em vez de outra complacente. Em tudo o mais, os seus planos não sofriam qualquer contrariedade; e posto que os tios pudessem desacreditá-la e procurassem denegrir a memória da mãe, do ponto de vista mundano, Sir Rupert desposara a jovem, inocente e prendada sobrinha do Conde de Cardon. Nerina seria bem acolhida nos círculos da Corte e isso era tudo quanto Sir Rupert esperava dela.

A tarde ia já adiantada quando chegaram a Pendle, pequena localidade manufatureira, que era a estação mais próxima de Wroth. Uma carruagem esperava-os e o chefe da estação, resplandecente nos seus galões dourados e chapéu alto, acompanhou-os pressurosamente desde o cais até ao largo da estação. O ar agreste e frio da tarde contrastava com a atmosfera abafada da carruagem; quando a carruagem se pôs em movimento, Nerina aconchegou um pouco mais a capa aos ombros. Ao reparar neste movimento, Sir Rupert perguntou-lhe:

- Tens frio? Queres que feche a janela? — Nerina abanou a cabeça:

- Não, prefiro-a na verdade aberta. Estou desejosa de ver a paisagem, pois nunca tinha vindo a esta região.

- Vais achá-la muito diferente da paisagem em volta de Rowanfield - observou ele. - Lá só se pratica a agricultura, enquanto aqui se erguem várias cidades prósperas, cuja atividade predominante é a tecelagem. Podes ver acolá uma das novas fábricas.

Enquanto falava, Sir Rupert apontou para um edifício feio e desolado, cujas altas chaminés vomitavam fumaça negra e cujas janelas eram tão pequenas e estavam tão sujas que se duvidava que chegassem a coar luz para o interior. A fábrica tinha um ar ominoso e dominador.

Sem qualquer razão aparente, Nerina estremeceu ao passar defronte dela. Nas imediações da fábrica, cruzavam-se ruelas escuras e sujas e erguiam-se casas antigas e esqueléticas, na sua maioria tão necessitadas de reparações que davam a impressão de que iriam ruir de um momento para o outro.

- É aqui que vivem as pessoas que trabalham nas fábricas? - indagou Nerina.

Sir Rupert olhou na direção em que ela apontava.

- Penso que sim. A maior parte das fábricas desta parte do país emprega crianças; ganham menos.

- Li há dias um relatório sobre o emprego de crianças nas fábricas e nas minas - continuou Nerina. — Descrevia alguns dos seus sofrimentos: as condições horrendas em que têm que trabalhar, longas horas em que são fustigadas continuamente para que não adormeçam. Achas que isso está certo?

- É difícil dizer se uma coisa dessas está certa ou errada - retorquiu Sir Rupert. - É necessário, se quisermos manter o nosso comércio externo, que a produção deste país seja consideravelmente maior do que é neste momento. Entramos num mercado competitivo e as crianças proporcionam-nos mão-de-obra por baixa remuneração; como é óbvio, para sobreviver, temos de empregar crianças.

Nerina emudeceu durante alguns instantes, antes de replicar:

- Falas como se as crianças constituíssem uma raça distinta. As crianças são os futuros homens e as futuras mulheres; e se forem estropiadas ou não tiverem saúde, então, no futuro, a Grã-Bretanha tornar-se-á uma raça de indivíduos pouco saudáveis.

- Temos aí um ponto de vista a considerar, no caso de o Parlamento debater uma reforma a introduzir na Lei do Emprego de Crianças - admitiu Sir Rupert. - Leste esse argumento no relatório?

- Na realidade, pensei nele eu própria. O fato de ser mulher não faz que leia apenas as páginas de modas do Ladies' Journal.

O tom de voz dela acusava um certo ressentimento e, inesperadamente, ele sorriu.

- Uma sabichona, além de aventureira! Bem, és uma pessoa imprevisível, tanto pelo comportamento como pelas opiniões.

- Quer parecer-me - obtemperou Nerina, ignorando o último comentário dele - que chegou a altura de as mulheres se interessarem mais pela política. Na sua maioria, são como a minha tia, que diz faltar-lhe o pé. Está perfeitamente pronta a aceitar as opiniões do meu tio sobre qualquer assunto que diga respeito à governação do povo.

- E tu tens outra opinião a esse respeito? - inquiriu Sir Rupert em tom jocoso.

- Certamente que não aceitaria cegamente as opiniões de qualquer homem e, pelo pouco que sei de política e pelo que ouvi dizer aos homens, parece-me que a maior parte dos políticos, à semelhança de ti próprio, se preocupa excessivamente com os assuntos externos. Estás constantemente a falar a respeito do que se passa na Turquia, na Grécia ou em Itália. Como é raro mostrares-te preocupado com o que se passa aquém fronteiras! Há alguns anos, houve terríveis motins, que foram dominados pelos militares. Lembro-me da satisfação quase sádica do meu tio ao ter conhecimento de que tinha havido homens espancados e baleados e mulheres mortas sob os cascos dos cavalos. No entanto, os tumultos começam quando as pessoas se sentem infelizes ou são tratadas injustamente. Não pode haver justiça quando as pessoas morrem de fome numa terra rica e próspera.

- Vejo que casei com uma reformadora - comentou Sir Rupert. - Talvez gostasses de reformar aquilo?

Enquanto falava, apontou para onde a estrada, mais à frente, se contorcia em meandros, penetrando numa área desolada e feia onde se elevavam, aqui e ali, pequenos amontoados de resíduos de carvão. O próprio ar era escuro e sujo e, quando atingiram a pequena aldeia de mineiros, Nerina viu que muitas das casas não passavam de tugúrios arruinados.

Na rua, arrastando os pés enfiados em tamancos, viam-se mulheres escalavradas que cobriam a cabeça com um xale. Havia dezenas de crianças, descalças e esfarrapadas, que brincavam com detritos nas valetas ou que lançavam umas às outras pedaços de carvão. A entrada da mina, com os seus portões de dois batentes, ficava no centro da aldeia. Do lado de fora da entrada, alguns homens estavam encostados a uma parede de tijolo.

Fixaram soturnamente os olhos nos forasteiros, à passagem da carruagem, puxada por nédios cavalos. Alguns dos homens cuspiram para a estrada e Nerina viu espelhada nos seus rostos sujos uma expressão geral de ressentimento.

- Que lugar horrendo! - exclamou ela. - Não se poderá fazer alguma coisa para o

tornar mais limpo, para tornar mais radiosas as vidas daqueles que nele vivem?

- Que esperas que se faça? Os homens ganham bons salários quando trabalham a sério. O problema reside no fato de haver demasiados agitadores no meio deles. Causam agitação e a agitação entre os operários nunca é uma vantagem salarial.

- Mas talvez sintam que não são tratados com justiça - contrapôs Nerina.

- Mas o fato é que o são!

- Como é que sabes?

- Sei-o porque sou o dono da mina.

- E a aldeia?

- Sim, da aldeia também.

Nerina ficou silenciosa; alguns momentos depois, Sir Rupert perguntou-lhe em tom sarcástico:

- Não fazes sugestões quanto ao modo como possa reformá-la?

- Seriam tantas que não sei por onde começar — respondeu Nerina abruptamente.

Pensava naquelas mulheres pobremente vestidas, nas crianças sujas e esfarrapadas e nos homens com os seus olhares soturnos e ressentidos. Algo teria de ser feito em favor deles, embora não tivesse a certeza do que deveria ser. De súbito, sentiu-se muito jovem e desamparada.

Sempre acreditara que as pessoas das altas esferas tinham grandes responsabilidades; contudo, neste momento, começava a ficar aterrada com as responsabilidades que podiam recair-lhe em cima. Descobriu nesse momento que nunca poderia entregar-se completamente a uma vida de ambição social. Pretendia ter sucesso na alta roda, desejava possuir belos vestidos, ser cortejada e aclamada como anfitriã distinta; contudo, sabia que, em última análise, estas coisas nunca chegariam a satisfazê-la.

Pretendia mais, se bem que por ora não estivesse certa do que se tratava. Vagamente, como se olhasse através de uma neblina que a deixasse apenas ver os simples contornos do que pretendia descobrir, Nerina começou a pensar numa ambição mais vasta e mais importante, começou a desejar algo mais poderoso que qualquer das coisas que imaginara ou com que sonhara no passado. Todavia, era impossível expressar em palavras o que sentia. Essa ambição tinha um carácter ilusório, tal como a recordação de um sonho o pode ser quando se acorda, enquanto aquilo que a pessoa sentiu e experimentou permanece no subconsciente. Nerina fazia um esforço tão intenso para formular os seus sentimentos para si própria que se sobressaltou quando Sir Rupert lhe anunciou subitamente:

— Eis Wroth!

Havia muito que a planura da aldeia mineira tinha ficado para trás; neste

momento, circulavam por uma paisagem de outeiros e pequenos vales, de bosques espessos e de terras de pastagem verdejantes e opulentas. Ao atingirem uma lomba da estrada, atravessaram um enorme portão de ferro e Nerina viu o castelo de Wroth, pela primeira vez.

Contara que o castelo tivesse um ar imponente, mas não imaginara que pudesse ser tão belo. De um ponto de vista arquitetónico, resultara da combinação de vários estilos, ao longo de diversas épocas; no entanto, cada geração havia, curiosamente, conseguido adequar o seu estilo aos das gerações anteriores, de modo que, não obstante haver uma torre normanda num dos lados do castelo, a ala isabelina, com a sua delicada pedra vermelha, parecia não destoar.

O caminho passava por uma extensa ponte que cruzava um de uma cadeia de lagos, cada um deles com uma cascata, estendendo-se como um colar resplandecente defronte da casa, com os seus grandes terraços cinzentos. Um vasto bosque protegia o castelo dos ventos do Norte e, para leste e oeste, estendiam-se jardins meticulosamente tratados, delineados durante o reinado isabelino, onde se cultivavam, como Nerina veio a descobrir mais tarde, algumas das plantas mais raras e exóticas que jamais floriram na Grã-Bretanha.

Do castelo, evolavam-se uma paz e uma beleza que pareciam oferecer um estranho contraste com o seu proprietário. O castelo não era nem orgulhoso nem desdenhoso e, não obstante a sua grandiosidade, quase parecia transmitir uma impressão de calorosas boas-vindas a quem o visitava. Com efeito, dada a sua longevidade, tornara-se não só parte da paisagem como ainda parte da própria natureza. Apesar de ser construído de tijolo e pedra, ficava-se com a impressão de que o castelo estava impregnado de emoções e sentimentos humanos.

Nerina percebeu repentinamente que esperava detestar Wroth. Não obstante ter desejado conhecê-lo, no seu íntimo pensara que o abominaria, porquanto sempre lhe parecera, pelo que tinha ouvido dizer a seu respeito, que se tratava de uma manifestação de poder e arrogância.

- Ora, é adorável!

Ouviu a sua própria voz proferir estas palavras involuntariamente.

- Na sua maioria, as pessoas sentem admiração pelo castelo - comentou Sir Rupert.

- Não me surpreende. Deves sentir-te orgulhoso por seres o seu proprietário. Deve ser maravilhoso ter um lar que pertenceu aos nossos antepassados e saber que se é parte dele, sentir que se faz mesmo parte dele.

Falou com sinceridade, recordando-se da sua própria solidão; porém, para espanto dela, Sir Rupert tinha um ar de quem ouvira um insulto. O seu semblante estava quase desfigurado quando disse abruptamente:

- Estás inteiramente enganada! Fiquei com a casa e a propriedade, mas não as herdei.

- Mas o teu nome é o mesmo: és um Wroth do castelo de Wroth.

- Um dia, hei-de satisfazer a tua curiosidade neste ponto, - finalizou Sir Rupert em tom desabrido - mas não agora.

Havia algo de tão abrupto e animoso no modo como ele lhe falou, que Nerina o fitou assombrada. Que dissera ela que lhe tivesse desagradado? Contudo, como a carruagem atravessasse a ponte e avançasse pelo terreiro defronte da casa, Nerina esqueceu Sir Rupert, no seu assombro ante o que via à sua volta.

De grandes proporções, o castelo era ainda maior do que imaginara quando o avistara à distância; todavia, por estranho que parecesse, não era esmagador. O vestíbulo por onde foi conduzida, à chegada, era amplo e magnífico, embora as vetustas almofadas entalhadas das paredes e os belos tapetes persas lhe conferissem uma atmosfera quase doméstica.

A sala em que iam servir-lhes o chá era muito semelhante ao vestíbulo. Comprida e estreita, fora construída no reinado da rainha Ana e as janelas davam para um roseiral. Os cortinados eram de suave brocado amarelo os móveis estavam protegidos com cobertas bordadas e, embora estivesse prestes a anoitecer, o aposento parecia ainda inundado de sol.

Nerina tirou as luvas e colocou a capa numa cadeira.

- Estou ansiosa por tomar uma chávena de chá. O comboio deixa-nos sempre a boca seca.

Ela gostaria de manifestar a sua admiração pelos encantos da sala, mas, depois do estranho comportamento de Sir Rupert por causa da casa, quase receava fazer qualquer comentário.

A mesa para o chá estava já posta, perto da lareira. Vendo que, como havia unicamente duas chávenas e dois pratos, ninguém mais devia vir acompanhá-los, ela sentou-se defronte da mesa. Momentos depois, o mordomo e alguns criados entraram, transportando bandejas com chá e bolos, fatias de pão com manteiga e sanduíches de todos os tipos. O serviço de chá de prata datava do reinado de Jorge III e as colheres de chá tinham finos cabos enroscados, cada um com um apóstolo na ponta.

Quando os criados deixaram a sala, Nerina tirou o chapéu.

- Estou em desalinho e devia subir para me lavar antes de comer, mas sinto tanta sede que tens mesmo de suportar a minha presença sem cerimónia.

- Uma expressão muito própria... - observou Sir Rupert.

- Dei-te uma deixa neste caso - disse Nerina com uma risada. - Devia ter pensado que eras arrogante demais para aproveitá-la.

Os cantos da boca dele franziram-se um pouco, mas não sorriu.

- Também eu estou à espera duma chávena de chá e depois gostaria de te levar a conhecer a minha avó.

- Ela vive nesta casa? - indagou Nerina quase em tom de consternação. - Não fazia a mínima ideia de que ela ainda vivesse aqui.

- Já tem muita idade, quase oitenta anos, e penso que vais achá-la uma velha senhora extremamente interessante, a menos que te atemorize. Contudo, esquecia-me que não tens medo de ninguém.

- Não estou bem certa de que me tivesses elogiado - comentou Nerina, enquanto lhe passava uma chávena de chá.

Quando recebeu a chávena das mãos dela, os olhares de ambos encontraram-se e, de súbito, ele soltou uma gargalhada.

- De que te estás a rir? - perguntou Nerina com uma ponta de desconfiança.

- Estava a pensar em tudo quanto sucedeu desde que saí desta casa, há dois dias. É sempre difícil rirmo-nos de nós próprios, mas não há dúvida de que eu não fazia a menor ideia, quando parti para a igreja de Rowanfield, do que me esperava.

- Mais cedo ou mais tarde, todos nós prestamos contas dos nossos atos - retorquiu Nerina.

- Tenho esperança de assistir à tua prestação de contas. Asseguro-te que me dará grande prazer testemunhar a liquidação da tua dívida.

- É natural que sintas desejos de vingança, como eu própria sentiria no teu lugar. Dizemos a verdade à tua avó?

- Se não dissermos, ela descobrirá pela certa. É muito sagaz e extremamente franca. Agora que penso nisso, fazes-me lembrar um pouco ela.

- Faço-te lembrar a tua avó! - repetiu Nerina, estupefata.

- Sim, tens a mesma maneira impetuosa de lidar com os outros, o mesmo modo imperioso de afastar as pessoas do teu caminho ou de as forçar a fazer a tua vontade. Devem dar-se maravilhosamente bem uma com a outra, pelo menos assim o espero. Lastimo quem tenha a minha avó por inimiga.

- Estás, sem dúvida, a fazer o possível para me deixar apreensiva a respeito dela - observou Nerina.

Retirou um suculento sanduíche de um prato de porcelana de Worcester. Era de pâté de foie gras e, ao mordiscá-la, Nerina teve uma visão súbita da aldeia mineira. Uma dúzia de perguntas palpitaram-lhe na língua, mas não chegou a proferi-las. Não haveria qualquer vantagem em iniciar outra controvérsia, pouco depois de terem chegado. Pretendia ver a casa, saber muitas coisas a respeito dela e conhecer a avó de Sir Rupert. O melhor que havia a fazer era não se lhe opor, por ora. Deste modo, sorriu para ele, sem se aperceber de que, pela primeira vez, se dispusera

deliberadamente a mostrar-se agradável para com Sir Rupert.

Quando acabaram o chá, ele conduziu-a ao andar superior, mostrando-lhe o quarto que lhe estava reservado.

Tratava-se de um quarto muito espaçoso, com um vasto leito de carvalho, encimado por um dossel, de que se elevavam penas de avestruz até tocarem o teto.

- Que quarto tão grande! - exclamou Nerina, quase amedrontada.

- Chama-se o quarto da noiva - disse Sir Rupert; o tom desdenhoso da voz dele fê-la corar.

Pousou a capa, o chapéu e as luvas numa cadeira e, após se ter mirado rapidamente no espelho, disse:

- Agora estou pronta para visitar a tua avó.

Sir Rupert seguiu à frente por um longo corredor. Ao fundo, voltou à direita e Nerina calculou que se encontravam noutra ala da casa. O estilo arquitetónico desta ala era georgiano, se bem que o mobiliário e os tectos fossem italianos. Detiveram-se junto de duas portas duplas. Sir Rupert bateu numa delas e, momentos depois, Nerina penetrava no mais extraordinário quarto que jamais vira. Também aí havia uma cama com sobreco, mas muito diferente daquela que ia ser a sua.

Os postes que sustentavam o dossel estavam esculpidos com uma profusão de flores e anjos, pintados com realismo. As cortinas eram de cassa branca, presas com laços azuis. A coberta da cama era de arminho branco e, sobre ela, estava dobrada a ponta de um lençol, debruado com uma renda larga e que ostentava um monograma e coroa espessamente bordados. Sentada no centro do leito, apoiada a almofadas de renda, encontrava-se a mais inacreditável figura de senhora idosa que Nerina jamais vira.

O rosto dela tinha tantas rugas que mais parecia uma gravura de talha do que um rosto humano; não obstante, apresentava as faces coloridas, os lábios pintados e as pestanas escurecidas. A culminar este arranjo do rosto, usava uma peruca de caracóis louros tão brilhante, tão dourada, que dava a impressão de que estava preparada para tomar parte num baile de máscaras. As mãos da velha senhora estavam mirradas e enrugadas e eram visíveis as veias azuladas à flor da pele. Contudo, os dedos rutilavam com uma profusão de anéis de todos os tipos - esmeraldas, diamantes, rubis e safiras - e os pulsos finos ostentavam braceletes, enquanto ao pescoço, sob um casaco de dormir de veludo e lã, se viam fiadas de pérolas, glóbulos lustrosos tão grandes e tão numerosos que mais pareciam constituir uma couraça.

Durante alguns instantes, Nerina ficou demasiado surpreendida ante o que via para experimentar outro sentimento que não fosse confusão; notou então que os

olhos da velha senhora tinham um brilho tão intenso como as safiras que cintilavam nos seus dedos. De um azul surpreendente, eram sagazes e extremamente observadores, tendo captado todos os pormenores do aspecto de Nerina, o que esta não deixou de notar.

- Como está a senhora? - perguntou Sir Rupert, enquanto levava uma das mãos da avó aos lábios.

- Bastante bem! - retorquiu a velha senhora. - É a tua esposa? Pensei que tinhas dito que o cabelo dela era louro como o meu!

- Explicar-lhe-ei mais tarde o que se passou - apressou-se a responder Sir Rupert. - Entretanto, avó, esta é Nerina, minha mulher. Nerina, permite-me que te apresente a minha avó, a Marquesa de Droxburgh.

Nerina não fez qualquer esforço para pensar, pois, na verdade, foi impotente para deter as palavras que lhe acudiram aos lábios, como se fossem uma avalanche.

- Mas não é esse o nome dela! - ouviu o seu próprio grito. - Não pode ser!

CAPÍTULO XI

Nerina estava sentada na borda do tanque onde nadavam peixes dourados e fazia correr os dedos de um lado para o outro na água fresca. Contemplava os pequenos peixes que brilhavam sob as folhas verdes dos nenúfares, cujas flores, de rebordos róseos, expunham aos raios solares a sua beleza cérea. Reinavam ali a calma e a tranquilidade, apenas violadas pelo gorjeio das aves e pelo ruído produzido pela água que caía da fonte esculpida que alimentava o tanque.

Nerina não tinha consciência do tempo que ali estivera sentada, pois os seus pensamentos não se detinham no que a rodeava. Mal se apercebia da beleza dos jardins ou da fragrância das flores. Interrogava-se, tal como o fizera já uma centena de vezes durante os últimos dois ou três dias, sobre qual seria o segredo que lhe ia ser revelado nessa tarde. Tinha a certeza de que seria algo de desagradável, o que era óbvio pela própria maneira como Sir Rupert se lhe referira, pelo olhar que a avó lhe deitara e pelo tom de voz misterioso e cavo com que ela lhe perguntara: Já lhe contaste?

Teria sido impossível e desumano não arder de curiosidade de saber o que deveria ter-lhe sido contado; porém, Nerina vira-se obrigada a refrear a sua

impaciência, já que, na própria tarde da sua chegada, a Marquesa estivera indisposta e o médico proibira-a de receber visitas.

Nerina ficara meio receosa, ao saber do que sucedera, de ter sido ela própria a causadora da indisposição, de que o seu comportamento tivesse de algum modo agitado ou perturbado a Marquesa. Todavia, quando exprimiu os seus receios, Sir Rupert tranquilizou-a.

- A minha avó dá-se bem com a excitação - disse ele - e asseguro-te que aquilo que é inusitado ou extraordinário parece dar-lhe nova vida e animá-la mais do que fatigá-la. Contudo, apanhou um ligeiro resfriado e, com a idade dela, é sempre aconselhável não correr riscos excessivos. Soube entretanto, pela sua criada pessoal, que está desejosa de te ver e, logo que o médico o permita, convidar-te-á a fazer-lhe uma visita.

- Terei muito prazer nisso - disse Nerina em voz baixa. Na verdade, estava ansiosa por pedir desculpa pelo seu comportamento, quando o choque que sentira ao ouvir o nome da avó de Sir Rupert a fizera esquecer tudo menos o seu próprio assombro e desânimo.

Era ridículo, pensava ela agora, que o simples fato de ouvir o nome Droxburgh a tivesse perturbado tanto ou feito perder o domínio de si própria. Imaginava que deveria, na realidade, ter sido a acumulação de coisas ocorridas, umas a seguir às outras - a ansiedade criada pelo seu casamento e pelo de Elizabeth, o choque quando do encontro com os tios na sala de visitas em Berkeley Square, a excitação de ver o castelo de Wroth pela primeira vez e, para cúmulo, o fato de ter ouvido inesperadamente aquele odioso nome, que ela abominava acima de todos os outros, o nome que lhe recordava vivamente os sofrimentos e o terror por que passara na residência do Marquês.

Nem a surpresa da Marquesa nem a de Sir Rupert ante a sua reação, tão intempestiva, haviam sido suficientes para a fazer recuperar o seu autodomínio. Continuou diante de ambos, lívida e trémula.

- Não pode ser verdade! Deve haver qualquer engano! - murmurou Nerina, que sentia que o fato de a avó de Sir Rupert ostentar o mesmo nome do seu perseguidor a precipitara inevitavelmente nas garras deste. Quase imaginou que ele se encontrava do lado de fora da porta, aguardando a oportunidade de a surpreender, a fim de provar, de uma vez para sempre, que os esforços dela para lhe fugir haviam sido inúteis e que, não obstante o que pudesse agora fazer, se encontrava completa e absolutamente à sua mercê.

- Porque falas desse modo? - perguntou-lhe por fim a Marquesa. - Asseguro-te que sou na realidade a Marquesa viúva de Droxburgh, do mesmo modo que o teu marido é meu neto.

Fora então que olhara rapidamente para Sir Rupert com os seus sagazes olhos azuis e, baixando a voz, lhe perguntara claramente:

- Já lhe contaste?

Sir Rupert abanou a cabeça.

- Ainda não - respondeu.

A avó dirigiu-lhe um olhar estranho; seguidamente, após uma brevíssima hesitação, como se escolhesse as palavras com cautela, comentou:

- Claro que há muito tempo para isso.

- Sim, muito! - anuiu Sir Rupert, em tom gélido.

Fora esta troca de palavras que dera tempo a Nerina para se recompor. Com um esforço, refreara os batimentos desordenados do coração. Obrigou-se a pensar razoavelmente que os seus temores não tinham fundamento.

Encontrava-se em Wroth. Estava casada com um homem estranho, incompreensível, com quem francamente antipatizava, mas de quem não recuava aterrorizada nem dominada pelos mesmos sentimentos de abominação e ódio que nutria pelo iníquo Marquês de Droxburgh.

Agora, não poderia magoá-la. Era apenas algo viscoso e medonho de que ela, prudentemente, fugira. Com um esforço, Nerina conseguiu articular com um sorriso trêmulo, mas em voz normal:

- Perdoam-me o meu estranho comportamento? Sinto-me cansada e extenuada e, ainda que tenha uma explicação a apresentar, poderei, talvez esperar por outra altura, pois se trata de uma história comprida e receio aborrecê-la.

- Raramente me sinto aborrecida com histórias, desde que sejam verídicas - retorquiu a Marquesa. - Fico a aguardar com muito interesse o que tens para me contar, minha filha. Mas naturalmente que estás fatigada e necessitada de repousar, depois da viagem. Duvido que Rupert te tenha sugerido isso - olhou para ele e soltou uma pequena gargalhada sufocada. - Não, claro que não te sugeri. Os homens são todos desumanos, no que diz respeito aos sentimentos das mulheres. Vai repousar. Tu e eu teremos uma longa conversa amanhã. Temos muito que contar uma à outra.

Nerina fizera uma vênia apressada, ansiosa por sair do quarto. Sentia-se envergonhada pelo que acontecera e, ao mesmo tempo, receosa dos seus próprios sentimentos. Até então, nunca dera por que tivesse agido de uma maneira tão estranha. Nunca perdera o domínio de si própria nem proferira tais exclamações, como o fizera então, sem o pleno consentimento tanto da sua mente como da sua vontade.

Ao correr pelo corredor em direção ao seu quarto, interrogara-se sobre o que se passava consigo própria. Só quando se encontrou em segurança atrás da porta

fechada e na reconfortante companhia de Bessie é que sentiu que podia acalmar. Deixando-se cair no sofá aos pés da cama, começou a contar a Bessie o que lhe sucedera desde que saíra do quarto, nessa manhã, e descera a escadaria para ir encontrar Lady e Lord Cardon na sala de visitas.

Nerina contou tudo quanto se dissera e fizera em Berkeley Square, enquanto Bessie a escutava de olhos arregalados, pontuando a narrativa com expressões de surpresa, horror e excitação. Contudo, quando Nerina chegara à parte correspondente à sua partida de Londres na companhia de Sir Rupert, a história acabara abruptamente. De qualquer modo, nem mesmo a Bessie podia explicar o que lhe sucedera minutos antes, quando soubera o nome da avó de Sir Rupert. Era ridículo, Nerina tinha a certeza, mas não conseguia referir-se ao que sentira nesse estranho e incompreensível momento em que a sua própria voz lhe parecera a voz de uma estranha.

Durante toda a noite, Nerina não conseguiu conciliar o sono, interrogando-se não apenas a respeito de si própria como ainda acerca da singularidade do diálogo travado entre a Marquesa e Sir Rupert. Que teria ele para lhe revelar e porque não o fizera ainda?

Ela contara em parte que se referisse ao assunto durante o jantar. Tinham comido a sós, rodeados de grande pompa e fausto, servidos pelo mordomo e por meia dúzia de criados. A refeição, preparada por um eminente cozinheiro, rivalizara de fato com um banquete real; no entanto, à medida que os pratos se sucediam, Nerina apenas debicava um pouco de cada um para salvar as aparências. Interrogava-se sobre os pensamentos em que Sir Rupert parecia imerso, sentado na outra extremidade da mesa, de rosto fechado e aparentemente tão falho de assunto para diálogo quanto ela própria.

A sala de jantar fora decorada por Robert Adam, com paredes pintadas de verde-pálido, ornamentadas com pratos pintados com motivos de gregos de estilo Wedgood; estava recheada de mobiliário e espelhos Chippendale e iluminada por gigantescos candeeiros de prata, cada um dos quais continha uma dúzia de reluzentes círios. A sala era adorável, ainda que num estilo um tanto severo para as preferências da época.

Nerina apercebera-se repentinamente de que não vira ainda qualquer retrato no castelo, o que lhe causou surpresa, já que, em outras casas onde vivera ou que visitara, as paredes se apresentavam praticamente cobertas de retratos dos proprietários passados e presentes.

Compreendeu então o motivo por que as paredes da sala de jantar e da sala de estar lhe haviam parecido tão nuas e ainda por que as paredes almofadadas dos corredores se lhe tinham afigurado tão severas.

Interrogou-se sobre qual seria a explicação; e quando os criados serviam a sobremesa, constituída por pêssegos suculentos e aveludados das estufas, grandes cachos de uvas, púrpuras e brancas, figos verdes com o seu interior carmesim e nectarinas douradas que pareciam conservar o calor do sol na sua casca delicada, perguntou a Sir Rupert:

- Tens uma galeria de retratos?

Sir Rupert soergueu as sobrancelhas e, após uma brevíssima pausa, respondeu:

- Existe uma extensa galeria na ala leste, que sempre teve esse nome.

- É lá que guardas todos os teus retratos?

- Não tenho retratos.

A resposta foi abrupta e terminante, mas Nerina sentiu-se demasiado intrigada para não prosseguir com as suas perguntas.

- Não tens retratos? Que coisa extraordinária! Tudo levaria a crer que uma casa como esta estivesse cheia de retratos.

- Nesse caso, enganas-te - retorquiu Sir Rupert. - Não tenho quaisquer retratos e creio não faltar à verdade se disser que não encontras um único retrato em todo o castelo.

- Mas porquê? - indagou Nerina; contudo, algo na sua expressão sombria e carrancuda revelou a Nerina que trilhava terreno proibido. Imediatamente, porquanto se sentia pouco à vontade, embora não fosse culpa sua, comentou: - Penso que tens o mesmo direito que os outros às tuas próprias excentricidades. Ouvi falar uma vez num homem que queimou a biblioteca do pai e se recusou a ter em casa um único livro, fosse de que gênero fosse. Alegou que lhe haviam arruinado a infância.

- Lamentavelmente, a destruição dos livros não conseguiu devolver-lhe aquilo que ele julgava haver perdido.

- Não, claro que não - concordou Nerina.

- Contudo, há sempre uma certa satisfação em ser-se vingativo - observou Sir Rupert com sarcasmo. Estou certo de que também já experimentaste o mesmo.

Ela sentiu-se ruborescer, ao aperceber-se que escarnecia dela.

Quando o jantar terminou, Nerina levantou-se e Sir Rupert abriu a porta por onde ela saiu da sala. Fechou-a logo a seguir e voltou para o seu Porto. Ela dirigiu-se à sala de estar e ficou a pensar se ele viria fazer-lhe companhia; no entanto, embora tivesse ficado à sua espera durante mais de uma hora, não apareceu. Ainda que a aborresse o fato de ter de esperar por ele, não podia decidir-se a retirar-se para os seus aposentos sem ter a plena certeza de que ele não tencionava voltar a falar-lhe nessa noite.

Considerou que havia muitas coisas que desejava discutir com ele. Coisas que

queria saber e a respeito das quais era difícil fazer perguntas na presença dos criados. Seria mais agradável conversar na tranquilidade e no aconchego da sala de estar, pensou. Contudo, à medida que os minutos se iam escoando e ele não aparecia, estremeceu de frio e uma sensação de desconforto e de solidão começou a invadi-la. O castelo era tão grande. Seria este o seu destino todos os serões - ficar sentada sozinha, junto de uma lareira prestes a apagar-se, à espera de um homem que preferia à sua companhia a consolação proporcionada por uma garrafa de Porto?

Foi subitamente assaltada por um sentimento de temor face a tudo quanto havia empreendido. Era fácil ser-se arrogante, agressiva e truculenta quando o inimigo estava à vista, quando se sentia, como o sentira nesse mesmo dia, a esgrimir num duelo; todavia, tornava-se difícil experimentar os mesmos sentimentos na solidão, quando se defrontava, não o antagonismo, mas a indiferença.

Quando o relógio bateu as dez, Nerina soltou uma débil exclamação de enfado. Já não vinha! Se o esperasse por mais tempo, podia descobrir que ela ainda ali se encontrava e pensar que estava à sua espera. Nerina não lhe proporcionaria tal satisfação. Subiria para o seu quarto, adormeceria odiando-o, como tinha acontecido em tantas noites anteriores, assustada e ao mesmo tempo fascinada pela profundidade das suas próprias emoções em relação a Sir Rupert.

Durante a manhã, Nerina fora informada da indisposição da Marquesa. Ainda durante a manhã, começara a compreender que os seus receios e apreensões da noite anterior não eram completamente destituídos de fundamento. Era a solidão que minava a sua força, de uma maneira muito mais demolidora que qualquer amarga e violenta troca de palavras.

Quando descera para o pequeno-almoço, Nerina verificou que Sir Rupert já acabara o seu e partira a cavalo para uma inspecção à propriedade. Informara que não viria almoçar, pois, como tencionava visitar algumas das suas terras mais afastadas, só estaria de volta pela hora do chá.

Nerina vagueara pelos jardins; seguidamente, viera sentar-se na sala de estar, sentindo-se inútil e totalmente indesejada. Colhia no castelo uma impressão de eficácia que, de certo modo, a desalentava. Imaginara que encontraria muito que fazer numa casa que fora administrada por um homem solteiro. Visualizara introduzir muitas alterações, afirmar a sua personalidade - se mais não fosse para irritar Sir Rupert - despedindo os criados, insistindo nas coisas deixadas por fazer, que teriam de ser feitas sem demora, naquelas que tivessem sido mal feitas, que teriam de ser corrigidas, mesmo que isso representasse agressões à tradição e sentimentos lacerados.

Todavia, não conseguia encontrar nada que desejasse fazer. Os jardins eram

maravilhosos. Nunca sonhara que os canteiros de flores pudessem ser tão magnificamente dispostos ou que se pudesse criar tanta beleza artificial sem prejudicar os encantos naturais da paisagem. No interior da casa, tudo parecia girar sobre esferas lubrificadas. A governanta era uma mulher encantadora, já de certa idade, que se encontrava ao serviço da casa havia muitos anos e que parecia conseguir impor a sua autoridade com um invulgar grau de humanidade.

As criadas ostentavam um sorriso nos seus rostos rosados; os criados, quando se encontravam em partes da casa onde não podiam ser surpreendidos pelos amos, entregavam-se aos seus afazeres assobiando despreocupadamente. Reinava uma atmosfera de felicidade e de contentamento nos baixos da casa que era facilmente detectável, pelo que Nerina compreendeu imediatamente não haver necessidade de introduzir quaisquer mudanças revolucionárias no governo da casa. Mesmo para atingir os seus próprios objetivos, Nerina não iria cometer a injustiça de criticar aquilo que não era passível do menor reparo; deste modo, quando acabou de dar uma volta pela casa, limitou-se a felicitar a governanta por tudo quanto vira e retirara-se para a sala de estar, desejando que também lhe apetecesse assobiar e, por qualquer razão inexplicável mesmo para si própria, não se sentir perigosamente à beira das lágrimas.

- Que se passa comigo? - interrogou-se. - Tenho tudo o que quero: uma casa, posição social, proteção contra a pobreza e contra a necessidade de ter de ganhar o meu sustento; porém, quero ainda mais. Que será?

Entretanto, voltava a pôr-se a mesma pergunta, mergulhando os dedos na frescura da água, sentindo o calor do sol na cabeça descoberta. Nesse momento, sem que tivesse ouvido o som de passos ou de alguma coisa que lhe revelasse a aproximação de Sir Rupert, voltou-se instintivamente e viu-o avançar pela relva na sua direção.

Também vinha em cabelo e a alva perfeição da sua camisa de folhos contrastava admiravelmente com o azul-safira do seu casaco de fino corte.

Nerina pôs-se de pé e ficou à espera que ele se aproximasse, disfarçando a custo a alegria que sentia por verificar que a sua solidão se desfizera e que tinha agora alguém com quem conversar, ainda que se tratasse apenas de Sir Rupert. Ele mirou-a enquanto caminhava ao seu encontro e ela sentiu-se feliz por usar um novo vestido de musselina armada, guarnecido de fitas amarelo-pálido. Não lhe dirigiu palavra nem o saudou; no entanto, como a expressão do rosto dela fosse suficientemente calorosa, ele interpelou-a, depois de a ter contemplado durante alguns instantes:

- Já decidiste?

- Já decidi o quê? - inquiriu espantada.

- Se Wroth corresponde às tuas expectativas.

- Claro que sim! É maravilhoso, como bem sabes! Como pudeste pensar que eu tivesse uma opinião diferente?

- Não pensei nada, - disse ele abruptamente - a não ser que, se não gostasses de Wroth, me dirias que comprasse algo melhor. Já te esqueceste que uma anfitriã política deve ter sempre uma casa verdadeiramente confortável, onde possa receber membros do Gabinete? - Troçava dela; apesar disso, Nerina não sentia um verdadeiro ferrete nas palavras dele. Quando ela riu, o som da gargalhada, livre e esfuziante de vida, pareceu ecoar por todo o jardim.

- Os próprios membros do Gabinete teriam muita dificuldade em queixar-se de Wroth - comentou ela.

- Então não é a casa que os faz lançar no cesto dos papéis os convites que recebem - disse Sir Rupert. - Talvez seja o proprietário.

- Tu? - exclamou Nerina, para acrescentar de seguida: - Mas não promoves reuniões sociais aqui? Reuniões políticas, quero dizer?

A resposta de Sir Rupert resumiu-se a um monossílabo.

- Não!

- Porque não?

Fez a pergunta num tom bastante casual, embora imediatamente a seguir tivesse avaliado como era importante. Sir Rupert hesitou, afastando o olhar de Nerina e dirigindo-o para o ponto onde os lagos espelhavam, em reflexos de prata, a luz do sol.

- Pedi à minha avó que te explicasse essas coisas - disse ele por fim, em tom amargo, como se as palavras o ferissem.

- Se há alguma coisa para contar, preferia que fosses tu próprio a contá-la - apressou-se a dizer Nerina.

- Porquê? - indagou ele enfurecido. - Para que me tortures! Oh, não, já chega o que fizeste até agora! Há coisas em que poderias exceder-te e de que te poderias arrepender. Já te avisei.

Ela fitou-o no rosto, mas os olhos dele evitaram-na.

- Estás muito misterioso - acabou por dizer Nerina, ao fim de algum tempo.

- Estou? - falava em tom irado: - E porque não? Prefiro guardar os meus segredos, já que tenho um apurado sentido da autopreservação; contudo, infelizmente, nem sempre os segredos nos pertencem exclusivamente, já que há sempre outras pessoas envolvidas. Não tenho, porém, qualquer intenção de discuti-lo contigo. Vai ter com a minha avó, que está à tua espera; e quando tiveres ouvido o que ela tem para te dizer, podes rir-te se o desejares, que me é totalmente indiferente.

A voz dele adquiriu, de súbito, uma amargura que estava para além de tudo quanto ela jamais ouvira na sua vida; porém, antes que pudesse responder-lhe ou dizer alguma coisa, ele começara a afastar-se pelo jardim, as costas e o porte da cabeça traduzindo uma atitude tão inflexível que não se atreveu a correr no seu encalço, ainda que ansiasse por lhe pedir que se explicasse.

Quedou-se a observá-lo durante muito tempo, até ele ficar quase encoberto pelo roseiral e pelos teixos muito bastos que formavam a entrada do labirinto. Então, estremeceu, como se uma súbita rabanada de vento frio lhe perpassasse pelos braços nus, voltou-se para o lado da casa e dirigiu-se ao quarto da Marquesa.

Nerina bateu à porta e, imediatamente a seguir, uma criada de idade avançada veio abrir-lhe a porta e convidou-a a entrar. Enquanto cruzava o quarto em direção ao leito, Nerina pôde observar nesta segunda visita com um pouco mais de pormenor o aposento que, à primeira vista, lhe parecera verdadeiramente fantástico e diferente de tudo quanto vira até então.

Agora apercebia-se de que não eram apenas as cortinas de musselina branca do leito que eram tão surpreendentes, mas também o próprio aposento, com os seus tons de branco, dourado e azul. Os cortinados, ornados com borlas e pregueados, eram de cetim azul-celeste e os interiores, de musselina aos folhos; um tapete do mesmo tom azul dos cortinados cobria o soalho, enquanto as paredes eram brancas, com um intrincado desenho de folha dourada nas cornijas e no rodapé.

O mobiliário era na sua maior parte dourado; as mesas de consola, assombrosamente esculpidas com flores, pombas e anjos, estavam dispostas a intervalos à volta do quarto e, sobre cada uma, via-se uma enorme jarra de porcelana azul com flores de estufa, todas brancas.

Os intrincados e inumeráveis ornamentos repetiam uniformemente o azul e branco. Um conjunto de objetos de toucador em cristal ostentava monograma e coroa de turquesa e diamantes.

Quando Nerina se abeirou da cama com as cortinas azuis e brancas e coberta de arminho, viu que a sua ocupante estava também de azul - um abafo azul-celeste de um tecido requintado, bordado a prata e debruado com arminho branco e caudas de arminho. O cabelo da velha senhora parecia ainda mais loiro, em contraste com a alvura das almofadas, e, desta vez, envolvia-o uma fita estreita de veludo azul.

A Marquesa estava coberta de jóias, como da primeira vez que Nerina a visitara. Usava ainda inúmeros colares de pérolas e, sobre a camada superior, via-se também um colar de diamantes. Nos pulsos, rutilavam braceletes de diamantes e safiras e os dedos quase ofuscavam quando os mexeu num delicado gesto de boas-vindas, um gesto que, aos olhos de Nerina, bastaria para caracterizar uma grande dama recebendo os seus convidados.

Foi então que se fez luz no espírito de Nerina, sem que lhe tivessem sido dadas quaisquer indicações ou explicações. A avó de Sir Rupert era muito idosa, - quase octogenária, segundo ele dissera -, mas o seu coração conservara-se jovem. Para si própria, continuava a ser uma grande beleza, uma anfitriã famosa, que recebera a melhor sociedade durante mais de meio século e que fora aclamada por reis e imperadores, embaixadores e ministros.

Constitui a tragédia de toda a mulher que o rosto se modifique mais depressa que o coração; no entanto, para quem tinha sido reputada pela sua beleza, conhecera a admiração e a adoração, não de um punhado de amigos escolhidos, mas de todos os seus contemporâneos e, na realidade, de uma geração inteira, constituía uma tragédia quase indescritível que a idade levasse fatalmente consigo tudo, exceto a recordação desse passado.

Finalmente, Nerina compreendeu. O mobiliário e decoração do quarto eram os mais adequados a uma mulher jovem e bela. Quase podia imaginar as pessoas comentarem que o quarto se assemelhava à sua proprietária. O azul condizia com a cor dos olhos; o branco era a cor da sua pele imaculada; o dourado rivalizava com o seu cabelo louro. Compreendia ainda a profusão de jóias: era o prêmio da beleza, os despojos que a Marquesa recebera ao longo dos anos em que reinara nos corações de quantos a conheceram.

Era fácil de imaginar, pensou Nerina, enquanto observava a Marquesa com outros olhos, como deveria ter sido bela. Mesmo a pele enrugada, que adquirira a tonalidade do marfim velho e amarelecido, não podia fazer esquecer o desenho clássico e perfeito das suas feições nem dos seus olhos, que antes de se terem tornado cavados, tinham sido rasgados, brilhantes e azuis como o céu.

A sua graça teria sido uma parte intrínseca dos seus encantos. Ainda agora se podia ver, pelo modo como voltava a cabeça, pelos movimentos do pescoço, outrora longo e ebúrneo, cheio e torneado, pelos gestos das mãos, pelo vultear dos pulsos e pelo esvoaçar dos dedos, longos e finos.

Uma beleza, uma grande beleza, junto de quem todo o mundo importante se ajoelhara em adoração; e agora, uma mulher idosa e mirrada, sozinha numa grande cama de dossel, apenas com as suas recordações como companhia!

- Aproxima-te, criança, e deixa-me ver-te - disse a Marquesa. Nerina foi despertada para a realidade pela sagaz vivacidade daquela voz.

Ela podia ser idosa; contudo, Nerina estava certa de que poucas coisas escapavam à sua observação. Não apresentava quaisquer sinais de indisposição; pelo contrário, tinha os olhos brilhantes e, não obstante a macieza das almofadas colocadas por detrás dela, mantinha-se ereta, como se desdenhasse aceitar o seu apoio.

Nerina sentou-se junto da cama, na cadeira que a criada aí deixara antes de sair e fechar a porta do quarto.

A Marquesa viúva agarrou numa taça de champanhe, que se encontrava ao alcance da mão e beberricou delicadamente.

- Aquele desmiolado do médico proibiu-me de receber qualquer visita nos últimos três dias. O homem é um idiota e fui eu quem o disse. Já estou demasiado velha para desperdiçar o tempo que me resta de vida ficando fechada sozinha e tendo apenas a velha Maggie com quem conversar. Sou amiga da criatura, mas a sua conversação é limitada. Como já disse muitas vezes ao médico, para mim o inferno será um lugar onde eu não tenha com quem conversar. Agora diz-me em que te tens ocupado.

- Andei a explorar o castelo, - respondeu Nerina - enquanto esperava que a senhora melhorasse depressa para poder vê-la. Também eu precisava de conversar com alguém.

A Marquesa sorriu.

- Que bela maneira de falar quando se está em lua-de-mel. Em que andarás Rupert a pensar? No entanto, o rapaz nunca tem muito para contar, a não ser quando é chamado a intervir na Câmara. Dizem-me que ele chega a ser bastante eloquente em tais casos.

A Marquesa pousou a taça na mesa, ao lado da cama, e observou em tom refletivo:

- Mas presumo que a vossa lua-de-mel não é de modo algum muito vulgar. Rupert contou-me resumidamente o que se passou. Mostras ser uma jovem corajosa ao casares com um homem em tais circunstâncias.

Não havia qualquer menosprezo nas palavras da Marquesa e Nerina sorriu.

- E Sir Rupert explicou que não havia alternativa? Se eu não tivesse casado com ele, a minha prima Elizabeth não teria podido casar com o homem que amava.

- Nunca fui capaz de compreender tal sacrifício pelo amor de outra pessoa. Que é que lucraste?

Havia algo na sua fria sagacidade que fez Nerina responder com honestidade:

- Segurança!

- Qual era a alternativa?

- O lugar de preceptora com um vencimento anual de dez libras. Entretanto, fui já despedida de três casas.

A Marquesa viúva olhou-a especulativamente; em seguida, pôs-lhe a pergunta lacônica, como já o fizera anteriormente:

- Por que razão? - E antes que Nerina tivesse podido replicar, acrescentou: - Mas não precisas de me dizer! Já sei a resposta. Reside nesse teu cabelo ruivo. És uma

criança bonita, inegavelmente, e contraíste com o meu neto um casamento à maneira aristocrática. E agora?

- Não sei - respondeu Nerina com sinceridade. - Gostaria de receber pessoas. Gostaria de ser uma grande anfitriã política. Parecia-me fácil, quando pensava nisso; porém, agora que me encontro aqui e conheci esta casa, sinto receio. Duvido que seja capaz de o fazer.

- Uma grande anfitriã política! - repetiu a Marquesa; depois, num tom totalmente diferente, disse: - Há uma coisa que tenho de te revelar. O próprio Rupert deveria ter-te contado, pois sempre me prometeu que diria a verdade à sua esposa, para que ela a não viesse a saber de outra fonte; contudo, agora que chegou o momento, ele não consegue abrir-se e, por conseguinte, disse-lhe que te desvendaria o segredo dele, já que considero justo que o conheças.

A Marquesa fez uma pausa e fixou os olhos nos de Nerina. Havia algo de intimidador nesse olhar.

- O meu neto é ilegítimo - disse ela em tom áspero.

Nerina imaginara muitas coisas, mas nunca uma tal revelação.

- Mas como? Porquê? - Em seguida, acrescentou impulsivamente: - Oh, por favor, conte-me tudo!

- É o que tenciono fazer. Estás chocada?

Nerina sorriu para ela.

- Absolutamente nada, apenas assombrada. Estava bem longe de tudo quanto eu podia esperar.

- Assim é que eu gosto! - aprovou a Marquesa. - Gosto de ti! Tinha ficado à espera de uma jovem muito diferente, quando Rupert me contou que ia desposar a filha dos Cardon. Lembro-me dele, uma criatura fastidiosa, vaidosa e completamente destituída de humor; a esposa dele é igualmente uma pessoa muito enfadonha. Resolvi não travar relações com eles quando vim viver para aqui e tinha poucas esperanças de que a filha viesse a ser melhor que eles. Todavia, tudo isto é agora perfeitamente irrelevante. Devo primeiro falar-te acerca de Rupert e só então me falarás a teu respeito. Está combinado?

- Certamente - anuiu Nerina.

- Muito bem, então - replicou a Marquesa. - O meu marido foi o primeiro Marquês de Droxburgh. Tivemos dois filhos: George, o primogénito, e Frederick. Quando o meu marido morreu, foi George quem naturalmente herdou o título, embora tivesse escolhido viver aqui em Wroth. Não se tratava da residência da família, pois pertencera a um primo distante que pedira emprestada uma avultada soma a meu pai e que, como não tivesse conseguido pagá-la, me legou Wroth. Apenas aqui vínhamos ocasionalmente, quando os rapazes ainda eram pequenos,

mas George gostava tanto desta casa quanto detestava a residência da família, em Northamptonshire. Era um rapaz sossegado e estranho, com uma paixão pelos animais que superava em muito toda a afeição que dedicava aos seres humanos. Ainda bastante novo, ficou noivo da filha de Lord Glangarron. Ela morreu de uma infecção nos pulmões e ele recusou-se a encarar a perspectiva de vir a casar com outra mulher. Veio para Wroth e ocupava o tempo fazendo o traçado dos jardins e dos terrenos adjacentes à casa e mantendo uma coleção de animais estranhos. Deambulava pela propriedade, vestido com roupas velhas, e costumavam contar-me histórias de visitantes que o tomavam por um couteiro ou jardineiro e lhe davam gorjetas depois de os haver orientado no seu caminho. Só aqui vim uma vez em vida de George, porquanto ou estava em Londres ou em Itália, onde vivi alguns anos. Um dia, deram-me a notícia inesperada de que George morrera. Não pude entrar imediatamente em contato com o meu filho Frederick, que se encontrava na Irlanda, pelo que eu própria vim a Wroth, a fim de tratar dos preparativos para o funeral. À chegada, fui informada de que George sucumbira quando saíra a cavalo pela propriedade. O cavalo precipitara-se numa pedreira existente na parte mais distante da propriedade. O pobre animal ficara terrivelmente ferido e tivera de ser abatido. George fraturara a coluna e já estava morto quando o encontraram. Fiquei chocada e amargurada, como podes imaginar; ao mesmo tempo, porém, que me contavam o que se tinha passado, sentia que havia algo na sombra que me ocultavam. O comportamento dos criados, o modo como me falavam, o fato de evitarem olhar-me de frente, deram-me a certeza de que apenas me contavam parte da verdade, de que me ocultavam qualquer coisa.

Não esperei muito tempo até ter uma indicação do que me escondiam. O advogado da família veio ao castelo e percebi imediatamente pelo seu ar que algo andava no ar. Contou-me que, no próprio dia da morte de George, recebera por um mensageiro uma carta do falecido em que este lhe remetia um novo testamento, o informava de que o redigira com o próprio punho e na presença de dois criados do castelo, na qualidade de testemunhas, e de que o médico juraria que ele se encontrava no seu perfeito juízo.

Li o testamento, que fora escrito em meia folha de papel, e toquei para chamar a governanta. Quando ela veio à minha presença, insisti para que me contasse a verdade. Foi então que ela me contou aquilo que tinham receado contar-me antes. Segundo parecia, George tinha vivido com uma jovem, filha de um agricultor da região. Ela viera para o castelo havia cerca de um ano. Segundo tudo levava a crer, fora muito feliz, mas não procurara impor-se, nem foi exigido aos criados que a tratasse como dona da casa. Ao verificarem que ela ia ter um filho, interrogaram-se

sobre se a situação dela iria mudar; contudo, continuou tudo exatamente como até então. Segundo parecia, ela e George estavam loucamente enamorados um do outro. Passavam todo o tempo juntos; no entanto, quando ele tratava de assuntos relativos à propriedade ou recebia amigos, ela mantinha-se recolhida nos seus aposentos e nunca lhe punham a vista em cima. Finalmente, a criança nasceu, mas, embora tivessem assistido ao parto o médico local e a parteira, foram impotentes para salvar a mãe. Ela veio a morrer, embora a criança nascesse escoreita.

Quando George soube que ela tinha morrido, contou a governanta, ficou completamente fora de si. A mulher que ele amara tão estremecidamente foi discretamente enterrada no cemitério privado, adjacente ao castelo. Feito isso, George recolheu ao seu escritório e redigiu um novo testamento. Chamou a governanta e o mordomo para que servissem de testemunhas. Mandou chamar o médico a fim de certificar que ele se encontrava no seu perfeito juízo; em seguida, mandou aparelhar o seu cavalo favorito. Nunca dirigiu um olhar ao recém-nascido, nunca pediu que lhe mostrassem; todos tinham medo de o trazer para baixo, pois a sua presença só agravaria a mágoa do pai. Montou a cavalo junto da porta da frente e partiu para não voltarem a vê-lo vivo. É difícil aceitar que tenha sido um acidente, já que George sabia, tão bem como qualquer pessoa na propriedade, da existência da pedreira.

Quando acabei de ouvir a história da boca da governanta, mandei buscar a criança. Era um rapaz robusto que reclamava a presença da mãe adotiva, a qual com alguma dificuldade, tinha sido recrutada na aldeia. O meu primeiro impulso foi, admito-o, desprezar a criança e, após ter providenciado para que tomassem conta dela, esquecê-la completamente. Depois, ao voltar os olhos para o bebê, dispondo-me apenas a lançar-lhe uma mirada rápida, pois eu nunca fora muito amiga de crianças, tomei-o nos braços. Quando o segurei ao colo, o bebê parou de chorar e abriu os olhos; nesse preciso instante, fez-me lembrar nitidamente o meu marido, não o meu filho, uma vez que já como bebê eu o achara tão enfadonho como quando era um homem crescido. Não, o bebê recordava-me o meu marido quando eu casei com ele.

Ao contrário da maior parte das mulheres do meu tempo, casei por amor. Amei muitos homens na minha vida e fui amada também por muitos homens; no entanto, nunca esquecerei a forma terna como o meu marido me tratou na nossa lua-de-mel e a felicidade que experimentei durante esse breve período dourado. Eu tinha apenas dezasseis anos. Mais tarde, questionávamos continuamente, pois eu era obstinada e impetuosa e gostava de todas as coisas que mais lhe desagradavam. Todavia, durante a nossa lua-de-mel, fomos felizes juntos; de certo modo, aquele filho de George inundou-me com uma vaga de recordações de uma

época em que eu própria pouco mais era do que uma criança e ainda capaz de sofrer com toda a intensidade de uma criança. Não obstante tratar-se aparentemente de uma ideia louca e ilógica, resolvi tomar conta do filho de George e criá-lo como se fosse legalmente meu neto. Eu dera já a conhecer a minha decisão e iniciara os preparativos para abandonar o castelo quando o meu filho Frederick chegou. Como George nunca chegara a casar, ele era naturalmente o novo Marquês de Droxburgh.

Nerina estremeceu e indagou:

- É o atual Marquês?

A Marquesa assentiu com a cabeça e, ao ver a expressão de Nerina, perguntou-lhe:

- Conhece-o?

- A minha última colocação como preceptora foi na casa dele.

A Marquesa digeriu a informação e prosseguiu:

- Isso explica o terror que se apossou de ti quando o meu neto nos apresentou. Não receies dizer-me a verdade no que se refere a Frederick, pois sei tudo a respeito dele. Já ouvi muitas histórias, para não saber que é um homem mau. Sei isso e envergonho-me de que um filho meu proceda assim.

Nerina conservou-se em silêncio; momentos depois, a Marquesa continuou:

- Acabemos a minha história. Frederick chegou e, ao tomar conhecimento do que eu tencionava fazer, ficou furioso. Havia, na realidade, boas razões para ele se enfurecer, porquanto o testamento de George fora muito breve. Escrevera singularmente que deixava tudo quanto possuía ao filho. Como é evidente, certas coisas eram inalienáveis da família, como uma dada quantia da nossa propriedade de Londres; todavia, o grosso da fortuna de George era pertença sua e ele podia dar-lhe o destino que entendesse.

O meu marido deixara-lhe os seus bens incondicionalmente, pois sabia que George era um jovem equilibrado e sensato que nunca a dissiparia numa existência desregrada. A cólera de Frederick era compreensível; contudo, como eu conhecia a vida que ele já então levava, não me mostrei muito amável para com ele. Apenas quando ameaçou assassinar a criança com as suas próprias mãos, é que lhe disse que tivesse cuidado com o que fazia. Mandeí fechar o castelo e levei Rupert, como decidira chamar à criança, comigo para Londres. Disse às pessoas das minhas relações que o meu sobrinho, que vivera durante muitos anos na China, falecera e que eu adotara o filho dele. Tratava-se de uma história tão plausível como qualquer outra e, ao fim de algum tempo, as pessoas deixaram de fazer-me perguntas. Dirigi-me aos meus advogados e tomei as disposições legais para que o nome da criança fosse Wroth, Rupert Wroth. Quando atingiu a idade de ir para

Eton, toda a gente que chegara a pôr em dúvida a história já se esquecera dela, à exceção naturalmente de uma pessoa, o meu filho Frederick.

Sabia que ele nutria por Rupert um ódio de morte e que faria tudo ao seu alcance para o lesar. Frederick esperou até Rupert atingir os quinze anos, um rapaz encantador e sensível que gostava tanto de mim como eu dele. Nesse tempo, ele significava tanto para mim que já havia muito que começara a considerá-lo apenas como carne da minha carne e sangue do meu sangue. Sempre quisera contar a verdade a Rupert, mas, de certo modo os anos foram passando e nunca se proporcionou uma oportunidade. Essa revelação parecia desnecessária e inútil, em face das boas relações entre nós e do êxito de Rupert, tanto a nível social como escolar. Ele tinha boa índole, era encantador e bem-educado e tinha uma bela figura. Que mais poderia querer um rapaz, que mais poderia alguém desejar-lhe? Foi então que Frederick vibrou o seu golpe!

Um dia veio à minha casa de Londres, quando eu me encontrava fora. Rupert estava sozinho. Frederick revelou-lhe da forma mais brutal e horripelantemente direta a sua identidade e origens. Quando regressei a casa, deparou-se-me, não uma criança humilhada e amargurada, mas um estranho. O golpe desferido por Frederick atingira o próprio orgulho viril de Rupert, que se sentiu envergonhado, amargurado e enojado. Em escassos minutos, Frederick destruíra de uma forma tão completa a criança que eu amava como se lhe tivesse tirado a vida, como antes ameaçara fazer.

Talvez Rupert fosse excessivamente sensível; talvez, ao privar um rapaz do seu sentido de segurança e ao ferir a sua mais íntima decência, se destruía algo que é irreparável. Rupert e eu raramente debatemos o assunto, mas quando ele já era muito mais velho, prometeu-me que revelaria à futura mulher a verdade, antes de a desposar. Eu queria que ele o fizesse, pois sabia que, se Frederick tivesse uma oportunidade, procuraria destruir o casamento de Rupert, tal como destruíra a felicidade da sua infância.

Rupert prometeu-me que faria isso; contudo, quando me disse que ia casar com Elizabeth Graye, percebi que não havia qualquer felicidade que corresse o risco de ser destruída num casamento a que o coração de Rupert era estranho. Eu falo do coração dele, mas muitas vezes pergunto a mim própria se ele terá coração. Quer parecer-me, em certas ocasiões, que Frederick o despojou do seu coração naquele dia, em Londres, quando regressei a casa e se me deparou um jovem acabrunhado e ressentido e não o meu neto sorridente e afetuoso.

Talvez a culpa seja minha; no entanto, seja ela de quem for, é tarde de mais para que Rupert se modifique. Penso que, no seu íntimo, existe um amargo ressentimento contra o destino, contra a vida que lhe deu tanta coisa com uma mão

e o privou do seu orgulho com a outra. Desde essa tarde longínqua que ele parece estar contra tudo e contra todos. Quando sorri, os lábios adquirem um trejeito cínico; quando ri, fá-lo com uma nota de amargura. Toda a sua natureza se encarquilha, como se o próprio sol fosse menos dourado em consequência do que Rupert sabe sobre a sua própria identidade.

- Todavia, muito tem feito por ele - observou Nerina. - Sem dúvida que ele lhe está muito grato, certamente que entende que, sem a senhora, as coisas teriam sido muito mais difíceis, quase impossíveis.

- Sim, penso que compreende isso, - disse a Marquesa pensativamente - mas posso entender um pouco do que sente. Ele desempenha um papel, desempenha-o para um mundo que o regeita pelo seu valor facial. Já muitas vezes me interroguei, tal como ele o deve ter feito, sobre quanto tempo poderá continuar a sua carreira política.

- Poderá... - exclamou Nerina.

- Sim, poderá - repetiu a Marquesa. - Frederick estou certa, espera pelo momento em que possa passar ao ataque e destruir tudo quanto Rupert tem vindo a construir. E Rupert também o sabe. É esse o motivo, embora nunca se lhe refira, por que faz tudo com uma atitude de desafio. É como se dissesse para si próprio: Mais um passo, antes que eu seja derrubado, antes que o meu orgulho seja espezinhado; mais um degrau da ascensão, antes que os revezes me batam à porta. Sabe que se trata unicamente de uma questão de tempo, como podes ver. Estou em crer que Frederick ficará à espera de que ele ocupe o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros para então lhe desferir novo golpe.

- Mas é intolerável! - exclamou Nerina. - Como pode ser tão brutal...

As palavras pareceram morrer-lhe nos lábios, pois sabia que nada impediria o Marquês de ir até ao fim. Não possuía sentido de decência nem código de honra; era um homem completamente destituído de magnanimidade. Sim, ele procuraria arruinar Sir Rupert, como procurara abusar de si. Os sentimentos da suas vítimas eram-lhe perfeitamente indiferentes. Existia apenas uma coisa que contava para ele, uma coisa que importava - os seus próprios desejos, as suas próprias necessidades, ditadas por lascívia ou vingança.

Nerina cobriu os olhos com os dedos. Quase podia ver, como se ele ali se encontrasse na sua frente, a satisfação do Marquês, caso fosse bem sucedido, a forma como ele humedeceria os lábios finos, o brilho súbito nos seus olhos devassos. Ela sabia que o descrédito político e social de Sir Rupert lhe proporcionaria a mesma satisfação que se houvesse desonrado e espoliado uma linda mulher. De repente, sentiu-se enojada só de pensar nisso e levantou os olhos para a Marquesa, que a fitava como se os seus olhos tivessem o condão de

adivinhar-lhe os segredos do coração e da mente.

- Era este o segredo que eu tinha para te contar - disse a Marquesa de mansinho.
 - Talvez ele te ajude, criança, a compreender o teu marido.
 - O meu marido! - repetiu Nerina quase num murmúrio.
- Parecia-lhe que tais palavras nunca antes haviam sido reais.

CAPÍTULO XII

Nerina vestiu-se, lentamente e em silêncio. Na realidade, estava tão calada que Bessie, ao cirandar pelo quarto, olhava para ela com curiosidade, como se quisesse adivinhar o que se passava. Nerina mergulhara em profundas cogitações.

A história da Marquesa viúva causara-lhe funda impressão. Pela primeira vez, considerava Sir Rupert, não como um monstro, mas como um homem vulgar, dotado de sentimentos humanos como os outros homens. De certo modo, sempre havia sido impossível pensar que ele acalentasse outro sentimento que não fosse cólera. A primeira impressão que colhera dele, em Rowanfield Manor, no dia do garden party, conservava-se na sua memória como um inalterado retrato dele, de modo que nunca deixava de ver-lhe no rosto uma cólera latente e nos olhos um ódio ardente.

Todavia, neste momento, verificou que pensava nele de uma perspectiva completamente diferente. A descrição que dele fizera a Marquesa de quando era novo revestia-se, de certo modo, de um encanto inescapável; e de forma vívida, quase diria vívida demais para a sua própria tranquilidade de espírito, Nerina visualizou a mudança que se dera depois que o Marquês de Droxburgh cometera a sua vil e covarde ação.

Nerina imaginava claramente o choque que a revelação das origens de Sir Rupert devia ter representado para ele. Tinha perfeita consciência de como se é vulnerável e desesperadamente sensível quando se tem essa idade. Recordava o seu próprio sofrimento, quando pela primeira vez experimentou os defeitos da brutalidade e do ódio, em casa do tio. Ainda se lembrava do que sentiu quando verificou que, na sua qualidade de órfã sem fortuna, lhe reservavam uma posição muito diferente daquela que desfrutara como filha única de pais que a adoravam. A sua própria experiência deveria, em certa medida, ser comparável com aquilo que Sir Rupert sentira quando o tio lhe revelou quem era e que nem o próprio

nome que usava era seu.

Nerina imaginava o negrume e o sentimento de isolamento que se deveria ter apoderado de Sir Rupert nessa altura. Teria passado noites em claro; demasiado orgulhoso para chorar, teria mordido os lábios para impedir que as lágrimas lhe corressem pelas faces. Contudo, não teria sido capaz de evitar o sentimento de profunda angústia que o dominara completamente, um sentimento não só de acabrunhamento como também de impotência face à crueldade do destino. Nada pudera fazer senão sofrer e, como Nerina podia avaliar bem, esse sentimento atroz de quem se sente impotente, incapaz de ripostar contra um inimigo que nos esmaga lenta e inexoravelmente!

Como teria sido atroz o sofrimento de Sir Rupert! E pela primeira vez, Nerina pôde compreender o seu ar de desafio, a impressão que ele dava de estar na defensiva, pronto a ser agressivo, sem apelo para quantos se lhe opunham. Era compreensível; e ao pensar em Lord Droxburgh, esperando na sombra, uma figura ameaçadora pronta a lançar as garras ao primeiro capricho da sua vontade, Nerina estremeceu, como se ele ameaçasse não apenas o homem com quem casara como ainda a ela própria.

Durante muito tempo, conservou-se sentada, fitando o espelho com olhos vagos, até que Bessie ficou alarmada.

- Sente-se doente, lady?

Com um sobressalto, Nerina voltou os seus pensamentos para o presente.

- Não, claro que não, Bessie. Pareço doente?

- Não, doente não, - replicou Bessie - mas estranha, como se alguma coisa a importunasse.

Nerina pôs-se de pé e caminhou com passos inquietos de um lado para o outro do quarto.

- Não estou exatamente preocupada, Bessie. Apenas estava a pensar se teria feito bem em vir até aqui.

Bessie fitou-a assombrada.

- Meu Deus, M'lady. já passou tempo mais que o suficiente para pôr a si própria essa questão. Ora, já discutimos isso tantas vezes e, estava tão certa, tão segura.

- Sim, sim, eu sei, Bessie - disse Nerina rapidamente. - Eu estava apenas a pôr essa pergunta a mim própria.

Voltou-se lentamente e, ao fazê-lo, viu-se no longo espelho de moldura dourada, suspenso na parede, entre as duas janelas. Estivera a pensar em si própria quando vivera em Rowanfield Manor, uma parente pobre, intimidada e indesejada; agora, ao ver a sua imagem refletida no espelho, levou uns segundos a compreender que estivera a pensar numa pessoa muito diferente, cuja imagem o espelho refletia.

A rapariga infeliz e arrogante, cujos sofrimentos comparara com os do jovem Sir Rupert, parecia ter muito pouco em comum com a figura resplandecente que se lhe oferecia no espelho.

Bessie escolhera o vestido que ela envergaria nessa noite e Nerina, absorvida nos seus pensamentos, pusera-o sem reparar nele; contudo, via agora que era um dos mais belos e de longe um dos mais dispendiosos que adquirira em Bond Street. Feito de macio tule cinzento tinha a cor da neblina matinal que paira sobre o mar. Era marchetado de diamante, que cintilava por todo ele como lágrimas, e tinha fitas prateadas na cinta. A minúscula cabeça de Nerina estava enfeitada com uma grinalda de folhas prateadas, polvilhadas de diamantes.

Dava a impressão de ter saído de uma ilustração para um conto de fadas. Poderia ter sido uma princesa dos gelos ou uma rainha das névoas, pois, em contraste com a delicada fragilidade do vestido, sobressaíam a sua pele de alabastro e os seus olhos, de um verde admirável. No entanto, ao contemplar a sua própria imagem de beleza, Nerina desviou rapidamente o olhar do espelho e os seus olhos adquiriram uma expressão preocupada.

- Este... este vestido, Bessie... - disse ela. - Se bem me lembro, foi muito caro...

- Na verdade, foi, M'lad - replicou Bessie, mas havia um tom de satisfação na voz dela. - E como deve lembrar-se, há um abafo para usar com o vestido, uma peliça de veludo cinzento forrada com arminho.

- Sim, lembro-me - disse Nerina em voz baixa.

- Ora, não comece a ficar preocupada - disse Bessie abruptamente. - Já há no mundo motivos de sobra para nos preocuparmos.

Havia algo no tom de voz dela que fez Nerina inquirir:

- Porque dizes isso, Bessie?

Bessie suspirou e parecia prestes a chorar.

- É o meu coração fraco, M'lady, é o que é - replicou Bessie. - Mas o sobrinho da governanta chegou de Willow Hill e o que ele nos tem contado quase me despedaça o coração!

- Willow Hill! - repetiu Nerina pensativamente. - Não é esse o nome da medonha aldeia mineira por onde passámos quando vínhamos da estação para aqui?

- Exatamente, M'lady, e medonha é a palavra certa para a qualificar. Sir Rupert não tem conhecimento do que lá se passa, M'lady. ou não deixaria as coisas no pé em que estão, um cavalheiro decente como ele é.

- Que se passa? - indagou Nerina.

- Muita coisa, M'lady: a mina não é segura e não se gasta uma moeda para lhe melhorar as condições de segurança. Os homens põem a vida em perigo cada vez

que descem ao fundo da mina. Perderam-se dez vidas no mês passado e registou-se duas vezes esse número de feridos, sem que tenha havido qualquer compensação. É uma verdadeira ignomínia, M'lady. e quem poderá censurá-los por fazerem greve?

- Estão em greve atualmente?

- Sim, estão. Um homem foi morto há três dias, deve ter sido logo depois de termos chegado, e o companheiro dele ficou com um pé esfacelado. Os homens juram que não voltam a trabalhar enquanto não se tomarem providências; no entanto, como diz o sobrinho da governanta, é a fome que os vence.

- A fome e o azedume - murmurou Nerina. - A fome e o azedume. - Hesitou durante alguns segundos, após o que acrescentou em voz baixa: - Farei o que puder, Bessie, mas tenho de escolher o momento adequado, a maneira adequada.

Tirou um lenço do toucador e encaminhou-se para a porta. Bessie ficou a contemplá-la, com uma expressão preocupada, pois sentia que Nerina tinha algo que a atormentava nessa noite e não conseguia compreender o que era.

Nerina desceu até à sala de estar, onde Sir Rupert a esperava. Estava de pé, de costas para a lareira, com um copo de vinho na mão; no momento em que entrou na sala, Nerina sentiu que havia algo de estranho no ar. Ele manteve o seu ar ameaçador e, enquanto ela caminhava graciosamente, não levantou os olhos conservando-os postos no copo de vinho, como se toda a sua concentração abarcasse apenas esse objecto.

Nerina chegou junto dele e, nesse momento, precisamente quando ela teria falado, posto que não fizesse a menor ideia do que iria dizer, o mordomo anunciou que ia ser servido o jantar. Sir Rupert acabou de um trago o que restava do vinho e, com um gesto que de certo modo reflectia a sua perturbação interior, ofereceu o braço a Nerina, ainda sem a olhar.

Foi quando lhe tomava o braço que lhe perpassou pelo espírito uma explicação. Subitamente, compreendeu o que ele sentia e ficou tão aliviada que poderia ter soltado uma sonora gargalhada. Sir Rupert estava enleado e apreensivo quanto ao que pudesse ser a sua reacção à história que ouvira da boca da avó. Nerina não contara que ele viesse a ficar preocupado com a sua reacção; agora, ao saber que realmente ligava importância à sua opinião, sentiu que a imagem que tinha dele se modificou numa fração de segundo.

Sir Rupert estava longe de ser um monstro, um homem sobremaneira arrogante, que só pensasse em si próprio e nos seus prazeres; pelo contrário, tratava-se de um homem capaz de sentir e sofrer como as outras pessoas, um homem que nesse momento se sentia, embora não o confessasse, perturbado porque uma jovem soubera a verdade a seu respeito.

Foi como se o que ela sentia libertasse uma nascente oculta no seu íntimo e fizesse jorrar uma torrente de júbilo. Ao chegarem à sala de jantar, Nerina ocupou o seu lugar numa das extremidades da mesa, onde durante tantas refeições entediadas se sentara, desde que haviam vindo para o castelo de Wroth; contudo, desta vez, começou a falar com volubilidade e graça, como teria conversado com Elizabeth. Nerina sempre achara impossível sustentar uma conversa com Sir Rupert; de fato, tinha consciência de que tudo não era mais que uma farsa, uma representação a que ambos se prestavam convencionalmente, porque os criados se encontravam na sala. Freneticamente, uma vez que os silêncios entre ambos se arrastavam ominosa e enervantemente, Nerina esforçara-se por encontrar assuntos para o diálogo, falando com alguma afetação e mesmo, por vezes, um pouco histericamente, porquanto a imponência da sala e a antipatia por Sir Rupert a faziam perder a naturalidade.

Desta vez, porém, não se haviam apossado dela tais sentimentos. Pela primeira vez, sentia-se à vontade na presença de Sir Rupert e, de uma forma muito sutil, senhora da situação. Até essa noite, ele fora o seu inimigo, um inimigo a quem não podia ceder um palmo de terreno. Entretanto, sabia que existia uma trégua entre ambos, uma trégua que ela declarara no seu íntimo, a partir do momento em que abandonara o quarto da Marquesa para se dirigir, vagarosa e um tanto aturdidamente, ao seu.

Como se sentisse liberta de uma espécie de sortilégio que a constrangera, pôde falar sem reserva. Mesmo que tivesse ficado surpreendido com a tagarelice dela, Sir Rupert não deixou de lhe responder. Conforme Nerina reparou, raras vezes a olhava diretamente, sem, no entanto, deixar que a conversa perdesse fluência e rindo-se ocasionalmente de algo que ela dizia. Comeu muito pouco e Nerina teve a percepção, mais que uma vez, de que ele estava a beber copiosamente. Repetidas vezes, os criados encheram o copo dele com os diversos vinhos servidos consoante os pratos.

Durante a conversa, Nerina teve uma súbita visão de si própria, no seu vestido resplandecente, sentada a uma das extremidades da comprida mesa numa cadeira de espaldar de carvalho. Pensou nas muitas refeições tomadas nos lúgubres quartos de estudo das casas onde trabalhara, refeições trazidas numa bandeja, geralmente frias e normalmente pouco apetitosas, refeições que eram preparadas por uma ajudante de cozinheira que pensava que qualquer coisa servia para a preceptora. Que diferença não havia entre a indigência passada e a satisfação presente!

Terminado o jantar, Nerina retirou-se para a sala de estar. O lume fora ateado, pois estivera a chover durante a tarde e fazia frio. Sozinha na sala, deixou-se

afundar no tapete, à lareira, e estendeu as mãos para as chamas crepitantes. O brilho das chamas refletia-se na aliança que usava na mão esquerda. Nerina fixou os olhos no anel, perguntando a si própria a razão por que aquele aro de ouro podia significar tanto e, no entanto, tão pouco, quando uma voz atrás dela perguntou:

- Tens frio?

Sobressaltou-se violentamente, pois não ouvira Sir Rupert entrar na sala. Contava que ele se demorasse na sala de jantar um longo pedaço. Lentamente, pôs-se de pé. Os lábios dela entreabriram-se para oferecerem uma réplica fútil e trivial à pergunta dele; porém, quando o olhar dela se cruzou com o dele, as palavras não chegaram a brotar-lhe dos lábios. Fitaram-se e ela teve consciência de que ele mantinha sob rígido domínio, ainda que graças a um extremo esforço da vontade, uma força avassaladora que o transfigurava. O relógio que se encontrava sobre o tampo da lareira continuava a marcar a passagem dos segundos e eles não desviavam os olhos um do outro; por fim, numa voz dura e pungente de dor, Sir Rupert indagou:

- Então?

Nerina sabia qual era a pergunta implícita. Com esforço, desviou os olhos dos dele e contemplou as chamas, enquanto apoiava uma das mãos no tampo da lareira.

- Tenho pena - disse ela num sussurro.

- De mim? - inquiriu ele, para acrescentar em tom violento: - Não quero a tua piedade!

- Não estou a lastimar-te - disse Nerina mansamente. - Porque haveria eu de fazê-lo? Tens tanto por que te sintas grato! Não, lamento que tenhas sido vítima de Lord Droxburgh, tal como eu o fui.

- Tu?

- Sim, eu - confirmou Nerina. - Mas não há qualquer vantagem em falar disso agora; estávamos a falar a teu respeito.

Sir Rupert fez um gesto que ela não entendeu, após o que disse, quase no seu habitual tom agressivo:

- Eu não te teria contado, se a escolha dependesse apenas de mim; contudo, a minha avó fez-me prometer, há anos, que eu revelaria a verdade à minha mulher. Concordei, mas, no meu íntimo, impus a mim próprio a condição de revelar o segredo à mulher da minha escolha antes e não depois da cerimônia. Se ela quisesse deixar-me, teria então a liberdade de o fazer.

- E, no entanto, não o contaste a Elizabeth. - Sir Rupert hesitou antes de replicar:

- As minhas conversas com a tua prima não eram de natureza muito íntima.

- E supondo, depois de haveres casado com ela, que ficaria chocada e horrorizada e que desejava deixar-te?

- Nesse caso, não havia fosse o que fosse que eu pudesse fazer. Ficaste chocada e horrorizada?

- Teria eu algum direito de ficar chocada e horrorizada? Fossem quais fossem os horrores que me tivessem revelado, eu não teria qualquer direito de criticá-los, qualquer direito de protestar.

- Não respondeste à minha pergunta - persistiu Sir Rupert. - Ficaste chocada e horrorizada?

Nerina levantou os olhos para ele. Pensava no rapaz que ficara acordado na escuridão da noite, com receio de chorar.

- Certamente que não - disse ela suavemente. - Que importância teria?

Fitou-a e ela viu que a expressão dele apenas revelava assombro.

- Estás a ser sincera? - indagou por fim, numa voz estranhamente emocionada.

- Mas certamente! - O tom dela traduzia a mesma sinceridade. - Nenhum de nós pode ser responsável pelas circunstâncias acidentais dos nossos nascimentos. Pelo que te diz respeito, nada há de que te possas sentir envergonhado. O teu pai orgulhava-se de ti ou não te teria legado tudo quanto possuía.

Sir Rupert virou a cabeça, como se não suportasse encará-la nos olhos.

- Sabes o que estás a dizer? Durante anos, pensei no momento em que a minha mulher teria de saber a verdade, em que eu não poderia deixar de observar-lhe a expressão do rosto e ver desprezo e aversão nos olhos dela. Pensei nisso, sonhei com isso, e agora tu... tu dizes-me que não tem importância?

- Mas porque haveria de ter? - inquiriu Nerina. - Continuas a ser a mesma pessoa! Continuas a ser Sir Rupert Wroth do castelo de Wroth. Continuas a ser o homem que se fez a si próprio, uma personalidade e um caráter que resultaram de tudo quanto tens pensado, sentido e feito desde criança. Revestir-se-á de alguma importância, a não ser de um ponto de vista social e mundano, o fato de a tua mãe não ter usado uma aliança de casamento no dedo? Oh, sei exatamente o que certas pessoas costumam pensar, pois tenho ouvido mulheres segredarem entre si, em tons escandalizados, a respeito de tais coisas; mas supondo que me diziam de repente que os meus pais nunca se tinham casado na igreja, pensas que isso, neste momento, me faria diferente do que sou? Não, continuaria a ser quem sou, continuaria a ser a mesma pessoa, com os mesmos sentimentos, as mesmas emoções, os mesmos desejos, como o fora antes de conhecer os segredos do meu nascimento.

- Isso não é verdade! - replicou Sir Rupert. - Não serias a mesma, sentir-te-ias diferente! Tu própria te reconhecerias como uma proscrita, saberias que, se tais

fatos chegassem ao conhecimento daqueles que te respeitavam e consideravam, toda a sua atitude mudaria. Esse respeito desvanecer-se-ia e transformar-se-ia em desprezo e o seu afeto, caso nutrissem algum por ti, converter-se-ia num ápice, quando muito, numa caridosa tolerância. Sentir-te-ias uma proscrita, por quem as pessoas poderiam sentir comiseração, mas a quem, se tal lhes fosse dado escolher, quereriam apenas ignorar ou esquecer. Julgas que sou estúpido a ponto de não saber isso? Supões que eu não sei que, caso o mundo ficasse a saber o que te foi revelado esta noite, a minha carreira política estaria terminada? Socialmente, isso é me indiferente. Sabendo o que sei a meu respeito há anos, tenho evitado tanto quanto possível os círculos mundanos, pois estou bem ciente de que, do mesmo modo que me adulam hoje, com a mesma facilidade me votariam ao ostracismo amanhã. É o meu trabalho que me interessa quanto tenho vindo a fazer pela Inglaterra. Se tal se perder, tudo o resto estará perdido.

- E, apesar de tudo, continuarias a ser o mesmo - observou Nerina em voz baixa.

- Continuarias a ser o mesmo. Aconteça o que acontecer à tua posição e aos teus haveres, tu continuas a ser o mesmo, com a tua identidade própria.

Ele voltou-se e olhou-a, contemplando-lhe o pequeno rosto oval, os olhos muito abertos e graves com o esforço de tentar convencê-lo. Após uns instantes, ele disse:

- Estás a tentar dar-me conforto?

- Certamente que não! - A resposta de Nerina raiou a indignação. - Porque haveria de tentar dar-te conforto? Se precisas de conforto moral, então desprezo-te, não por algo que tenha ouvido a teu respeito ou por algo que tenha a ver com a tua origem, mas por seres fraco. Porque haverias de precisar de conforto? Considera aquilo que ainda tens de teu - saúde, força, boa presença física, riqueza e grandes realizações políticas; mesmo que tenham de terminar amanhã. Porque haveria alguém de te lastimar, porque haveria de querer consolar-te? E, além disso, tens apenas um inimigo, uma pessoa que poderá destruir-te quando isso aprouver à sua mente iníqua; sem dúvida que podes encontrar maneira de destruí-lo primeiro e, se não pretenderes destruí-lo, poderás, pelo menos, silenciá-lo.

Não obstante o tom veemente das palavras de Nerina,

Sir Rupert soltou uma pequena risada.

- Se eu tivesse a tua coragem, conquistaria por certo o mundo inteiro.

- E porque não? - inquiriu Nerina. - Já conseguiste consideráveis realizações pessoais. Porque não haverás de conseguir ainda muito mais e, assim, veres-te livre do homem que te odeia e que aguarda a oportunidade de destruir tudo quanto prezas?

- Estás a sugerir que assassine o meu tio.

Nerina encolheu os ombros.

- Ele tem de ser silenciado de qualquer maneira.

Sir Rupert sorriu.

- Tu és uma pessoa implacável. Se existe alguém de quem eu possa ter medo, penso que deves ser tu.

Nerina correspondeu ao sorriso dele e replicou-lhe em tom frívolo:

- Já contava que tivesses medo de mim, pois quer parecer-me que existe na tua vida um elevado número de pessoas prontas a submeter-te a uma ou outra forma de chantagem.

Moveu-se enquanto falava e a luz dos candelabros refletiu-se-lhe no cabelo. O ar estava quente junto da lareira e ela atravessou o aposento até junto de uma mesa sobre a qual se encontrava uma valiosa coleção de caixas de rapé. Apanhou uma das caixas, revolveu-a nos dedos sem nela fixar verdadeiramente a atenção; na verdade, sentia uma vaga inquietação e uma necessidade de movimento. Nerina teve consciência de que Sir Rupert a observava e, quando pousava a caixa de rapé, ele disse-lhe:

- Porque te fez sofrer o meu tio, o Marquês de Droxburgh?

Ela ergueu os olhos para ele, mas logo os voltou a desviar com a mesma celeridade.

- Não tenho o mínimo desejo de falar nisso – disse ela. - Pertence ao passado e não há razão para relembrar agora o que aconteceu. Basta dizer que o Marquês de Droxburgh é abominável, um demônio em forma de gente. Odeio-o e desprezo-o de uma forma inexprimível.

Nerina falou com veemência e, para seu espanto, Sir Rupert atravessou a sala com largas passadas e veio postar-se junto dela. Baixando os olhos para ela, inquiriu:

- Que te fez ele? Diz-me!

Nerina ter-se-ia afastado dele, mas sentiu que não podia arredar pé, pois estava encostada a um dos cantos do sofá. Algo no tom peremptório de Sir Rupert lhe fez lembrar o tio e, em consequência, ela replicou:

- Já te disse que não quero falar de Lord Droxburgh.

- Exijo que me contes a verdade!

Nerina ergueu as sobrancelhas.

- Exiges! Tens algum direito de me exigir seja o que for?

- Sim, tenho - retorquiu Sir Rupert e estendeu as mãos para ela, agarrando-a fortemente. - Exijo-te que me contes a verdade. Sou teu marido e tenho o direito de saber o que aconteceu.

Nerina teve consciência da força dele, sentindo-se completamente desamparada nas mãos dele. De súbito, sentiu-se invadida por uma cólera ardente e violenta que

parecia consumi-la da cabeça aos pés. Como se atrevia ele a fazer-lhe exigências? Que direito tinha de tocar-lhe com um dedo sequer?

- Larga-me! - gritou. - Como te atreves a intimidar-me para fazer aquilo que desejas? Deixa-me! Não te contarei nada, isso é o que te prometo!

Debateu-se enquanto falava, procurando afastá-lo com as mãos sem o conseguir. Ele era mais forte do que imaginara possível. Sir Rupert segurava-a com tal violência que as mãos se enterravam profundamente nos braços delicados dela. Magoava-a, embora ela estivesse demasiado encolerizada para se dar conta disso. A cólera dele igualava a dela, os olhos dele turvaram-se de uma fúria latente e, quando voltou a falar, fê-lo por entre os dentes cerrados.

- Vais contar-me a verdade! - repetiu. - Conheço suficientemente bem o comportamento do Marquês no que respeita às mulheres para saber que são poucas as que conseguem livrar-se dele incólumes. Ele seduziu-te? Responde-me!

Sir Rupert abanava-a enquanto falava; e, como se este fosse o último insulto que a tivesse feito desesperar Nerina, subitamente e com uma agilidade inesperada, libertou-se das mãos dele e correu para o outro lado do sofá. Aí se deteve, o corpo percorrido por tremores, os seios tumultuosos sob o delicado corpete de tule cinzento, sorvendo o ar a rápidos haustos pelos lábios entreabertos, os olhos ardendo de cólera, o cabelo uma tocha flamejante de rebelião.

- Como te atreves a desconfiar de mim? - explodiu ela. - Odeio-te! És como todos os outros homens, um tirano e um bruto!

Quando acabou de falar, voltou-se e saiu a correr da sala, batendo a porta violentamente atrás de si. Erguendo as volumosas saias, Nerina atravessou o vestíbulo a correr e começou a subir a ampla escadaria. Ouviu a porta da sala de estar abrir-se, mas não olhou para trás. Continuou a subir os degraus, cruzou o patamar e entrou no seu quarto.

A lareira crepitava vivamente e apenas se encontravam acesas as velas do toucador. A maior parte do amplo aposento estava envolta em negrume, uma escuridão povoada de sombras furtivas que tremulavam e mudavam de forma, consoante as chamas da lareira se elevavam ou se extinguíam.

Nerina imobilizou-se, ofegante, no centro do quarto, pois subira a escadaria a correr. Contudo, não fora apenas o esforço da subida que a deixara sem fôlego. A fúria que se apoderara dela fazia-lhe ainda cintilar os olhos e tremer as narinas.

- Como se atreveu ele a intimidar-me, como se atreveu ele? - interrogou-se em voz alta. No mesmo instante em que proferia estas palavras, viu a porta abrir-se. Observou-o entre fascinada e aterrada, sentindo-se incapaz de dar um passo, incapaz de comandar os sentidos, enquanto Sir Rupert entrava no quarto e fechava a porta atrás de si.

Nerina conservou-se perfeitamente imóvel. Lentamente, ele avançou das sombras até ao círculo de luz do fogo e das velas. Havia algo de ameaçador nos seus gestos, à medida que se acercava cada vez mais dela.

Nesse momento, parecia incomensuravelmente mais alto e mais corpulento e, durante uma fração de segundo, Nerina viu-se como uma criança desamparada. Contudo, logo a seguir, sentiu-se invadida por uma nova onda de arrogante hostilidade. Levantou um pouco mais o queixo e cerrou lentamente os punhos quando ele se postou a seu lado.

- Que queres daqui? - perguntou.

- Quero-te a ti!

A resposta dele colheu-a de surpresa. Durante alguns instantes, ela apenas foi capaz de olhá-lo fixamente, perscrutando-lhe os olhos negros, que chamejavam, observando-lhe a linha direita, quase brutal, dos lábios e a determinação evidente do maxilar. As palavras que ele proferira pareciam reverberar pelo quarto e Nerina sentiu como que o eco dentro do seu próprio corpo.

- Que queres dizer?

A voz dela quase não se distinguia de um murmúrio.

- O que disse - replicou ele. - Quero-te a ti. Ardilosamente levaste-me a casar contigo e agora procuras torturar-me. Zombaste de mim.

- Põe-te lá fora.

Nerina falou em voz baixa e vibrante de cólera.

- Como te atreves a entrar no meu quarto e a falar-me desse modo? Não percebes que te odeio e abomino? Casei contigo para salvar a minha prima e para te dar uma lição. Mas se pensas que, por causa disso, tens o direito de me insultar, estás enganado. Deixa-me em paz! Volta para as tuas outras mulheres, para Lady Clementine, para as outras idiotas que pensam que gostas delas!

Sir Rupert soltou então uma gargalhada e o som infundiu mais terror a Nerina que qualquer praga que ele lhe rogasse.

- És uma mulherzinha endiabrada, minha querida mas não consegues afugentar-me com essa facilidade! Podes cuspir e arranhar a teu bel-prazer, mas casaste comigo e tens de aceitar as consequências de tal fato. Além disso, se houve outros homens na tua vida, como o Marquês, porque não eu?

- Se me tocas nem que seja com um só dedo, causarei a tua ruína, juro-te! - exclamou Nerina. - Irei falar com a Rainha e revelarei os teus segredos. Dir-lhe-ei exatamente quem tu és e o que és. Falar-lhe-ei também em Lady Clementine e no modo como tentaste casar com uma pobre rapariga indefesa e usá-la como camuflagem para as tuas ilícitas ligações amorosas.

- E podes igualmente dizer-lhe que és minha mulher e que me pertences tanto

pelo nome como pelo corpo - replicou Sir Rupert.

Enquanto falava, envolveu-a com os braços e puxou-a para si.

- Odeias-me realmente tanto como ao Marquês? - indagou ele num sussurro e, antes que ela pudesse mexer-se, os lábios dele uniram-se aos dela.

Ela debateu-se, mas os lábios aderiram aos dela possessivamente. A Nerina parecia que o beijo dele lhe minava as forças. Os lábios dele eram quentes, duros e brutais, e não conseguia afastá-lo de si, não conseguia impedir que aquele beijo se eternizasse, até que quase perdeu os sentidos nos braços dele. Quando, por fim, ele a libertou, Nerina não conseguiu articular palavra durante uns momentos, limitando-se a levantar os olhos para ele e a respirar convulsivamente já que, naquele momento, experimentava um terror como nunca sentira.

O rosto dele afigurava-se-lhe quase irreconhecível, o rosto de um possesso, um homem cuja paixão varrera da mente as últimas barreiras do seu autodomínio. Ainda não acabara de relancear os olhos por ele e já Sir Rupert lhe cobria o rosto de beijos. Sentiu os lábios dele nos olhos, nas faces, no cabelo. Uma vez mais, a boca dela tremeu sob a dele e, em seguida, sentiu os beijos dele no pescoço, enquanto as mãos lhe buscavam a maciez dos seios.

Foi então que a fraqueza que parecera deixá-la completamente à mercê dele, durante alguns instantes, foi afastada por um terror que lhe devolveu as forças adormecidas. Debateu-se freneticamente, ouviu o vestido rasgar-se sob as mãos dele e durante alguns instantes nenhum deles foi capaz de articular fosse o que fosse enquanto lutavam, com a luz das chamas bruxuleando nos seus rostos desfigurados.

Uma vez mais se ouviu o som de tule a rasgar-se e, de repente, Sir Rupert levantou Nerina nos braços. A luz das chamas revelava a nudez dos seios e dos ombros dela quando ele a transportava para o grande leito de dossel.

Então, enquanto Nerina se debatia em vão nos braços dele e Sir Rupert caminhava exultante para o seu objetivo, ela estendeu um braço e segurou um pesado castiçal de prata que estava apagado em cima da mesa de cabeceira.

Os dedos dela cerraram-se vigorosamente em torno do castiçal e, aplicando toda a sua força, Nerina baixou-o violentamente. No último segundo, Sir Rupert apercebeu-se do golpe iminente e voltou a cabeça, de modo que, em vez de atingi-lo numa fonte, tal como Nerina desejava, a base do castiçal atingiu-o na face, rasgando-lhe a pele e produzindo-lhe um golpe profundo e largo, do qual começou instantaneamente a jorrar sangue.

Enquanto Sir Rupert se esquivava ao golpe, Nerina conseguiu libertar-se dos braços dele. Meio deitada, meio apoiada contra a cama, Nerina segurava o castiçal numa das mãos, enquanto erguia a outra instintivamente para ocultar a nudez com

os pedaços esfarrapados de tule do que fora o corpete do seu vestido.

Sir Rupert levou os dedos ao golpe rasgado na face. Ao afastá-los ensanguentados, fixou os olhos primeiro neles e depois em Nerina. Ela encarou-o com um ar de desafio, o castiçal meio erguido no ar, pronta a desferir outro golpe. Os olhos dele cintilaram e perscrutaram todos os pormenores do rosto lívido e do aspecto desgrenhado e descomposto dela; pareceu-lhe que o semblante dele adquiriu uma expressão diabólica. O sangue que brotava quase imperceptivelmente do golpe na face de Sir Rupert e corria até ao queixo parecia, aos olhos dela engrossar numa torrente carmesim. Nerina viu-o dar um passo na sua direção e sentiu que estava derrotada. Um negrume, mais medonho do que tudo quanto experimentara até então, envolveu-a e ela sentiu-se cair.

CAPÍTULO XIII

Nerina abriu os olhos, descobriu que estava prostrada e, durante alguns instantes, interrogou-se sobre o local onde se encontrava e aquilo que lhe acontecera. Aturdida, sentou-se, fixando os olhos nas sombras do quarto.

Encontrava-se sozinha! A seu lado, no chão, estava um castiçal. Durante um momento, olhou fixamente para ele e voltou a ver o sangue gotejar da face de Sir Rupert.

Pôs-se de pé, com movimentos inseguros, ao mesmo tempo que alargava um rasgão a toda a largura da saia.

Apoiando-se a uma coluna da cama, Nerina baixou os olhos para os farrapos que restavam do que havia sido um belo e caro vestido. Nesse momento, quando a recordação plena de tudo quanto sucedera a invadiu como uma vaga de terror, correu pelo quarto em direção à porta.

Como uma possessa, rodou a chave na fechadura; então, ao ouvi-la completar a volta, Nerina soltou um suspiro de alívio que parecia brotar dos recônditos do seu ser.

Nesse momento, estava segura, mas por quanto tempo?

Freneticamente, Nerina relanceou os olhos pelo quarto, como se fosse encontrar um meio de fugir nas sombras que povoavam o vasto aposento; em seguida, soltando um som que suspeitosamente mais parecia um soluço, encaminhou-se para o toucador. Contemplou o rosto no espelho durante uns momentos e quase se

não reconheceu. Tinha os olhos pisados e o rosto lívido, mas os lábios estavam rubros e descobriu que tinham sangrado, devido à violência dos beijos de Sir Rupert.

Febrilmente, com dedos trêmulos, Nerina despiu o vestido, que deslizou da cintura para o soalho. Calçou-o quando correu para o guarda-roupa e abriu de par em par as pesadas portas de madeira entalhada. À luz das velas, pôde ver a fila de vestidos coloridos que a convidavam a usá-los. Com o movimento das portas, franjas, folhos e fitas esvoaçaram de um lado para o outro, como se tivessem vida própria. Contudo, Nerina empurrou-os a todos para uma das extremidades e encontrou o que procurava.

No canto mais afastado do guarda-roupa, estava um vestido de escumilha preta. Tratava-se de um vestido que pertencera originalmente a Elizabeth, quando estivera de luto pela avó. Passara para a prima porque Lady Cardon o considerara adequado, na sua simplicidade, para Nerina o usar no seu cargo de preceptora.

Bessie encafuara-o na mala com as restantes roupas velhas que haviam sido escolhidas para substituir o enxoval de Elizabeth. Aí ficara e, já no castelo, quando Bessie retirara da mala os belos vestidos adquiridos por Nerina em Bond Street, ela rira-se ao descobrir no fundo da mala o velho vestido de escumilha preta.

- Não vai certamente voltar a precisar deste triste vestido, Milady - dissera Bessie com um sorriso e Nerina reparara como ficava deslocado na magnificência do quarto almofadado e junto do valioso mobiliário de estilo.

- Joga-o fora - ordenara; porém, enquanto Bessie o enrolava sem qualquer cuidado e o atirava para dentro da mala vazia, Nerina mudou de ideias. - Não, não faças isso. Pendura-o no guarda-roupa. Poderei vir a precisar dele.

- Precisar dele, M'lady? - perguntou Bessie assombrada. - Com todos estes belos vestidos! Ora, não vai voltar a precisar de um velho farrapo como este!

- Mesmo assim, quero guardá-lo - respondeu Nerina, obstinadamente, e Bessie olhou-a com espanto enquanto, vagarosamente, quase com relutância, retirava uma vez mais o vestido preto da mala, o punha num cabide e o pendurava no guarda-roupa.

Nerina não conseguiu explicar, nem a si própria, as razões por que quisera conservar tal vestido. No entanto, ele constituía de certo modo um símbolo do passado, algo que, devia guardar nem que fosse apenas para lhe recordar os tempos passados, talvez como uma âncora-mestra que a impedisse de se elevar até às nuvens ou de acalentar aspirações excessivas. Talvez fossem essas as razões, ou então esse vestido preto amarrotado recordava-lhe o que ela própria havia sido: uma órfã indesejada, uma parente pobre.

Sabia que roupas finas, vestidos elegantes não podiam modificá-la. Continuava

a ser a mesma rapariga que usara as roupas desbotadas que a prima deixava de usar, mas que, apesar disso, tivera a coragem de sonhar e de almejar uma vida muito diferente daquela que aprouvera a Deus reservar-lhe.

Nerina conservara o vestido e, de súbito, compreendeu que fora o destino a impor-lhe tal decisão. Nesse momento, ela queria-o e havia algo de simbólico no fato de saber que ele estava ali pendurado à sua espera.

Tirou-o do cabide, enfiou-o pela cabeça e abotoou-o com dedos apressados e nervosos. Moldando-se confortavelmente ao seu corpo, com a familiaridade de um velho amigo, havia algo de reconfortante na própria facilidade com que o envergava, na prontidão com que conhecia a posição de cada botão e de cada colchete. Sem olhar para o espelho, Nerina retirou um chapéu da prateleira do guarda-roupa e colocou-o na cabeça. Seguidamente, trocou os sapatos que calçava por botas pretas sem atacadores e voltou ao guarda-roupa a fim de procurar uma capa.

Apenas se lhe depararam as requintadas peliças de veludo, forradas a pele, que comprara em Bond Street.

Impacientemente, voltou-se para a gaveta onde Bessie arrumara os seus xales.

Encontrou um de pêlo de camelo de cor natural, que lhe tinha sido oferecido como presente de Natal. Passou-o em torno dos ombros e retirou da mesma gaveta a sua bolsa. Ao tomá-la nas mãos, perguntou a si própria, pela primeira vez, se teria dinheiro. Então, com uma expressão de alívio, lembrou-se de que nesse momento estava mais rica do que o fora em toda a sua vida passada. No dia do casamento, precisamente na altura em que estava pronta para se dirigir à igreja, um criado batera-lhe à porta do quarto e entregara a Bessie uma carta dirigida a Elizabeth. Nerina abriu-a. Conforme descobrira, era uma missiva da madrinha de Elizabeth, uma senhora idosa que vivia em Brighton e que tinha idade demais para acompanhar o casamento. Devotava várias páginas de uma caligrafia trêmula a explicar que a sua saúde não lhe permitia sair de casa, pelo que juntava o dinheiro que de outro modo teria dispendido num presente, ao mesmo tempo que sugeria que a querida Elizabeth escolhesse ela própria um adereço para a sua nova casa. O dinheiro vinha cuidadosamente metido noutro sobrescrito e, quando Nerina o abriu, verificou que continha três notas de cinco libras.

- Céus, uma fortuna! - exclamou ela para Bessie. - Que destino lhe hei-de dar?

Como de costume, Bessie mostrou-se rigorosamente prática.

- Leve-o consigo, Miss. Se o deixar aqui, Lord Cardon não poderá enviá-lo à filha, pois desconhece o endereço dela; além disso, ser-lhe-á mais útil a si do que a ele.

- Quando Elizabeth me escrever da Índia, enviar-lho-ei - replicou Nerina;

entretanto, Bessie guardara cuidadosamente as notas na bolsa que Nerina havia de levar em viagem. Agora, ao abrir a bolsa, foi com alívio que viu que o dinheiro ainda aí se encontrava, intato.

Encontrou ainda o seu antigo porta-moedas no interior da bolsa, mas lembrou-se de que dera as últimas moedas do seu vencimento ao cocheiro que a levava a Rowanfield. Nerina fechou a bolsa e colocou-a no braço.

Abriu então a gaveta do toucador e retirou de lá as luvas.

Ao fazê-lo, a luz das velas refletiu-se na sua aliança.

Nerina fixou os olhos nela; seguidamente, puxou o anel do dedo e lançou-o sobre o toucador. Ouviu-o rolar por entre as escovas, espelhos e outros adereços, até cessar o seu retinir. Em seguida, com uma pressa febril, Nerina abriu as gavetas para procurar algumas peças de vestuário que lhe pertenciam desde os tempos de solteira. Não eram muitas: algumas camisas de noite, várias peças de roupa interior, dois ou três pares de meias, além de um pente e uma escova.

Nerina reuniu todos os artigos que pretendia levar consigo e procurou com os olhos uma mala ou saco onde transportá-los. Junto da lareira, encontrava-se uma saca de mão que continha o seu trabalho de tapeçaria e que Bessie trouxera de Rowanfield. Lady Cardon fora uma ardente tapeceira e ensinara, tanto Elizabeth como Nerina, a fazerem delicados quadrados de tapeçaria para cobrir uma cadeira ou um tamborete.

Ao ver a saca de fazenda verde lisa que continha o seu trabalho, Nerina pensou que encontrara precisamente aquilo que procurava. Passou o trabalho inacabado, as lâs, agulhas e tesouras para uma cadeira de braços e, no seu lugar, encafuou as peças de roupa que decidira levar consigo. Duas camisas de noite tiveram de ficar de fora, mas tudo o resto foi arrumado na saca.

Finalmente, Nerina estava pronta. Não fazia a menor ideia de qual era o seu destino nem do que iria fazer; apenas sabia que tinha de sair daquela casa e fugir de Sir Rupert. Nerina sentia-se incapaz de interpretar os seus sentimentos ou de ordenar, por um momento sequer, o caos dos seus pensamentos. Era impelida por uma força mais imperiosa que a sua própria vontade, mais imperiosa que o bom senso ou a prudência. Sabia uma coisa e apenas uma: queria fugir, tinha de fugir, não podia, fosse em que circunstâncias fosse, voltar a encarar Sir Rupert.

Aquela farsa de casamento chegara ao fim. Nunca fora a sério, apenas uma comédia, desde o princípio. Contudo, a sua temeridade em tomar o lugar de Elizabeth levava-a longe de mais. Sentia-se incapaz de ensaiar fosse o que fosse, incapaz de dar mais um passo. Nesse momento, sentia-se mesmo incapaz de pensar no que lhe iria acontecer. Assemelhava-se a um animal apanhado numa armadilha: apenas podia tentar freneticamente a fuga, com uma concentração que

envolvia tanto a totalidade do seu corpo como a sua mente e alma.

Apanhando a saca e aconchegando o xale um pouco mais em volta dos ombros, Nerina encaminhou-se para a porta. Manteve-se à escuta durante um longo lapso, até que, por fim, com a máxima cautela, deu a volta à chave. Feito isso, conservou-se ainda na expectativa, com o rosto tenso, o corpo inteiro numa posição de quem vai avançar na ponta dos pés e com receio do que possa surgir pela frente.

Todavia, quando abriu a porta, apenas se lhe deparou o silêncio de uma casa adormecida. As velas estavam ainda acesas na escadaria e no vestíbulo, em baixo, o único som era o tiquetaque do grande relógio de pesos. Cautelosamente, na ponta dos pés, Nerina cruzou o patamar e debruçou-se da balaustrada.

Nada havia que pudesse assustá-la. Rápida, mas silenciosamente, começou a descer a escadaria. Quando chegou ao vestíbulo, viu que a porta da rua estava fechada à chave e aferrolhada. Teve perfeita consciência de que, se tentasse correr os ferrolhos, o barulho deles poderia acordar alguém. Em vez disso, abriu a porta que dava para a biblioteca.

A sala estava imersa em escuridão; porém, deixando a porta entreaberta, Nerina conseguiu, às apalpadelas, avançar até à grande janela de sacada. Ocultou-se atrás das cortinas e precisou apenas de breves segundos para correr o trinco. Três ou quatro degraus de mármore conduziam a um jardim, na extremidade do qual havia um pequeno portão de ferro que dava para o caminho principal.

Quando fechava o portão do jardim atrás de si, Nerina ouviu o relógio do pátio da cavalaria bater a uma. Por um momento, aquele som de estampido assustou-a; porém, logo que deixou de se ouvir, começou a andar rapidamente, caminhando, não pela estrada, mas a coberto das sombras dos grandes carvalhos que a bordejavam. Atravessou a ponte que cruzava o lago, tendo plena consciência, ao fazê-lo, de que podia ser vista de casa.

Quis correr impetuosamente, mas obrigou-se a caminhar com um passo normal, pois sabia que, se alguém a visse, não levantaria suspeitas se continuasse a proceder com a máxima naturalidade.

Mesmo assim, ao atingir a outra extremidade da ponte e ao voltar a caminhar a coberto das árvores, Nerina correu durante alguns minutos e, só quando ficou sem fôlego, estacou e encostou-se a um tronco de árvore para recuperar as forças e volver os olhos para o castelo.

A lua estava a sair das nuvens que a tinham obscurecido até então. Iluminada pelo luar, a maciça beleza de Wroth recortava-se no céu mais claro, enquanto uma estrela cintilava precariamente sobre uma cobertura de chaminé. O castelo possuía uma grandiosidade que arrebatava quem o contemplava. Simultaneamente, mesmo no negrume da noite, evoluíam-se dele uma viveza e um encanto

irresistíveis. O luar sobre o lago transformava-o em prata derretida, enquanto as fontes que folgavam no roseiral eram como diamantes recortados contra o negrume do arvoredado.

Com esforço, Nerina voltou deliberadamente costas ao castelo e principiou a descer o caminho. O coração batia-lhe ainda violentamente no peito e interrogou-se sobre se tais palpitações seriam inteiramente devidas à velocidade com que correria. Pela primeira vez desde que se metera ao caminho, perguntou a si própria qual era o seu destino. Contudo, o seu cérebro não lhe deu qualquer resposta, enquanto todos os seus nervos lhe ditavam que tinha de fugir.

Nerina sentiu que os nervos a excitavam até um paroxismo que resistia à sua inclinação para se manter calma. Não valia a pena, não podia ficar ali, não se atrevia a fazê-lo. Tinha de se afastar de Sir Rupert, independentemente de tudo o mais que a esperava no futuro.

A estrada era comprida. Enquanto continuava a caminhar com determinação, Nerina começou a planejar pelo menos a primeira parte da viagem. Iria para Londres. O que faria quando lá chegasse não lhe passava pela cabeça. Vagamente, imaginou que encontraria trabalho. Deveria haver um lugar para ela numa loja ou um emprego que lhe proporcionasse o dinheiro suficiente para não morrer de fome. Mais tarde, talvez as ambições voltassem a apoderar-se dela. Entretanto, tinha apenas um plano, que consistia em fugir de Sir Rupert.

Recordou a estrada que, à chegada, haviam tomado, a partir da estação. A uma distância de duas ou três milhas do castelo, tinham passado por uma encruzilhada. A carruagem em que seguiam detivera-se a fim de deixar passar a mala-posta e Nerina observara como esta deixara passageiros junto de uma oficina de ferrador e recebera outros. Sir Rupert reparara no interesse dela e dissera:

- Não nos encontramos de modo algum isolados, aqui. As diligências de Manchester e Leeds passam três vezes por dia: ao amanhecer, ao meio-dia e por volta das seis da tarde. A carruagem que estás a ver é a mala-posta da tarde.

- Ainda muita gente faz a viagem por estrada? - indagara Nerina.

- Muita gente, segundo me consta, - replicara Sir Rupert - mas os caminhos-de-ferro são mais rápidos, claro, o que significa que, com o decorrer do tempo, toda a gente preferirá tomar o comboio.

Nerina recordou esta conversa. Era mais rápido viajar pelo caminho-de-ferro, pelo que tinha de ir até Pendle, onde podia apanhar o comboio, que a levaria mais depressa para longe de Sir Rupert que a diligência. No entanto, como Pendle distava ainda cinco milhas, a caminhada levar-lhe-ia muito tempo. Por conseguinte, apanharia a diligência até Pendle e daí seguiria no primeiro comboio, com destino a Londres.

Invadiu-a uma onda de alacridade ao lembrar-se de que levava tanto dinheiro consigo. Interrogou-se sobre o que lhe sucederia se estivesse sem dinheiro, que era a situação habitual das suas finanças. Todavia, mesmo quando ainda só lhe ocorrera a pergunta, já sabia qual era a resposta. Mesmo assim teria fugido, ainda assim teria deixado Wroth e o homem monstruoso que era o dono de Wroth. Esta era a quarta casa, pensou para consigo, donde fugia e sempre pela mesma razão. Parecia-lhe, enquanto ia caminhando aos tropeções no escuro, que fugia não apenas de Sir Rupert, mas também do Marquês de Droxburgh.

Quando deixou a estrada para meter por azinhagas, Nerina verificou que o piso delas era áspero e pedregoso.

Como calçava botas de sola fina, não tardou a sentir os pés doridos e procurou orientar-se pelo luar para encontrar um atalho com melhor piso. Parecia-lhe que a encruzilhada ficava a uma distância desmesurada. A saca que transportava tornava-se cada vez mais pesada; no entanto, embora ansiasse por repousar, obrigou-se a prosseguir a caminhada, interrogando-se mais de uma vez, com base na sinuosidade do caminho, se realmente seguiria na direção exacta.

Finalmente, avistou à sua frente a encruzilhada e a visão do objetivo espicaçou os seus passos arrastados. Interrogou-se sobre que horas seriam e quanto tempo teria passado desde que partira do castelo. Quando chegou à encruzilhada, viu que a oficina do ferrador estava iluminada pelo clarão da forja. Atravessou a estrada e, enfiando a cabeça pela porta aberta, viu um homem muito velho e encanecido, de pé junto da bigorna, segurando um martelo na mão.

Nerina avançou até ficar exposta ao clarão da forja.

- Queira desculpar, mas poderia dizer-me a que horas chega aqui a diligência?

O velho levantou os olhos, surpreendido, ao ouvir a voz dela; em seguida, pousou o martelo e cruzou a forja para o outro lado. Quando chegou junto dela, olhou-a penetrantemente e Nerina viu que era na realidade muito idoso e praticamente cego.

- A senhora perguntou-me alguma cousa? - inquiriu ele numa voz vacilante.

- Sim, perguntei-lhe se me fazia o favor de dizer a que horas passa aqui a diligência.

- Ah, a diligência. Bem, depende da época do ano e do estado das estradas - replicou o velho. - Se o tempo está bom, chega aqui por volta das cinco e meia; mas se os caminhos estiverem enlameados e empoçados, anda mais devagar e poderá chegar só depois das seis ou à roda das sete.

- Sabe que horas são agora?

O velho olhou pela porta para o aspeto do céu.

- Pela posição da lua, calculo que devem ser aí umas quatro da manhã. Tem uma

longa espera à sua frente, minha senhora. Venha sentar-se junto do fogo. Mantem-na quente, o que só por si já é um conforto.

- É-o com certeza - corroborou Nerina. - Terei muito gosto em esperar aqui, se me permite.

- Faça favor, faça favor - disse o velho, enquanto, com a fralda da camisa que usava por cima dos calções de belbutina, limpava o pó de um escabelo encostado a uma parede.

Nerina sentou-se.

- Obrigada. A diligência pára em Pendle, não pára?

- Sim, pára em Pendle. É para Pendle que a senhora vai?

- Não, quero ir para Londres, mas será mais rápido ir de comboio do que fazer toda a viagem de diligência.

- Pode ser mais lenta a viagem de diligência, mas é mais segura - retrucou o velho. - Eu cá não aprecio muito todos esses comboios da moda, que vomitam fumo negro na cara da gente e que cheiram como se viessem das entranhas da própria terra. Dêem-me antes uma diligência descoberta, num dia de sol e de vento agreste. É assim que uma pessoa deve viajar, se pretende partir para longe do lar.

- Talvez só viagem aquelas pessoas que não têm um lar onde ficar - sugeriu Nerina.

O velho baixou os olhos para ela e replicou:

- Há demasiadas pessoas a viajar pelo mundo fora. O lar é o melhor lugar para todos nós, minha senhora. Está de regresso a casa?

Nerina abanou a cabeça.

- Não tenho um lar aonde me acolher.

- Nesse caso, lastimo-a - disse ele. - Não é destas partes?

- Não, não sou.

- Tem estado em casa de amigos talvez? - inquiriu ele com a curiosidade do homem do campo que quer saber as razões que levaram um forasteiro a entrar naquilo que considera a sua terra.

- Sim, estive hospedada em casa de amigos - respondeu Nerina; em seguida, apenas porque simpatizava com o velho e queria ser amável, acrescentou: - Estive no castelo de Wroth.

- No castelo de Wroth! - repetiu o velho. - É uma bela casa, não há dúvida, mas já há muitos anos que não a vejo. Conheceu o novo dono, Sir Rupert, segundo me disseram? Sim, Sir Rupert Wroth.

- Sim, conheci-o. Mas porque lhe chama o novo dono? Tanto quanto sei, já há muito tempo que ele lá vive.

- Sim, já lá está há cerca de um ano - replicou o velho, com o supremo desdém

que as pessoas muito idosas nutrem pela passagem do tempo. - Mas eu conheci o pai, antes dele, um distinto gentil-homem e bastante formoso, a ponto de atrair os olhares das mulheres por onde quer que andasse. Vi-o muitas vezes andar a cavalo e todas as raparigas da aldeia assomavam à sua passagem, na esperança de que ele as saudasse.

- Porque vinha ele até estes lados? - indagou Nerina.

O velho lançou-lhe um olhar matreiro e disfarçou uma gargalhada.

- Ah, agora é a senhora quem faz perguntas. São segredos que não conto a ninguém, segredos que só eu sei.

- Que segredos?

O velho levou o indicador aos lábios, relanceou os olhos em redor da forja e sentou-se ao lado dela.

- Sabe quantos anos eu tenho?

Nerina abanou a cabeça.

- Ora, vou dizer-lhe. Tenho perto de noventa. Faço noventa no meu próximo aniversário. Sim, na nossa família vivemos todos muitos anos. O meu sobrinho e a mulher dele, com quem vivo aqui, zangam-se comigo. Vocemecê fala demais, tio, dizem eles. Fala demais e não conseguimos andar com o nosso trabalho. Por vezes, ficam muito zangados comigo e, por isso, levanto-me da cama quando eles estão a dormir e durmo quando estão acordados. Quando ando a pé, quero falar; e quando não tenho ninguém com quem falar, então falo comigo próprio. Por isso, quando vão p'ra cama, levanto-me, tomo o pequeno-almoço e venho até aqui. Às vezes, falo com as pessoas que passam, outras vezes falo comigo mesmo. Há algumas pessoas que vêm cá especialmente à noite para me ver, algumas delas não gostam do dia e gostam mais da noite p'ra fazer o seu trabalho. Conhece o tipo de pessoas a que me refiro, minha cara senhora.

O velho piscou o olho a Nerina, que soltou uma gargalhada.

- Caçadores furtivos e ladrões talvez?

- Agora voltou a fazer perguntas - ripostou o velho. - Há segredos que eu não contaria a ninguém. Posso falar demais, mas não conto nada que não deva contar. Não, guardo comigo os segredos dos meus amigos.

- Qual era o segredo que sabia a respeito dos pais de Sir Rupert? - inquiriu Nerina.

O velho olhou novamente em volta da forja, como se receasse que alguém pudesse estar à escuta ou o admoestasse por falar demais.

- Quer realmente ouvir a história? Olhe que é muito estranha.

- Adoraria ouvi-la!

- Bem, vou contar-lha - disse o velho. - É uma coisa que ainda não contei a

ninguém. Não, guardei este segredo comigo todos estes anos, embora por vezes pensasse em ir ao castelo e contar tudo a Sir Rupert; mas ele podia não estar interessado em ouvir-me e é uma grande caminhada para um velho como eu. Quase noventa tenho eu, e, se Deus quiser, chegarei aos cem.

- Espero bem que sim, mas fale-me no pai de Sir Rupert.

Ela não sabia a razão por que estava interessada, mas sem dúvida que o estava. Afigurava-se-lhe tão estranho passar da escuridão da noite para a claridade da forja, estar ali sentada com aquele afável velho de cabeça branca e ouvi-lo dizer que sabia um segredo a respeito de Sir Rupert, de quem fugia movida pelo terror e pelo ódio.

- O meu sobrinho diz que eu falo demais - disse o velho - e, por isso, nunca falo com ele. Tenho outros amigos que vêm aqui dizer-me os segredos deles; eu dou-lhes ouvidos, mas não abro a boca a respeito daqueles que não querem que eu fale das suas vidas. É justo, minha senhora. Silêncio é a palavra para as coisas acerca das quais não devo falar.

- Sim, a pessoa deve guardar silêncio se, ao falar, prejudicar outrem. - disse Nerina. - Mas fale-me do pai de Sir Rupert.

- Sim, era precisamente sobre isso que lhe ia falar - murmurou o velho. - Foi um homem apumado e distinto. Um verdadeiro gentil-homem e, quando passava por aqui a cavalo, tinha sempre uma palavra cortês para me dirigir e muitos guinéus passaram das suas mãos para as minhas. Toma, Harry, costumava dizer. Vai poupando para a velhice. Ah, quem me dera ter seguido os seus conselhos. Se eu tivesse algum dinheirito meu, não precisava viver com o meu sobrinho e com a mulher, rabugentos e desagradáveis como são por vezes comigo, apesar de eu ser tio dele e lhes pagar o meu sustento.

- E que mais fazia o pai de Sir Rupert?

- Ah, é aí que entra o segredo. Ele andava cortejando a pequena Nancy, da Weatherstone Farm. Eu conhecia a pequena Nancy desde que ela nasceu, uma criança linda como poucas, que se tornou uma mulher tão linda como a mãe dela tinha sido antes de partir para o descanso eterno.

- O pai de Nancy estava vivo?

- Não, ela vivia com o avô, já idoso, a quem pertencia a propriedade. Era um homem difícil, mas muito respeitado na vizinhança. Diziam que Nancy nunca foi feliz na companhia dele, mas quando eu a via, tinha um ar bastante feliz, pois sempre tinha para mim um sorriso e uma palavra amável. Sim, eu gostava dela. Costumava vir até aqui ver-me fazer as ferraduras. Parecem de ouro, Harry, costumava ela dizer quando era pequena, de ouro! Eu deixava-me rir e dizia-lhe que se o fossem eu seria tão rico que não precisava trabalhar para ganhar a vida.

- Teve pena de a ver partir daqui? - inquiriu Nerina.

O velho ferrador dirigiu-lhe um olhar estranho.

- Então sabe que ela partiu, não é verdade?

- Ouvi dizer que ela foi viver para o castelo de Wroth.

- Sim, é verdade, foi para o castelo de Wroth, mas não antes de ter sucedido qualquer coisa tão em segredo que, se eu lhe contar o que foi, tem de me prometer que não a contará a ninguém.

- Oh, por favor, conte-me - suplicou Nerina.

Havia um brilho malicioso nos olhos do velho ferrador.

- Eu disse-lhe que era cá o velho Harry quem sabia todos os segredos destas partes. Este segredo é muito antigo e ninguém tem conhecimento dele, exceto eu.

- Qual é ele?

- Vou contar-lhe, mas lembre-se que eu sempre tencionei contá-lo apenas ao próprio Sir Rupert. Ano após ano, esperei que ele passasse a cavalo por aqui como o pai, mas ele não veio e, como está interessada, vou contar-lho a si. Tem-me queimado os lábios durante muito, muito tempo.

- Sim, compreendo isso, - comentou Nerina impaciente - mas diga-me qual é o segredo.

- É o seguinte - começou o velho Harry. - Todos os habitantes da aldeia e até o avô de Nancy, antes de morrer na quinta, pensavam no modo como ela tinha ido para o castelo de Wroth, viver em pecado com Sua Senhoria. Ah, devia ouvir algumas das coisas que diziam a respeito dela. Ela não teve melhor sorte do que aquela que devia ter, diziam eles; eu, porém, sabia o que acontecera. Cá o velho Harry sabia um segredo e ria com os meus botões, ria ao pensar que todos eram imbecis, a ponto de imaginarem tais coisas a respeito de Nancy.

- Porquê, que quer dizer?

- Vou já dizer-lhe - replicou o velho Harry. - Ela casou com Sua Senhoria, casou de verdade, e quem esteve presente para servir de testemunha? O velho Harry! Sim eu estive presente. Casaram na pequena capela do monte. As pessoas chamam-lhe a Capela dos Pastores. Realiza-se nela um serviço, uma vez por ano, mas apesar disso é uma igreja como deve ser. Foi mandada construir há trezentos anos por uma mulher idosa que dizia que Nosso Senhor era um pastor e porque havia um homem que não abandona as suas ovelhas de ser esquecido ao sábado?

- Eles casaram! - exclamou Nerina. - Tem a certeza?

- Estou tão certo como de estar aqui sentado; pois não estive eu próprio presente? Sua Senhoria deu-me cinco guinéus quando o serviço religioso terminou, cinco guinéus! E Nancy disse-me: Confiamos em ti, Harry. Não deves contar a

ninguém que estiveste aqui, nem o que presenciaste. Prometes? Eu prometi, guardei os cinco guinéus e agradei a Sua Senhoria.

- Mas porque disse ela isso? - inquiriu Nerina.

- Sim, pode bem fazer-me essa pergunta. Aquilo embaraçou-me durante algum tempo, até que Nancy veio ter comigo e me explicou tudo. Como sabes, Harry, não pertença à mesma classe de Sua Senhoria, disse-me ela. Sou filha de um agricultor e uma rapariga do campo. Não quero que as pessoas finas que Sua Senhoria conhece escarneçam e se riem dele. Eu gosto dele, Harry, sinto por ele um amor mais profundo que qualquer mulher da classe dele sentiria e ele gosta de mim. Quem me dera que pudesse ter visto a expressão dela quando disse isto. Era como se dela irradiasse a luz do sol. Ele também gosta de mim, disse-me ela, mas não o envergonharei, por nada deste mundo faria isso.

- E apesar disso casou com ela?

- Ele casou com ela porque gostava dela - respondeu o velho Harry. - Eu sei que isso é verdade, porque eu vi as expressões deles quando se encontraram na Capela dos Pastores e fizeram os seus votos defronte do altar.

- Mas eu não consigo entender! - exclamou Nerina. - Porque é que Nancy quis manter o casamento em segredo? Poderia pensar-se que ela se sentiria orgulhosa.

- Ela sentia-se na verdade orgulhosa do seu casamento - replicou Harry. - Tinha o amor dum homem digno e amava-o também, mas, como ela disse, não ia envergonhá-lo. Sabia que a alta sociedade não iria aceitá-la como uma da sua igualha. Porque haviam eles de aceitá-la, se não passava da filha de um agricultor?

- Tem a certeza absoluta de que eles casaram? - insistiu Nerina.

- Tenho a certeza disso, como de enfrentar o Criador, quando eu morrer - retorquiu o velho Harry. - Não vi eu o registo do casamento com os meus próprios olhos, no livro que se encontra na sacristia da Capela dos Pastores? Está lá tudo registado bem claro, para que todos vejam, embora não se faça menção a Sua Senhoria como sendo um conde. Simplesmente figuram no livro o seu nome e apelido, como se não passasse de um do povo, como na realidade ele era aos olhos de Deus.

- Mas tem a certeza, a certeza absoluta, de que ninguém mais soube disto?

- Eu contei-lhe a verdade, minha senhora - replicou o velho Harry. - Apenas lá se encontravam o velho reitor, eu e o velho Tom, que tomava conta da capela e da sua limpeza e que já morreu há algum tempo. E o reitor já faleceu vai para trinta anos. Apostaria a minha última moeda que o segredo morreu com ele. E teria morrido comigo; contudo, quando a senhora apareceu esta noite, pressenti que quisesse saber o segredo. Não sei porque senti isso e, agora que penso no caso, acho-o estranho. Guardei este segredo comigo durante perto de trinta e quatro

anos, não o revelei a uma única alma; contudo, a senhora apareceu, uma pessoa que eu nunca tinha visto antes, e eu começo a tagarelar. Talvez o meu sobrinho tenha razão e eu tagarele demasiado, mas acho que não é assim. Os desígnios do Senhor são insondáveis, mas acabamos por encontrar a Sua mão em tudo.

- Eu continuo sem conseguir entender - recalcitou Nerina. - Como é que Nancy casou com o Marquês sem revelar a ninguém que o tinha feito!

- Ela não queria que ninguém soubesse, sou eu que o digo. Tudo quanto importava a Nancy era que tinha cumprido a vontade do Senhor, a quem adorava. Desde a idade em que foi capaz de andar que todos os domingos aquela rapariga ia à igreja; e muitas vezes a vi lá entrar num dia de semana. Era muito religiosa, uma rapariga admirável, como não se encontra. Não se daria a um homem com quem não estivesse casada, para não ser condenada ao fogo do Inferno. Amava Sua Senhoria, mas obrigou-o a fazer as coisas como deve ser antes de se render ao seu amor. Que importava que as pessoas lingüareiras soubessem ou comentassem a vida dela? Que falem, costumava eu pensar; mas se soubessem que a nossa Nancy era a mulher legítima de Sua Senhoria, apressar-se-iam a fazer-lhe vênias com toda a humildade e a pedir-lhe perdão. Que importava isso? Nancy sabia a verdade e estava em paz com o seu próprio coração. Eis tudo quanto conta para uma rapariga decente.

- Em paz com o seu próprio coração - repetiu, de mansinho, Nerina. - Sim, creio que é tudo o que conta. O resto não é importante.

CAPÍTULO XIV

Devido a uma série de contratempos, Nerina apenas chegou a Londres ao fim da tarde. A diligência que a transportou para Pendle teve um percalço a cerca de uma milha desta localidade. Uma das rodas ficou danificada e só ao fim de várias horas se encontrou um carpinteiro de rodas e a diligência pôde continuar a viagem. Quando, por fim, Nerina conseguiu tomar o comboio, a sua viagem foi mais uma vez interrompida, em consequência de um acidente na linha, perto de Watford.

Nerina sentiu que a avaria da diligência constituía um incidente penoso, mas

pelo menos podia desentorpecer as pernas na estrada ou sentar-se confortavelmente no portão de uma quinta e desfrutar o sol e o ar puro, enquanto esperava. Em contrapartida, não foi de modo algum uma experiência agradável ficar fechada numa carruagem de terceira classe, apinhada, e, quando a linha ficou desobstruída e o comboio seguiu viagem, Nerina sentiu-se sufocar com o fumo e o nevoeiro, que a impediam de ver o que quer que fosse através das janelas, hermeticamente fechadas.

Finalmente, entraram no término de Euston Square e Nerina, enquanto se encaminhava para a porta com os restantes ocupantes da carruagem, pensou em como era diferente a sua chegada da última vez em que desembarcara na mesma estação. Nessa altura, tinha havido vários carregadores corteses, prontos para abrir a porta da carruagem reservada de primeira classe. Bessie e o criado de quarto de Sir Rupert tinham-se ocupado da bagagem e encontrava-se uma carruagem no exterior da estação, pronta a conduzi-los a Berkeley Square. Desta vez, acotovelada e empurrada pela multidão apressada, Nerina procurou abrir caminho até às barreiras onde se procedia à verificação dos bilhetes, apreensivamente consciente de que Londres se lhe afigurava maior, mais escura e mais impressionante do que na recordação que dela guardava.

- Bilhetes, por favor! - gritava um funcionário das barreiras e Nerina abriu a bolsa para retirar o seu bilhete do porta-moedas.

Entregou-o ao funcionário e saiu do cais para o grande átrio da estação. Deteve-se por uns instantes olhando à sua volta, interrogando-se sobre a direção em que deveria seguir. Enquanto hesitava, Nerina sentiu um súbito esticão no braço, que pela sua violência lhe causou dor, e, ao baixar os olhos, verificou horrorizada que lhe haviam arrancado a bolsa do braço. Viu num relance um rapaz esfarrapado desaparecer entre a multidão e enfiar a bolsa dela num dos bolsos. Gritou e começou a correr atrás dele, mas a voz dela foi abafada pelo súbito guincho de uma locomotiva que libertava vapor, ao mesmo tempo que magotes de gente carregada com bagagem e crianças lhe impediam o avanço. No lapso de um efêmero segundo, perdera de vista o larápio.

- Socorro! - gritou. - Socorro, roubaram-me!

Uma ou duas pessoas que se cruzaram com ela olharam-na com curiosidade, mas nenhuma delas fez qualquer esforço para lhe falar ou prestar ajuda, e quando um pesado carrinho que transportava uma pilha de bagagem a fez estacar, compreendeu que não havia nada a fazer. Nunca seria capaz de encontrar o rapaz. Não chegara a ver-lhe o rosto e a velocidade e agilidade com que desaparecera revelaram-lhe claramente que era um larápio consumado e que dificilmente seria capturado.

Nerina continuava de pé, olhando desamparadamente à sua volta. Pouco a pouco, à medida que os passageiros apressados a contornavam, alguns deles dando-lhe encontrões como se nem sequer vissem que ela ali se encontrava, Nerina tomou consciência da sua situação desesperada. Arrastadamente, com a sensação de que as pernas já não seriam capazes de a sustentar de pé, dirigiu-se para um banco, encostado a uma das paredes do átrio da estação.

Sentou-se com a saca de fazenda verde no colo e perguntou a si própria amarguradamente que havia de fazer. Ficara sem todo o dinheiro que possuía no mundo e o seu bom senso dizia-lhe que era completamente inútil procurar o larápio ou ir à polícia. Além disso, neste último caso, teria de informar o seu nome e endereço e justificar a sua presença na estação.

Nerina sentiu-se perigosamente à beira das lágrimas. Se ao menos, suspirou, tivesse tido o bom senso de segurar firmemente na mão a bolsa em vez de pendurá-la no braço! O larápio devia tê-la observado abrir a bolsa, vira o refulgir do ouro e da prata enquanto ela procurava o bilhete e aguardara uma oportunidade. Teria sido, pensou Nerina, a visão das libras de ouro que o fizera decidir-se a arrebatá-lhe a bolsa. Fora tola ao pôr no caminho dele a tentação, quando mostrou que possuía tanto dinheiro.

Ao adquirir o seu bilhete em Pendle, trocara uma das notas de cinco libras que pertenciam a Elizabeth. O troco em ouro e prata deixara o porta-moedas a abarrotar e não havia dúvida de que tal opulência evidente fora superior à honestidade do rapaz que lhe arrancara a bolsa do braço.

A não ser que, como era mais provável, ele fosse um criminoso que frequentasse habitualmente as estações de caminho-de-ferro, deparando-se-lhe muitas colheitas entre os passageiros, confundidos e intimidados, que se sentiam muitas vezes excessivamente fatigados com as tribulações da viagem para acautelarem os seus haveres.

Qualquer que tivesse sido a razão, o fato é que o seu dinheiro estava perdido!

Nerina levou as mãos aos olhos. Por instantes, sentia-se incapaz de pensar no que havia de fazer. Era como se, ao seguir por uma estrada, tivesse chegado subitamente defronte de um muro incaracterístico e não fizesse a menor ideia como prosseguir. Durante a viagem para Londres, fizera muitos planos. Em primeiro lugar, procuraria uma hospedaria respeitável, onde pudesse pernoitar. No dia seguinte, iria procurar trabalho. Tinha ficado tão segura, tão certa de encontrar algo que pudesse fazer, algo em que pudesse perder a sua identidade e esconder-se, para sempre se fosse caso disso, de Sir Rupert e do terror que ele lhe inspirava.

Nesse momento, sentia-se perdida e completamente desamparada. Sem

dinheiro, não fazia a menor ideia de como iniciar uma vida de independência. Foi então que uma voz serena disse a seu lado:

- Posso ajudá-la? - Sobressaltada, afastou as mãos dos olhos e viu que uma mulher estava sentada a seu lado. De meia idade, com um rosto algo atraente, envergava um elegante vestido de alpaca cinzenta. Era obviamente uma pessoa abastada.

Ostentava ao pescoço um pequeno mas bem proporcionado colar de pérolas e, ao peito, trazia um camafeu rodeado de diamantes. As luvas, que condiziam com o vestido, eram caras e da melhor pelica francesa.

Como Nerina, que observava todos estes pormenores, não respondesse à pergunta que fizera, a desconhecida continuou:

- Sinto que deve estar em dificuldades. Acaba de apelar-se do comboio? Talvez alguém venha esperá-la?

Nerina abanou a cabeça. Posto que não fosse ainda noite cerrada, tinham-se acendido as luzes no átrio da estação. Quando levantou a cabeça, a luz dos candeeiros de gás iluminou-lhe os caracóis ruivos que lhe saíam de baixo do chapéu. Nerina tinha um ar muito jovem e muito atraente, embora houvesse algo de inquieto e patético na sua expressão.

- Não, não há ninguém à minha espera - respondeu Nerina. Depois, como se sentisse muito agitada, acrescentou em tom de confiança: - Estou em dificuldades, porque me roubaram a bolsa. Um rapaz arrancou-me do braço. Continha o meu porta-moedas e todo o dinheiro que trazia comigo.

A mulher teve uma expressão de comiseração.

- Que coisa terrível lhe havia de acontecer! - exclamou. - Lamento o que sucedeu. Vim à estação esperar uma jovem que vinha ficar em minha casa, mas penso que deve ter perdido o comboio. Foi então que a vi aqui sentada. Pensei por um momento que pudesse ser ela; depois vi que era uma desconhecida, mas que estava obviamente em dificuldades.

- É uma aflição bastante aflitiva - concordou Nerina. - Não sei verdadeiramente que fazer. Ia pedir a um polícia que me indicasse uma hospedaria respeitável, mas agora não tenho dinheiro sequer para pagar o alojamento de uma noite.

- É uma daquelas coisas que podem acontecer a qualquer pessoa - disse a desconhecida para a consolar - e certamente que vai permitir que eu a ajude. Terei muito gosto em que fique esta noite em minha casa.

- É muito amável da sua parte, - disse Nerina mas não poderei aceitar a sua hospitalidade porque...

Hesitou e não pôde terminar a frase. Embora não tivesse qualquer razão para recusar aquele oferecimento tão amável, sentia instintivamente que não devia

travar conhecimento com uma pessoa que desconhecia inteiramente e também que não devia transtornar-lhe a vida daquela maneira. Todavia, que alternativa se lhe oferecia?

Nerina recusou a solução óbvia. Tinha apenas de se dirigir a Berkeley Square e informar os criados de que chegara a Londres inesperadamente. A casa estava vazia e à sua espera. Contudo, pertencia a Sir Rupert e Nerina preferia morrer a passar pela humilhação de pôr lá os pés.

- A minha carruagem está lá fora - ia dizendo a desconhecida. - Tem um ar de quem fez uma longa viagem. Deve estar fatigada. Peço-lhe que esqueça todas as desculpas convencionais para não aceitar o meu oferecimento de descansar esta noite em minha casa. Terei o maior prazer em acolhê-la e não vejo nenhuma razão para que não possamos ser amigas, apesar de nos termos conhecido em circunstâncias tão invulgares.

- É muito amável da sua parte - murmurou Nerina quase automaticamente.

Nerina não sabia porquê, mas aquela mulher parecia exercer um estranho efeito sobre ela, um efeito quase hipnótico. Tornava-se difícil oferecer-lhe réplica, pois era muito mais fácil fazer o que ela queria. Nerina concluiu que devia estar muito cansada. Afinal de contas, estivera acordada toda a noite anterior; e, conquanto tivesse tentado dormir na carruagem, fora quase impossível fazê-lo devido ao barulho e à tagarelice dos outros passageiros.

Sem mais protestos, deixou-se conduzir para o exterior da estação, até ao local onde as esperava uma carruagem fechada. Não primava pelo luxo, mas era confortável. Com um suspiro de alívio, Nerina recostou-se nas almofadas acolchoadas.

- Não consigo imaginar porque é tão boa comigo.

A sua companheira soltou uma pequena gargalhada.

- Terá de me reconhecer como uma boa Samaritana.

Nerina sorriu e replicou:

- Não há dúvida de que caí no meio de ladrões.

- Conte-me alguma coisa a seu respeito - sugeriu a desconhecida. - Penso que, como não há ninguém que o possa fazer por nós, nos devemos apresentar. Chamo-me senhora Tait, Muriel Tait. Como se chama a menina?

A hesitação de Nerina foi quase imperceptível.

- Chamo-me Nerina Butler.

O apelido de Adrian foi o primeiro que lhe ocorreu.

- Nerina! Que lindo nome! - exclamou a Sra. Tait. - E tens muitos amigos em Londres? Oh, que pergunta tola - respondeu ela à sua própria pergunta. - Se tivesse amigos, tê-los-ia procurado. Estou em crer que vives no campo, não é

assim?

- Não tenho ninguém. Os meus pais já morreram. - Nerina não conseguiu perceber porquê, pois na penumbra da carruagem era impossível ver o rosto da Sra. Tait, mas teve a impressão de que a resposta agradara à sua protetora. No entanto, concluiu que se devia ter equivocado, pois, num tom de comiseração, a Sra. Tait disse-lhe:

- Pobre criança, como deve ter sido dolorosamente triste esse transe! E porque vieste para Londres? Não te importas que te faça o que te poderão parecer perguntas impertinentes?

- Pretendo encontrar trabalho - respondeu Nerina. - Pode ajudar-me a encontrar um emprego? Ficar-lhe-ia muito grata se pudesse ajudar-me.

- Claro que posso ajudar-te - retorquiu a Sra. Tait. - Não atormentes essa linda cabecinha com tal motivo. Mas primeiro tens de repousar bem esta noite. Não te preocupes com o dia de amanhã. Procura apenas descansar e dormir. Estamos a chegar a minha casa dentro de alguns minutos e, como estás cansada, vou levar-te imediatamente para cima e enfiar-te na cama. Tenho sobrinhas a viver comigo e, se as ouvires rir e conversar, não deixes que o barulho te perturbe. Ficarão cheias de curiosidade a teu respeito, mas eu sei que estás cansada e elas podem esperar até amanhã para te conhecerem.

- Como é bondosa! - exclamou Nerina.

A sua companheira tinha falado verdade. Sentia-se extrema e quase inexpressivelmente fatigada. Dormir era o que mais desejava neste mundo. Nerina ficou satisfeita por verificar que a Sra. Tait tinha o bom senso de compreender a situação. Ser apresentada a várias jovens naquela noite, teria constituído um autêntico suplício.

A carruagem deteve-se junto de uma casa, numa rua tranquila que Nerina calculou ficar situada nas proximidades de Regent's Park. Pela janela da carruagem, vislumbrava árvores e água. Ao descenderem da carruagem, reparou que todas as casas da rua se erguiam a alguma distância do passeio e que, defronte de cada uma, havia um pequeno jardim ornamental.

- Calculo que as minhas sobrinhas estão a receber amigos - disse a Sra. Tait. - Assim, para te evitar uma porção de perguntas embaraçantes, entraremos pela porta lateral.

- Sim, eu também preferiria que assim fosse - concordou Nerina.

Tinha consciência não só da sua fadiga como também do seu aspecto. Tinha o vestido amarrotado e empoeirado da viagem e as mãos e cara estavam a necessitar urgentemente de uma lavagem.

A Sra. Tait seguiu à frente por um pequeno jardim pavimentado até à porta

lateral da casa. Nerina notou que a edificação era maior do que a princípio pensara; em seguida, a porta abriu-se e ela encontrou-se numa passagem mal iluminada, ao fundo da qual havia um lanço de escada. A Sra. Tait continuou a ir à frente. Subiram dois andares e, por fim, abriu uma porta forrada de baeta.

Passaram-na e Nerina calculou que se encontravam na parte da frente da casa. Seguiram por um corredor bem iluminado, as paredes revestidas de um papel que representava um gradeado ornado de rosas e o tapete tinha também desenhos de ramos de rosas sobre um fundo carmesim intenso.

- Eis o teu quarto - disse a Sra. Tait abrindo uma porta; e Nerina encontrou-se num quarto cujo aspecto era totalmente diferente de tudo quanto vira até então.

Os bicos de gás estavam acesos, mas revestiam-nos pesados quebra-luzes, pelo que o aposento tinha uma tonalidade rósea. A cama, de estilo Império, estava encostada a uma parede e, à primeira vista tinha mais o aspecto de um canapé que de uma cama. As cortinas que pendiam do dossel eram de cetim cor-de-rosa e por todo o quarto havia espelhos que quase cobriam as paredes, refletindo-se uns aos outros e refletindo os ocupantes do quarto, de tal modo que Nerina se viu inúmeras vezes em diferentes posições.

- Penso que encontrarás tudo aquilo de que precisas - observou a Sra. Tait, mostrando a escova e o pente que estavam em cima do toucador; para surpresa de Nerina, havia ainda uma camisa de noite e um penteador colocados sobre uma cadeira.

Como se esperasse ouvir as perguntas que Nerina estaria a formular mentalmente, a Sra. Tait explicou:

- Este quarto teria sido ocupado pela rapariga que eu fui esperar. Se ela aparecer mais tarde, arranjo-lhe outro.

- É muito amável - voltou a dizer Nerina. Afigurava-se-lhe que não havia nada mais que pudesse dizer.

- E agora precisas de comer qualquer coisa - disse a Sra. Tait, como se tudo estivesse arrumado e desejasse impacientemente retirar-se. - Despe-te e mete-te na cama. Venho trazer-te leite quente e, uns sanduíches. Não deves comer muito para não teres uma indigestão, uma vez que estás muito fatigada. Despacha-te, pois podemos falar sobre tudo o que quisermos quando te sentires mais revigorada.

Sem esperar por uma resposta, a Sra. Tait saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Nerina, por seu lado, sentia-se fatigada de mais para fazer outra coisa que não fosse obedecer-lhe. Despiu-se rapidamente, pendurando o vestido no guarda-fato e colocando o xale e o chapéu numa prateleira. Quando despiu o vestido, hesitou durante uns instantes entre enfiar a camisa de noite que estava sobre a cadeira e retirar da saca uma das suas. Dada a sua fadiga, Nerina optou pela

solução mais fácil e pegou na camisa de noite que estava sobre a cadeira. Ao enfiá-la pela cabeça, verificou que era feita da mais fina cambraia e ornamentada com diversas inserções de renda.

- A Senhora Tait deve ser muito rica – pensou Nerina. - Tudo aqui parece ter sido feito em grande estilo.

Lavou as mãos e a cara e meteu-se na cama, que era macia e luxuosa. Sentiu o corpo fatigado afundar-se num colchão e almofadas que pareciam cheias de penugem de cisne. Acabara de se acomodar quando a porta se abriu e a Sra. Tait regressou com uma bandeja.

- Aqui tens um sanduíche de frango e leite quente - disse ela. - Bebe-o todo. Quero que descanses bem esta noite. Sentir-te-ás muito melhor quando acordares de manhã.

Nerina sentou-se na cama e recebeu a bandeja das mãos da Sra. Tait. Os sanduíches eram muitos pequenos e pensou que, afortunadamente, estava demasiado cansada para sentir fome. Não comera nada durante o dia e, quando o comboio se aproximava de Londres, sentiu que tinha muita fome. Contudo, nesse momento, só de pensar em comer, quase sentia náuseas.

Mordiscou um dos sanduíches e pegou no copo de leite.

- Bebe-o todo - ordenou a Sra. Tait. Nerina tragou-o completamente. Estava quente e reconfortante, mas, ao mesmo tempo, tinha um gosto estranho. Pensou sonolentemente que o leite de Londres não seria muito agradável, por aquela amostra. Todavia, como a Sra. Tait estivesse à espera, bebeu o resto do leite por cortesia e repôs o copo na bandeja, com um pequeno murmúrio de agradecimento.

- E agora dorme - disse a Sra. Tait. - Fecha os olhos e não te preocupes com coisa alguma até eu vir ver-te de manhã.

Os dedos dela estenderam-se até aos bicos de gás, enquanto falava. Apagou-os. Deram uma série de estalos e, depois, o quarto ficou às escuras.

- Boa noite, minha querida, dorme bem - disse, de junto da porta, a Sra. Tait e fechou-a.

Nerina bocejou e aninhou-se nas almofadas. Em seguida, ouviu o som de uma chave rodar numa fechadura. Durante uns instantes, ficou sobressaltada. Algumas questões que tinham pairado no seu subconsciente desde que, pela primeira vez, vira a Sra. Tait tentaram apresentar-se à sua inteligência, mas Nerina sabia que estava cansada demais para questionar fosse o que fosse, mesmo o fato de se encontrar fechada à chave. Sentia-se afundar numa onda de inconsciência e o cérebro deixou de poder resistir à avassaladora necessidade de repouso do seu corpo exausto.

Acordou e percebeu, enquanto abria os olhos, que tinha dormido muitas horas.

Sentia os olhos pesados e a cabeça como se tivesse sido atulhada de algodão em rama. Tinha muita sede e, ao fim de uns momentos, espreguiçou-se, desceu da cama e correu as cortinas.

Não havia sol, pois o dia estava cinzento e havia no céu nuvens carregadas que prometiam chuva. Nerina não conseguiu explicar porquê, mas sentiu um arrepio percorrê-la. Sem deitar para o exterior mais do que uma olhadela apressada, atravessou o quarto até ao lavatório e encheu um copo de água. Bebeu-a, imediatamente a seguir sentiu a cabeça mais desanuviada. Podia então olhar à sua volta e inventariar o quarto onde se encontrava.

Com espanto seu, verificou que o quarto não era tão atraente como lhe havia parecido na noite anterior, em que estava banhado na tonalidade rósea do quebra-luz. Havia nele algo de vistosamente vulgar e quase sujo e Nerina viu que as cortinas cor-de-rosa, que lhe tinham parecido tão encantadoras na véspera, eram feitas da cetineta mais barata; era somente a cor e o pregueado que lhe conferiam aquele ar opulento, realçado pela luz artificial.

Enquanto estava de pé no meio do aposento, vestindo unicamente a camisa de noite branca, os espelhos refletiam-na em múltiplas imagens e podia ver-se de frente, de costas e de ambos os lados, numa perspectiva interminável e quase assustadora na sua repetição.

Apressadamente, porquanto sentia que havia algo de indecente nesta visão de si própria sucessivamente repetida, Nerina voltou a meter-se na cama. Mal acabara de o fazer quando ouviu bater à porta e, quase simultaneamente, o som da chave rodando na fechadura.

Nerina esperava ver a Sra. Tait, mas em seu lugar entrou uma criada. Era uma rapariga desalinhada e de aspeto um tanto apoucado, o cabelo oleoso solto debaixo da touca e as mãos grandes e vermelhas segurando desairosamente uma bandeja de pequeno-almoço.

Depositou-a ao lado de Nerina e voltou-se, sem uma palavra ou até um sorriso de saudação.

- Muito obrigado - disse Nerina, mas a criada não lhe respondeu e saiu do quarto, fechando a porta à chave.

O café e o pãozinho com manteiga que a bandeja continha não estavam desapetitosos. Nerina não sabia explicar porquê, mas, de repente, sentiu-se apreensiva e receosa. A casa não era o que esperara, apesar de não saber bem o que havia esperado ou, na verdade, se tinha o direito de esperar fosse o que fosse. Fora amável da parte da Sra. Tait dar-lhe uma cama para passar a noite e Nerina pensou para consigo severamente que o tipo de alojamento que poderia pagar com o que viesse a ganhar seria provavelmente muito diferente daquele.

No entanto, não abrandou a sua sensação de desassossego. Estava a servir-se duma segunda chávena de café quando ouviu um som do lado de fora. A chave rodou na fechadura e a porta abriu-se muito lentamente. Nerina levantou os olhos para ver quem iria entrar. Uma cabeça assomou pela porta entreaberta e Nerina viu um par de olhos escuros e ouviu alguém dizer:

- Ela está acordada, anda!

A porta abriu-se mais e entraram duas raparigas. Aquela cujos olhos Nerina vira era morena, com uma boca bonita e alegre; a outra era loura, com uma cor de cabelo tão estranhamente fulva que, após uma mirada, Nerina ficou convencida de que era pintado. Ambas as raparigas usavam penteadores de tafetá, guarnecidos com uma quantidade descomedida de renda barata e um pouco aparatosa. Atravessaram o quarto e, postando-se junto da cama, fitaram Nerina com uma curiosidade que a deixou um tanto enleada.

- Quem és tu? - indagou a morena.

- Chamo-me Nerina Butler - replicou Nerina. - A vossa tia, pois estou certa de que devem ser as sobrinhas da Sra. Tait, teve a amabilidade de me alojar a noite passada.

A observação de Nerina, que lhe pareceu bastante inocente, foi saudada, para espanto seu, com acessos de riso que pareciam desarticular as duas visitantes. A rapariga morena deixou-se cair numa cadeira de braços, o penteador abrindo-se na frente e deixando entrever uma camisa de noite guarnecida de renda que não era diferente daquela que Nerina usava.

- Tia! - exclamou ela. - Ainda rebento o meu espartilho! A mesma história de sempre e todas caem na esparrela!

A rapariga loura sentou-se com familiaridade ao fundo da cama de Nerina.

- Que idade tens? - perguntou ela.

- Dezoito, quase dezanove - respondeu Nerina, procurando não se mostrar ofendida com o comportamento extravagante das suas visitantes não convidadas.

- Pareces mais nova - observou a rapariga loura.

- Aposto que também ela pensou o mesmo. Ela gosta delas muito jovens, com dezasseis anos, se lhes pode deitar a mão!

- Sim, é dessas que a tia gosta - corroborou a rapariga morena abafando o riso e voltando a rir a bandeiras despregadas. Parou subitamente ao reparar na expressão rígida e ofendida de Nerina. - Olha lá, pequena, sabes onde estás?

Nerina relanceou os olhos até à janela.

- Não... não exatamente, - respondeu ela, sentindo-se um tanto embaraçada. - mas pensei ontem, quando vínhamos para cá, que a vossa casa ficava nas proximidades de Regent's Park.

- Fica, sim, - replicou a rapariga loura - mas não é disso que estamos a falar.

A rapariga morena pôs-se de pé.

- Oh, mete a viola no saco, Laura - disse ela. - Para que serve metermo-nos neste assunto? Ainda tens a velha truta em cima de ti como uma tonelada de tijolos, se descobre.

- Não me importo - respondeu a rapariga a quem a outra tratara por Laura. - Elas devem saber aquilo que as espera. Eu jurei que, depois da última vez em que ela trouxe para cá aquela choringas do Devonshire, eu as poria ao corrente do que lhes estava a suceder, mesmo que nada mais possa fazer.

- E que diferença fará? - indagou a rapariga morena.

Laura encolheu os ombros.

- Nenhuma, suponho, exceto que a ignorância não significa felicidade nesta vida, como tu muito bem sabes, Olive.

- Bem, penso que ela não sabe, - retorquiu Olive - por isso faz lá o que queres, que eu não te impeço. - Nerina olhou de uma rapariga para a outra. Pelo que lhe era dado ver e ouvir, percebeu que nenhuma delas era bem educada ou instruída. Ambas tinham uma beleza superficial, embora inegável, não obstante o fato de ambas se apresentarem com o rosto engordurado e as pálpebras de Laura estarem cobertas de máscara, que ela se esquecera evidentemente de retirar dos olhos na noite anterior.

O cabelo de Olive ostentava papelotes no alto da cabeça e os contornos da boca estavam manchados de pomada carmesim, que, no entanto, desaparecera já do centro dos lábios. Ao olhar para elas, Nerina sentiu-se subitamente amedrontada.

- Querem fazer-me o favor de explicar de que estão a falar?

- Sim, explicamos-te - respondeu Laura. Conta-nos primeiro como vieste cá parar.

- Eu... eu cheguei a Londres ontem à tardinha. Na estação, roubaram-me a bolsa do braço, com todo o dinheiro que tinha dentro. Estava sentada num banco, a pensar no que havia de fazer, pois viera para Londres à procura de trabalho, quando a vossa... quando a Senhora Tait me interpelou. Conte-lhe o que me tinha sucedido e ela convidou-me a passar aqui a noite. Estava muito cansada e ela trouxe-me pela porta lateral. Disse-me que tinha sobrinhas a viver com ela, razão porque me referi a ela como vossa tia.

Olive começou novamente a rir entre dentes, mas Laura dirigiu-lhe um olhar de aviso e ela deixou de rir.

- A senhora Tait é a dona desta casa - disse Laura a Nerina - e nós vivemos aqui com ela. Somos seis ao todo, mas não lhe somos nada. Na realidade, algumas de nós foram recolhidas em estações de caminhos-de-ferro. Ela tem o hábito de ir

assistir à chegada de comboios. Costuma aparecer aquela rapariga da província, estúpida e inocente, que desembarca em Londres pela primeira vez e que não sabe que rumo dar aos seus passos. A Senhora Tait trá-la para cá, à semelhança do que fez contigo.

Nerina tinha os olhos esbugalhados.

- Quer dizer... que esta casa é... é.

- Exatamente! - respondeu Laura.

Nerina apertou as mãos.

- Obrigada por me ter dito - murmurou. - Tenho de fugir imediatamente. Não adivinhava, mas agora evidentemente que compreendo como fui estúpida - olhou de uma rapariga para a outra, mas ambas se mantiveram caladas. - Tenho de fugir - repetiu e saiu da cama.

Nerina dirigiu-se ao guarda-roupa, abriu as portas e ficou com os olhos fixos no interior. Estava vazio.

Voltou-se e deu com as duas raparigas a observá-la. A expressão de ambas era impenetrável. Nerina ficou com a impressão de que não sentiam qualquer comiseração, mas unicamente curiosidade, observando-a como se fossem vacas num prado, observando uma intrusa da sua espécie que tenha sido subitamente trazida para junto delas.

- A minha roupa desapareceu! - exclamou.

- Ela faz sempre isso - replicou Laura.

- Mas que posso eu fazer então? - inquiriu Nerina. - Como poderei fugir?

- Não podes - declarou Olive. - Agora escuta, pequena. Foi por isso que Laura e eu viemos avisar-te. Não vale a pena lutares. Ela acabará por derrotar-te, como sempre acontece. A rapariga que esteve neste quarto há três semanas lutou. Costumávamos ouvi-la gritar de manhã, gritando, chorando e batendo com as mãos na porta. Mas ela, como tratamos a Senhora Tait, conseguiu acabar por vergá-la.

- Como? - indagou Nerina.

- Droga - respondeu Laura. - Se fazes barulho, ela droga-te. Eu sei o que ela nos dá, pois já uma vez cheguei a tomar. Faz-nos sentir fracas e sonolentas e demasiado alquebradas para fazer espalhafato. Quando se toma uma certa dose, a pessoa concorda com tudo. O mundo parece muito distante e nada se afigura importante, quer chova quer faça sol. Estás a compreender?

- Sente-se a falta da droga quando deixam de dá-la - observou Olive.

- Sei o que tu sentes - concordou Laura. - Costumava sentir-me mal quando estava sem a tomar durante um certo tempo, mas não faz nada bem. Torna-nos uma espécie de escravas dela e sentimo-nos terrivelmente deprimidas, quando

passa o efeito. Estou a dizer-te isto para teu bem, para que não tenhas de tomá-la.

- Mas que posso eu fazer? Não posso ficar aqui! Não ficarei.

Olive encolheu os ombros.

- Queres vir à minha sala de visitas, disse a aranha à mosca - citou. - Quando ela tece a sua teia à tua volta, não consegues libertar-te.

- Mas como lhe é permitido fazer tudo isso? - perguntou Nerina. - Pensei que havia uma lei contra tais coisas.

- Santo Deus, onde é que foste criada? - inquiriu Olive. - Uma lei! Ora, os indivíduos que cá vêm são aqueles que fazem as leis e só fechariam este lugar se de todo não o pudessem evitar. Temos uma casa muito elegante na verdade, o estabelecimento de la Tait é um dos mais bem frequentados do West End. Duques e condes, embaixadores e ministros, recebemo-los a todos.

Nerina sobressaltou-se. A menção de ministros fê-la pensar em Sir Rupert. Ele podia salvá-la, podia levá-la para longe daquele lugar. Se revelasse quem era, tinha a certeza de que a Sra. Tait a mandaria embora. Em seguida, quando todos os nervos do seu corpo se rebelavam contra tal curso da ação, ocorreu-lhe uma ideia terrível. Supondo que ela dizia ser Lady Wroth, esposa de Sir Rupert Wroth, e a Sra. Tait não acreditava nela. Tinha perfeita consciência da sua aparência na noite anterior. Com a roupa no fio e desalinhada, não havia nela qualquer indicação plausível de que fosse a mulher de um distinto político, pelo que tal sugestão se afiguraria não só improvável como ainda disparatada.

Nerina voltou a atravessar o quarto e sentou-se na cama ao lado de Laura.

- Pode ajudar-me?

- A fugir? - concluiu Laura. - Não há qualquer esperança! Estamos a prevenir-te agora, para que não compliques as coisas. Normalmente, quanto mais novas, mais se ressentem; contudo, se Olive e eu soubéssemos que tinhas quase dezanove anos, não nos teríamos preocupado contigo. É das novinhas que temos pena. Pouco mais são do que crianças, se virmos bem. Eu tinha apenas treze anos quando Ma me apanhou.

- Eu tinha mais um ano, mas não me importei muito - interpôs Olive. - Nesse tempo era um animalzinho insaciável e uma refeição completa significava mais para mim do que a minha virtude. Mas conheci outras que não sentem da mesma maneira.

- Eu, por exemplo - disse com veemência Nerina. - Que sucederia se eu pusesse a cabeça de fora da janela e gritasse?

- Ninguém prestaria atenção - respondeu Olive.

- De qualquer modo, este quarto dá para as traseiras. O jardim estende-se até ao Regent Canal e raramente se vê gente por essas bandas. Além disso, antes que

pudesses gritar durante muito tempo, Ma dar-te-ia uma dose do seu remédi especial. A pessoa dorme como uma pedra, quando o toma.

- Suponho que foi isso que bebi ontem à noite disse Nerina - senão tê-la-ia ouvido entrar no quarto e levar as minhas roupas.

- Ela deu-te um copo de leite? - perguntou Laura.

Nerina assentiu com a cabeça.

- Quase se não sente o gosto no leite - disse Laura.

- Mas quando se bebe sem mistura, tem um gosto perfeitamente asqueroso.

- Oh, ajudem-me por favor - suplicou Nerina. - Deve haver uma maneira de eu poder sair. Quem me deterá se eu descer ao rés-do-chão?

- Charlie, por exemplo, - respondeu Olive - e, além disso, as portas estão fechadas à chave. Ma verifica-as antes de se ir deitar e Charlie começa a sua vigilância quando ela está a dormir.

- Até que horas é que ela dorme? - indagou Nerina.

- Oh, até por volta da uma, regra geral - respondeu Laura. - Depende do que bebeu na noite anterior. Se ficar muito tocada, dorme quase até à hora de abertura, que é por volta das três.

Nerina fechou os olhos por um momento.

- Têm a certeza absoluta? - perguntou ao fim de uns momentos, durante os quais parecia estar a tomar fôlego. - Se eu descer e tentar sair da frente ou pela porta por onde entrei ontem à noite, Charlie deter-me-á?

- Ele não te deixará sair - asseverou Olive. - Além disso, não consegues abrir as portas, a menos que tenhas uma chave. Ele tem uma e Lid tem a outra.

- Mas vocês nunca saem?

- Oh, sim, quando já cá estamos há algum tempo. Saímos aos pares. Uma das raparigas mais velhas com uma das mais novas. Vamos às compras ou dar um passeio no parque, se não estamos demasiado fatigadas da noite anterior. Mas isso só acontece quando ela tem a certeza absoluta de que pode confiar em nós. A pessoa não sai enquanto ela não andou a observá-la durante, pelo menos, seis meses. Nunca corre riscos, é esperta demais. É por isso que ganha tanto dinheiro.

- Tenho de fugir! - exclamou Nerina em tom desesperado, pois sentia que a armadilha se fechava à sua volta.

Laura pôs-se de pé e disse-lhe:

- Não vale a pena. Não tens a mínima possibilidade, pelo que é preferível tirares algum proveito da situação.

- Nunca farei isso - retorquiu Nerina.

- Oh, sim, farás - replicou Olive. - Todas nós mais cedo ou mais tarde, nos submetemos, e tu não serás a exceção.

Também ela se pôs de pé, antes de prosseguir:

- Bem, fizemos o que podíamos por ti, pequena. Se seguires o nosso conselho, evitarás a droga e não perderás fôlego a gritar. Não é uma vida muito má, depois que a pessoa se lhe habitua; e se te tornares um sucesso, bem, há sempre a possibilidade de que alguém te compre a saída e te monte um estabelecimento por conta própria.

- Sim, é verdade - concordou Laura. - Olha uma das raparigas da casa, Rosie, foi-se embora ao fim de dois meses; imagina, só dois meses! Agora tem carruagem própria e, por vezes, vem visitar-nos. É Lord Rohan quem a sustenta. Ele é velho e um bocado excêntrico mas muito rico e ela tem poupado o suficiente para se retirar da vida quando quiser. Imagina só, apenas dois meses num lugar destes!

- Com que então há essa possibilidade de resgate. - comentou Nerina pausadamente.

- Se tiveres essa sorte, - replicou Olive - mas não debes contar com isso. Olha para mim, já cá estou há cinco anos e até agora ninguém me deu um presente mais valioso que uma caixa de chocolates.

- E têm razão para o não fazer - observou Laura. - Afinal de contas Ma leva-lhes coiro e cabelo.

- Sim e então a Rosie? - indagou Olive.

- Ela era extraordinariamente bonita - concedeu Laura com generosidade - e, além do mais, nasceu com sorte, o que é melhor do que ser-se virtuosa ou respeitável.

- Oh, anda daí! - exclamou Olive. - Ainda somos apanhadas se continuamos aqui mais tempo. Vimos a chave na porta e, por isso, resolvemos entrar. Se Ma nos apanha aqui, teremos muito que pagar. Não te esqueças, pequena, não nos vistes e, quando Ma te disser o que pretende de ti, é melhor que te mostres convenientemente surpreendida.

- Cá por mim não ficará a saber nada a vosso respeito - tranquilizou-as Nerina. - Mas têm a certeza, a certeza absoluta de que não podem ajudar-me?

- Não há nada que possamos fazer por ti - disse Laura mansamente. - Fizemos tudo quanto podíamos.

Talvez porque a expressão do rosto de Nerina a tivesse comovido, estendeu a mão e pousou-a amigavelmente no ombro dela.

- Anima-te - disse ela com um sorriso. - Talvez venhas a ser um sucesso como a Rosie, quem sabe!

- Anda! - chamou-a Olive, de junto da porta, e Laura correu a reunir-se-lhe.

As duas raparigas saíram, a porta fechou-se atrás delas e Nerina ouviu a chave rodar na fechadura... Ficou sentada, imóvel, durante muito tempo; em seguida,

levantou-se e caminhou até à janela. Pôde então verificar que Olive tinha falado verdade. O sombrio e estreito jardim das traseiras da casa estendia-se até às águas indolentes do canal. Não obteria qualquer resultado se começasse a gritar, até porque era duvidoso que alguém a ouvisse.

Nerina voltou para junto da cama. Contorcendo nervosamente as mãos, procurou pensar numa maneira de fugir. Tomava como certa a informação recebida de Laura e Olive de que Charlie guardava as portas do piso térreo e a ideia de se ver envolvida numa contenda com um criado e de ser arrastada, talvez violentamente, até ao seu quarto, fê-la intimidar-se. Além disso, a porta do quarto estava fechada à chave e não tinha qualquer possibilidade de empreender a fuga, mesmo em camisa de noite. Continuou sentada durante muito tempo, entregue às suas cogitações, até que uma ideia tomou gradualmente forma no seu espírito, uma ideia desesperadamente arriscada, que ela sentia constituir a única possibilidade de se libertar da grave situação de aperto em que se encontrava.

Quando, uma hora depois, a Sra. Tait entrou no quarto, Nerina acolheu-a com um sorriso. A Sra. Tait perdera o ar composto e respeitável que ostentara na noite anterior. Vestia um penteador de veludo sujo e criticamente necessitado de conserto. Tinha a cabeça coberta de papelotes e, numa tentativa para melhorar o aspecto do rosto, empoara-o apressada e desmazeladamente, de modo que, em alguns pontos do rosto, o pó branco fazia sobressair o tom amarelo da pele. Desenhavam-se-lhe claramente no rosto rugas de uma vida de libertinagem e devassidão. Nesse momento, ao olhar para ela, Nerina compreendeu que não devia estar no seu perfeito juízo para ter confiado em tal mulher na noite anterior. No entanto, lamentações e auto-acusações não a levariam a parte nenhuma. Com um grande esforço, procurou mostrar-se agradável, dizendo à Sra. Tait que tinha dormido bem e que tinha gostado do pequeno-almoço.

A Sra. Tait pareceu ligeiramente surpreendida com a atitude dela e ficou ainda mais admirada quando explicou a Nerina, em termos perfeitamente inequívocos, o que se esperava dela e Nerina acedeu sem qualquer exprobração a tudo quanto lhe era sugerido.

- És a rapariga mais razoável que conheço, de há muito a esta parte - comentou a Sra. Tait aprovativamente quando, às sete horas dessa noite, veio ao quarto para verificar se ela vestira a roupa que lhe havia trazido cerca de uma hora antes.

Nerina postou-se diante dela, envergando um vestido pregueado de gaza branca barata, cortado habilmente para realçar a sua figura. O vestido tinha uma faixa de tecido azul-claro em volta da cintura e Nerina pensou que aquele modelo de vestido se destinava a dar-lhe um ar tão jovem e tão cândido quanto possível.

- Estás encantadora - observou a Sra. Tait, inspeccionando Nerina com olhos

críticos. - Desprende um pouco o cabelo, está um tudo-nada austero na fronte.

Nerina fez o que a Sra. Tait lhe disse, enquanto esta recuava para admirar o efeito. Ela própria resplandecia, num vestido de tafetá carmesim, ornamentado com uma profusão de fitas, rendas, botões de rosa e jóias baratas. Tinha um ar incredivelmente vulgar e espaventoso e, uma vez mais, Nerina interrogou-se como fora louca a ponto de se entregar, por um só momento, nas mãos daquela mulher.

- O cavalheiro que deve estar contigo esta noite - ia-lhe dizendo a Sra. Tait - é, na realidade, uma pessoa muito distinta. Trata-se dum dos meus melhores clientes e faço sempre o que está ao meu alcance para lhe dar prazer. Não deixaria que ele te conhecesse esta noite, se me não tivesses convencido de que és uma rapariga razoável e assisada. Se lhe agradares, então também me darás prazer. Há muitas coisas que podemos fazer juntas, minha querida, muitas coisas.

- Crê que lhe poderei agradar? - indagou Nerina ingenuamente.

A Sra. Tait soltou uma gargalhada desagradável.

- Ficarei muito admirada se não lhe agradares. Ele gosta de raparigas muito jovens. Anda constantemente a pedir-me que lhe encontre uma companhia jovem e bela. Nem sempre é fácil, mas, quando a bolsa do cavalheiro não tem fundo, nada é impossível.

- Compreendo - disse Nerina.

A Sra. Tait acercou-se dela para lhe soltar a faixa.

- Agora estás pronta. Vais recebê-lo no salão pequeno do primeiro andar. Bebem juntos e depois podes, como é óbvio, trazê-lo até aqui. Sem dúvida que ele te dirá exatamente o que pretende.

- Espero que sim - replicou Nerina.

Como o tom da voz dela fosse seco, a Sra. Tait olhou-a de relance, suspeitosamente, mas não disse nada e desceu a escada principal à frente de Nerina, até ao primeiro andar. O salão pequeno tinha um nome demasiado pomposo para a saleta de traseiras que na realidade era. Estava mobilado num estilo ostentoso, embora um tanto teatral. Sobressaíam nele um sofá de pelúcia vermelha, um tapete de Axminster e, novamente, uma profusão de, espelhos. Viam-se ainda jarras de rosas artificiais em cima de mesas com dourados e, embora a noite estivesse quente, o lume estava aceso. As luzes, no mínimo, eram coadas por quebra-luzes de seda cor-de-rosa.

- Senta-te no sofá - ordenou a Sra. Tait. - Sua Senhoria não vai tardar. Mandá-lo-ei subir logo que chegue. Tenho a certeza de que te portarás com bom senso, minha querida, pois muito depende disso.

- Muito, na verdade - disse para consigo Nerina.

Depois, quando a porta se cerrou nas costas da Sra. Tait, deu conta de que tinha as mãos frias e o coração a bater alterado. Sentia-se mais amedrontada do que em qualquer outro momento da sua vida e, contudo, sabia que apenas se poderia salvar se mantivesse aquilo a que a Sra. Tait chamava bom senso.

A Sra. Tait revelara, no último momento, que se tratava de uma figura titular a pessoa que estava para chegar. Nerina rezara para que fosse uma personagem de grande importância, porquanto, se efetivamente o fosse, conheceria por certo Sir Rupert e sentir-se-ia na obrigação de a levar dali para fora. Não lhe restava qualquer outra solução, Nerina sabia-o, desde que decidira o que devia fazer. Durante toda a tarde, sentira-se dominada pelo receio de que o homem que ia receber estivesse demasiado embriagado para pensar coerentemente, mas a única consolação que lhe restava residia no fato de haver sabido, tanto pela Sr. a Tait como por Laura, que o estabelecimento tinha uma frequência muito seleta. Se era verdade que, na sua maior parte, os clientes da Sra. Tait eram aristocratas, então Nerina estava ciente de que o seu rogo de auxílio não ficaria sem resposta.

Era-lhe impossível conservar-se sentada no sofá, imobilizada, à espera, como lhe ordenara a Sra. Tait. Pôs-se de pé e atravessou o aposento. Andou de um lado para o outro, cada vez mais consciente da sua crescente agitação. Sentia as faces em brasa e o corpo parecia-lhe arder de terror. Tinha um desejo insensato de gritar por socorro; e até quando formulava as palavras que iria dizer, se lembrou de que, se ao menos Sir Rupert ali se encontrasse, a salvaria realmente e sem quaisquer repercussões desagradáveis.

Nerina recordou o modo como ele a protegera do tio e sentiu de novo a força dos braços dele quando a transportara escada acima, após o casamento. Se ao menos ele ali estivesse a seu lado!

Precisamente quando ansiava por que ele lhe aparecesse, a porta abriu-se. Nerina estava de costas para a porta e, por instantes, não se voltou, procurando encher-se de coragem para enfrentar o homem que iria salvá-la ou destruí-la. Vagarosamente, rodou sobre si própria. Ao fazê-lo, os lábios entreabriram-se-lhe num audível arquejo de horror, porquanto no vão da porta, resplandecente, em traje de noite, capa forrada de cetim carmesim pendendo dos ombros, se encontrava o Marquês de Droxburgh.

CAPÍTULO XV

Por um momento, quando Nerina encontrou os olhos negros e lascivos do Marquês, sentiu a sala girar num rodopio estonteante e percebeu que, no instante seguinte, perderia o autodomínio e correria aos gritos de uma parede a outra, num esforço baldado para fugir. Então, precisamente quando a sua própria fraqueza e a consciência do perigo rasgaram a sua mente, como um raio que atravessa o céu de treva, compreendeu que, só mantendo a calma e com um esforço quase sobre-humano de rígida contenção, poderia escapar ao perigo que a ameaçava.

Foi talvez a expressão de pasmo no rosto do Marquês que a ajudou, mais do que qualquer outra coisa, a aperceber-se de que tinha de manter a iniciativa. Por um momento que pareceu uma eternidade, ficaram os dois a olhar um para o outro e, depois, aos tropeções, quase como se fosse um títere manipulado por mão invisível, Nerina correu para ele.

- Lord Droxburgh! - exclamou ela - Graças a Deus chegou! Tem de me ajudar! Tem de me salvar!

O Marquês fechou a porta atrás dele e, numa voz em que a surpresa e a satisfação se misturavam em partes iguais, disse:

- Então, é mesmo Miss Graye! Por momentos, julguei que os meus olhos me enganavam.

- Não me surpreende o seu pasmo - replicou Nerina. - Foi, evidentemente, por um engano que me encontro aqui, um engano horroroso e terrível do qual me salvará.

Os olhos do Marquês bruxulearam ante a súplica nos olhos dela, erguidos para os dele com uma expressão de confiança quase infantil. Lentamente, ele desviou o olhar. Tirou deliberadamente a capa e pousou-a nas costas de uma cadeira; depois estendeu a mão e pegou na de Nerina. Ela estremeceu ao tocá-lo; na verdade, sentiu o aperto daqueles dedos compridos e ossudos como se fossem um réptil a enroscar-se nela. Contudo, obrigou-se a não se retrair, mas a apresentar aquiescência, com um ar de boa vontade, quando o Marquês a levou pela sala até ao sofá de pelúcia vermelha.

Sentaram-se, o Marquês voltado de lado, para ficar de frente para ela, mirando todos os pormenores do seu rosto, da sua figura e da inocência teatral do seu vestido branco.

- És muito bela! - disse ele e Nerina teve um sobressalto, recordando a anterior ocasião em que ouvira dele essas mesmas palavras e as circunstâncias em que tal ocorrera.

- Permita-me que lhe conte o que me aconteceu - disse ela apressadamente e

começou a narrativa de como chegara a Londres e de como lhe fora furtada a bolsa na estação.

Ela planejava, enquanto aguardava o desconhecido que deveria ser trazido à sala para a conhecer, que revelaria imediatamente quem era e exigiria que a levasse dali.

Agora sabia que tinha de alterar os planos. Não impressionaria o Marquês o fato de saber que era Lady Wroth. Pelo contrário, Nerina compreendeu com horror que, com toda a probabilidade, isso o tornaria muito menos simpático para com ela.

Como detestava e desprezava Sir Rupert, por ser o filho bastardo do irmão, não era provável que desse importância à esposa ou que os seus desejos fossem refreados por saber que estava legalmente casada com o homem que, só por ter nascido, o despojara, no seu entender, de uma grande fortuna.

O cérebro de Nerina trabalhava com rapidez e clareza. Sabia que apenas a sua inteligência a poderia salvar da terrível situação em que se encontrava e, para escapar, tinha de usar todas as suas faculdades e pôr à prova todos os nervos do seu corpo. Enquanto falava, contando a sua história com uma clareza e uma vivacidade de expressão que prendia a atenção do Marquês, estava consciente de que ele a observava com os olhos semicerrados e umedecia continuamente os lábios finos com a ponta da língua.

Não havia necessidade de exagerar ou de alterar a narrativa. Explicou exatamente o que acontecera na noite anterior, como fora acordada de manhã por Laura e Olive, que a informaram da espécie de estabelecimento em que se encontrava e dos perigos que a espreitavam se não aceitasse pacificamente o que a Sra. Tait exigia dela.

- Quando soube o que ela faria se eu resistisse - disse Nerina - resolvi que a única saída possível era esperar até ficar a sós com um cavalheiro e, então, colocarme à sua mercê. Esperava, evidentemente, um estranho, talvez alguém demasiado afogado na bebida ou no vício para atender o meu apelo. Pode imaginar, Senhor, o que significou para mim quando a porta se abriu e Vossa Senhoria entrou, uma pessoa que eu já conhecia!

Nerina soltou um leve suspiro e baixou a cabeça por um momento, como que vencida pela emoção. Quando a voltou a erguer, verificou que o Marquês a mirava especulativamente.

- Portanto, esperas que eu te tire daqui - disse calmamente, falando num tom um pouco mais baixo do que o habitual, como se estivesse mergulhado em profunda meditação.

- Mas evidentemente - respondeu Nerina, confiada. - E se assim fizer, sabe que

lhe ficarei eternamente grata.

O Marquês não falou durante alguns instantes. Nerina obrigou-se a estender as mãos e a agarrar uma das dele convulsivamente.

- Vai levar-me, não é verdade? - murmurou. - Prometa-me que assim fará. Se me deixar aqui, juro que me matarei.

Estava perfeitamente consciente de que o seu desespero dava satisfação ao Marquês. Viu isso no súbito brilho dos olhos dele. Então, enquanto os seus dedos se fechavam em torno dos dela, disse:

- Qual será a medida dessa gratidão?

- É preciso que lho diga? - replicou Nerina. - Ficar-lhe-ei grata para além de todas as palavras, grata até ao fim da minha vida.

O Marquês sorriu.

- Qual será a minha recompensa? - perguntou suavemente.

Os olhos de Nerina estavam bem abertos e sem perfídia.

- Recompensa? - vacilou ela, com ingenuidade. - Que lhe posso eu oferecer? Não tenho dinheiro, nada! - O Marquês soltou uma risadinha.

- Não quero dinheiro, estúpida criança, quero algo muito mais importante, algo de muito valor que só tu me podes dar.

- Oh!

A exclamação de pasmo de Nerina foi uma obra-prima de ardilosa representação. Voltou o rosto para o lado, como se quisesse ocultar o rubor das faces, e, num instante, os braços do Marquês rodearam-na. Com um pequeno grito, ela afastou-o e pôs-se em pé.

- Não me toque neste lugar - exclamou. - Não suportaria que alguém ousasse sequer pegar na minha mão neste lugar sórdido e horrível. O simples pensamento me enoja. É suja e bestial, uma casa de pecado!

O Marquês olhou para os olhos faiscantes dela, para a vívida beleza do seu rosto pálido, emoldurado pelo cabelo fulgurante.

- Tens razão - disse ele. - O local não está à tua altura. Nerina, minha cara, és uma bela criatura.

- Então tire-me deste lugar - suplicou Nerina. - Por favor, tire-me deste lugar! Sinto-me conspurcada e humilhada todos os segundos que tenho de permanecer aqui.

- E se eu te tirar, - disse o Marquês calmamente - se te instalar num local adequado à tua beleza e à tua inteligência, serás amável para comigo? Farás de mim um homem muito feliz?

- Serei obrigada a responder a essa pergunta? - esgrimiu Nerina, mas os seus olhos eram eloquentes e os lábios vermelhos, muito convidativos.

O Marquês olhou para ela. Os olhos estreitaram-se, depois emitiu um som que era meio gargalhada meio exclamação de avidez e excitação. Sem mais delongas, saiu da sala, fechando a porta atrás dele.

Nerina levou a mão ao coração. A tensão dos últimos minutos fora quase intolerável e agora apercebia-se de que estava a tremer. Os seus lábios estavam secos e sentiu que era quase impossível respirar. Ficou muito quieta e depois, desesperadamente, como uma criança com medo do escuro, começou a rezar.

- Salvai-me, meu Deus, salvai-me! - murmurou. - Tenho feito tantas coisas erradas e más, mas se me salvardes tentarei de futuro fazer o bem. Voltarei para Sir Rupert, humilhar-me-ei diante dele, pedirei perdão por tê-lo enganado. Farei tudo, tudo, por mais desagradável que seja, mas salvai-me do Marquês e desta casa horrível e asquerosa. Por favor, meu Deus, salvai-me!

Ainda rezava quando a porta voltou a abrir-se. Por um momento, não pôde erguer os olhos, não se atreveu a olhar o rosto do Marquês; quando o fez, sentiu o coração dar um pulso. Ele estava precisamente a guardar uma carteira de rebordos dourados na algibeira de cima da casaca, mas foi sobretudo a expressão do rosto que lhe revelou o que desejava saber. Ele estendeu a mão; depois, com um gesto que pretendia ser dramático, mas que era vagamente ridículo, lançou ambas as mãos para ela.

- Vem, minha cara - disse. - És minha!

Nerina atravessou a sala para se pôr a seu lado. Ele baixou os olhos para ela e depois disse:

- Tens um abafo ou alguma bagagem, talvez?

Nerina negou com a cabeça.

- Não tenho nada que valha a pena levar, - disse ela - nada de importância. Vamos... vamos depressa.

O Marquês pôs a capa sobre os ombros e deu o braço a Nerina. Ela pousou a mão nele e o Marquês abriu a porta. Depois, começaram a descer a escadaria vermelha, em direcção ao vestíbulo. O som de música vinha de uma das outras salas; do andar de cima, chegou uma súbita gargalhada de rapariga, seguida do som da voz de um homem que falava com impaciência. Nerina não podia ouvir o que a voz dizia, mas, de algum modo, os sons aterrorizavam-na e, instintivamente, apertou mais o braço do Marquês.

No vestíbulo, um homem corpulento e muito feio, vestido com uma libré ornamentada, estava postado junto da porta. Nerina sentiu um medo terrível de que a Sra. Tait aparecesse; não havia, porém, sinal dela e, como se adivinhasse o que estava a pensar, o Marquês disse secamente:

- Julguei que prescindisses das ternas despedidas.

- Efetivamente, prescindo - murmurou Nerina. O criado, que ela supunha ser Charlie, entregou ao Marquês o chapéu e abriu a porta. Desceram o caminho empedrado do jardim, até à rua. Nerina sentiu o ar morno da noite nos ombros nus, mas o tempo estava abafado e não havia a possibilidade de apanhar um resfriado.

Uma carruagem fechada aguardava-os e Nerina viu que havia várias outras carruagens atrás daquela, todas de aparência luxuosa, com os cocheiros e lacaios de chapéu alto brasonado, símbolo da aristocracia. O Marquês auxiliou-a a subir, entrou e sentou-se ao lado dela. Um lacaio colocou uma manta quente, debruada a pele de marta, sobre os joelhos dos dois; depois, a porta fechou-se e Nerina ficou a sós com o homem que mais odiava neste mundo.

Procurou desesperadamente qualquer coisa para dizer; contudo, antes que pudesse falar, o Marquês chegou-se um pouco mais e ela ouviu a voz dele, macia e acariciadora, murmurar suavemente:

- Sentes-te agradecida para comigo agora? - Pretendia tomá-la nos braços e ela sabia, mesmo sem olhar, que os lábios dele se aproximavam dos seus. Rapidamente, estendeu as mãos para o afastar e para o manter apartado, enquanto dizia atabalhoadamente:

- Espere! Tenho mais uma coisa para lhe dizer.

- É mais importante do que aquilo por que espero? - perguntou o Marquês.

- Sim, muito mais importante. Tem de me ouvir - disse Nerina com voz desesperada, pois lenta e insidiosamente o Marquês atraía-a para os seus braços e toda a força dela não era suficiente para o forçar a permanecer afastado.

- Tenho uma coisa para lhe dizer - repetiu ela. - Eu sou casada e o meu marido é alguém que Vossa Senhoria conhece, alguém que na realidade é seu sobrinho.

- Meu sobrinho!

O assédio do Marquês abrandou um momento e ela percebeu que o tinha surpreendido.

- Sim, - disse Nerina - sou casada com Sir Rupert Wroth.

- Meu Deus! - Era nítido o pasmo na exclamação do Marquês. Depois acrescentou num tom desagradável: - Então casaste com o bastardo da família, não? Como conseguiste isso?

- Aconteceu há poucos dias - replicou Nerina. - Casei na casa de meu tio e viemos primeiramente para Londres em viagem de núpcias, depois regressámos a Wroth.

- A Wroth? - perguntou o Marquês. - Mas se estavas em Wroth, minha querida, o que te trouxe a Londres e com tão pouco dinheiro?

Nerina já previra que ele lhe fizesse aquela pergunta e rapidamente, na

esperança de que ele acreditasse, disse:

- Tive de vir a Londres para ver os meus tios, que estavam de abalada para o Continente. Foi uma decisão repentina e, infelizmente, Sir Rupert não me pôde acompanhar.

O Marquês riu-se bruscamente.

- Estás a mentir - disse ele. - Esperas que acredite que a mulher do rico e arrogante Sir Rupert Wroth seria capaz de viajar de comboio para Londres, sozinha, sem uma companhia, sem uma criada particular, e que, ao ser roubada na estação do dinheiro que trazia, se sentisse tão deprimida e desanimada por essa perda que se visse obrigada a acompanhar uma desconhecida até uma casa de má fama para obter guarida por uma noite?

Enquanto ele falava, Nerina percebeu que a sua história era, de fato, inacreditável. Desesperadamente, tentou recuperar o terreno perdido.

- Serei franca - disse ela. - Sir Rupert e eu tivemos uma zanga. Foi apenas um arrufo, nada de importante; mas eu fui precipitada e tola e saí de casa. Pensei que, se desaparecesse, ele se sentiria pesaroso pela maneira como me tratara. Vim para Londres, mas era minha intenção voltar para ele, pretendia regressar a Wroth depois de lhe dar uma lição.

O Marquês não disse nada e, um momento depois, ela acrescentou apreensiva:

- Acredita que lhe estou a dizer a verdade, que sou de fato a esposa de Sir Rupert?

- Sim, acredito - disse o Marquês. - Não há razão para isso, mas de algum modo acredito realmente. Mas tu deixaste-o portanto, porque nos havemos de preocupar com esse sujeito? Ele está em Wroth e nós estamos aqui juntos, tu e eu.

Apertou os braços em volta dela.

- Espere! - gritou Nerina. - Espere um momento! Tem de me responder a uma pergunta.

- Qual - perguntou o Marquês; forçou a cabeça dela a encostar-se ao seu ombro e pôde ver, à luz dos lampiões da rua, o oval pálido do rosto dela, de olhos levantados para ele.

- O que contei deixa-o indiferente? - arquejou Nerina - Que... que eu sou a esposa do seu sobrinho?

O Marquês riu-se.

- Porque haveria de fazer diferença? - perguntou ele. - É a ti que eu quero e, na verdade, paguei uma grande soma por ti. És minha! Sempre te desejei, desde aquele primeiro instante em que te vi na sala de estudo, com os teus olhos verdes modestos, o teu cabelo ruivo limpo e cuidado. De certo modo, não parecias uma preceptora, minha querida. Devo dizer-te o que parecias? Uma mulher digna de

ser amada e desejada, uma mulher a quem se pode ensinar a sentir a paixão. Quanto ao teu marido, não tem importância, especialmente desde que o deixaste. Além disso, se algo mais há a juntar ao prazer de te possuir, será o fato de saber que o homem que me defraudou de tantas coisas não me poderá roubar o prazer que me darás.

- Odeia-o assim tanto? - perguntou Nerina.

- Odiá-lo! - repetiu o Marquês. - Que estranha pergunta! Não, não odeio o bastardo de meu irmão. Porque haveria de odiá-lo? Tenho-o na palma da mão. Estou à espera, sim, à espera para sentir a doçura da vingança, quando ela chegar. Quando chegar a minha vez de vibrar o golpe, verei esse oportunista voltar para a valeta, donde veio.

Havia veneno e azedume na voz do Marquês, o que a tornava quase assustadora; então, sem qualquer aviso, comprimiu os seus lábios contra os de Nerina, que sentiu o horror daquele momento penetrar-lhe até ao seu íntimo. Ficou incapaz de se mover, incapaz de gritar; embora o contato dele apenas lhe causasse uma repugnância insuportável, teria de se abandonar à própria desgraça de se saber nas mãos dele, de sentir a boca dele, bestial e obscena, procurando apossar-se da sua.

Quando por fim a libertou, ela recuou ofegante para o canto da carruagem, de rosto exangue.

- Para onde me leva? - conseguiu tartamudear Nerina.

A pergunta pareceu desviar por momentos os pensamentos do Marquês.

- Pretendia levar-te para um pequeno hotel, mas tive uma ideia melhor - replicou ele. - Afinal tu és Lady Wroth e tens direito ao ambiente apropriado para o que será a nossa noite de amor.

Enquanto falava, deslocou-se para a frente e baixou a janelinha que comunicava com os criados que seguiam na boleia. Através do vidro, Nerina pôde ver o laçao cur vado atentamente.

- Segue para o Ritz - ordenou o Marquês e voltou a fechar a janela antes de o homem responder.

Sentou-se novamente ao lado de Nerina.

- Iremos para o Ritz - disse. - Explicarei que a tua criada e a bagagem chegarão depois. Tomarei uma suite para ti e cearemos juntos. Com champanhe e ostras, contar-me-ás mais acerca do teu casamento com esse pretensioso jovem que vive em Wroth e, quando acabares a tua narrativa, dir-te-ei como o poderemos esquecer e como gozar a vida juntos.

- Mas... mas eu não compreendo - gaguejou Nerina. - Não o choca pensar que eu sou moralmente... se não legalmente... a sua sobrinha? Sou casada com o filho do

seu irmão. Crê que o seu irmão, o falecido Marquês, não era casado com a mulher que veio a ser a mãe de Sir Rupert? Mas se o tivesse sido, se de fato o matrimônio tivesse sido contraído, Sir Rupert não só seria o seu sobrinho, mas também o Marquês de Droxburgh. Tentaria, mesmo nessas circunstâncias, seduzir-lhe a esposa?

O Marquês atirou a cabeça para trás e riu-se.

- Devo ser franco? - perguntou.

- Evidentemente que sim!

- Que diferença fazem os documentos legais em relação ao fato de seres uma mulher bela e desejável e de, neste momento, estarmos os dois sós, no coração de Londres, sem ninguém saber onde estamos, sem ninguém nos poder interromper ou separar?

O Marquês estendeu outra vez os braços.

- Vem - disse ele. - Esquece Wroth, esse fastidioso indivíduo, e lembra-te de mim. Lembra-te de quem eu sou, um homem que te comprou, um homem a quem prometeste ser profundamente grata.

Rapidamente impelida pela premência do medo, Nerina fugiu dos braços dele e mudou-se para o pequeno assento da frente. Ficou ali sentada diante do Marquês, com a luz dos candeeiros a gás, que penetrava pela janela, a iluminar-lhe o cabelo e a coluna branca do pescoço.

- Vamos para o Ritz - disse ela e fez um esforço para falar com ligeireza. - Não me deve descompor antes de chegarmos. Acharão a sua história já de si estranha, pois tenho a certeza de que as esposas dos nobres não andam por Londres sozinhas e sem bagagem nem criada. Se eu aparecer em desalinho e descuidada, ficarão hesitantes em dar-me a suite que mencionou.

O Marquês inclinou-se para a frente.

- Achas a minha ideia boa? - disse ele. - Estás interessada na suite e na ceiazinha que tomaremos juntos?

- Tenho fome e sede - replicou Nerina e o Marquês tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios.

- És a mulher mais enfeitiçadora que eu conheci em toda a minha vida. Fazes-me enlouquecer, pois nunca estou seguro de ti; no entanto, antes da manhã, terei a certeza.

Nerina abriu muito os olhos.

- É tão impetuoso - disse ela. - Mas creia-me... estou-lhe grata.

- É tudo o que peço - replicou o Marquês.

A carruagem parou e, com uma sensação de profundo alívio Nerina viu a escadaria larga e circular do Hotel Ritz. Um criado de galões dourados abriu a

porta e Nerina, descendo do veículo, adiantou-se ao Marquês, subiu os degraus e entrou pelas portas envidraçadas do hotel.

O Marquês seguiu-a até à recepção. Um empregado de casaca avançou com uma vénia, mostrando nos seus modos obsequiosos que o Marquês era bem conhecido.

- É uma honra, Excelência. Em que podemos servi-lo?

- Trouxe Lady Wroth - replicou o Marquês. - A caminho de Londres, a carruagem em que seguia sofreu um lamentável acidente. Eu passava pelo local e tive a possibilidade, por feliz acaso, de socorrê-la. Infelizmente, a criada e a bagagem tiveram de ficar para trás, mas enviei os meus próprios criados para os ajudarem e devem chegar mais tarde. Entretanto, Sua Senhoria precisa de acomodação. Ela pretende uma suite, uma das melhores.

- Certamente, estamos honrados com o pedido de Sua Senhoria.

O recepcionista dirigiu-se ao balcão e falou com um empregado, que retirou uma chave da prateleira; depois, voltou-se para Nerina.

- Temos uma suite no primeiro andar, Lady Wroth - disse ele. - Se quiser ter a bondade de ver se lhe agrada, a bagagem e a criada serão encaminhadas logo que cheguem.

- Obrigada - disse Nerina.

Seguiu o homem pelas escadas largas e alcatifadas; porém, enquanto as subia, o seu cérebro afadigava-se na procura de uma possibilidade de fuga. Já formulara a idéia de apelar para a gerência, mas, ao ver que o Marquês era pessoa considerada e bem conhecida, percebeu, com embaraço, que, se agisse daquele modo, a considerariam demente. Era, de fato, problemático que eles lhe dessem sequer ouvidos.

A suite consistia num vestíbulo exterior, uma grande sala de estar com janelas para Green Park, um quarto decorado com gosto a cetim amarelo e uma casa de banho de mármore de um luxo como Nerina nunca vira. Como, porém, não parecia ter nada para dizer, o Marquês considerou-se seu porta-voz.

Esta suite agrada a Sua Senhoria - disse.

- É uma das melhores suites do hotel - replicou o recepcionista. - Estou seguro de que Sua Senhoria se sentirá muito confortável aqui.

O Marquês deitou um rápido olhar à sala de estar.

- Sua Senhoria está um pouco indisposta por causa do acidente - disse ele. - Não se sente suficientemente bem para descer para a ceia. Portanto, ceará aqui. Poderá mandar o empregado com a ementa e a carte de vins?

- Certamente, Lord Droxburgh. Tomarei providências imediatamente - replicou o recepcionista, fazendo uma vénia e encaminhando-se para a porta.

Nerina ficou a vê-lo sair e sentiu, quando a porta se fechou, que era uma

prisioneira. Não podia dizer nada, não podia fazer nada que a impedisse de ficar sozinha com o Marquês na suite. Escapara de uma ratoeira apenas para cair noutra e já sentia aquela sensação crescente de pânico, aquele agitado desespero que parecia nublar-lhe todos os sentidos e impedir o seu cérebro de trabalhar.

Quando o Marquês se voltou e ela viu a expressão do seu rosto, procurou ganhar tempo.

- Tem a certeza de que foi sensato virmos para aqui? - perguntou. - Que dirão quando notarem que a bagagem não chega e que a criada, a respeito da qual falou tão loquazmente, não aparece? Pôr-me-ão fora?

O Marquês sorriu.

- Nunca se atreverão a insultar uma pessoa apresentada por mim. Além disso, a criada aparecerá e com alguma bagagem.

- Mas como?

- Eu próprio tratarei disso - replicou o Marquês. - Não será esta noite, infelizmente, mas amanhã de manhã estará alguém aqui, prometo.

- Mas como, como conseguirá isso? - perguntou Nerina.

- Essas coisas arranjam-se facilmente - disse o Marquês com satisfação. - Há muitas coisas que tens de aprender, minha querida; e como será divertido ensinar-te! Tudo neste mundo, garanto-te, é uma questão de dinheiro. Podem encontrar-se criados de um momento para o outro, desde que se possa pagar. A bagagem é igualmente fácil, se não mais; quanto a roupas, não me digas que não és suficientemente mulher para desejares escolhê-las tu própria, especialmente quando existe alguém pronto a pagar os dispendiosos adornos e ornamentos vistosos que podem fazer uma mulher parecer ainda mais adorável, ainda mais tentadora.

Nerina fez um pequeno gesto com as mãos.

- Tudo parece muito fácil, - disse ela - mas eu duvido.

- Então terei de te convencer que sei o que digo. Queres que te diga como farei? Vem cá!

As suas palavras eram uma ordem, mas Nerina não fez esforço para lhe obedecer. Tentou sorrir.

- Que pretende de mim? - perguntou.

- Dir-te-ei quando vieres até mim - replicou o Marquês.

Nerina abanou a cabeça.

- Assusta-me - disse ela. - Está tão acostumado a dar ordens e a ter quem lhe obedeça. Que faria se, para variar, alguém lhe desobedecesse?

- Talvez o punisse, - respondeu o Marquês - talvez encontrasse outra maneira de o convencer de que sou eu quem tem razão. Compreendes, mais cedo ou mais

tarde, acabo sempre por ter o que quero. Fugiste de mim uma vez, mas agora voltamos a encontrar-nos e, desta vez, és minha.

- Parece estar muito seguro de si - disse Nerina em tom de dúvida.

O Marquês meteu as mãos nas algibeiras.

- Já te disse que consigo sempre o que quero. Sou uma pessoa com muita sorte. Também me sirvo do cérebro. Não há muitos homens que se possam gabar de ter sorte e inteligência ao mesmo tempo.

- Efetivamente, não - respondeu Nerina.

- E agora, - continuou o Marquês - vem cá!

Nerina ainda hesitou, mas, naquele momento, para seu grande alívio, ouviu-se alguém bater à porta. Apressadamente, ela ordenou:

- Entre!

O Marquês parecia impaciente, mas resignou-se a ver entrar dois empregados. Um trazia uma longa ementa, bem preenchida, o outro uma lista de vinhos com enfeites dourados. Nerina voltou-se para o Marquês:

- Quer encomendar a ceia? - perguntou. - Eu gostaria de me arranjar. Lembre-se de que estou com muita fome e de que me prometeu champanhe.

O Marquês estendeu as mãos para a ementa.

- Vejamos se neste hotel há alguma coisa que valha a pena comer - disse ele ao empregado, em tom de grandiosidade.

Nerina abriu a porta que dava para o quarto.

- Estou com fome esta noite, - sorriu ela - se não ávida.

Fechou a porta e modificou-se completamente. O sorriso desapareceu dos lábios e foi substituído por uma expressão de intensa aflição. Correu em bicos de pés para o outro lado do quarto. Muito cautelosamente abriu a outra porta. Dava, conforme esperava, para o pequeno vestíbulo, através do qual ela e o Marquês tinham penetrado na suite. A porta da sala de estar também dava para ali. Os criados tinham-na deixado entreaberta e Nerina podia ouvir a voz do Marquês a fazer perguntas. Ouvia-se o murmúrio respeitoso dos homens quando lhe respondiam. Então, tão suavemente como se fosse um fantasma, Nerina abriu a porta exterior. Um segundo mais tarde, estava no corredor.

Era uma passagem longa e direita, a todo o comprimento do edifício. Avançou como se tivesse asas; ao chegar às escadas que desciam para o vestíbulo, hesitou, mas apenas um instante. Rapidamente, desceu os largos degraus de alcatifa vermelha. Atingiu o lanço antes de o recepcionista a ver. Estava atrás do balcão, mas, quando Nerina alcançou a porta da rua, apareceu a seu lado.

- Aconteceu alguma coisa de mal, Lady Wroth? - perguntou ele. - Posso ser-lhe de algum préstimo?

- Não, obrigada, - conseguiu dizer Nerina - mas Lord Doxburgh pretende vê-lo imediatamente. Está na sala de estar da suite. Pode lá ir?

- Sim, com certeza. Vou imediatamente. - O recepcionista estava obviamente surpreendido com o comportamento dela, mas nada podia fazer. Quando se afastou, Nerina atravessou rapidamente a porta que dava para a rua.

O porteiro de serviço avançou para lhe falar, mas ela passou sem lhe dirigir palavra. Desceu os degraus a correr e atravessou Picadilly. Felizmente, não havia muito trânsito ali, naquele momento, e não foi retardada mais do que um segundo ou dois. Continuando a correr, virou para Berkeley Street. Não havia quase ninguém nos passeios exceto uns vendedores ambulantes e algumas damas de duvidosa virtude que por ali vagueavam, com as faces muito pintadas e as bocas de um vermelho vivo, proclamando descaradamente o seu ofício.

Nerina passou por eles apressadamente. Por felicidade, o vestido de musselina branca não era demasiado volumoso nem demasiado incômodo. Levantou-o um pouco à frente, para não lhe embaraçar os movimentos, e, embora as pessoas a mirassem com surpresa, não tentaram detê-la. Correu até ao fim de Berkeley Street e entrou em Berkeley Square.

Quatro minutos depois de deixar o Ritz, estava diante da porta da casa de Sir Rupert. As gelosias das janelas estavam corridas e não se via luz pela vidraça existente por cima da porta. Depois de tocar à campainha e de bater com força à porta, apareceu uma luz. Era apenas a chama bruxuleante de uma vela, mas sentiu-se confortada quando ouviu o ruído das cadeias e dos trincos a serem corridos e a porta da frente se abriu.

O velho mordomo apareceu, o casaco de libré posto à pressa sobre os ombros, e ficou a olhá-la surpreendido, enquanto a chama da vela tremeluzia nas suas mãos.

- M'Lady - exclamou - Que aconteceu?

Bem podia perguntar, pensou Nerina, quando, passando pelo mordomo, entrou em casa e viu a sua imagem refletida num dos espelhos dourados que decoravam o vestíbulo de mármore. O seu cabelo estava solto e caído em desordem pelos ombros nus. A respiração era agitada e as faces estavam coradas, os olhos tão abertos que pareciam eclipsar totalmente o resto da cara.

- Que aconteceu, M'lady? - disse novamente o mordomo, enquanto Nerina se esforçava por recuperar o fôlego.

Nerina tentou inventar uma história plausível.

- Vim a Londres... visitar amigos, - disse ela, por fim - mas aconteceu uma coisa que me fez decidir deixar a casa imediatamente. Saí sem bagagem e apenas com o que trago vestido. Tenho de pernoitar aqui hoje e amanhã regressarei a Wroth.

- Sir Rupert está em Wroth, M'lady? - perguntou o mordomo.

- Sim, Sir Rupert está em Wroth; - replicou Nerina - tenho de juntar-me a ele amanhã sem falta.

As palavras ecoavam-lhe no cérebro enquanto subia as escadas, em direção ao quarto que ainda há poucos dias tinha ocupado. A governanta chegou apressada, com uma botija para a cama e uma bebida quente, apesar dos protestos de Nerina, que não queria comer nem beber nada. Quando finalmente, com uma camisa de noite emprestada, se meteu entre os alvos lençóis e ficou sozinha no escuro, virou a cara para o travesseiro e começou a chorar. Não eram lágrimas de alívio, nem sequer lágrimas de reação, eram lágrimas de pesar.

Pela primeira vez na vida, Nerina estava envergonhada por um ato seu e pronta a acusar-se a si própria pelos sofrimentos por que passara. Via agora como fora louca em fugir de Wroth. Na escuridão da cama macia, era difícil recordar a indignação, o horror e o asco que sentira por Sir Rupert. Tanta coisa se tinha passado desde então, experimentara tantas emoções bem piores, bem mais destruidoras psicologicamente que, nesse momento, pensava como tinha podido ser tão estúpida em trocar a segurança que encontrara em Wroth pelos horrores que a aguardavam em Londres.

Era impossível relembrar o que sentira ou o desespero que a levava a afastar-se de Sir Rupert. Parecia quase inacreditável que tivesse tido a presunção de pensar que poderia ganhar o seu próprio sustento ou que poderia manter-se, mesmo por pouco tempo, com as poucas libras que tinham sido enviadas a Elizabeth como presente de casamento.

Não foi Sir Rupert nem o Marquês que a chamaram à razão. Foi a sua própria honestidade, a análise de si própria que a fizeram ver tudo na sua verdadeira perspectiva, ver como fora tola em tudo o que fizera.

Agora, perguntava a si própria como tivera a temeridade de julgar Sir Rupert, de o querer punir com uma crueldade que parecia neste momento exceder tudo aquilo que ele mesmo projetara. Aprendera, também, que havia coisas muito piores no mundo do que ser agradável para com o homem que casara com ela por engano.

Quando pensou nele, compreendeu que fora não só precipitada na sua condenação, mas, pior ainda, ridícula. Gradualmente, à medida que as lágrimas diminuía, os fatos ocorridos apresentavam-se claros e verdadeiros diante dos seus olhos e Nerina sentiu-se profundamente humilde.

Só havia uma maneira de reparar os seus atos - salvar Sir Rupert da vingança maldosa e longamente planejada do Marquês. Dessa maneira, se não houvesse outra, poderia ser-lhe útil.

Lembrou-se da oração que fizera quando se encontrava sozinha na sala bafienta

da casa da Sra. Tait, à espera do regresso do Marquês. Deus salvara-a de fato e, agora, tinha de cumprir a sua parte do contrato e regressar a Wroth. Rogaria o perdão de Sir Rupert e prometeria fazer tudo o que ele pedisse, no futuro.

Ir-se-ia embora, pensou ela. Era isso o que ele havia de querer. Talvez lhe desse algum dinheiro, providenciaria para que não fosse perseguida pelo seu tio ou sujeita às depravações licenciosas de Londres, que ela descobrira por si própria. Seria justo com ela, disse tinha a certeza, embora não soubesse dizer por que motivo estava segura da generosidade dele. Sir Rupert queria simplesmente ver-se livre dela, para procurar outra esposa, alguém de acordo com a sua posição, alguém que se comportaria como uma senhora e não como uma tonta impetuosa, a correr atrás de complicações. Ela ir-se-ia embora.

Nerina repetiu as palavras para si. De repente, com uma nova torrente de lágrimas, descobriu a verdade. Não queria partir do Castelo de Wroth; mais do que isso, não queria deixar Sir Rupert.

CAPÍTULO XVI

Quando a carruagem passou a ponte que vencia o lago, Nerina viu com espanto que uma multidão de homens se juntara diante da porta do castelo. Era quase noite e alguns deles tinham nas mãos tochas acesas, à luz das quais ela pôde ver-lhes as caras, sujas, sombrias e, de certo modo, estranhamente assustadoras.

O condutor da carruagem de aluguel que tomara em Pendle ficou obviamente tão apreensivo com o que via à sua frente como ela. Abrandou a marcha do cavalo até parar, pelo que Nerina lhe ordenou:

- Siga até à porta lateral. O caminho bifurca-se para a esquerda, um pouco mais adiante.

- Sim, minha Senhora.

Levou os dedos respeitosamente à aba do chapéu e, fustigando o cavalo cansado, seguiu para a porta ocidental do castelo.

Demorara um tempo inacreditável, pensou Nerina, a chegar a Wroth. Tinha planejado estar lá pela tarde, mas várias coisas a tinham atrasado e, agora, o sol já se pusera e ela calculava que já passava das oito. Tivera de comprar um chapéu e um vestido antes de partir de Londres e isso levava mais tempo do que pretendia. Impossibilitada de ir ela própria às lojas, porque nada tinha para vestir exceto o

vistoso mas barato, vestido de musselina branca em que a Sra. Tait a enroupara, enviou uma carta de instruções a uma das lojas que já a servira anteriormente.

Uma vendeure chegara a Berkeley Square uma hora depois com uma caixa cheia de vestidos para escolher e pelo menos uma dúzia de chapéus. No seu novo e calmo estado de espírito. Nerina escolheu o vestido mais caro e um simples chapéu de palha, enfeitado só com fitas.

Contudo, as compras não puderam ser feitas com muita rapidez e, quando finalmente ficou decentemente vestida e pronta para a viagem, apercebeu-se de que tinha perdido o comboio da manhã para Pendle e teve de esperar por um que partia após o almoço. Mesmo assim, teria chegado ao castelo mais cedo se ao chegar a Pendle não tivesse sido quase impossível alugar uma carruagem.

As corridas de cavalos locais realizavam-se nesse dia, disseram-lhe, e todos os veículos da cidade tinham sido alugados, emprestados ou cedidos para levar os espectadores para o local das corridas.

Nerina não pôde fazer nada, exceto esperar que os divertimentos da tarde acabassem, e foi obrigada a passar o tempo da melhor maneira possível, na minúscula sala de estar do Hotel do Javali Negro.

Quando finalmente lhe arranjam transporte, Nerina suspirara de alívio, sentindo que a última etapa da viagem estava quase no fim. Mas não tivera sorte com a carruagem. Era velha e emperrada, puxada por um cavalo cansado e mal alimentado, que já esgotara as forças no transporte de um grupo de aficionados, na ida e regresso do recinto das corridas. O caminho para Wroth parecia interminável e, quando finalmente cruzaram os portões de entrada da propriedade, Nerina estava quase a chorar de exasperação e fadiga.

Contudo, no momento em que a carruagem parou junto da porta lateral do castelo, sentiu-se subitamente tão fresca e cheia de energia como se sentira quando acordou de manhã cedo e se achou em Berkeley Square.

Durante um momento, à medida que voltava a si e abria os olhos, sentira aquela agitação do medo que vem da incerteza e da insegurança e a acre consciência do perigo que tivera durante tanto tempo. Depois, com uma sensação de nova coragem, tão viva que se tornou felicidade inexprimível, compreendeu onde estava e que já não precisava ter medo.

Escapara ao Marquês e à Sra. Tait! Escapara também à espécie de monstro da sua imaginação, ao horror que a mantivera enfeitiçada demasiado tempo. Era livre, livre para agir como pensava ser acertado e para voltar para Wroth e para Sir Rupert.

Quando desceu da carruagem, sentiu que o castelo lhe desejava as boas-vindas. Uma luz cálida e fulgurante brilhava em muitas das janelas. Havia algo de

acolhedor na sua altura e majestade. Parecia-lhe, também, que as vastas alas do edifício, em semicírculo, eram como braços abertos num gesto espontâneo de afeto. A porta do lado ocidental, que dava para os estábulos, para a capela e para os outros edifícios exteriores, era utilizada pelos membros do pessoal como entrada e saída, de maior conveniência do que a porta principal.

Nerina puxou a corrente da campainha e, ao mesmo tempo, rodou a maçaneta da porta. Verificou, como esperava, que estava aberta. Avançou rapidamente pela larga passagem alcatifada e ornamentada com tapeçarias. A meio caminho, encontrou um laçao que corria para responder à campainha. Pareceu surpreendido ao vê-la, mas Nerina limitou-se a ordenar-lhe que pagasse ao cocheiro e prosseguiu.

Teve uma súbita sensação de urgência, uma convicção de que alguma coisa de muito grave se passava, embora não fizesse idéia do que se tratava. Porque estavam aqueles homens lá fora? Que podia aquilo prenunciar? Então, precisamente ao chegar ao centro do castelo e ao alcançar o salão grande, do qual irradiavam as principais divisões da casa, soube a resposta.

Aqueles rostos estranhos e sombrios que vira à luz das tochas eram conhecidos. Já vira homens assim anteriormente e agora lembrava-se onde. Eram os mineiros de Willow Hill, os homens de que Bessie lhe falara, os homens que estavam em greve por causa das condições intoleráveis da mina. O medo pareceu aprisionar o coração de Nerina, um medo bastante diferente daquele que durante tanto tempo a possuía, um medo não por ela, mas por outra pessoa.

Bessie solicitara a sua ajuda. Ainda era capaz de a ouvir falar da miséria dos mineiros e do seu sentido de injustiça; mas prestara tão pouca atenção, pensando apenas nela própria, nas suas próprias preocupações, na sua própria infelicidade, não se interessando particularmente com o perigo que ameaçava os outros - um perigo que, agora sabia ameaçar Sir Rupert.

Quando atravessava o salão, a porta da biblioteca foi bruscamente aberta e Masters, o velho mordomo, saiu apressado. Ia obviamente à procura de alguém ou de alguma coisa, mas, quando viu Nerina, parou abruptamente:

- M'lady! - exclamou.

- Onde está Sir Rupert? - perguntou Nerina.

Não esperou pela resposta do empregado. Viu em que direção ele voltou a cabeça, passou rapidamente a porta e entrou na biblioteca. Ali, ficou parada, presa pela cena à sua frente. Sir Rupert jazia inconsciente no chão. Os olhos estavam fechados e o sangue escorria da testa. De joelhos a seu lado e a abrir uma maleta negra, estava um homem que Nerina reconheceu ser o médico local, que assistia a Marquesa viúva.

Pareceu-lhe que uma eternidade passara antes de poder falar ou mover-se. Enquanto assim estava, ouviu-se uma súbita berraria e um rugido de vozes... seguidos pelo ruído distante de vidros estilhaçados.

Foi então que Nerina viu no chão, ao lado de Sir Rupert e a pequena distância da cabeça, uma pedra enorme. Devia pesar um ou dois quilos. Desviou rapidamente o olhar para o enorme rombo na vidraça da janela, através do qual, obviamente, a pedra fora lançada. Ouviram-se mais gritos e vaias lá de fora, seguidos outra vez pelo som de vidro quebrado. Por fim, Nerina conseguiu falar.

- Está ferido? - perguntou ela e a voz soou estranha, mesmo a si própria.

O médico levantou os olhos. Reconheceu-a e observou secamente:

- Oh, é Vossa Senhoria. Sim, Sir Rupert está ferido. Aquele pedregulho deve tê-lo atingido em cheio na têmpora.

Nerina acercou-se mais, depois subitamente, achou-se ajoelhada ao lado de Sir Rupert, com a mão sobre a dele.

O médico estava a estancar a ferida, premindo o sangue vermelho vivo contra o penso branco que tinha na mão.

- É grave? - perguntou Nerina.

- Não posso responder a essa pergunta por agora - replicou o médico. - Pode ver por si própria que a pedrada o deixou sem sentidos e acho que terei de lhe fazer meia dúzia de pontos, pelo menos, na testa. Mas não está morto, se é isso que a aflige.

Os dedos de Nerina apertaram convulsivamente a mão de Sir Rupert e, precisamente nesse instante, mais gritaria irrompeu lá fora. Um grande pedaço de tijolo atravessou velozmente a janela e veio cair no chão perto da escrivaninha. O médico não mexeu a cabeça, mas Nerina soltou um pequeno grito.

- Que se passa? - perguntou.

- São os mineiros - replicou o médico. - Vou falar com eles já a seguir.

- Estão furiosos - observou Nerina.

- E não sem razão!

O tom de voz do médico era áspero.

- Queixavam-se de que a mina não é segura! - arriscou Nerina.

- E é verdade!

- Que acontecerá se a greve continuar?

O médico estava a procurar uma ligadura na maleta. Houve uma pausa, antes de responder.

- Se Sir Rupert recusar negociar, terão de voltar atrás. Estão com fome, não há uma mulher ou uma criança em Willow Hill que tenha comido uma refeição decente nestes últimos quatro dias. As lojas estão fechadas e o crédito acabou. Se

não trabalharemos, morrerão de fome. - Levantou os olhos para a janela e acrescentou: - Este gênero de coisas não é bom para eles. Acabarão por ir parar à prisão.

Nerina levantou-se vagarosamente.

- Tem a certeza de que a mina é insegura? - perguntou ela. - Ouvi algumas pessoas dizerem que sim, mas o senhor conhece-a pessoalmente. Deve saber a verdade.

- Sim, sei a verdade - replicou o médico. - A mina precisa de dinheiro aplicado em investimentos. Já falei com o gestor acerca disso e já falei com o próprio Sir Rupert, mas nem um nem outro se importa com o que digo. Mas sou eu quem tem de cuidar dos corpos feridos, quando um poço abate, quando um homem fica encurralado durante horas, talvez dias, ou algum pobre diabo fica sem uma perna ou um braço, por causa das más condições da maquinaria.

Fez-se silêncio quando o médico acabou de falar.

- Diz que Sir Rupert não lhe dá ouvidos? - perguntou por fim Nerina.

- Ele não dá ouvidos a ninguém - observou o médico. Estava a ligar com destreza a cabeça de Sir Rupert e os dedos eram gentis, apesar da aspereza da voz.

- Há gente que não sente amor nem ternura pelo próximo e Sir Rupert é desses.

Enquanto ele falava, Nerina viu o estudante orgulhoso e feliz que a Marquesa tinha tão vivamente descrito; depois, viu diante de si própria aquele encantador jovem transformar-se num homem azedo e rancoroso, um homem sem bondade, um homem que não compreendia o significado da palavra amor.

De repente, pareceu-lhe compreender tudo. Tudo apareceu claro diante dela, tão evidente como se alguém o tivesse escrito, a história de um homem que sofrera e que, por causa desse sofrimento, era áspero e cruel para com os outros.

A porta da biblioteca abriu-se e o mordomo regressou com três lacaios de olhar assustado.

- Levaremos Sir Rupert lá para cima, senhor - disse ele ao médico - depois será melhor mandar um moço chamar a polícia. São terríveis os estragos que estão a fazer, Senhor, terríveis.

A voz do mordomo alterou-se, num crescendo de medo e ressentimento. O médico pegou na maleta preta e pôs-se em pé.

- Levem-no com cuidado - disse ele. - Mantenham a cabeça imobilizada. Levem-no lá para cima e metam-no na cama. Terão de lhe cortar as roupas.

Os lacaios ergueram Sir Rupert e Nerina ficou a observá-los. Ao olhar para o rosto de Sir Rupert, recordou como ele parecera jovem e vulnerável ao examiná-lo enquanto dormia na carruagem do comboio, após a cerimónia do casamento.

Agora, aquele rosto estava muito pálido, com exceção de uma cicatriz irregular

na face, apenas meio sarada. Corou ao olhá-la e talvez fosse o vermelho vivo da ferida que, em contraste, fez o rosto masculino parecer completamente exangue. Parecia mais velho e curiosamente espiritual.

Pela primeira vez, Nerina reparou que aquele rosto era extremamente sensível. Quando se guerreavam, ficara surpreendida, mais de uma vez, com a força e obstinação das feições dele. Agora, notava que havia rugas de sofrimento por debaixo dos olhos. Os cantos da boca estavam descaídos, um pouco melancolicamente, como que decepcionados.

Quando os lacaios passaram por ela, levando-o, sentiu dentro de si um súbito desejo e reconheceu que, acima de tudo, queria reconfortar o homem que tinha odiado, dizer-lhe que tudo estava bem, assegurá-lo de que já não era preciso recear o futuro. E então, quando os lacaios desapareceram pela porta da biblioteca, transportando o ferido, Nerina compreendeu que tinha outras coisas para fazer primeiro. Com ar resoluto, voltou-se para o médico.

- Vem comigo? - perguntou ela. - Vou falar com os grevistas.

O médico ergueu as sobrancelhas.

- E que lhes vai dizer? - inquiriu.

- Saberá quando me ouvir - replicou Nerina. - Só lhe peço que me acompanhe e ficar-lhe-ei grata se me apresentar a eles, pois não sabem quem eu sou.

O médico mirou-a especulativamente; depois, como se ficasse satisfeito com o que viu no rosto dela, assentiu com a cabeça e atravessou a sala.

- Venha então - disse ele. - É uma mulher corajosa. Farei com que a ouçam.

Atravessou o salão grande, com Nerina ao lado. Junto da porta da frente, trancada, estava um laçao de libré clara e ornamentos dourados. Fora ali colocado obviamente como guarda. O médico afastou-o para o lado e, com as próprias mãos, correu os trincos e desenganchou as correntes. Quando estava para abrir a porta, veio outro laçao correndo através do salão.

- O Senhor Masters disse-nos que conservássemos essa porta fechada e trancada, Sir.

- Quem dá ordens aqui é Sua Senhoria - disse o médico mal-humorado e o laçao recuou, murmurando desculpas.

Nerina teve uma idéia. Voltou-se primeiro para um laçao e depois para o outro.

- Cada um de vocês leva um destes castiçais de prata - disse ela. - O Senhor Doutor e eu vamos sair até às escadas. Queremos ser vistos. Ficarão um de cada lado.

Os lacaios pareciam aterrorizados, mas obedeceram. Os gritos e brados vindos de fora aumentaram de ferocidade, como se, com o instinto dos animais enjaulados, os homens sentissem que alguma coisa estava para acontecer. O

médico abriu a porta. Um berro irrompeu quando viram a luz e então, mal Nerina apareceu, ladeada pelo médico e pelos lacaios, fez-se um súbito silêncio.

Vagarosamente, o pequeno grupo desceu os degraus, com a luz das velas a iluminar o rosto de Nerina e os macios caracóis ruivos a espreitarem por debaixo do chapéu.

- É o Doutor - gritou um homem e houve uma viva onda de semientusiasmo.

Nerina parou ao fundo das escadas. Olhou para o médico e este ergueu a voz.

- Homens, está aqui a meu lado Lady Wroth. Ela deseja falar-vos. Espero que a ouçam.

Uma pequena agitação percorreu a multidão. À luz das tochas, Nerina podia ver as expressões duras e desconfiadas com que os ouvintes a miravam. Os homens mais próximos estavam apenas a pouca distância dela, os outros estavam espalhados, alguns vinham dos jardins, aonde tinham ido à procura de tijolos e pedras para atirar às janelas. Agora ficaram imóveis, com as pedras nas mãos, as caras sujas de carvão bem demarcadas contra a escuridão circundante, os lenços vermelhos que alguns traziam ao pescoço exibindo o único sinal de cor entre as roupas esfarrapadas e sujas.

- Meu marido, Sir Rupert Wroth, está ferido - disse Nerina. - Caso contrário, seria ele a falar-vos.

Houve uma série de vaias, assobios e sons de desprezo; mas após um momento, o barulho cessou e Nerina continuou:

- Desejo, no entanto, dizer-vos, em seu lugar, que ele considerou o vosso pedido respeitante à mina e decidiu mandar investigar imediatamente a segurança das galerias em que estais a trabalhar. Serão encomendados novos aparelhos de segurança e nova maquinaria, que serão postos a uso logo que possível. Entretanto, o gestor da mina receberá instruções para que trabalheis apenas nos locais onde não houver perigo e que vós próprios considereis serem seguros. Haverá indenizações para as famílias daqueles que morreram ou ficaram gravemente feridos e auxílio para aqueles que não puderem temporariamente voltar ao trabalho.

Houve um súbito arquejo de surpresa e, depois, um grande viva subiu no ar da noite. Foi tão espontâneo, tão sincero que Nerina sentiu as lágrimas inundarem-lhe os olhos. Os homens continuaram a dar vivas e mais vivas; depois, quando ela ergueu a mão, houve um repentino silêncio.

- Tivestes de fazer uma longa caminhada para chegar aqui - disse ela - e soube pelo Doutor que as vossas mulheres e os vossos filhos estão com fome. Se forem pacificamente até à porta da cozinha do castelo, providenciarei para que sejam distribuídos entre vós os alimentos que houver. Talvez não seja o suficiente, mas

pelo menos haverá alguma coisa, e, quando o Doutor regressar esta noite à cidade, atuará no sentido de haver pão e leite a crédito até ganhades o suficiente para pagar. - Os vivos subiram outra vez e um velho, de cabelo branco e rosto enrugado e cheio de cicatrizes, deu um passo em frente.

- Deus a abençoe, M'lady - disse ele. - Não se há-de arrepender do ato desta noite, prometo-lhe.

- Tenho a certeza disso - respondeu Nerina. - E agora, por favor, fazei como vos disse e ide até à porta da cozinha. Os estragos que fizestes serão esquecidos, mas sugiro que os esqueceis também, pois é inútil falar destas coisas.

Ainda soltavam vivas quando ela subiu o degrau e voltou a entrar em casa. Ao chegar ao vestíbulo iluminado, enquanto os lacaios fechavam a porta atrás dela, viu que estava um pouco trêmula, não de medo, mas de alívio por saber que tinha conseguido aquilo a que se propusera. Voltou-se para o médico.

- Irá tratar de obter pão e leite? - perguntou.

- Sim, farei isso. Quanto ao resto, é com Vossa Senhoria.

Sabia que ele duvidava que Sir Rupert concordasse com as generosas promessas que ela fizera em seu nome, mas Nerina nada receava. Tinha uma coisa para regatear que a fazia sentir uma suprema confiança em si própria. O segredo do velho Harry, estava certa, transformaria totalmente a atitude de Sir Rupert.

E porque não? O medo que o acompanhara desde criança seria afastado por algumas palavras e pela posse de um pedaço de papel da Sacristia da Capela do Bom Pastor.

O poderoso reinado do Marquês chegara ao fim. Mais do que isso, ele já não era o Marquês de Droxburgh. Nerina olhou para as paredes nuas do salão grande. Os retratos da família voltariam, pensou para ornamentarem e enriquecerem o castelo. Ansiava, como nunca por nada deste mundo, por ver a expressão de Sir Rupert quando soubesse a verdade, quando lhe dissesse que era filho legítimo de seu pai e genuíno herdeiro do Marquesado. Dirigiu-se rápida e ansiosamente para as escadas.

Masters aproximou-se, respeitosamente.

- Mande os mineiros para a porta da cozinha - participou-lhe Nerina. - Dêem a todos alguma coisa para levarem para casa. Há presuntos na cozinha, cortem-nos. Todo o pão que tivermos no castelo deve ser distribuído; os cozinheiros poderão cozer mais para amanhã. Deve haver leite na leitaria, mande buscá-lo, e manteiga também.

- Muito bem, M'lady.

O longo traquejo do mordomo impedia-o de expressar o seu espanto em palavras, mas o rosto exprimia com eloquência a surpresa. Nerina não pôde deixar

de sorrir, enquanto seguia o médico até ao andar de cima.

O quarto de Sir Rupert estava imerso em penumbra.

A única luz provinha de uma vela junto da cama. O rosto de Sir Rupert estava quase tão branco como a almofada em que repousava. Por um momento, Nerina julgou que estava morto e sentiu o coração pulsar assustado. Um súbito horror dominou-a; depois, quando o médico lhe tomou o pulso, soube que ainda vivia.

- Quanto tempo ainda ficará inconsciente? - perguntou ela, em voz baixa.

O médico não respondeu, por momentos; em seguida, pousou suavemente o braço de Sir Rupert na cama.

- Não faço idéia - disse - e quando voltar a si há a possibilidade de entrar em delírio.

Lentamente, Nerina desfez os laços do chapéu e tirou-o.

- Vou tratar dele - disse calmamente. - Portanto, será melhor dizer-me o que devo fazer.

Às duas horas da manhã, Sir Rupert agitou-se. Quando começou a mover-se de um lado para o outro na cama, Nerina levantou-se da cadeira de braços colocada ao pé da lareira, onde estivera a descansar, e atravessou o quarto para se pôr à cabeceira. Tinha-se despido e envergava apenas um penteador de cetim branco orlado de rendas que comprara em Bond Street. O cabelo estava solto e tinha os olhos mortíços e pesados do sono.

Dirigiu-se rapidamente para a cabeceira de Sir Rupert e pousou os dedos frios no seu rosto. Ele estava quente e febril. Impacientemente, ele afastou a cara da mão dela, os lábios agitando-se como se lutasse para falar, mas sem articular qualquer som.

Quase uma hora mais tarde, começou a falar alto, a princípio emitindo sons ininteligíveis e, por fim, clamando:

- Água! Quero água!

Nerina pôs a mão sob a cabeça dele e levou-lhe um copo aos lábios. Ele sorveu alguns goles e voltou a recostar-se. Não tinha aberto os olhos e ela sentiu que, mesmo que os abrisse, não a teria reconhecido. De repente, começou a falar com coerência.

- Ela partiu - disse. - Partiu e não sei para onde. Escorracei-a. Fui brutal, e ela chamou-me demônio. Ela tinha razão. Enlouqueceu-me com aquele cabelo ruivo e aqueles olhos verdes. Porque não a posso esquecer? Ela persegue-me. Está sempre presente. Sim, a rir-se de mim, a troçar de mim, a levar-me à loucura.

Sir Rupert repetiu várias vezes as últimas palavras:

- Louco! Ela põe-me louco! Louco! Louco!

Nerina pousou a mão sobre a dele.

- Tens de dormir - disse firmemente. - Ouves? Estás ferido, precisas de repousar.
- Não posso repousar - replicou ele. - Estou louco. Ela põe-me louco!
- Esquece-a - disse Nerina calmamente. - Tens de dormir.

Como se aquela ordem se infiltrasse no seu cérebro, ele serenou; sentiu que ele obedecia sem comentários, como se fosse uma criança. Enquanto alisava o lençol e colocava as almofadas numa posição mais confortável, Nerina perguntava a si própria se ele desejava o regresso dela ou se o que dissera era apenas reação à surpresa de descobrir que ela deixara o castelo.

Quando Nerina voltou para a cadeira de braços, junto da lareira, ficou sentada a olhar para as chamas, pensando em Sir Rupert, pensando nela própria. Agora já conhecia a verdade. Amava-o e viu, com súbita lucidez, que o motivo que a levava a fugir dele e do castelo, havia três dias, não fora para se afastar do homem que era legalmente seu marido, mas para fugir do amor. Era o amor que lhe metia medo, o amor que ela sabia instintivamente que a partiria em pedaços logo que chegasse o momento de destruir o seu último sentimento de independência, a sua última chama de rebelião contra o homem e o matrimônio.

Quando era criança, tinha ansiado pelo amor e fora-lhe negado. Órfã, parente pobre indesejada, que era apenas um embaraço para aqueles que foram forçados a cuidar dela, desejava o amor. Contudo, por causa do orgulho e de uma energia íntima, apoiada em parte na realidade, em parte na imaginação, não admitiu nunca, nem sequer para si própria, que estava ávida de afeto. Quando cresceu, o amor que lhe fora negado começou a envenenar-lhe a mente contra todas as outras espécies de amor. Ela odiara o tio e, portanto, convencera-se de que todos os homens eram como ele. Detestara e odiara as atenções que lhe eram dedicadas pelos seus dissolutos patrões e, conseqüentemente, acreditara que o amor era apenas lubricidade e tornara-se para ela um inimigo igual aos homens que desprezava e lhe suscitavam repugnância ao desejarem-na.

E quando, finalmente, o amor chegou, viera, não suave, gentil e ternamente, como ela imaginara, mas como uma cruz de fogo, indistinta do ódio, distorcido e emaranhado na sua mente confusa, até ao ponto de ela já não saber se as emoções que a consumiam eram amor ou asco.

Agora, sabia que começara a amar Sir Rupert a partir do instante, em que ele avançara para a proteger do tio, em Berkeley Square. Admirara-o antes disso, sob o seu desdém, o seu desprezo e o seu desejo de vingança. Contudo, houvera pontos fracos na sua couraça que a fizeram ansiar por estar junto dele, por ser feliz com a sua presença, por sentir satisfação mesmo ao querelar com ele.

Agora, ao relembrar o passado, percebia quanto o amara quando regressaram a Wroth, após o casamento. Não tinha compreendido então que a tensão e a

excitação que sentia na presença dele eram amor e não ódio. Não sabia que, quando desceu, na manhã seguinte, para o procurar, não foi para o provocar e torturar, mas simplesmente para o ver, para olhar o seu rosto e saber que estava junto dela. Não tinha analisado aquela súbita perturbação interior, aquela sensação de alegria que não podia ser explicada.

Agora reconhecia tudo. Ele tinha-a atraído e prendido, enquanto ela, pobre tola, pensara o tempo todo que lutava contra ele. Ele tinha-a conquistado desde o princípio, enquanto ela imaginara ser a conquistadora triunfante. Como fora cega, como fora tola! E agora, humildemente, seria capaz de chorar por causa da sua toleima. Desperdiçara tanto tempo, malbaratara momentos preciosos e horas que poderiam ter sido douradas de felicidade.

Nerina escondeu a cara nas mãos. Sentiu-se estremecer com a intensidade dos seus sentimentos. Naquele momento, soube que desejava, acima de tudo, atravessar o quarto, ajoelhar-se junto do leito de Sir Rupert e comprimir os seus lábios contra a mão dele. Sabia que isso lhe daria um enlevo e um prazer para além de tudo o que ela já conhecera em toda a sua vida. Mas não ousava fazê-lo, não, porque, quando ele se recompusesse, ela teria de se submeter à vontade dele e de aceitar as condições que ele ditasse, fossem quais fossem.

Mandá-la-ia embora; nunca mais o veria, nunca mais ouviria a sua voz ou lhe veria o rosto. Contudo, não podia fazer nada contra isso. O que quer que ele sugerisse, sabia que teria de aceitar, simples e unicamente porque o amava, porque já não podia lutar contra ele. Sentiu lágrimas acumularem-se-lhe nos olhos. Suavemente, começaram a fluir por entre os dedos. Eram lágrimas de autocompaixão, mas não se importou. O seu amor não tinha esperança. Desejou nunca ter decidido salvar Elizabeth; no entanto, mesmo no momento em que formulava esse pensamento, reconheceu que era falso. Nunca lamentaria o sucedido, porque, por mais difícil e solitário que fosse o futuro, ela conhecera ao menos Sir Rupert, conhecera-o e amara-o.

Com uma mágoa que era profunda agonia física, recordou como o repelira quando ele entrara no seu quarto. Pensou no que teria acontecido se tivesse correspondido aos seus beijos, se não tivesse sido dura e firme quando ele a abraçara. Sentiu-se tremer, ao lembrar os braços dele a envolvê-la, a sua boca, dura e possessiva, contra a dela; então, enquanto lamentava tê-lo impedido de a tomar, ter oposto a sua força à dele e saído vencedora, percebeu que havia agido bem.

Teria sido uma imitação do amor verdadeiro, a dessacralização de uma emoção tão sagrada e santa, que agora se punha humildemente de joelhos diante da divindade que invadira o seu coração e alma. Se tivesse permitido a Sir Rupert

tomá-la como coisa sua, avidamente, carnalmente, sem ternura nem beleza, sabia que o seu amor teria sido conspurcado. Ir-se-ia embora, mas o amor desapareceria com ela, aquele sacramento no íntimo do seu coração, que constituía em si mesmo uma dádiva de Deus.

As lágrimas secaram. Continuou com a cara escondida nas mãos, a cabeça apoiada no espaldar de veludo da cadeira de braços. Não sabia há quanto tempo ali estava sentada, num sofrimento meio de desgraça meio de êxtase, consciente de que o seu amor parecia consumi-la como uma chama.

Um som vindo do leito sobressaltou-a. Olhou para lá, afastando os dedos dos olhos. Sir Rupert erguera-se e, olhava à sua volta, a branca ligadura fazendo contraste com o negrume das costas da cama. Nerina pôs-se em pé. Ele viu-a e, por um momento, os seus olhos abriram-se muito e escureceram de assombro; depois, quando entrou no círculo de luz, a vela revelou as doces curvas da sua figura sob o diáfano penteador, o cabelo solto destacando-se como uma auréola para lhe emoldurar a palidez do rosto e dos olhos manchados de lágrimas.

- Nerina!

A voz dele era baixa e cava e Nerina teve a certeza de que Sir Rupert já não delirava, mas tinha recuperado o pleno uso dos sentidos.

- Voltaste! - disse ele, roucamente.

- Sim, voltei - disse Nerina. - Foste ferido. Tens de ficar quieto.

- Voltaste! - repetiu ele, como se não tivesse ouvido a última parte da frase. - Julguei que me tinhas deixado para sempre.

Nerina abanou a cabeça.

- Não... Fui uma estúpida... Fugi... Depois reconheci que tinha sido uma tola ao fazê-lo... por isso... voltei.

- Para mim? - perguntou Sir Rupert.

Ela não entendeu o que ele queria dizer e respondeu simplesmente:

- Sim... para ti! Mas, oh, tenho uma notícia a dar-te, uma notícia de grande importância para ti, uma coisa que soube e que irá alterar o curso de toda a tua vida.

- Que importa isso! - disse Sir Rupert impaciente. - Há uma coisa que preciso saber imediatamente.

- De que se trata? - perguntou Nerina com estranheza.

- Voltaste para ficar?

Os olhos de Nerina exprimiram confusão; depois, pareceu-lhe que o significado da pergunta dele era claro e disse:

- Não, não ficarei se desejares libertar-te de mim. Não será fácil, como sabes, pois legalmente estamos casados, mas há-de achar-se maneira e, agora, farei o que

desejares. Fiz mal ao casar contigo como casei. Pensei que o merecias, mas vejo que aquele ardil não foi justo... e não me compete a mim julgar e tentar fazer o papel de vingadora. Lamento-o e, se agora puder facilitar... fá-lo-ei.

- Vais-te embora? - inquiriu Sir Rupert.

Nerina respirou fundo. Sentiu que lavrava a sentença de morte contra si própria, mas a sua voz era firme quando respondeu:

- Se tu assim o quiseres.

- Se eu quiser? Estás louca? - o tom de Sir Rupert era áspero. De repente, estendeu a mão e agarrou a de Nerina. - Não compreendes que te estou a pedir que fiques? Nas tuas próprias condições, nos termos que quiseres, mas fica comigo.

Ele viu os olhos de Nerina alargarem-se, como se não tivesse compreendido, e, então, os dedos dela enclavinharam-se nos seus.

- Que dizes? - perguntou ela.

- Estou a tentar fazer-te entender - replicou Sir Rupert. - É muito estranho que estejas aqui a esta hora, vestida como estás, e eu na cama. Parece que me lembro de uma pancada, duma sensação de queda. Mas não importa, não importa o que aconteceu; o que importa é isto - que saibas quanto senti a tua falta quando descobri que tinhas partido. Não era capaz de acreditar que fosse possível teres realmente partido. Esperava que fosse mais um ardil, que voltarias de algum esconderijo secreto para troçar de mim, levando-me à loucura ao ver os teus olhos verdes e, os cabelos ruivos e o suave desdém dos teus lábios. Sei que foi demência minha tocar-te, tentar impor-me violentamente, mas não pude evitá-lo. Se soubesses o que senti dia após dia, noite após noite! Tínhamos estado juntos, sentados um frente ao outro, tínhamos falado e lutado um com o outro; no entanto, durante todo o tempo o meu coração clamava que te queria, enquanto o meu cérebro repudiava essa ideia.

Enquanto falava, Sir Rupert puxou Nerina um pouco mais para ele; agora, ela estremecia num êxtase que parecia inflamar todo o seu corpo, à medida que o significado das palavras dele a perpassava. Por fim, encontrou a voz.

- Queres dizer... que... que... me... amas? - sussurrou.

- Se te amo? Adoro-te! - respondeu Sir Rupert. - Nunca julguei possível que pudesse amar qualquer mulher, que pudesse sentir o que sinto; contudo, agora que isto me aconteceu, sei que é... amor.

Nerina soltou um pequeno arquejo e tentou libertar a sua mão da dele, mas ele não permitiu.

- Serei gentil para contigo, serei delicado, mas deixa-me tentar ensinar-te a amar-me. Dá-me a oportunidade de mostrar-te o que sinto, de achar a felicidade para ambos.

Então libertou as mãos de Nerina; mas antes dela se mover, os seus braços rodearam-na com delicadeza e com uma ternura que ela nunca conhecera nem julgara possível nele. Abraçou o corpo dela. Ela não lhe resistiu e os seus olhos fixaram os dele, mirando o rosto masculino como se procurasse a verdade daquilo que ouvira, mal acreditando, julgando tudo demasiado maravilhoso para poder acreditar; então, por fim, enquanto muito ternamente ele a puxou para a cama, de modo a ficar meio sentada, meio deitada, envolta nos seus braços, Sir Rupert pousou os olhos nela e a sua boca ficou muito perto da dela.

- Dás-me uma oportunidade, querida? - sussurrou.

Ela continuou incapaz de lhe responder. Vagarosamente, tal como o céu se mistura com o mar no horizonte, os lábios dele tocaram os dela, primeiro uma tentativa; depois, ao sentir a resposta dos seus lábios abertos, a pressão aumentou.

Por fim, apertada nos braços dele, Nerina soube a resposta para todas as perguntas. Soube, também, que a desgraça e a solidão, que tinham sido suas companheiras desde a infância, tinham partido para sempre. Chegara ao lar, encontrara o que sempre procurara, sem saber como aquilo se chamava, sem sequer acreditar que existisse, mas que a esperava desde sempre.

Com um leve soluço, os seus braços estenderam-se para o pescoço de Sir Rupert e impeliu a cabeça dele para mais perto de si. Sentia o coração dele palpitar no peito, sentia o sangue acelerar e correr veloz e desordenado por todo o corpo dele. Sentia os braços dele estreitarem-se em torno dela, com uma força que mal a deixava respirar. Subitamente, ele afrouxou e, com voz rouca de emoção, disse:

- Não me tentes! Terás medo de mim e voltarás a fugir outra vez.

Nerina, erguendo os olhos para ele, sorriu um pouco tumultuosamente, pois havia lágrimas nos seus olhos:

- Nunca - sussurrou. - Nunca mais te deixarei... porque... Oh, meu querido... eu também te amo.

FIM